



BRODIE & CELESTINA

CARTAS DE AMOR DE Largs

KEIRA

MONTCLAIR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CARTAS
DE AMOR
DE **Largs**



BRODIE & CELESTINA

KEIRA
MONTCLAIR

Tradução: Andréia Barboza

Cartas de amor de Largs

Keira Montclair

Copyright de *Love Letters from Largs* © 2014 Keira Montclair.

Copyright da tradução © 2024

Tradução: Andreia Barboza.

Capa e formatação: The Killion Group
(<http://www.thekilliongroupinc.com>)

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados sob as Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Direitos Autorais.

Ao pagar as taxas necessárias, foi concedido a você o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste livro. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, feita a engenharia reversa ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, agora conhecido ou inventado no futuro, sem a permissão expressa por escrito do proprietário dos direitos autorais.

Por favor, observe:

A engenharia reversa, o upload e/ou a distribuição deste livro via internet ou qualquer outro meio sem a permissão do detentor dos direitos autorais são ilegais e puníveis por lei. Compre apenas edições eletrônicas autorizadas e não participe nem incentive a pirataria eletrônica de materiais protegidos por direitos autorais. Seu apoio aos direitos do autor é apreciado.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do editor, exceto onde permitido por lei.

Obrigada.

Sinopse:

Um testemunho da capacidade do amor de transcender os obstáculos mais assustadores, Cartas de amor de Largs é a história emocionante de duas almas gêmeas determinadas a ficarem juntas quando todos ao redor parecem decididos a separá-las.

Depois de suportar anos de crueldade e abuso do pai nobre, Celestina Lunde está pronta para tirar a própria vida em vez de entrar em um matrimônio arranjado com um homem igualmente brutal. Mas justamente quando está prestes a saltar pela janela da câmara de sua torre, um robusto guerreiro das Terras Altas chega à sua casa e muda tudo...

Convocado para o castelo real pelo Rei dos Escoceses, que se prepara para a guerra contra os Nórdicos, a mente de Brodie Grant está focada na batalha quando avista pela primeira vez a deslumbrante Celestina empoleirada em uma janela. A tristeza em seus olhos o faz virar seu cavalo contra as ordens do chefe de seu clã. Ele pretende apenas salvar a adorável moça, mas depois de tocá-la uma vez, não consegue pensar em mais nada nem em mais ninguém. Só há um problema: o pretendente de Celestina é um homem importante, e o rei tem tanto interesse em seu matrimônio arranjado quanto seu pai.

Brodie conseguirá cumprir as ordens e ficar longe?

Um romance independente. Este é o primeiro de três romances na Série Clã Grant ambientada na época da Batalha de Largs entre os Escoceses e os Nórdicos.

Conteúdo

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

[Querido leitor](#)

[Nota da Autora](#)

[Sobre a Autora](#)

[Também disponível por Keira Montclair](#)

CAPÍTULO UM

Impacto repentino

Julho de 1263, Ayrshire, Escócia

Celestina Lunde segurava as pedras irregulares da janela da torre com firmeza. Ela mordeu o lábio inferior enquanto lutava para se erguer até a borda fria. Faria isso. Se jogar seria um destino muito melhor do que ser forçada a se casar com seu noivo, que tinha a reputação de ser um dos homens mais cruéis da cidade. Seu pai havia arranjado para ela encontrar seu noivo hoje à noite, então precisava agir logo. Eles deveriam se casar dentro de uma semana.

Depois de todos os maus tratos por parte de seu pai, não conseguia imaginar ir de um homem cruel para outro. Se não pudesse ter o cavaleiro dos seus sonhos, não teria nenhum. Maldito fosse seu pai, ela o odiava. Sempre olhando para baixo com seu nariz pontudo, a repreendia por suas deficiências incessantemente, e conseguia pensar em pelo menos uma nova todos os dias. Como poderia ser tão ruim quanto ele afirmava, em especial desde que só lhe era permitido sair de casa para o culto? *Não era uma casa, era uma prisão*, ela corrigiu seu pensamento. Este não era o lar que sua amada mãe construiu. Era um lugar frio e hostil, o local perfeito para ela praticar o arrependimento que seu pai exigia dela ao retornarem da missa no convento dominicano em Blackfriars. A única amiga verdadeira da sua idade era sua criada.

Pensou em sua última conversa com a mãe. A baronesa Lunde a fez prometer sempre acreditar que era uma pessoa forte, bonita e inteligente, de valor e que tinha muito a compartilhar com o mundo. Celestina nunca esqueceria sua conversa, embora a imagem de sua bela mãe tivesse se desvanecido ao longo dos anos.

A mãe desapareceu há mais de doze anos, logo após seu sétimo aniversário. A única explicação que o pai a ofereceu foi que sua mãe faleceu de febre e coração fraco. Então, ele passou anos culpando Celestina pela morte dela, mas a moça nunca acreditou ser responsável. Se tivesse pensado que havia um grama de verdade nas palavras cruéis de seu pai, teria se jogado desta janela há muito tempo.

Ela se agarrou à pedra e tentou se equilibrar na borda, lutando contra as anáguas e a saia. Talvez devesse remover várias camadas de suas roupas, mas isso não seria apropriado. Mesmo na morte, faria como seu pai instruíra, embora soubesse por experiência própria que não havia como agradá-lo. Engolindo em seco algumas vezes, ela ganhou força nas lembranças de sua mãe. Olhou para baixo na longa superfície dura até o montículo gramado na frente de seu pequeno castelo, convencida de que uma queda dessa altura certamente a mataria.

Infelizmente, as saias enroscadas eram grandes demais para passar pela abertura estreita. Maldição, por que tinha que usar camisa de baixo, saia e manto o tempo todo? Se não estivesse tão apressada, poderia pelo menos ter removido o manto. As lágrimas que ela lutou tanto para controlar escorreram por suas bochechas enquanto lutava para endireitar o vestido e completar a maldita tarefa. Não seria detida por algo tão insignificante como roupas.

Um forte estrondo soou pelo caminho, e ela levantou a cabeça a tempo de ver o grupo de cerca de uma dúzia de cavaleiros trotando pela estrada. Mais homens das Terras Altas. Muitos estavam cavalgando em direção a Ayr nas últimas duas semanas, convocados pelo rei.

Enquanto olhava para o grupo, facilmente identificou o chefe pela vestimenta e insígnia, mas seu olhar se fixou no homem ao lado dele. Ele parecia semelhante, exceto por uma diferença: ele estava olhando direto para ela.

Um arrepio percorreu sua espinha quando o olhar dele encontrou o dela. Ele gritou algo, mas a moça não pôde ouvi-lo. Ela soltou suas saias, decidindo que pular na frente de um grupo de homens não era o melhor momento. Ele nunca tirou os olhos dela enquanto Celestina lutava para voltar para dentro de sua câmara, o olhar dele fazendo todo o seu corpo responder com um calor que ela nunca experimentou antes.

Quem *era* ele? Ele galopou além dela e, em seguida, virou-se de volta em direção a ela. Por um momento, a moça paralisou, inundada por uma imagem mental do forte Highlander como seu protetor. Cabelos escuros e um corpo musculoso preencheram sua visão, juntamente com a bela plaid vermelha que ele usava sobre o ombro. No entanto, o instinto a venceu, e Celestina fugiu da janela. Sem dúvida, seu pai a espancaria se a visse olhando para alguém que não fosse seu noivo, e ela queria que os últimos momentos de sua vida fossem o mais indolores possível.

Um raio disparou do céu e o atingiu em cheio no peito, mesmo o céu estando mais azul do que nunca, sem chuva à vista. Brodie Grant estava seguindo o irmão, laird Alexander Grant, juntamente com vários guerreiros do clã Grant, para a vila real após ser convocado pelo rei Alexander III. Estradas empoeiradas, calor e picadas de múltiplos mosquitos fizeram-no desejar um mergulho no lago mais próximo, mas quando avistou a moça de cabelos dourados em sua visão periférica, todos os outros pensamentos fugiram, fazendo com que um trovão queimasse seu interior.

Por todos os diabos, era a única maneira que Brodie Grant podia explicar sua reação. Um olhar para a moça agachada na janela da torre de um castelo prestigioso, e seus sentidos foram completamente incinerados.

— Brodie, por todos os santos, o que diabos você está olhando? — laird Alex Grant gritou. — Apresse-se! Esqueça a moça bonita e siga em frente.

O desfile de Highlanders em seus cavalos de guerra continuou pela estrada, nuvens de poeira e o estrondo dos cascos dos cavalos enchendo o ar, mas Brodie seguiu seus instintos contra o conselho do irmão. Disposto a pagar o preço por ignorar o comando de seu laird, ele parou seu cavalo e voltou na direção da casa da torre.

— Não, ela está prestes a pular! — Brodie gritou por cima do ombro para o irmão, partindo. — Você não viu o olhar nos olhos dela?

Ele poderia jurar que havia lágrimas escorrendo por suas bochechas, mas estava muito longe para ter certeza. De qualquer forma, não podia deixá-la; ele tinha que voltar. É verdade, sua beleza o atingira com um calor que saturou todo o seu corpo em um instante, seus cachos loiros longos e suas curvas bonitas para sempre incrustados em seu cérebro. Mas foi a expressão em seu rosto, repleta de desespero, frustração e derrota, que o assombraria se ele não tomasse uma atitude. A moça precisava de ajuda.

— Brodie! — Alex berrou. — Não vamos esperar por você. Se quer ser cabeça de vento, então nos siga depois.

Brodie ignorou o irmão e voltou para a torre, apenas para descobrir que a moça desaparecera. Ele desmontou de seu cavalo e jogou as rédeas sobre uma moita próxima. Olhou ao redor e notou alguns camponeses, mas ninguém mais viu a moça além dele. Como ninguém percebeu? Passando através de um portão grosseiramente esculpido, ele avançou pelo longo caminho que levava a construção de pedra e olhou ao redor do terreno para ver se ela estava por perto. Seu olhar vasculhou a área em busca de qualquer sinal da moça, mas não notou nada incomum além dos camponeses indo para o mercado.

Era claramente a casa de um rico comerciante ou de um nobre, mas Brodie não considerou alterar seu propósito, não

com a imagem do rosto aflito da moça gravada em seu cérebro. Ele subiu os degraus e agarrou a aldrava um pouco forte demais antes de bater na porta de madeira maciça. A porta se abriu apenas o suficiente para que um servo colocasse o nariz para fora no ar fresco.

O homem olhou para Brodie.

— Vá embora agora.

Brodie não tinha paciência para o tolo.

— Não, eu não posso. Havia uma jovem na janela da torre há menos de dois minutos. Ela parecia prestes a pular.

— Ele fez uma pausa, recuperando o fôlego e os pensamentos, aguardando uma resposta do homem. Depois de não receber nenhuma, sua impaciência venceu a sensação de boas maneiras. — Ela está bem?

A porta se abriu e um homem alto e magro apareceu na entrada atrás do servo, segurando firmemente a maçaneta da porta. Velho o suficiente para ser pai da garota, ele era careca quase que por completo, com longas pontas de cabelo escuro brotando da periferia de sua cabeça. Ele tinha olhos escuros e pontiagudos, e um nariz fino.

— Isso é completamente impossível — ele falou. — Nenhuma jovem reside nesta casa. Você está enganado. Saia agora da minha porta.

Brodie encarou os olhos cruéis do homem.

— Sir, não estou cego. Havia uma moça em sua torre, em lágrimas. Sua expressão era de desespero.

Claramente habilidoso na arte da intimidação, os lábios finos do homem se comprimiram enquanto ele encarava Brodie.

— Vou repetir por benevolência pela sua ignorância. Eu disse que não há nenhuma jovem nesta casa e, além disso, isso não é da sua conta. — Ele se virou para o servo antes de se afastar. — Alfred, feche a porta e ignore o rufião.

A porta foi prontamente fechada na cara de Brodie. Suas unhas se cravaram nas mãos enquanto ele lutava contra o desejo de socar através da espessa superfície de madeira a

pouca distância do seu nariz. Eles estavam mentindo. Simplesmente, não podia haver outra explicação. Recuou e olhou com frustração para as coberturas de pele da janela superior da torre.

Ele viu a moça.

E sabia, sem dúvida alguma, que nunca a esqueceria.

Celestina desabou no leito em sua câmara, com as saias em desalinho e seu cabelo desarrumado. Ela tentou acalmar a respiração forçando respirações profundas e regulares. Por que aquele Highlander interferiu em sua vida, ou em sua morte, como aconteceu? Se ele não tivesse aparecido na hora errada, todos os seus problemas estariam resolvidos agora. Se tivesse tentado pular na frente dele, ele teria tentado pegá-la antes que ela atingisse o chão. Afinal, todos sempre falavam da honra dos Highlanders.

— Humpf!

Encarando a cor monótona do teto, ela alisou a saia e colocou o manto de volta ao lugar, desejando poder usar roupas simples como sua criada. As duas peças de roupa estavam desbotadas e sombrias, porque seu pai não permitia nenhum luxo para ela. Sua criada, Inga, disse que as pessoas acreditavam que eles eram ricos, mas seu pai certamente não agia como se fosse verdade. Talvez todo o dinheiro tivesse sido perdido.

Por que os Highlanders escolheram viajar por aquela estrada exatamente na hora errada? Havia outro caminho para a cidade. Na verdade, se estivessem indo para o castelo do rei, era a rota mais curta. Isso não os teria levado a passar pela torre de seu pai, e ela estaria com sua mãe neste exato momento. Bufando de indignação, cruzou os braços, imaginando o que diria ao grandalhão se ele estivesse na sua frente. Ah, como ela desejava poder repreendê-lo.

Descansou por mais alguns minutos, ignorando a vontade de gritar pela janela com o grosseiro que era culpado por interromper seus planos. Por que ele se incomodara com ela? Ninguém além de Inga se importava com ela. E Inga tinha sua própria família, sua própria vida. Não, as únicas pessoas interessadas em sua existência eram seu pai e seu noivo.

Sendo filha de um nobre, era inevitável que seu matrimônio fosse arranjado por razões além do amor. O amor só acontecia em contos de fadas. O pai de Celestina a vendeu para poder pagar ao rei os impostos que devia, e Fredrik Ivarsson era aquele que tinha dinheiro suficiente. Ela não entendia por que Ivarsson queria se casar com ela, mas isso não importava. O rei queria que ela se casasse com ele e seu pai também, e ele mal podia esperar para receber o pagamento de seu noivo. De alguma forma, ela acreditava que havia mais no matrimônio arranjado, mas não entendia o quê. Estava bastante certa de que nenhum dos homens realmente se importava com ela, e a moça era apenas um peão em seu jogo.

Por que não nasceu camponesa para poder se casar com alguém da aldeia? E como camponesa, teria permissão para ir e vir como quisesse. Seu pai a mantinha prisioneira até o matrimônio, não permitindo que ela visitasse ninguém mais na cidade de Ayr.

Baixou a cabeça enquanto memórias queridas de sua mãe voltavam para ela. Como foi maravilhoso ser amada. Sua vida atual era tão fria e vazia em comparação. Esfregando os olhos com os nós dos dedos para conter as lágrimas, ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro, pensando em todos os sentimentos que lançaria ao escocês se ele estivesse diante dela.

E de repente, lá estava ele: em frente a ela, em sua câmara. Como ele entrou na torre?

Ela arfou indignada e empurrou contra o peito dele, mas não antes de o calor que emanava dele traçar um caminho

até o seu coração. O tamanho do homem dominou seus sentidos, e a maneira como ele exalava poder e força eliminou sua capacidade de falar. Nunca encontrou um homem como esse. Ela olhou nos olhos castanhos escuros dele, corando da cabeça aos pés enquanto ele a examinava. Esperava que ele tivesse um motivo honroso para estar ali, porque ela não teria conseguido se mover se tentasse, todo o seu corpo foi dominado por uma onda de sensações das quais ela não tinha nenhuma experiência.

Ele levou as mãos aos quadris.

— Eu sabia. Mentiram para mim. Por que sua própria família mentiria sobre sua existência? A senhorita *estava* tentando pular, não estava?

Ele estendeu a mão em direção ao seu ombro, mas ela a afastou com um tapa.

— Não me toque, sir. — Ela recuou enquanto falava. — Quem é o senhor? De onde veio? Vá embora. — Suas palavras traíram seus verdadeiros sentimentos. Ela envolveu os braços em volta do corpo, esperando acalmar a tempestade que a proximidade dele causara em seu interior.

— Quem eu sou, moça? — ele bradou, dando um passo mais perto dela. — Sou o guerreiro que a impediu de pular pela janela para a morte, cometendo um pecado de proporções graves em sua alma. Por que a senhorita tentaria tal atrocidade? Por que alguém tão bonita como a senhorita queria destruir sua vida?

Ela se aquietou com essa única palavra, incapaz de se concentrar em qualquer outra coisa. *Bonita*? Ele realmente acabara de se referir a ela como bonita? Poderia estar enganada, mas não, estava certa de que ele tinha lhe feito um elogio, algo que nunca ouvira de ninguém além de sua criada e sua mãe.

— Me responda! — ele exigiu.

O bárbaro pegou suas mãos e as cobriu com as próprias, calejadas. Ela puxou a esquerda para longe, esperando

esconder as marcas que o pai deixara ali, muito envergonhada para que alguém as visse. Celestina não pôde fazer nada além de encarar o enorme guerreiro à sua frente, rude e bonito, com o olhar cheio de preocupação, e tudo por ela. A pele bronzeada da mão dele contra sua pele pálida era outro lembrete do quanto eram diferentes. Mas ela não queria ser diferente?

O instinto de Celestina era afastá-lo, no entanto, apenas escalando uma torre e se infiltrando em sua câmara, esse homem já havia feito mais por ela do que seu pai jamais fizera. E agora o Highlander segurava seus dedos de forma muito delicada, como se ela fosse apenas um bebê recém-nascido.

Ela encarou seus profundos olhos castanhos, o queixo esculpido e os lábios suaves, e tentou dizer a ele para parar de gritar. Nenhum som saiu. Ele afetou seus sentidos de maneira tão profunda que ela não conseguia mais falar.

Ele soltou a mão dela e levou os dedos até quase tocar seu rosto. A moça parou de respirar, esperando, quase implorando para que ele a tocasse. Timidamente, ele acariciou sua bochecha com as costas da mão, um toque tão leve, que era como uma brisa. Nenhum dos dois falou, ambos paralisados pela proximidade, um sentimento completamente estranho para ela. O rapaz estava tocando-a como se houvesse algo especial nela. O que poderia ser?

A mão dele recuou e a respiração dela falhou com a perda do calor dele. Ela se inclinou em direção a ele, buscando seu toque novamente, sentindo os seios agora inchados e pressionando contra o linho leve de sua túnica. Ele estava tão perto, que Celestina podia sentir o cheiro de hortelã em seu hálito, e não conseguia pensar em nada além dos lábios quentes nos dela. Ele se aproximou ainda mais, até que estavam quase se tocando. Naquele momento, nada existia para a moça exceto esse rapaz, cuja respiração aquecia a dela enquanto ela se inclinava para ele, suspirando de prazer. Ela fechou os olhos quando os

lábios se inclinaram em direção aos dela, mas um som a devolveu à realidade.

Os passos de seu pai ecoaram pelas paredes da torre enquanto ele subia os degraus íngremes. Ela empurrou o alto Highlander de volta para a janela pela qual ele entrou.

— Rápido! Saia ou meu pai me matará se o vir.

Assim que ele desapareceu pela corda pendurada em sua janela, o pai abriu a porta.

Brodie pulou em seu cavalo e partiu em direção à costa para se reunir com seu clã. Quem era ela? Os olhos tristes da moça o assombrariam por dias. Como passou de mera preocupação com sua segurança para quase beijá-la em tão pouco tempo? Definitivamente uma beleza, seus olhos azuis o enfeitiçaram com certeza. Ele não tinha pensado em tocá-la até que se aproximou o suficiente para aspirar seu aroma. Se o pai dela não estivesse por perto, ele a teria provado com certeza. Inferno, ele desejava ter feito isso para poder tirá-la da cabeça. Não precisava de uma moça em sua mente quando os escoceses logo poderiam estar em guerra. O rei não teria convocado seu irmão a menos que precisasse de um exército considerável.

O rei Alexandre III estava atualmente em seu castelo real na foz do Rio Ayr, no oeste do território escocês. Ele enviara um mensageiro ao irmão de Brodie, Alexander Grant, laird do maior e mais poderoso clã das Terras Altas, solicitando sua presença no castelo.

Brodie alcançou Alex dentro dos portões do castelo, após encontrar o restante de seus homens do lado de fora aguardando instruções. O forte brado de seu irmão podia ser ouvido por toda a vila.

— Não se envolva com nenhuma moça aqui na cidade, Brodie. Não pretendo ficar muito tempo. — O laird Grant jogou as rédeas de seu cavalo para o estábulo. —

Precisamos descobrir o propósito do chamado do rei e voltar para casa o mais rápido possível. Você sabe que não gosto de deixar minha esposa quando ela está grávida. E ela tem três crianças sob seus cuidados. Não quero que ela faça muito esforço ou se preocupe na minha ausência.

Brodie sorriu ao desmontar.

— Nossa, Alex. Acalme-se. A Maddie ficará bem na sua ausência. Ela tem muitas pessoas para ajudá-la. Você não consegue é ficar longe da sua esposa. — Alex era conhecido como o guerreiro mais feroz das Terras Altas, mas faria qualquer coisa por sua esposa de cabelos dourados. Claro, sua filha mais jovem, Kyla, também tinha um lugar especial no coração do laird.

Alex balançou a cabeça discordando.

— Sim, eu sei o que você pensa, mas os gêmeos são exaustivos. Eles têm mais energia do que você, Robbie e eu juntos. Coitada da Maddie. Não consigo suportar a culpa de deixá-la sozinha por muito tempo. — O ritmo de Alex não vacilou enquanto ele seguia em direção aos degraus de paralelepípedos que levavam à enorme porta do salão principal.

Brodie correu para acompanhar o ritmo dele.

— Pare de se preocupar. Robbie vai cansar os garotos na arena. E Jamie e John adoram estar com o tio. Nosso irmão se certificará de que eles estejam exaustos demais para cansar sua esposa.

— Talvez, mas ainda digo para não se incomodar com uma moça daqui. É longe demais de casa de qualquer maneira. — Alex subiu os degraus.

— A moça estava prestes a pular, juro. — Brodie seguiu de perto seu irmão. Agora estava pronto para admitir para si mesmo que não desistiria dela. Algo lhe dizia que a moça estava em grave perigo. — Pela minha espada, ela só parou porque nós chegamos. — Ele continuou, esperando convencer o irmão de que não estava perdendo o juízo. — Alex, quando tive uma audiência com o proprietário daquela

casa e seu administrador, eles negaram a existência de qualquer moça morando lá. Então escalei a torre e a encontrei dentro da câmara. Eles mentiram. Devem estar mantendo-a aprisionada por algum motivo.

— E o que ela disse quando você entrou em sua câmara?

— Nada. Ela não disse nada porque estava assustada e seu pai batia na porta.

Alex virou-se para ele na entrada do salão.

— Então você precisa descobrir quem ela é. A única maneira de fazer isso é falar com o rei ou seus homens. Foi tolice tentar entrar em sua câmara tão desalinhado como você está de tanto cavalgar. — Alex olhou para baixo, para suas roupas sujas e empoeiradas. — Eu também teria ficado assustado com você, parecendo do jeito que está. Estamos na estrada por quase uma semana e você mal está apresentável para um membro da nobreza. Claramente, o tamanho daquela casa indica o status de seu proprietário.

A porta se abriu. Antes de entrar, Alex disse:

— Organize nossos guerreiros e me encontre lá dentro. Estou precisando urgentemente de um banho e uma cerveja. E recomendo ambos para você também.

Brodie conseguiu conter sua frustração e se virou para voltar aos estábulos. Inferno, seu irmão era teimoso. Durante toda a vida, ele seguiu os passos dos dois irmãos. Brodie tinha agora vinte e oito anos; enquanto seu irmão, Robbie, tinha um ano a mais; e Alex, o mais velho dos rapazes Grant, tinha trinta e um. Eles também tinham duas irmãs, Brenna, que acabara de se casar, e Jennie, que estava visitando a irmã mais velha na fortaleza dos Ramsay, não muito longe de Lothian.

Seus pais foram tão apaixonados que morreram em pouco tempo um do outro. Sua mãe faleceu primeiro e seu pai ficou perdido sem ela. Alex, como o primogênito, fora treinado desde o nascimento para assumir como líder após

a morte de seu pai. Ninguém esperava que acontecesse tão logo, apenas cinco anos atrás.

Alex se casou com Maddie, a moça de seu coração, apenas dois anos depois de se tornar líder. Ele ainda estava tão apaixonado por ela quanto no dia de seu matrimônio. Brodie tinha que admitir que sentia inveja de seu relacionamento. A maioria das moças que ele conhecia estavam mais interessadas nele como uma maneira de chegar a Robbie ou Alex do que em conhecê-lo. Todos sabiam que Alex nunca se desviaria, mas as moças continuavam a agir como se pudessem atraí-lo. E Robbie tinha o cabelo mais claro deles e um sorriso brilhante que fazia as moças gritarem cada vez que olhava para elas.

Brodie estava pronto para ser reconhecido como uma pessoa de valor por conta própria, não apenas por ser o terceiro irmão Grant. Ele estava tão envolvido em seus pensamentos que quase trombou com seu melhor guarda e amigo, Nicol, que aguardava instruções dentro do portão próximo aos estábulos. Alex trouxe dez guerreiros para a jornada até o castelo do rei. Ele deixara a maioria de seus homens em casa para proteger a família.

Nicol sorriu de orelha a orelha, sua expressão característica não importando qual fosse a situação.

— Ah, não gostou do que seu irmão disse? Ele não prometeu invadir as portas daquela casa da torre com sua espada em busca da bela moça?

— Não, ele está sempre aborrecido quando está longe da Maddie. — Brodie resmungou enquanto pensava sobre como seu irmão mudou desde seu matrimônio.

— Você não o lembrou de como ele se sentiu quando segurou Madeline nos braços pela primeira vez depois que ela foi espancada? Quantas vezes ouvimos a história de como Maddie agarrou seu coração mesmo quando seus olhos estavam fechados? — Nicol riu.

— O que diabos isso tem a ver com a minha situação? — Brodie lançou um olhar de raiva para o amigo.

— Parece o mesmo para mim. Um olhar e você está encantado, assim como Alex estava com Madeline. Deve ser a maldição dos Grant.

— Eu não estou encantado, idiota. Estou preocupado com uma moça que estava prestes a tirar a própria vida. É apenas isso. E você seria sábio em se lembrar disso. — Brodie pegou uma pedra do chão e a lançou em direção à árvore ao lado do portão, partindo a casca no impacto.

— E você moveria céus e terra para encontrar a moça neste exato momento, não é mesmo? — Nicol piscou para ele, ainda com aquele maldito sorriso no rosto.

Sem responder, Brodie jogou outra pedra na direção da árvore, resmungando consigo mesmo sobre sua situação. Então ele paralisou, percebendo de repente.

Nicol virou-se e dirigiu-se aos outros guerreiros.

— Estava esperando por isso há muito tempo, Grant — ele gritou por cima do ombro. — Não tenho dúvidas de que será muito divertido.— Seu riso ecoou ao longe.

Brodie observou seu camarada se afastar com um sentimento de afundamento no estômago. Inferno, Nicol estava certo.

Ele estava encantado, e estava prestes a mover céus e terra.

CAPÍTULO DOIS

As Ilhas Ocidentais da Noruega

A porta bateu atrás de seu pai logo após ele adentrar sua câmara. Celestina ficou ao lado de sua cama, com as mãos cruzada de forma recatada à frente do corpo, conforme havia sido instruída há tantos anos. Ela aguardava seu deboche; ele nunca tinha nada mais a oferecer. O homem mais velho percorreu o amplo cômodo, escassamente mobiliado com os poucos pertences que ainda tinha. O cobertor branco, gasto, mas ainda belo, ostentava um lindo desenho nórdico bordado pelos dedos ágeis de sua mãe. As paredes de pedra pintadas em um tom rosa rosa-escuro estavam rachadas em muitos lugares após anos de envelhecimento. Os juncos do chão precisavam ser trocados. Seu pai nunca substituiria nada, um fato pelo qual Celestina era grata. Essas eram as poucas coisas na casa que lembravam sua mãe.

Seu pai percorria o cômodo com as mãos atrás das costas. Sua postura, sempre ereta como um pilar, nunca vacilava... era melhor para intimidá-la. Os saltos de seus sapatos ecoavam no silêncio, mais uma tática para intimidar sua presa. Após anos de observação, Celestina entendia todos os movimentos. Ela também sabia quais deveria temer mais.

Até que ele parou a uma curta distância dela.

— Quem é ele? — Ele a encarou por cima do nariz, os lábios se franzindo em desgosto.

— Perdoe-me, pai. Não sei do que o senhor está falando.
— Ela encarava os próprios pés.

— O rufião. O imundo que veio à minha porta procurando por você. Quem é ele?

O coração de Celestina deu um salto. Ela percebeu como a voz de seu pai se elevou no meio da frase... nunca um

bom sinal. Alguém perguntou por ela? Só podia ser o rapaz que escalara a torre para falar com ela. Ele foi até a porta procurá-la? Tentou esconder sua confusão, mas falhou.

— Pai, não conheço nenhum jovem. Nunca me é permitido sair de casa. Como eu poderia saber...?

A mão do pai dela se arqueou para fora e se chocou com a bochecha da moça em um tapa ressonante que ecoou por sua câmara. A força da mão fez seus dentes rangerem. Prendendo a respiração, ela fechou os olhos e puxou de sua essência a força necessária para não gritar de dor. Se ela o fizesse, ele bateria novamente. Se gritasse três vezes, ele a bateria três vezes. Isso acontecera com frequência o suficiente para ela aprender os padrões. Respirava fundo, mas rápido seis vezes, tentando se lembrar do sorriso de sua mãe, e então estava de volta ao controle. Inclinou a cabeça de leve para longe, uma reação treinada para ajudá-la a diminuir a pior parte da dor. Se forçou a segurar as lágrimas, sabendo que não lhe era permitido chorar. Nunca.

— Como ousa me responder — a voz de seu pai sussurrou perto de seu ouvido. — Você não é nada, uma garota tola sem valor para mim exceto um. Finalmente, vou tirá-la deste castelo e para longe de mim. Aviso-lhe agora que não haverá interferência neste matrimônio. Entendeu?

Ele agarrou a parte de cima de seus braços, levantando-a do chão, trazendo-a para perto o suficientemente para que ela sentisse seu hálito rançoso.

— Entendeu? — Suas mãos apertaram mais enquanto ele falava.

— Sim, pai — o olhar dela caiu para o chão —, não causarei problemas.

— Essa escória pensou que você estava planejando tirar sua própria vida. Você não estava considerando tal tolice, estava?

— Não.

— Como é?

— Não, pai, eu não estava considerando tirar minha própria vida.

— Só para o caso de sua mente ociosa ter entretido um plano tão ridículo, eu me certificarei de que você não tenha a oportunidade de me envergonhar jogando-se da torre. Você ficará nesta câmara e fará o que lhe é mandado. Não deve sair daqui exceto para usar as instalações. E nem deve olhar para fora da janela. As cortinas devem permanecer no lugar. Você tem muitas velas para iluminação. Está claro?

— Sim, Pai.

— Não me envergonhe, Celestina. Sei que isso será um desafio para você, mas tente não manchar o bom nome de nossa família. Não quero que seu noivo, Fredrik Ivarsson, descubra como você é estúpida. Este matrimônio deve acontecer. Terei minha recompensa por todo o sofrimento que você me causou.

Ele a jogou no leito e saiu da câmara. Seus brados podiam ser ouvidos enquanto ele descia a escadaria da torre.

— Inga, veja se você pode fazer algo para esconder o quanto a filha que eu tenho é feia.

Celestina esfregou primeiro o rosto e depois a parte interna dos braços. Seu constrangimento pelo tratamento que seu pai lhe dispensava era profundo. Ao longo dos anos, piorara, como se todo dia que ela vivesse o fizesse odiá-la mais.

Inga entrou sorrateiramente pela porta e a fechou devagar. Correu para o lado de Celestina e fez uma careta.

— Ele me disse que bateu em você de novo. — Ela trouxera um balde de água fresca consigo. Espremendo um pano na água, o pressionou contra a bochecha de Celestina. — Ele quer que eu evite que você fique roxa. Como posso fazer milagres acontecerem? — A moça ficou quieta por um momento, depois perguntou: — Alguma coisa o irritou?

Celestina suspirou.

— Ele ficou chateado porque havia alguém na porta perguntando por mim.

— Sim, ele está falando a verdade. Eu vi. Quem é ele? — Inga procurou em seu rosto por uma resposta.

— Não sei! Nunca saio de casa. Você sabe disso, Inga. Como eu poderia conhecer alguém?

— Mas ele perguntou por você. Bem, não pelo nome, mas mencionou uma jovem na torre. Ele era muito bonito e jovem. Um pouco sujo, mas agradável. Ele disse que achava que você estava tentando pular. Isso é verdade?

— Sim, e se o meu vestido não tivesse se enroscado, eu estaria morta e com minha mãe agora mesmo.

O choque de Inga foi evidente em sua respiração brusca.

— Celestina, como pôde fazer uma coisa dessas? Oh, não! Você não pode tirar sua própria vida. Não me deixe aqui sozinha! Além disso, a igreja desaprova tal ato.

— Não acredito que teria ido para o inferno. Deus viu todos os meus sofrimentos, e sei em meu coração que Ele teria permitido que eu estivesse com minha mãe no céu. Então aqueles Highlanders tolos desceram a estrada e me assustaram. Não queria testemunha, mas um dos rapazes parou e se virou para mim. Caso contrário, meu tempo neste inferno teria acabado. — Lágrimas se acumularam nos cantos de seus olhos.

— Mas você não tentou novamente?

— Não — Celestina enxugou os olhos. — O Highlander quebrou minha bravura e meu autocontrole.

— Sim, deve ser o rapaz que veio à porta. Ele estava com temor por você. — Inga acariciou seu braço com carinho enquanto falava. — Talvez ele seja o certo para você.

— A única coisa que quero dele é que fique longe. Não quero viver minha vida como meu pai escolheu para mim. Preciso encontrar uma saída, e a única saída é a morte.

— Oh, por favor, não pense assim, minha bela amiga. Você é muito jovem. Vai se afastar de seu pai. As coisas

podem melhorar para você.

— E, em vez disso, serei casada com o homem de pior reputação do oeste. Como ele é originalmente da Noruega, eu havia esperado que ele me levasse para o povo de minha mãe, longe do meu pai, mas agora ouço dizer que ele odeia mulheres. Talvez ele me bata. E o leito conjugal me assusta. — Os soluços que ela segurou rasgaram sua garganta enquanto ela abraçava a amiga.

— Não, pequena. O matrimônio deve ser maravilhoso, é o que minha mãe me disse. Talvez ele a valorize como deve.

— Inga abraçou Celestina enquanto a jovem soluçava.

— Ou talvez ele me faça um favor e me mate depressa.

— Fico satisfeito por terem chegado tão depressa após meu chamado, Grant. — O rei Alexander III estava sentado no salão do castelo com um pequeno grupo de homens. Depois de se lavarem, Alex e Brodie foram imediatamente convocados para uma reunião com o rei. O irmão do rei, Walter Stewart, que era o conde de Menteith e o xerife de Ayr, também estava presente, assim como outros dois lairds que prometeram apoiar a Escócia: Boyd, de Kilmarnock e Mure, de Rowallan. — Sentem-se, por favor. — Alexander acenou em direção à lareira. — Foi uma longa viagem, não? Sintam-se à vontade e relaxem com uma cerveja.

Alex esteve no castelo real pelo menos uma vez no último ano para manter Alexander informado sobre os negócios nas Terras Altas. Ele ficou feliz em relatar que tinha confiança no jovem rei, então Brodie estava animado por estar incluído nesta viagem.

— Sabem que têm nosso apoio, vossa graça. Qual é a necessidade atual que é tão urgente? — Alex Grant dirigiu-se a uma cadeira perto da lareira, resplandecente em seu tartan vermelho, mais alto e mais forte que todos os outros de longe.

O rei Alexander riu.

— Oh, qualquer coisa que o afaste de sua bela esposa sua não lhe cai bem, não é mesmo, Grant? O matrimônio o mudou. Como estão os gêmeos e a pequena?

— Todos estão bem, vossa graça. Maddie está grávida novamente, então prefiro me apressar quando possível. — Os olhos de Alexander cintilaram enquanto ele se levantava para encarar Alex. — Sin, com um garanhão como você como marido, a moça provavelmente sempre estará grávida. Depois que ela der à luz este, dê um tempo para ela e venha me visitar por algumas luas, sim?

Boyd e Mure riram em apoio ao seu rei, mas a postura de Alex não mudou.

— Eu cuido bem da minha esposa.

Brodie não conseguiu conter um sorriso. Amoroso e protetor, seu irmão não tolerava nem mesmo as brincadeiras mais inocentes às custas de sua querida esposa. O rei estava plenamente ciente disso quando o provocou.

O monarca acenou com a mão.

— Ah, Grant, relaxe. Como Rei dos Escoceses, eu seria um tolo se não garantisse que você cuidasse bem da moça. Pense em todos os garotos das Terras Altas que ela lhe dará e ao país. O futuro está em seu ventre. — Ele riu de sua própria provocação.

O grupo sentou-se ao redor de uma mesa diante da lareira, esperando que seu rei os informasse sobre o propósito de reuni-los.

— Rapazes, preciso que estejam cientes de algumas mudanças. Como provavelmente sabem, continuo a busca de meu pai para recuperar as Ilhas Ocidentais para os Escoceses. Estou cansado de ter nossa terra administrada pelos nórdicos. Eles já estiveram lá por tempo suficiente. Eles podem manter Orkney e as Shetlands, mas ofereci comprar de volta Kintyre e as Ilhas do rei Haakon da Noruega.

— É o justo, concordo — ofereceu Alex. — Deveria ter acontecido há muito tempo. É nossa terra, cheia de chefes e pessoas escocesas, junto com os nórdicos.

— Sim, e muitos que vivem lá concordaram em prestar sua lealdade à coroa escocesa — disse o rei. Houve vários acenos de concordância.

Alex olhou para o rei, claramente aguardando mais informações. Nenhuma veio, então ele arriscou seus pensamentos.

— E a resposta de Haakon?

Alexander afastou a cadeira e caminhou até a janela, cruzando os braços enquanto olhava para o rio Ayr.

— Ele rejeitou minha oferta novamente.

— Tenho certeza de que o senhor lhe fez uma barganha justa — Alex afirmou.

Quando o rei se virou da janela, havia um olhar duro em seu rosto.

— É claro que foi justa, Grant, mas ele recusou. Dizem é que esta é a última vez que ele recusará. Aparentemente, ele não ficou satisfeito com os guerreiros que enviei para Skye há pouco tempo. Meus informantes me dizem que alguns dos chefes de Outer Hebrides e de Mann solicitaram sua assistência contra mim. É verdade, meus rapazes se empolgaram um pouco na ilha, mas o que está feito está feito.

— Se empolgaram? — Boyd perguntou.

— Sim, eles foram um pouco mais agressivos do que deveriam. Mas o fato é este: quero as Ilhas de volta e espero que todos os seus clãs me ajudem em minha busca. Se precisarmos lutar, lutaremos. Qualquer homem perdido em nossa busca morrerá como herói, a maneira mais honrosa de morrer. O que me dizem? Sim ou não?

Brodie lançou um olhar para o irmão para avaliar sua reação. Uma náusea se instalou em seu estômago à medida que as implicações da declaração do rei forçavam seu caminho até seu cérebro.

Então suas suspeitas eram válidas... o rei estava pronto para entrar em guerra com a Noruega? Os nórdicos tinham uma reputação feroz como lutadores.

As palavras de Alex permaneceram equilibradas, sem nenhuma emoção transparecendo, um dom que ele tinha e que Brodie invejava.

— Meu clã apoia a coroa, vossa graça, mas não seria possível continuar a negociar com o rei Haakon?

Os olhos do rei percorreram todos os homens na sala. Seu irmão, Walter Stewart, tossiu.

— Não lhes contamos o pior. Meus homens me dizem que o rei Haakon enviou uma frota de navios nesta direção. Ele não está contente com o fato de alguns chefes terem mudado sua lealdade para a coroa escocesa. Haakon em pessoa está comandando uma das galés.

Ninguém falou por vários momentos.

— Há rumores de que ele deixou Bergen com a maior frota de galés já vista, talvez até cem navios. Entre eles está o maior navio já construído. Provavelmente ele está em Orkney agora. Dizem que ficará lá para celebrar o Dia de Saint Olaf no final do mês, e então partirá para Hebrides, esperando recrutar homens e chefes durante a viagem.

— Mas muitos desses chefes prometeram lealdade a vós, vossa graça? — Mure perguntou. — Não é isso que o incomoda?

— Sim. E Haakon pretende viajar até a Ilha de Mann para ver se Magnus ainda o apoia.

— O que espera de Magnus?

O queixo de Alexander se ergueu um pouco.

— Espero que ele apoie Haakon, que certamente aproveitará a oportunidade para reabastecer seus estoques e partir para Kintyre. O tempo dirá. Mas me recuso a ser intimidado por sua demonstração. Essas ilhas pertencem à coroa escocesa.

O silêncio reinou enquanto as palavras do rei pesavam sobre todos. Brodie olhou para o irmão, esperando ler sua

reação, mas não conseguiu. Uma guerra como essa poderia devastar a Escócia. Brodie sentiu o estômago se contrair com a realização de que seu clã talvez nunca mais fosse o mesmo. E qual seria o papel dele? Alex o treinara para liderar um número de guerreiros, mas não todos. Seu número era muito grande para ele. Alex ou Robbie teriam que lidar com eles. Alex deixaria Maddie para trás? Sua mente girava com todas as possibilidades, nenhuma acalmando seu estômago.

Walter Stewart se manifestou.

— Como sou o xerife de Ayr, gostaria de falar. Grant, precisamos de seus guerreiros para lutar, se necessário, e precisamos especificamente de guardas para ajudar a proteger o Castelo Real aqui em Ayr.

Alexander respondeu.

— Sim, Grant. Não temos proteção suficiente se eles atacarem diretamente. Além dos de Boyd e Mure, temos outros a caminho, mas você tem o maior grupo de guerreiros das Terras Altas, além dos mais bem treinados. Podemos contar com você e seus guerreiros? Pode ser que não seja necessário, mas também pode resultar em batalha. Quero minha terra e seu povo protegidos.

Alex levou um tempo antes de falar.

— Quantos?

— Todos. Quantos tem? — o rei perguntou.

Brodie se assustou com a implicação. Deixar a família desprotegida? Ele sabia que Alex nunca faria uma coisa dessas. Ficou chocado que o rei pedisse. O rapaz esperou com a respiração em suspenso para ouvir a resposta do irmão.

— Enviarei duzentos e cinquenta. O restante ficará para proteger meu próprio clã. Sabe que devo fazer isso, vossa graça.

O rei encarou o chefe do clã por um longo momento.

— É verdade que você treinou seus cavalos para usar armadura?

— Sim, alguns, mas nem todos. É algo que ainda estamos trabalhando.

O rei se aproximou e colocou a mão no ombro de Alex.

— Aceito seus duzentos e cinquenta guerreiros treinados. Por favor, envie alguns desses cavalos com armadura no caso de sermos forçados a batalhar. — Ele sorriu, primeiro para Alex, depois para Brodie. — Isso está ótimo por enquanto, embora as coisas possam mudar em breve. Vou encontrar uma boa câmara para vocês até que seus guerreiros cheguem.

— Bom, eu nunca concordei em ficar.

As sobancelhas do rei se ergueram em questionamento.

— Você pode ficar com meus dois irmãos, mas eu voltarei para casa, para minha esposa até que as coisas mudem.

Walter Stewart se manifestou.

— Qual dos irmãos cuida dos guerreiros na sua ausência?

— Robbie. Ele está protegendo minha família enquanto viajamos.

— Sim, então pode voltar para casa e enviá-lo com seus guerreiros — afirmou o rei.

Walter Stewart acenou com a cabeça na direção de Brodie.

— Temos outros planos para este irmão.

CAPÍTULO TRÊS

Tarde demais para o amor

Brodie encarou seu rei, esperando ver o que tinham planejado para ele. Havia tantas ilhas a oeste da Escócia. Ele poderia ser enviado para qualquer lugar... e não poderia fazer nada para ajudar a moça desesperada se fosse enviado para Outer Hebrides.

— Estamos formando uma companhia de sargentos para proteger o castelo real de Ayr e seu povo. Seu rei ordena que você se junte a esse grupo como um dos capitães.

Os sentidos de Brodie se desligaram. Ele ouvira corretamente? O rei queria que ele fosse um sargento em vez de seu irmão, Robbie? Ele sempre estivera em terceiro lugar. Seu irmão, Alex, era conhecido como o melhor espadachim das Terras Altas. Embora praticasse incessantemente com ele, sabia que suas habilidades não eram tão fortes quanto as de seus irmãos.

A plena implicação da atribuição se instalou depois de alguns minutos. Isso confirmava que ele seria destacado em Ayr e com Robbie, não no feudo dos Grant.

Inicialmente, ele quis fugir e correr de volta para seu clã, mas então o medo mudou para outra coisa: orgulho. Consideravam-no forte o suficiente para proteger o castelo. Ele se perguntou se essa era sua chance de fazer os irmãos se orgulharem dele.

Alex não hesitou em responder.

— Você escolheu bem, Menteith. Meu irmão é um guerreiro forte e equilibrado. Ele liderará bem e protegerá seu castelo como se fosse seu próprio. E ele ainda não se casou, então não tem laços em casa.

Brodie lutou para não encarar o irmão. Ele coçou a cabeça confuso. Alex achava que ele era um guerreiro forte? Depois de todos os anos que passou dizendo para ele se esforçar mais e fazer melhor, Alex acreditava que ele faria um bom trabalho?

— O que nos diz, Brodie? Está pronto para liderar? — Seu rei estava de pé na frente dele, mãos nos quadris, aguardando uma resposta.

Brodie assentiu:

— Sim, seria uma honra protegê-lo e proteger seu castelo, vossa graça.

O rei apertou seu ombro, satisfeito, e falou com o mordomo na porta.

— Traga meu melhor vinho, Charles. Estamos de acordo. Rapazes, creio que é hora de comemorar, talvez com uma moça ou duas?

Alex rosnou:

— Não!

Brodie segurou o sorriso, percebendo que seu irmão, ao perceber a quem estava se dirigindo, realmente corou e disse:

— Não para mim, vossa graça.

Uma ideia se formou na mente de Brodie, e ele engoliu em seco antes de falar. Tinha que descobrir sobre aquela moça, a qualquer custo. E este era o momento perfeito para perguntar.

— Peço um favor, vossa graça.

O rei ergueu a sobancelha enquanto se virava para encarar Brodie.

— Sim, se estiver em meu poder, Brodie. Eu considerarei.

Brodie pegou o sorriso de Alex antes de prosseguir.

— Quando chegamos em Ayr, uma moça loira estava na janela de sua torre e parecia prestes a pular. Eu gostaria de descobrir quem ela é... e, se possível, ajudá-la.

O rei riu.

— Ah, uma jovem moça capturou seu interesse, rapaz, é isso? — Ele serviu vinho em um cálice e ofereceu a Alex. — Me conte um pouco mais sobre o local.

Alex e Brodie descreveram a casa da torre e sua localização da melhor maneira que puderam.

Depois de consultar seu irmão, o rei perguntou:

— Rapaz, espero que não seja a casa da torre que estou pensando, pois ela pertence ao barão Walter Lunde, um mercador originário da Inglaterra, que agora é um dos meus vassalos. Se for a filha dele, você deve escolher outra. Seu nome é Celestina Lunde, e ela é raramente vista, apenas com o padre da Igreja Céltica. Dizem que ela é uma das moças mais bonitas da região e nasceu de mãe norueguesa. Loira e angelical?

— Sim, é ela. Ela é uma beleza. Foi o olhar em seus olhos que me chamou a atenção... triste e cheio de desespero.

O rei lançou um olhar para seu irmão novamente antes de balançar a cabeça.

— Espero que você esteja errado, porque seu envolvimento na vida dela seria impossível. A moça está prometida a Fredrik Ivarsson, um rico mercador de Orkney. Este é um matrimônio muito importante para a coroa escocesa, e está previsto para acontecer em menos de uma semana. — O rei suspirou e se aproximou da janela. Sem olhar para Brodie, ele continuou: — Ivarsson prometeu sua lealdade em troca deste matrimônio e promete convencer alguns vassalos noruegueses nas Ilhas a me apoiar. Ele tem acesso a construtores navais e promete outros fundos para minha corte. Não vou mudar nada referente a este arranjo. Mantenho meu compromisso com o matrimônio. Encontre outra, rapaz.

Alex falou:

— Meus agradecimentos, vossa graça, por sua gentil consideração para com meu clã e meus irmãos. Podemos nos despedir? Preciso me consultar com meu irmão.

O rei Alexandre virou-se novamente para o grupo, com as mãos entrelaçadas nas costas.

— Como desejar, Grant. A sua presença na refeição desta noite é esperada. Estarão presentes o barão e Fredrik Ivarsson, juntamente com a moça em questão, que estará ao lado do noivo. Assim, você encontrará a resposta para sua pergunta. Se eu estiver certo sobre sua identidade, espero que você fique longe dela. — Os olhos do rei fixaram-se nos de Brodie, causando um arrepio na espinha. A ameaça neles era bastante clara, mas não importava... ele teria que ignorá-la.

Ele sabia que não estava em seu poder ficar longe da moça.

Fredrik Ivarsson manteve os olhos em seu camareiro. Não poderia haver nenhuma ruga, nenhum problema com sua vestimenta, pois esta noite ele conheceria sua futura esposa. Depois de prender a calça e a túnica, esperou que o criado o ajudasse a vestir casaco azul-escuro, bordado com fios de ouro para combinar com os outros adornos.

— Milorde, está impressionante — disse o mordomo, recuando para apreciar o efeito total do traje do nobre.

— Claro, Heitor. Paguei bem ao alfaiate. Terei a presença mais majestosa do que qualquer homem no jantar esta noite. — Ele passou a mão pelos cabelos dourados para se certificar de que todos os fios estavam no lugar.

— Mas não mais do que o rei, milorde? — A sobancelha de Hector ergueu-se.

Fredrik percebeu que Aldrik, seu protetor pessoal que estava sentado em uma mesa próxima, tinha a mesma expressão no rosto.

— Não seja tolo. Claro que estarei mais bonito que Alexandre III. Não há nada que eu possa fazer para evitar, mas usarei menos joias que o rei em deferência à sua

posição. — Fredrik suspirou, detestando pensar em fazer tal concessão. — Meu manto, Heitor?

Heitor prendeu o manto azul com um broche dourado que chamava atenção. Fredrik sorriu ao imaginar como seu esplendor impressionaria sua noiva.

A primeira vez que viu Celestina Lunde, ela estava conversando com um dos Blackfriars, e a simples visão dela lhe tirou o fôlego. Nunca vira uma mulher tão adorável e merecedora de sua companhia. Ele ouviu falar de sua beleza, mas ainda assim o pegou de surpresa. Depois de descobrir a origem norueguesa da mãe dela, o acordo de matrimônio poderia muito bem ter sido assinado na hora. Estava determinado a tê-la como esposa, a voltar para a Noruega com ela nos braços.

Ele agora estava aqui há dois anos e havia adquirido várias propriedades. A região escocesa era um ótimo mercado para seus diversos negócios, incluindo a construção naval, então ele decidiu ficar por um tempo. Quando Fredrik descobriu que o rei Haakon partira para reivindicar as Ilhas Ocidentais, ele ficou extasiado. A guerra era iminente e, como em qualquer escaramuça, haveria muitas maneiras para ele fazer fortuna. Agora estava perseguindo um plano que resultaria em riqueza inimaginável para ele.

— Excelente, Hector. — Ele passou as mãos pelo tecido fino de sua capa, deleitando-se com como todos os seus sonhos em breve se tornariam realidade.

— O senhor está muito bem, milorde. Nenhum se comparará. E a dama certamente ficará satisfeita.

— Vamos esperar que esta dama seja um pouco mais civilizada e conciliadora do que a última — acrescentou Aldrik. Falar era uma raridade para ele. — Senão poderemos ter outra confusão em nossas mãos.

— O que foi, Aldrik? Não lhe paguei o suficiente para cuidar dela? Não tenho culpa de me livrar o mundo daquela vadia. — Ivarsson bufou sua indignação com a ideia de sua

pretendida ser algo como sua primeira esposa.— Custou-me um pouco mais do que eu esperava para assegurar a mão de Celestina, mas as recompensas valerão a pena. O que são dois navios e algum dinheiro comparados a uma esposa linda e a confiança de um rei? — Ele riu junto com Aldrik, enquanto pensava em suas negociações com o rei Alexander III. Ele foi um pouco mais difícil de barganhar do que Fredrik havia antecipado, mas todo homem podia ser comprado, até mesmo um rei.

Ele primeiro assegurou ao rei o apoio de vários vassalos noruegueses, mas o rei estava cauteloso quanto à sua capacidade de cumprir a oferta. Foi forçado a adoçar o acordo. Assim que Alexander ouviu que Haakon estava se aproximando, o presente de dois navios galé comprou sua aprovação para o matrimônio entre Fredrik e Celestina... assim como sua camaradagem. E quando Fredrik prometeu ao barão Lunde riqueza mais do que suficiente para pagar os impostos que devia a seu rei, todas as fichas caíram no lugar, por assim dizer.

O rei escocês estava feliz, o barão Lunde estava feliz e assim como Fredrik Ivarsson. Talvez tivesse que contatar alguns vassalos para convencer o rei de sua lealdade, mas isso seria fácil. Ele agora estava no círculo íntimo do rei, o que significava que tinha acesso a todos os planos do escocês – uma potencial mina de ouro – e a lendária beleza angelical seria sua esposa. O que mais poderia querer?

Celestina e seu pai viajaram até o castelo real em uma carroça luxuosa, enquanto seu mordomo montava o cavalo do barão Lunde. Ela observava a paisagem, desejando que o noivo se revelasse um cavaleiro destemido que lutaria por sua honra, em vez do homem que tinha reputação ruim.

O olhar de seu pai nunca se desviava dela.

— Celestina, se fizer algo que me envergonhe esta noite, tenha certeza de que sofrerá por isso amanhã.

— Sim, pai. Farei o meu melhor para lhe orgulhar. — Ela encarava as correntes em seu cinto, que segurava com os nós dos dedos brancos. Excitação e temor a agitavam. Ela nunca havia estado no castelo real e estava ansiosa para ver como era. Se seu marido fosse outra pessoa, teria ficado animada para conhecê-lo, especialmente porque ele tinha a capacidade de tirá-la de seu pai.

Mas alguém contou à mãe de Inga que ele havia espancado sua primeira esposa até a morte. Seria este o seu destino também? Passar da tortura de um pai para a de um marido?

O grunhido de seu pai interrompeu seus pensamentos.

— Inga não poderia ter feito algo com essa juba indomável que você tem? É um espetáculo horrível. Como posso casá-la parecendo assim? Estamos prestes a ser vistos no castelo real, e todos vão falar sobre sua feiura. Deveria ter mandado Inga cortar todo o seu cabelo.

Celestina não conseguiu conter o arfar ao pensar em cortar seu cabelo que chegava quase à cintura.

Seu pai balançou a cabeça antes de virar-se para encarar a janela.

— Meu Deus, você é uma tola choramingona. Tente não desencorajar seu noivo esta noite. Seja agradável, está bem?

Assim que chegaram, o motorista a ajudou a descer do carro. Celestina tentou conter o tremor em suas mãos enquanto subia as escadas do castelo atrás de seu pai. Sabendo que estaria em exibição esta noite, o pai garantira que ela estivesse usando um vestido de boa qualidade. A peça era de um suave tom de amarelo e o manto era do mais claro tom de lavanda, que combinava perfeitamente com as flores em seu cabelo. Ela também usava corrente de ouro em volta dos quadris. Inga fez um belo trabalho arrumando seu cabelo e o véu; não se importava com o que

seu pai pensava. Pela primeira vez em sua vida, se sentia bonita. Claro, seu pai não fez qualquer menção ao seu vestido.

O sentimento de afundamento em sua barriga persistia. Muito em breve, conheceria seu noivo, Fredrik Ivarsson. Ela não tinha ideia de como ele era, mas o que importava se ele fosse tão cruel quanto os boatos afirmavam? Ela teria preferido um homem gentil e simples a um temperamental. De alguma forma, ela sentia como se estivesse indo para um funeral em vez de um jantar real.

Balançou a cabeça para parar sua mente de se fixar nos aspectos negativos. Hoje era um dia para celebrar. Esta era a primeira vez que participava de qualquer festividade, e o pensamento de estar no salão do rei fazia seu coração acelerar. Ansiosa para ver os lordes e as damas, as roupas, a comida, e apenas poder ter contato com os outros, Celestina não pôde deixar de sentir-se animada com as perspectivas da noite. O quanto seu noivo poderia ser ruim? Ela estava se afastando de seu pai e entrando em um novo mundo.

Assim que entraram, o pajem os conduziu até o grande salão onde ela ficou na fila aguardando a apresentação ao rei. Ela espiou por cima dos ombros daqueles à sua frente para ver o homem régio. O rei estava sentado em uma cadeira ricamente entalhada no estrado, com guardas de cada lado. Seu manto era vermelho-escuro decorado com ouro. Ele estava adornado com joias por toda parte. Maravilhada com a atmosfera majestosa,] não percebeu que a fila tinha avançado muito até se encontrar na frente do rei. Ruborizando por seu erro, fez uma cortesia o mais profunda que pôde e rezou para que fosse suficiente para atender aos padrões de seu pai.

A voz retumbante do rei ecoou por toda a sala.

— Oh, mas acredito que o boato seja verdadeiro neste caso. Barão, sua filha é a mais bela de toda Ayrshire.

Celestina abaixou a cabeça enquanto o rei Alexander III sorria e segurava suas mãos enluvadas. Ela se lembrou de baixar os olhos como lhe tinham ensinado. Seu pai agradeceu e permaneceu por ali, provavelmente esperando obter um favor com o jovem rei.

A sala fervilhava de servos e os muitos conselheiros do rei escocês, junto com suas esposas. Ela observou a sala, mas não tinha ideia de qual homem era seu noivo. Notou que as portas do fundo se abriram para uma grande passarela de pedra. Grupos, principalmente de homens, estavam reunidos ali, seus risos ecoando no interior. Ela sorriu ao ver o quanto todos pareciam alegres, o som da alegria trazendo memórias de sua mãe de volta. Enquanto estava ao lado de seu pai, uma voz se destacou das outras, carismática e comandante, fazendo muitas mulheres rirem de suas piadas lascivas.

Um homem de cabelos claros ondulados, vestido com um colete fino, entrou e imediatamente atravessou a sala em direção a eles.

— Ah, barão Lunde, finalmente tenho o prazer de conhecer minha noiva.

Percebendo que esta era a voz que tinha ouvido, Celestina fez o possível para não se encolher ao observar seu pretendente. Um homem bonito com um sorriso amplo e porte real, seus cabelos caíam em ondas ao redor das orelhas, e ele usava anéis enfeitados nos dedos. Era bem mais velho do que ela, mas não tão velho quanto ela temia.

Ela colocou o sorriso treinado em seu rosto, que havia praticado muitas vezes para seu pai. Fredrik Ivarsson pegou sua mão enluvada e, ao beijar seu pulso, deixou uma gota de saliva para trás. Celestina desesperadamente queria limpá-la, mas sabia que sua grosseria não passaria despercebida por seu pai, então reprimiu o impulso.

Permaneceu de pé e avaliou seu noivo; silenciosa e recatada, exatamente como seu pai ordenou que ela agisse. Seu marido a assustava. Embora ele fosse bonito, ela jurava

que a ponta fria de uma aguda estalactite tinha perfurado sua pele quando ele a olhou. Não havia outra palavra para isso. Enquanto os olhos de seu pai podiam lançar ódio com um simples olhar, os olhos desse homem eram frios, calculistas, até torcidos. Então, era isso que ela tinha a esperar: crueldade e controle.

Anos de prática a ajudaram a evocar lembranças de sua mãe cantarolando enquanto plantava flores. Pensamentos ternos de sua mãe tinham salvado sua sanidade em inúmeras ocasiões. Ainda assim, se viu esfregando o local diretamente acima da sobrancelha quando o início de uma dor de cabeça a assaltou.

O som de Lorde Ivarsson pedindo permissão a seu pai para acompanhá-la interrompeu sua massagem nas têmporas. Sua cabeça latejava ferozmente ao pensar em ficar sozinha com o noivo. Queria implorar a seu pai para não abandoná-la, mas sabia que seria inútil. Seu pai sorriu, uma expressão de pura alegria adornando seu rosto, e deu sua permissão. Sem demora, o noivo pegou sua mão e a colocou em seu antebraço. Ele a escoltou ao redor da sala sem sequer olhar para ela, como se a moça fosse apenas uma decoração para ele. Não falou diretamente com ela, mas a apresentou a muitos como sua noiva.

Eventualmente, ele saiu para a passarela de pedra onde vários homens ainda estavam reunidos sem suas esposas, bebendo o fino uísque. Ivarsson a conduziu além das serviçais, menestréis e festeiros, guiando-a em direção a um caminho de pedra, que parecia levar aos jardins. Ela foi apresentada a muitos, e os olhares que recebeu a fizeram estremecer. Seu noivo não disse uma palavra aos homens que a encaravam, tratando o comportamento deles como se fosse normal. Se ela tivesse um cavalheiro, ele nunca permitiria que outro homem a olhasse daquela maneira sem comentar.

Ela olhou através dos gramados reais e notou muitos guardas do lado de fora, alguns com plaids, alguns

carregando grandes espadas, todos obviamente lá para proteger o rei. Ao lançar um olhar na direção deles, percebeu alguns encarando-a, embora não estivessem encarando como os homens perto da entrada tinham feito. Esses apenas a olhavam. Seu pai estava certo; aparentemente ela era tão feia quanto ele frequentemente dizia. O rei elogiou sua beleza por gentileza; esses homens a encaravam por sua feiura, como se fosse uma anomalia.

— Minha querida, há algumas flores adoráveis nos jardins reais. Gostaria de vê-las? — Ivarsson fez-lhe uma leve reverência e deu um sorriso forçado.

Que escolha ela tinha? Assentiu, embora secretamente desejasse ir na direção oposta, de volta para o castelo. Os jardins estavam escuros. Ela notou algumas tochas, mas não tantas quanto havia mais próximo da entrada. Assim que começaram a descer o caminho, a escuridão a envolveria e ela dependeria totalmente do noivo para seguir.

Enquanto avançavam, ele continuou a falar.

— Celestina... — ele parou e a obrigou a encará-lo —, embora você sorria lindamente, não disse uma palavra. É importante para mim que minha esposa fale com os outros de forma tão elegante quanto eu. A senhorita será a esposa de um rico comerciante, e precisa começar a agir como tal. Também gostaria que me dirigisse com a adoração que todas as esposas devem aos seus maridos.

Ela não sabia como responder.

— Perdoe-me, milorde, mas estou insegura de como me dirigir a você corretamente. — Sua mão tremia no braço dele. Ela só podia esperar ter dado a resposta que ele desejava.

— Ah, entendo. Isso pode ser confuso para a senhorita. — Ele sorriu enquanto passava a mão pelo seu braço. — Provavelmente, nunca conheceu um homem tão importante quanto eu antes, não é?

Ela balançou a cabeça.

— Não, milorde.

— Então está perdoada por este único erro. Pode se dirigir a mim como lorde Ivarsson em público, mas quando estivermos sozinhos, desejo que me chame pelo meu nome, Fredrik. Por favor, não esqueça minha posição. Estou acima da maioria de todos aqui, e eles precisam ser lembrados disso.

Ele sorriu e o sangue em suas veias se gelou. O braço dele envolveu sua cintura enquanto ele continuava a guiá-la em direção aos jardins. Quando estavam longe o suficiente para garantir que ninguém os ouvisse, ele a puxou para encará-lo. Sua grande boca desceu sobre a dela e ele mordeu seu lábio inferior para forçar sua boca a se abrir. Ela deu um grito, mas ele puxou seu cabelo. Sua língua varreu para dentro de sua boca, sufocando-a com o gosto de peixe e cebola.

Tão rapidamente quanto o beijo começou, ele parou. Ele a encarou, seu sorriso tendo desaparecido.

— Isso é para que saiba quem está no comando. Você deve fazer tudo o que eu mandar. Vou me casar com você porque seu pai está quase falido e eu tenho muitas riquezas. E você precisa me tratar e se dirigir a mim como eu mereço.

Celestina assentiu, suprimindo a revolta que percorria seu corpo.

Os dedos dele cravaram em seu cotovelo e ela assentiu.

— Bom. Desde que tenhamos um entendimento, o matrimônio seguirá conforme o planejado. Nunca pense que tem o direito de questionar o que eu faço, a qualquer momento, em qualquer lugar. Você deve saber o quanto seu pai precisa dos meus fundos. Agora, sorria para mostrar a todos o quanto está feliz por estar noiva de mim, e lembre-se do que eu disse sobre falar docemente comigo. Você ficará ao meu lado pelo resto da noite.

Então, ele beijou sua bochecha.

— Não fique tão decepcionada, minha querida. Como minha esposa, prometo lhe cobrir com sedas e joias. Você terá servos à vontade. Nunca pedirei para você endurecer essa pele macia. Mas quero que entenda que saio conforme eu quiser. Você será generosamente recompensada por sua discricção. Além disso, se eu tiver amantes, você não será obrigada a me satisfazer com tanta frequência. Uma vez que eu a engravidar, prometo que poderá relaxar por um ano e se concentrar em nosso pequeno. Eu não gostaria de correr o risco de você perder o bebê.

Celestina conseguiu manter o sorriso praticado no lugar enquanto colocava um pé na frente do outro. Olhou para os lados do caminho, desejando que um penhasco aparecesse para que pudesse se jogar dele. Qualquer esperança tênue que tinha de sua vida melhorar acabara de se despedaçar em milhões de pedaços.

Ao retornarem para o grande salão, o rei interveio na frente deles.

— Bem, vejo que o feliz casal finalmente se conheceu. Estão satisfeitos com este arranjo, lorde Ivarsson? Celestina?

Celestina baixou os olhos até sentir as unhas cravarem em seu cotovelo. Ela assentiu em concordância enquanto o noivo falava de sua boa fortuna. A moça lutou contra as lágrimas do jeito que sempre fazia, abrindo bem os olhos, olhando para direções opostas e fazendo qualquer coisa para se distrair de suas verdadeiras emoções.

Um calor subitamente se espalhou por seus membros enquanto seu rei e seu noivo continuavam sua conversa. Algo chamou sua atenção, afastando-a de tudo que a cercava. Ali, perto da lareira... quem era?

Ela virou a cabeça e encarou nos olhos do rapaz que a impedira de pular. Incapaz de se mover, ela paralisou e olhou para os olhos mais gentis e calorosos que já tinha visto. Todo arrumado, ele estava além de belo, quase

perfeito. Ele era forte, robusto, e a epítome de tudo que seu cavaleiro seria.

Mas era tarde demais.

CAPÍTULO QUATRO

Não é bom o suficiente

Assim que chegaram ao grande salão naquela noite, Brodie começou sua busca pelos cachos loiros da moça que monopolizara seus pensamentos. Ela não estava em lugar algum, mesmo que o rei Alexandre tivesse garantido que ela estaria aqui. Outras duas damas loiras estavam presentes, mas nenhuma delas era a que procurava. Ele notou distraidamente Alex conversando com Boyd e Mure. Embora ele os apreciasse o suficiente, não estava interessado em conversar no momento, então manteve distância do grupo. Estava com medo de perdê-la se permitisse que qualquer coisa o distraísse.

Ele pegou uma cerveja de uma serva que passava e depois assumiu uma posição de vigia junto à lareira. O reconhecimento o atingiu em cheio no estômago quando viu aquele emaranhado de ouro. Ela estava aqui. Assim que seu olhar a localizou, seu coração deu uma cambalhota. A náusea seguiu rapidamente assim que ele notou seu acompanhante e companhia.

De longe, a moça mais bonita da sala, Celestina usava lavanda de forma tão majestosa, como se fosse a rainha do castelo. Um véu leve adornava seus cachos, conforme apropriado para sua idade e posição, mas a fina cobertura não podia esconder o brilho glorioso das grossas ondas que desciam por suas costas. Ele se recordou da profundidade dos olhos azuis com seus longos cílios e da pele impecável. Todo homem na sala estava cativado por sua presença e, junto com todos os outros, ele não conseguia desviar o olhar.

Seu lindo sorriso parecia estar enganando todos... todos exceto ele. Ele examinou o homem mais velho ao lado dela, que estava ocupado desempenhando seu papel para o rei.

Certamente ele estava satisfeito por ter Celestina ao seu lado, isso era óbvio, mas havia uma frieza inconfundível em seus olhos, mesmo a essa distância.

Então ela se virou, e seu olhar encontrou o dele. Ela sorriu, sua beleza efervescente, mas seus olhos traíam uma desesperança que ele nunca viu. Como poderia culpá-la? Podia perceber que o noivo dela era o tipo de homem que esmagaria seu espírito em vez de tratá-la como ela merecia, como uma flor pronta para florescer. De pé, do outro lado dela, estava o homem que falou com ele na porta da casa da torre, presumivelmente seu pai. Então ela estava sendo transferida de um homem cruel para outro... não era de se admirar que ela tivesse considerado terminar com seu sofrimento de tal maneira.

Alex se aproximou e passou o braço pelo seu ombro.

— É a moça, não é?

— Sim — Brodie respondeu com um suspiro cansado. — É ela. Seu pai está com ela, e esse deve ser seu noivo.

— Ela parece feliz o suficiente agora, Brodie. Talvez você estivesse errado sobre suas intenções mais cedo no dia. Deveria tentar esquecê-la. Seu noivo é um homem bonito e não tão velho quanto eu esperava.

— Feliz? Você chama isso de feliz? — Brodie encarou seu irmão. — Olhe nos olhos dela, Alex. São os olhos mais tristes que já vi.

— Oh — ele disse, depois de um momento —, talvez você esteja certo. Ela não parece feliz afinal. É um sorriso forçado.

Os homens ao redor da moça não o impediriam de encontrar uma maneira de falar com ela; nem seu noivo, nem o barão, nem mesmo o Rei dos Escoceses. Ele não se importava com o que seria necessário. Tinha que falar com ela novamente. Ele simplesmente tinha.

Boyd se aproximou do lado de Alex e falou através dele.

— Então o rei estava correto, Brodie? Foi a jovem Celestina quem chamou sua atenção?

Brodie acenou na direção dela.

— Sim.

— Ah, o senhor tem bom gosto. Ela é uma beleza rara.

— Então devo desistir? Devo apenas esquecê-la e permitir que ela seja manipulada por dois homens cruéis? A moça merece algo melhor.

Boyd sorriu, colocando uma mão tranquilizadora no ombro de Brodie, contendo-o gentilmente.

— Tenho certeza de que a jovem ficaria muito mais feliz com um jovem Highlander como você do que com o homem que seu rei escolheu para ela, mas são políticas, rapaz. Vamos torcer para que os rumores sobre Fredrik Ivarsson não sejam verdadeiros, sim? Não acredito que ele tenha matado a primeira esposa. Ele parece bastante interessado na noiva no momento.

— O quê? O homem matou a primeira esposa? — A voz alta de Brodie fez seu irmão pular, mas felizmente o salão estava barulhento no momento. Ninguém mais reagiu. — Isso é verdade? — Brodie encarou o pequeno grupo, ignorando o olhar penetrante de seu rei que parecia ter notado seu interesse. Impotente para lutar contra o atrativo da beleza loira, sua mente fervilhava com possibilidades.

— Rapaz, existem outras maneiras de lutar — disse Boyd, sua voz baixa. Foi a primeira coisa que ele disse que prendeu a atenção de Brodie.

Virando-se para ele, ele falou:

— Como assim?

— Estamos prestes a entrar em guerra com a Noruega. Talvez seja melhor para o senhor aguardar o caos que vem com a guerra.

Brodie assentiu em concordância, mas não expressou seus pensamentos. Agora, ele tinha um senso de propósito ainda mais forte, se possível. Se ela se casasse com Ivarsson, sua vida poderia estar em risco.

Olhando para a moça e o olhar de desprezo de seu noivo, ele não sabia se poderia esperar.

Ivarsson e o pai da moça a deixaram na companhia de um padre e se afastaram do grande salão, se distanciando da diversão e do olhar do rei. Brodie percebeu que a atenção do rei se desviava para outras áreas, então decidiu aproveitar a situação. Ele seguiu o barão Lunde e Ivarsson até desaparecerem pelo caminho escuro que levava aos jardins. Sua única e exclusiva oportunidade acabara de chegar, e ele não a perderia. Aproximou-se de Celestina o mais sutilmente possível. Parou na frente dela.

— Com sua licença, minha dama, gostaria de me apresentar. Sou Brodie Grant, de Dulnain Valley. — Ele acenou para ela e depois para o padre ao seu lado.

Enquanto falava, não pôde deixar de notar o quanto a moça estava perturbada. Ela lutava para cobrir a turbulência que rugia por dentro com uma fachada de serenidade. Imaginou que ela era treinada nessa decepção, mas ele enxergava através dela. Viu o leve tremor de seu lábio superior, o aperto de seu braço no padre e a rigidez de sua postura. Quando captou seu olhar, detectou um breve suavizar em sua expressão, quase um senso de alívio.

— Padre, gostaria de um breve momento com a dama.

O padre sorriu.

— Sim, meu filho, o senhor pode ter uma palavra com a dama, mas apenas em minha presença. Sou Padre Padraig, da Igreja Céltica, e esta é Celestina Lunde, prometida a Fredrik Ivarsson. Estou frequentemente presente com o barão e seu povo. Diga o que desejar.

— Aceito suas condições, Padre. Podemos nos dirigir a uma área mais privada?

Eles se moveram para uma área perto da escadaria. Brodie se remexeu, incerto do que dizer agora que conseguiu uma audiência com ela.

O Frei Padraig acenou para que ele começasse, mas as palavras de Brodie ficaram presas em sua garganta. Ela

estava ainda mais bonita esta noite. Sua pele de porcelana implorava por seu carinho, seus lábios rosados eram macios e ligeiramente carnudos. Perdido em sua beleza, ele tossiu para trazer a mente de volta ao curso. Agir como um rapaz apaixonado não o levaria a lugar nenhum.

— Minha dama, depois de vê-la quase se jogar para a morte mais cedo hoje, devo perguntar se está em um estado melhor agora. Estou preocupado com seu bem-estar.

O padre fez um pequeno som de ofego e virou-se para aguardar a resposta de Celestina.

A moça juntou as mãos de forma recatada na frente dela e falou no momento certo, sem emoção alguma.

— Deve estar enganado, meu senhor. Eu nunca faria uma coisa dessas. — Ela pigarreou e manteve o olhar sobre o ombro dele, tentando ignorá-lo. O tremor visível em suas mãos contava outra história. — Peço que não faça tais acusações ridículas na frente do Padre Padraig.

Brodie percebeu que deveria ter pensado nisso. Tentar suicídio era contra as regras da igreja. Ele cometera um grande erro de julgamento. Sabia que poderiam ser vistos, mas não conseguia se controlar. Alcançou as mãos dela, envolvendo as dele ao redor. O arrepio que percorreu seu corpo em resposta ao toque dele subiu pelo seu braço.

Ele tocou o queixo dela com um dedo para forçá-la a olhá-lo.

— Tem certeza? A senhorita não está prestes a se casar em breve? Não deveria estar se banquetando em glória e celebração? Porque, mesmo que não estivesse determinada a acabar com sua vida antes, eu não vi moça mais abatida. — Ele lamentou ter que tirar a mão do rosto dela, mas não teve escolha... o padre provavelmente o impediria a qualquer momento. Pensou em passar o polegar pela pele macia da bochecha dela, mas sabia que nunca seria permitido. Queria senti-la, não apenas olhá-la. Ainda assim, queria absorver sua essência, conhecer tudo sobre ela.

A tristeza nos olhos azuis dilacerou seu coração.

— Estarei casada em menos de uma semana. Estou muito feliz com meu noivado. — Seus olhos se embaçaram enquanto ela falava.

— Perdoe minha rudeza, minha dama, mas a senhorita não parece satisfeita com isso. Não pode recusar a proposta dele e encontrar outro? Deve haver muitos rapazes escoceses que se casariam com a senhorita. Devo dizer que ele não é um homem gentil. Isso é o que deseja para o seu futuro?

— Meu senhor, não tenho voz em meu matrimônio. Certamente o senhor percebe que a maioria das mulheres não escolhe seus maridos. Faço como sou ordenada por meu pai e por meu rei. Este é um matrimônio político, além de financeiro.

— Sim, mas esta é a terra dos escoceses. A senhorita pode recusar-se a se casar com o homem, se desejar.

Seus olhos buscaram os dele por um momento, e então ela balançou a cabeça.

— Devo agradecer por sua gentileza e sua compaixão, mas não há nada a ser feito. — Ela se ergueu e arrumou suas saias. — Não será bom para mim ser encontrada em sua companhia, meu senhor. — Ela olhou para o padre, calor e simpatia visíveis em seus olhos. — Acho que é hora de partirmos, Padre Padraig, antes que meu pai retorne de sua reunião.

— Ela fala a verdade, meu senhor. Agradeço por sua preocupação, mas ela deve voltar para seu noivo.

Brodie estava impotente para se mover, mas permaneceu fascinado enquanto o padre a escoltava de volta pelo meio da multidão na grande sala. Pelo menos, ela tinha um verdadeiro apoiador em Padre Padraig. Ele nunca viu alguém tão deslumbrante quanto Celestina Lunde. Seu amigo, Nicol, estava certo. Ele a queria de muitas maneiras, mas a situação parecia impossível.

Mas ela era mais do que isso. Sua bravura ao lidar com um matrimônio destinado ao fracasso era impressionante.

Ela ouviu os rumores sobre seu noivo? Se sim, ela tinha que ser uma das moças mais fortes que ele já conhecera, para não sair correndo pela porta diante da perspectiva de seu matrimônio iminente. A princípio, ele a imaginou como fraca e necessitada de ajuda. Agora, via sua situação de maneira totalmente diferente. Força e coragem eram as palavras que vinham à mente, não fraqueza.

Ele não desistiria e não deixaria uma moça em tal turbulência. Jurou torná-la sua. Mas como? E por que ele estava agindo como um tolo? Ele acabara de conhecer essa mulher, e já estava pensando em matrimônio. O motivo era simples; não suportava vê-la no braço de Fredrik Ivarsson. Ela pertencia a ele, e não desistiria até que ela fosse sua esposa.

Mas ela o aceitaria? Ele não era um conde, nem barão ou senhor feudal. Ela não demonstrou interesse evidente nele além do tremor ao seu toque. Será que ela era o tipo de dama atraída por joias e riquezas? Se sim, o que Brodie tinha a oferecer a ela?

A cabeça de Celestina girava em uma resposta vertiginosa a Brodie Grant. Ainda podia sentir o calor de seu toque no queixo como se ele a tivesse marcado a ferro. Como desejava que pudesse ser tão simples.

Assim que ele se aproximou, seu coração acelerou como nunca antes. Sua presença era imponente, segura, protetora, algo com o qual ela tinha pouca experiência.

Lorde Ivarsson acompanhou Celestina até a opulenta mesa de jantar, uma das várias na grande sala. Enquanto aguardavam que o rei fosse acomodado no estrado à frente deles, ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

— Este é um belo salão, mas não tão belo quanto você, minha querida.

Celestina fez a única coisa que conseguia suportar com a sensação do hálito quente em seu ouvido. Recusando-se a reconhecer sua proximidade, ela aproveitou a oportunidade para observar seus arredores, esperando que ele entendesse a dica.

Pesados tecidos de brocado vermelho e dourado decoravam as paredes. A lareira era uma das maiores que ela já tinha visto. Um tapeçaria do ex-Rei dos Escoceses, pai de Alexander, estava pendurada sobre ela. Uma mesa de carvalho ficava regamente no final do salão em um estrado elevado, e estava adornada com gobelés e pratos de prata ricamente esculpidos. Três outras mesas de madeira corriam ao longo do salão, paralelas entre si. Elas estavam dispostas de modo que todos pudessem ver o rei, caso ele precisasse de sua atenção. Juncos frescos no chão emprestavam uma fragrância doce ao ambiente.

Fredrik segurou a cadeira quando ela se aproximou da mesa. Ele se sentou à sua direita e seu pai à sua esquerda, encurralando-a entre eles. Laird Alexander Grant estava sentado diretamente ao lado de seu pai, e o irmão Grant estava à sua esquerda. Ela estava grata pelo arranjo de assentos que deixava seu cavaleiro perfeito algumas cadeiras abaixo dela. Se fosse obrigada a sentar-se perto dele, seu coração certamente teria se partido. Ninguém se sentava em frente a eles para que sua visão do rei não fosse obstruída. Ela manteve o olhar sobre o arranjo à sua frente, tendo o cuidado para não fazer nada que provocasse a ira de seu pai. Sem dúvida, ele a responsabilizaria por qualquer transgressão, fazendo-a pagar por elas muitas vezes no dia seguinte. Ela já esperava um golpe do amado bastão de seu pai pela antipatia com seu penteado.

Ainda assim, não conseguia impedir seu coração de palpar com essa oportunidade de escapar de sua prisão na torre. Ela absorvia os detalhes ao seu redor: os ricos tecidos de seda, o linho finamente tecido, os botões de latão, os véus macios. O rei Alexander, que estava sentado na

cabeceira da mesa no estrado, estava vestido de maneira mais fina do que qualquer homem que ela já vira. Seu sorriso era cativante, embora ela notasse uma pontada afiada em seu olhar. Ela achava que nada escaparia ao rei.

Mas o elemento mais marcante da noite? Brodie Grant. Ela nunca esqueceria seu nome. Oh, como ela queria olhar para ele para poder memorizar cada traço bonito de seu rosto. Ele era um pouco mais baixo que seu enorme irmão, mas não muito. Seus ombros eram largos e poderosos, mas ela sabia que suas mãos eram gentis. Seu pai era minúsculo ao lado dos dois escoceses. E seu noivo? Bem, ele estava em forma e bem-vestido, e era bonito à sua maneira, mas não tinha o magnetismo físico de seu Highlander.

Os cálices de vinho foram enchidos e o primeiro brinde ao Rei dos Escoceses foi feito. O primeiro prato de comida foi consumido e depois retirado rapidamente. Ela brincou com seu prato de ovos cozidos em vez de comer, ocupada demais absorvendo toda a atividade na sala, ouvindo trechos de conversa, para terminar sua comida. O tom da risada de Brodie Grant era música para seus ouvidos. Seu irmão não ria muito, mas mais frequentemente do que não, ele era a causa do divertimento de Brodie. Ela desejou mais do que qualquer coisa estar a par de sua conversa.

Uma equipe de servos serviu a mesa com tigelas de caldo de rabada como o próximo prato. Celestina aproveitou a agitação para dar uma espiada na única coisa na sala que prendia sua atenção, seu cavaleiro, observando enquanto ele sorria para seu irmão novamente.

Brodie tinha um sorriso que derretia seu coração, com os dentes mais brancos que ela já tinha visto. Ela adorava a maneira como seus cabelos castanhos escuros repousavam em seu colarinho. Um pequeno sinal adornava sua bochecha direita e ela desejou passar os dedos sobre a pequena imperfeição, descendo pela linha de sua mandíbula recém-barbeada e até o queixo até seu lábio inferior. Ela levantou o olhar para o dele e o encontrou

olhando para ela, com uma expressão de preocupação em seu rosto que a chocou.

Assim que o olhar dele aqueceu seu âmago, um beliscão em sua axila esquerda a forçou a virar a cabeça para longe.

As palavras de seu pai assaltaram seus sentidos enquanto seus dedos apertavam mais profundamente a carne macia de seu braço.

— Você se lembra das minhas palavras, filha? Não deve me envergonhar. Você vai desviar os olhos daquele rapaz e baixá-los como foi ensinada repetidas vezes. E não é esse o rapaz rude que aterrissou na minha porta em busca de você? Você mentiu e me disse que não o conhecia — ele sibilou, enquanto torcia sua pele macia. Depois de uma inspiração aguda, ela lutou para manter os olhos baixos conforme ele exigia, e não mostrar nenhum sinal externo de dor. Tinha aperfeiçoado essa habilidade, mas ele a pegou desprevenida desta vez. Ela inspirou fundo para sufocar o grito que tentava rasgar de suas entranhas.

Justo quando pensou que tinha recuperado o controle, o pai torceu seu antebraço severamente sob os linhos. Ela se contorceu contra a mesa. Seu pai a soltou num instante, mas não antes que seu domínio sobre ela fosse percebido. Ela lutou contra a tontura, mas conseguiu olhar para cima a tempo de ver seu cavaleiro gritar com seu pai, com o punho direito puxado para trás em um golpe que teria atingido o homem mais velho se não fosse detido por seu irmão.

— Tire sua mão dela, seu porco nojento! Como ousa machucar a própria filha! Não vê como está machucando-a? Ela é uma donzela inocente, e ainda assim o senhor inflige sua crueldade sobre ela?

Celestina não podia acreditar no que ouvia. Brodie tinha vindo em sua defesa? Ela observou enquanto pratos se chocavam no chão; a fúria do rapaz Grant com seu tratamento causando um alvoroço que ela nunca poderia ter antecipado. Seu noivo e os outros convidados do jantar se levantaram de suas cadeiras e recuaram da mesa. Ela

também se levantou, mas quando o pai estendeu a mão para ela, ela se encolheu. A raiva em seu rosto disse a ele que ela suportaria o peso de sua insatisfação mais tarde, que tudo isso era culpa dela. Visões do “castigo justo” de seu pai surgiam em sua mente. Seus punhos se cerraram e ela se virou e fugiu, correndo para fora do grande salão por um corredor, procurando uma saída – de seu pai, de seu noivo, de sua vida. No entanto, enquanto corria pelo corredor, uma pequena chama rasgou através de seu medo, lembrando-a de algo mais importante do que qualquer coisa que seu pai pudesse fazer com ela.

Seja qual fosse o custo, Brodie Grant tinha tentado protegê-la. Ele tinha testemunhado a crueldade de seu pai com os próprios olhos e decidiu interrompê-la. Finalmente, alguém a defendera.

Brodie Grant não era seu cavaleiro ou seu guerreiro.

Ele era o seu herói. Ele tinha lutado por ela... por ela! Talvez houvesse uma razão para viver. Havia uma chance de que ele se interessasse por ela?

Aquele único pensamento diminuiu seus passos enquanto ela corria pelo corredor antes de virar em outro. Não tinha ideia para onde estava indo... tudo o que sabia era que precisava escapar. Ela chegou ao final do corredor e parou, sem saber qual direção tomar em seguida. Tocou a pedra fria e úmida da parede ao lado, tentando se orientar, tentando pensar. Esfregando o braço, ela se perguntava que loucura tinha motivado o próprio pai a infligir tanta dor a ela na frente de uma multidão.

Rodopiando de frustração, desesperada para chorar ou gritar, ela se acalmou usando um método que aprendera há muito tempo atrás: contar enquanto respirava fundo. O sotaque escocês profundo de seu guerreiro interrompeu sua concentração e a parou em seu rastro.

Brodie Grant estava indo diretamente em sua direção, a preocupação e a ansiedade gravadas em seus traços.

— Minha dama, posso ser de alguma ajuda? — Ele tropeçou em suas próprias palavras. — O que ele fez, seu próprio sangue... sinto muito que ele a tenha machucado. Posso ajudá-la? — Ele parou diretamente na frente dela e estendeu a mão.

O instinto a forçou a recuar dele, mas a pedra áspera do castelo atingiu suas costas.

— Não, por favor. Se meu pai me vir com você, a surra será ainda pior. Por favor, vá embora. — Ela não podia deixar seu pai encontrá-los juntos.

Brodie pegou as mãos dela e as cobriu com as suas. Olhando nos olhos da moça, ele disse:

— Vou protegê-la, Celestina. Sinto muito, mas não posso ficar parado e assisti-lo a machucar. — Ele estendeu a mão para a manga dela para verificar seu braço.

— Por favor, não. — Ela tentou puxar o braço, mas o calor que o toque dele transferiu para sua pele diminuiu seu movimento. O toque era gentil e suave; apenas Inga a tocara dessa maneira desde o desaparecimento de sua mãe. Incapaz de se mover, ela assistiu enquanto ele deslizava cuidadosamente a manga do vestido para cima para avaliar o dano causado por seu pai. Ela esperava que ele não notasse as marcas antigas em sua pele pálida.

Desviou o olhar, envergonhada. Era culpa sua, não era? Era isso que seu pai sempre dizia. E era verdade que ela não tinha conseguido controlar seu próprio comportamento naquela noite. Não deveria ter estado olhando para o belo Highlander quando estava prometida a outro.

A mão de Brodie segurou seu queixo, trazendo seu olhar de volta para o dele.

— Querida, você não fez nada de errado.

O dedo roçou brevemente seu lábio inferior, queimando a pele macia ali. Ele tinha alguma ideia do que estava fazendo com ela? Um suspiro escapou enquanto ela encarava os olhos dele. Os lábios de Brodie roçaram os dela brevemente – como se ele não pudesse se controlar mais do

que ela mesma podia – e o calor se espalhou de seus lábios para seu coração e seu âmago.

— Pais nunca deveriam tratar suas filhas dessa maneira. Ele agiu errado, não a senhorita. Ele deveria valorizá-la. — Ele acariciou gentilmente seu braço e as velhas feridas, — Os hematomas em seu braço dizem muito. A senhorita precisa escapar dele.

— Eu vou. Estou prometida a Fredrik Ivarsson. Ele me levará embora de meu pai. — Ela recuou as mãos e torceu as saias antes de se afastar dele e de sua preocupação.

— Celestina, sei que não pode querer ser esposa desse homem. Ele tem olhos frios e cruéis. Por favor, me diga que não está apaixonada por ele.

O coração de Celestina se partiu.

— Eu devo me casar com ele, mas não o amo. Como poderia, pois nos conhecemos apenas esta noite... meu pai arranhou o matrimônio. É para o meu rei, para o meu país, que faço isso. O matrimônio deve acontecer.

— Não, recuse-o. Ele vai tratá-la da mesma maneira que seu pai faz. Escoceses podem se recusar a se casar.

Ela balançou a cabeça, confusa. Recusar? Não tinha escolha no assunto. A decisão sobre seu noivado foi tomada sem que ela fosse consultada. Como poderia recusar quando nunca lhe foi pedida permissão em primeiro lugar? Em que tipo de mundo Brodie Grant vivia onde se poderia concordar ou discordar de um matrimônio que lhe foi imposto?

A voz estridente de seu pai rompeu seus pensamentos. Ela olhou ao redor de Brodie a tempo de vê-lo correr em direção a eles. Ele agarrou Brodie pelo ombro e o afastou dela.

Antes que qualquer um deles tivesse tempo de reagir, o braço de seu pai se moveu e atingiu brutalmente o rosto dela.

CAPÍTULO CINCO

Uma luta por honra

O pai de Celestina avançou para golpeá-la novamente, e ela ergueu uma mão trêmula para proteger o rosto.

— Você é uma prostituta, assim como sua mãe era. Eu sabia. — Os olhos dela se fecharam, mas o golpe não se concretizou.

Um rosnado baixo rasgou a neblina de seu medo. Abriu os olhos a tempo de ver Brodie levantar seu pai no ar e jogá-lo contra a parede. Os olhos de seu pai se arregalaram em choque, ou assim ela pensou. Então ela percebeu que Brodie o estava segurando pela garganta, sufocando sua traqueia para que ele ofegasse por ar.

Seu pai moveu os punhos contra Brodie, mas seu captor não recuou. Celestina recuou contra a parede oposta, paralisada pela visão diante de si.

Brodie jogou seu pai contra a parede repetidamente, evitando facilmente as tentativas do homem mais velho de golpeá-lo.

— Seu porco imundo! Como ousa bater em sua própria carne e sangue! O senhor bateu em sua própria filha à toa. Sem motivo. Vai apodrecer no inferno, seu verme. Se bater nela novamente, vou matá-lo com as minhas próprias mãos. Deveria estar protegendo sua filha, não machucando-a.

Os gritos de Brodie ecoaram no corredor. Celestina ouviu um frenesi de atividade se dirigir para eles, mas não conseguiu desviar os olhos de seu pai e da expressão em seu rosto. Ele estava louco, além de furioso que Brodie havia interferido em seu castigo para ela. Enquanto uma parte dela aplaudia seu herói, outra parte queria correr, com medo do que aconteceria se seu pai conseguisse se libertar do domínio de Brodie.

— Guardas, guardas! Salvem este homem do louco selvagem que está o atacando! — Seu noivo ficou observando a cena se desenrolar do final do corredor, cuspiendo mentiras para todos ouvirem. — O Highlander enlouqueceu. Parem-no! — Ódio e medo jorravam dele enquanto ele encarava Brodie.

Logo, o corredor se encheu com os guardas do rei. Seu noivo continuava a gritar, mas ela não conseguia distinguir mais palavras no som. Três guardas cercaram Brodie e o som rápido de metal raspando contra metal encheu o ar quando os guardas puxaram as espadas de suas bainhas, os três mirando suas bordas afiadas no pescoço de Brodie. Ainda assim, ele não soltou o barão.

Uma vez que Brodie estava contido, Ivarsson se aproximou do grupo de homens.

— Agora, matem-no.

— Não! — Mesmo Celestina surpreendeu-se com a intensidade de sua veemência.

— Matem-no, eu disse. — Seu noivo falou com pouca emoção, mas seu rosto assumiu uma expressão distorcida. — E, por favor, façam isso doer. O rapaz merece.

Os guardas não se moveram para seguir o comando que Ivarsson não tinha o direito de dar-lhes. Passos altos ecoaram pelo corredor enquanto o rei e seus guardas pessoais se aproximavam. Seu noivo finalmente se afastou para abrir caminho para eles.

Ao se aproximar da confusão, o rei finalmente falou.

— Vocês não o matarão, guardas, mas Brodie, deve soltar seu agarre no meu barão.

Brodie apertou um pouco mais na traqueia do barão. O rosto do homem, vermelho como beterraba, fez careta para ele.

— Vossa Graça, a crueldade do homem para com sua própria filha é inconcebível para mim. O barão não tem honra para tratar sua própria filha como ele faz.

— Certamente, deve estar enganado, Grant. Tenho certeza de que o barão nunca machucaria a filha, embora agora que olho para ela, posso ver uma marca vermelha em sua bochecha. O senhor infligiu isso nela, barão? — As palavras do rei não continham fúria, nem raiva. Ele permaneceu completamente no controle.

O barão arfou.

— Não.

— Não, o senhor acha que não? Eu o vi fazer isso com meus próprios olhos. — Brodie disse. — Por favor, verifique o braço esquerdo da moça e o senhor verá mais evidências de seu abuso.

O Rei Alexandre estendeu a mão para Celestina e perguntou:

— Posso, minha dama?

Celestina manteve o braço imóvel enquanto o rei deslizava cuidadosamente a manga de seu vestido para cima. Em vez de encontrar seu olhar, ela baixou os olhos como seu pai havia lhe ensinado a fazer.

— Filha, pode olhar para mim.

Os olhos de Celestina encontraram os dele. Seu pai não estava em seu campo de visão porque Brodie estava na frente dele.

— Seu próprio pai infligiu essas contusões?

O pai de Celestina se contorceu e esperneou na tentativa de se libertar do Highlander.

O rei virou-se para ele e gritou:

— Barão, controle seu temperamento. — Ele voltou-se para ela e baixou a voz. — Por favor, ignore seu pai. Ele fez isso com a senhorita?

Celestina sabia que suportaria o peso desta inquisição. Seu pai podia ouvir suas palavras, mas ela não achava que ele pudesse vê-la claramente. Assentiu levemente com a cabeça, certificando-se de que o rei visse seu sinal. Ele assentiu em resposta. Ela então falou alto e claro:

— Não, meu rei.

Seu pai relaxou, mas infelizmente, não foi o único a perder o aceno dela. Brodie explodiu:

— Celestina, diga a verdade. Sua graça, não vê que ela tem medo do próprio pai? Ele fez isso com ela e quem sabe mais o quê!

— Solte o barão, Grant. — O rei Alexandre sussurrou sua ordem.

— Mas...

— Como seu rei, estou ordenando que o solte. — Uma das espadas dos guardas fez Brodie sangrar no pescoço, e ele finalmente soltou o barão, que caiu no chão ofegante e massageando a traqueia. As espadas permaneceram apontadas para o pescoço de Brodie.

Quando o barão recuperou o fôlego, ele exigiu uma punição justa por seu tratamento:

— Mate o selvagem. Como ele ousa me ameaçar! Ele estava com as mãos em minha filha quando desci pelo corredor. Quero ele morto, meu rei. Se deseja a mão dela em matrimônio para Ivarsson, mate-o agora.

— Antes que algo aconteça, peço-lhe sua promessa de que não vai mais abusar de sua filha. — O rei Alexandre ficou sobre o pai de Celestina, com os braços cruzados enquanto aguardava uma resposta.

O barão se levantou, arrumando as roupas em indignação com o comando do rei.

— Não preciso lhe fazer tal promessa, pois nunca machuquei minha filha. — Sua mão se moveu em direção a ela com desdém. — Ela parece abusada? Está perfeitamente bem.

Celestina conteve o choque à distância, incapaz de acreditar que seu pai mentiria dessa forma para o próprio rei.

— Mesmo assim, exijo sua promessa... e a terei antes de determinar a punição de Brodie Grant por seu papel nesta situação. — O queixo do rei se ergueu um pouco enquanto esperava.

Celestina torcia as mãos. Ah, como desejava que as coisas tivessem acontecido de forma diferente. Que confusão toda essa noite se tornou. Os protestos de seu pai diziam exatamente o quanto estava zangado, dando-lhe uma ideia de como sofreria no dia seguinte, independentemente de quaisquer promessas que fizesse ao rei. O tratamento do barão para com ela não constituía abuso aos seus olhos, então nada mudaria. E Brodie Grant, seu salvador, ainda tinha três espadas em sua garganta porque tentara defendê-la. As ações de seu noivo estavam completamente fora de controle também. Ele parecia encantado com a possibilidade de que a morte pudesse ser imposta como uma punição justa, e no corredor, ainda por cima. O que aquele óbvio traço violento indicava para o matrimônio deles?

— Está bem — o barão esfregou a garganta —, tem minha promessa, meu rei. Agora, em troca, espero que o senhor enforque esse animal.

— É um pouco extremo, não acha, barão? — O rei juntou as mãos atrás das costas.

O barão endireitou as roupas.

— Não, eu o quero morto. Ele quase me matou em um ataque completamente não provocado. — Claramente agitado, seus olhos vasculhavam a sala, procurando apoio entre os outros.

— Sua Graça, as espadas — Brodie pediu. — Eu liberei o barão, peço liberação em troca.

O homem com quem Celestina fora prometida para se casar se aproximou mais, ainda não se aventurando a lugar nenhum perto de Brodie... então ele não era apenas cruel, mas um covarde.

— Mate-o, meu rei. Se quiser nosso apoio contínuo em sua empreitada para recuperar as Ilhas, o senhor o matará por suas ações. Ele é um Highlander selvagem que não sabe como agir corretamente e com respeito. — Sua voz se

elevou enquanto falava. — Mate-o, eu digo. Mate-o agora pelo insulto à nossa posição.

— Sim — bradou o barão. — Mate-o agora.

— Mate-o, rei Alexandre — repetiu Ivarsson. — Mate-o e dê o exemplo para qualquer um que deseje ir contra o seu reinado. Mate-o agora para garantir a sua vitória. — Ele não recuaria.

Celestina encarou os dois homens que seguravam seu futuro nas mãos, incapaz de acreditar na crueldade e no ódio descarado que passava entre eles. Como podiam apoiar a morte de um homem inocente? Brodie Grant havia defendido sua honra, e os dois que mais deveriam honrá-la queriam vê-lo morto. Tudo isso estava muito errado!

— Não, por favor, não. — Ela virou-se para o rei Alexandre. — Por favor, não faça isso, meu rei. Ele só estava tentando me proteger. — Ela precisava persuadi-lo.

Ivarsson gritou:

— Celestina, cale-se. A opinião de uma mulher não tem valor. Não queremos ouvir seus pensamentos.

O insulto de seu noivo nem a surpreendeu nem a magoou. Ele estava apenas falando com ela da mesma maneira que seu próprio pai fazia há anos.

— Mate-o — gritou seu pai, sua voz tão alta no corredor que ela teve que cobrir os ouvidos. — Ele é um insulto a todos os escoceses. Eu digo que o matem.

— Parem, parem, todos vocês, por favor, parem. — Celestina se colocou na frente de Brodie, como se o protegesse. — Por favor, não façam isso. Ele não merece morrer por minha causa.

— Quando vai aprender seu lugar, garota? — O barão estendeu a mão em direção a ela, mas recuou ao ver a expressão no rosto do rei.

Seu noivo agarrou-a pela cintura, puxando-a para longe de Brodie.

— Saia daqui, sua tola. Já causou problemas suficientes, e isso não é da sua conta. Saia imediatamente, pois este

não é lugar para uma mulher. — Ele torceu o braço dela.

O rei disse:

— Ivarsson, controle-se. — Seu noivo, claramente chocado por ter sido corrigido, se virou para o rei.

O som de aço frio cortando o ar preencheu o ambiente quando a ponta afiada de uma espada encostou no pescoço de Ivarsson. O laird Alexander Grant acabara de se juntar ao tumulto.

Grant pressionou a arma apenas o suficiente para impedir que o homem se movesse.

— E eu digo para tirar as mãos da dama.

Seu noivo soltou o aperto nela e ficou com um tom de verde pálido.

— Rei, por favor, chame esse vândalo.

— Sua Graça, se alguém se mover além do senhor ou da dama, Ivarsson é um homem morto. Acredite em mim, nada me agradaria mais do que empalar esse desperdício de ser humano na ponta da minha espada.

Enquanto Celestina recuava, o rosto de Brodie se abriu em um sorriso, mesmo com três espadas em sua garganta.

— Você demorou, irmão.

— Eu estava aproveitando a sopa de rabada. — Um sorriso astuto curvou o canto de sua boca.

— Alexander Grant, sempre o showman — o rei riu. — Solte o homem.

— Eu ficaria feliz em fazê-lo assim que seus guardas soltarem meu irmão.

— Que direito ele tem de lhe dar ordens, rei? Ele deveria ser chicoteado por sua impudência! — O rosto do barão ficou ainda mais vermelho.

Celestina observava boquiaberta a cena à sua frente: Brodie Grant com três espadas ainda sobre ele, enquanto a grande lâmina de Grant estava a poucos centímetros da garganta de Ivarsson. Ela temia pela vida de Brodie, mas ele se mantinha firme. Seu noivo, em contraste, parecia prestes a perder o conteúdo do estômago ou dos intestinos. A

arrogância e a veemência em sua expressão desapareceram assim que a espada apareceu diante dele. Como os dois homens eram diferentes, e como ela desejava que seus papéis em sua vida pudessem ser trocados.

O rei encarou laird Grant.

— Estou pedindo que o solte, Grant.

— Com todo o respeito, seus guardas têm meu irmão à ponta de suas espadas, e pelo que ouvi, ele não fez nada além de defender a honra de uma moça. Isso é o que fazemos nas Terras Altas. Suas ações deixariam meu pai orgulhoso, assim como deixaram a mim. Seu rei também deveria estar. A moça não merece tal tratamento imposto por seu pai ou seu noivo. Não é nosso dever proteger os inocentes, sua graça?

— Liberte-o e discutiremos isso.

A saliva do pai dela escorria pelo queixo.

— Que poder ele poderia possuir sobre o senhor, meu rei? Por que está hesitando?

Laird Grant encarou os olhos do rei.

— Quinhentos guerreiros. Quinhentos guerreiros para proteger sua vida e meu irmão para proteger seu castelo. Duvido muito que ele queira ver um dos melhores guerreiros das Terras Altas ser empalado na frente dele.

O Rei dos Escoceses virou-se lentamente para encarar seu barão.

— Sua insolência e a de seu camarada nórdico estão prestes a lhes render uma estadia em minha masmorra. Talvez um dia ou dois abaixo das escadas os lembre de quem está no comando. Não tolerarei mais sua grosseria. — Ele esperou até que o barão se acalmasse antes de se voltar para Alex.

Alex sorriu.

— Sua Graça?

As sobrancelhas do rei se ergueram enquanto um sorrisinho se insinuava em seu rosto.

— Quinhentos? Muito bom. Você estava me escondendo isso. Como conseguiu construir uma força tão grande, Grant?

— Trato bem meus homens e eles me retribuem com trabalho duro. Recrutei muitos dos homens dos Clãs MacDonald e Comming, entre outros.

— Não mencionou esse número antes, apenas duzentos e cinquenta. Uma pequena parte do seu total.

— Muitos ainda estão em treinamento. Enviarei trezentos e cinquenta. Liberte meu irmão com a promessa de nenhuma retaliação por agir como qualquer Highlander com honra faria.

Um longo silêncio se seguiu antes que o rei falasse novamente.

— Libertem-no, guardas.

Os guardas recuaram e Alex Grant baixou sua espada.

O rei fulminou o grupo com o olhar.

— Nos encontramos em minha câmara.

CAPÍTULO SEIS

O sentido da vida

Celestina estava sentada na beira de uma cadeira almofadada do lado de fora da porta fechada da câmara do solar, onde foi instruída a esperar. Dois guardas estavam de pé em cada lado dela. Suas mãos torciam as saias pela centésima vez. Em breve, começaria a deixar buracos no delicado tecido. Ela ouvia atentamente a discussão que acontecia atrás das portas fechadas. As palavras ocasionalmente eram abafadas, mas conseguia entender a maior parte da conversa.

A voz de Brodie ecoava fortemente sempre que ele falava.

— Sua graça, eu peço respeitosamente a mão de Celestina em matrimônio.

— Não deveria dirigir esse comentário ao pai da moça, Grant?

Celestina paralisou. Brodie queria se casar com ela. Ele estava louco? Por que ele queria ter algo a ver com ela ou sua família após aquela cena vergonhosa? Ela corou ao se lembrar do breve roçar de seus lábios contra os dela. Seus lábios eram quentes e macios, não nojentos e cheios de baba como os de seu noivo.

— Hesito em falar ou chegar perto dele novamente, senão posso ser compelido a agarrá-lo pela garganta — Brodie declarou.

A imagem de Brodie segurando seu pai em um estrangulamento nunca sairia de sua mente... não importava o que acontecesse. A moça teve que conter o sorriso que ameaçava explodir em seu rosto quando pensou em seu pai sob o controle de outro homem. Ele não era tão ameaçador com a traqueia apertada.

— O que você poderia querer com minha filha? Ela é uma tola. Está prometida a outro, mas mesmo que esse não fosse o caso, eu nunca permitiria que o senhor a tivesse. Embora ela merecesse, a ingrata. Os dois seriam bem compatíveis. No entanto, lorde Ivarsson e eu temos um acordo e não permitirei que ninguém interfira, muito menos um Highlander.

A próxima pergunta do Rei Alexander era claramente para lorde Ivarsson.

— Ainda está interessado em prosseguir com este matrimônio? Ou está disposto a renunciar aos seus direitos?

— Não, não renunciarei aos meus direitos neste matrimônio. Ela está prometida a mim.

Laird Grant falou em seguida.

— Por que não perguntamos à moça quem ela prefere? Embora eu respeite suas razões para ganho político; em meu clã, tentamos encontrar uniões que sirvam a ambas as partes. Proponho que a convidemos e ouçamos sua preferência. Meu irmão merece a chance de uma proposta adequada. Por que não ver se ela aceitará ou recusará a corte dele? Nas Terras Altas, ela tem esse direito.

Seu coração deu um pequeno salto diante da pequena possibilidade de que seu rei fizesse como Grant sugeriu, embora ela suspeitasse que seu pai nunca permitiria. Ele nunca pediu sua opinião sobre nada em sua vida. Por que começaria agora?

A voz do pai reverberou pelas paredes, confirmando seus medos.

— De jeito nenhum. Minha filha não tem voz nisso. *Eu* escolherei seu companheiro. Nem pense em sugerir tal coisa a ela. Sua mente é inútil e sem valor.

Ela ficou olhando para as pontas dos dedos novamente, magoada, embora é claro, não surpreendida, pelas palavras dele. Sua testa se franziu quando outro pensamento surgiu em sua mente. Ela se esqueceu de tudo isso na excitação do momento. Seu pai a chamara de prostituta no corredor,

não foi? Ele dissera que ela era uma prostituta, assim como sua mãe. O que ele quis dizer com isso? Nunca o ouvira falar muito sobre sua mãe antes; era quase como se ela não tivesse existido. Seria esse o motivo? Ela havia estado com outro?

Celestina ponderou essa possibilidade. Depois de um momento, decidiu que não poderia culpá-la se fosse verdade. Como sua mãe poderia ter vivido com um homem tão desagradável sem desejar algo melhor? Não se lembrava de vê-los juntos com frequência, então não conseguia se recordar se ele a tratava bem ou não, mas a maneira como ele tratava Celestina certamente indicava o último.

A voz de Ivarsson ecoou em seguida.

— Não renuncio aos meus direitos. Ela é minha prometida e o matrimônio acontecerá exatamente como planejado... em quatro dias.

Assim, a pequena chama de esperança que floresceu no coração de Celestina morreu.

A esperança de Brodie praticamente morreu. Seja qual fosse o envolvimento nesse arranjo, fosse dinheiro ou ganho político, ele sabia que não tinha chance. Ele não era um barão, um conde ou sequer um laird. Claro, o rei o rejeitaria.

Mas, embora tivesse recusado o pedido de Brodie por Celestina, o rei solicitou que ele permanecesse como parte de sua guarda. Ele nem sabia se ainda queria fazer isso, mas sabia de uma coisa que queria. Ele não teria arrependimentos.

Ele se virou para o rei antes de sair.

— Solicito alguns momentos a sós com a dama, vossa graça.

— Nunca! — o barão protestou.

— De jeito nenhum! — As palavras de Ivarsson ecoaram a veemência do barão.

O rei sorriu.

— Senhores, cuidado com as línguas. Não vejo motivo para recusar o pedido de Brodie, isso, se a dama concordar.

O barão marchou pelo corredor e sussurrou para a filha.

— Você não encontrará esse homem sozinha. Não permitirei.

Celestina saltou da cadeira e encarou Brodie por cima do ombro do pai.

— Peço perdão, Pai. Não entendo.

O rei parou na frente dela e segurou sua mão.

— Meu guerreiro solicitou alguns momentos a sós com a senhorita, mas apenas se a senhorita concordar. Seu noivado permanece e o matrimônio acontecerá em quatro dias. Gostaria de falar com o rapaz em particular, minha cara?

— Não, você não fará isso. Entendeu, Celestina? — Os olhos de seu pai penetraram nos dela.

— Silêncio, Barão. Sei que esta é uma circunstância altamente incomum, mas a escolha é dela, não sua. O homem é um guerreiro e um sargento do castelo real. Não precisa se preocupar com sua segurança. Um membro da Igreja Celta também estará presente. — O rei cruzou os braços e aguardou sua resposta.

Brodie permaneceu dentro do solar, esperando que ela tivesse forças para enfrentar o pai. Ele só precisava falar com ela antes de deixá-la ir. No entanto, entenderia se ela recusasse. Seu pai certamente a puniria por desobedecer a seus desejos.

Celestina o encarou por um longo momento antes de se virar para o rei.

— Sim, aceito, meu rei.

Sua resposta fez o coração de Brodie se elevar. Cinco minutos. Ele tinha certeza de que cinco minutos seriam

suficientes para obter uma resposta para sua pergunta. Seriam adequados um para o outro?

Assim que o Padre Padraig chegou, Celestina entrou na sala, que os outros já haviam deixado, e o guarda fechou a porta atrás dela. O Padre Padraig caminhou diretamente para a janela e ficou ali em silêncio, ignorando-os. As mãos de Celestina torceram os elos de seu cinto enquanto seu olhar encontrava o dele. Senhor, mas a moça era uma visão de beleza. Seu sorriso, suas curvas luxuriantes, seus lábios rosados o provocavam. Ele só conseguia pensar em segurá-la em seus braços, em uma cama macia, e acariciar cada centímetro de seu doce corpo.

Brodie se aproximou dela e estendeu a mão. No início, ela hesitou, mas depois segurou sua mão na dela.

— Sinto muito, moça. Eu tentei. Pedi peça senhorita, mas meu pedido foi rejeitado. Sabe, o rei me recusou porque não tenho nada a lhe oferecer. É provavelmente para o melhor. A senhorita terá muitas riquezas e servos como esposa de Ivarsson.

Ela ergueu e colocou um dedo nos lábios dele antes de sussurrar:

— Não, nunca diga uma coisa dessas. Eu preferiria mil vezes me casar com o senhor do que com aquele homem. — Sua mão caiu ao lado do corpo. — Preciso agradecer por ter vindo em meu socorro. — As pontas dos seus dedos roçaram o pequeno corte em seu pescoço. — E peço desculpas pelo modo como foi tratado em meu nome. Meu pai é um tolo.

Brodie sorriu, inspirando um perfume de flores e algo que ele só poderia identificar como Celestina. Ele mergulhou nos olhos azul cor da meia-noite dela, uma cor mais profunda do que ele já tinha visto antes, com flocos de prata cintilando neles. Cachos dourados adornavam seu rosto, e ele ansiava por passar os dedos por essas madeixas brilhantes. Ele lutava para ouvir tudo o que ela dizia, para memorizar sua voz, sua aparência, tudo sobre ela.

A moça corou de leve antes de falar tão baixo que precisou se inclinar para ele.

— Devo lhe implorar um favor, meu senhor.

— Sim, qualquer coisa.

— O senhor me beijou brevemente no corredor, mas as circunstâncias não eram as melhores. Poderia me beijar novamente? Eu preciso saber.

Brodie, mais do que feliz em atender, acariciou a bochecha dela com o polegar e a beijou ternamente. Ela tinha um gosto de pura doçura, tão doce que ele se perdeu em questão de segundos.

Uma batida na porta soou e ele interrompeu o beijo. O tempo deles tinha sido curto demais, mas foi o suficiente. Por agora, ele sabia sem dúvida alguma.

Estavam destinados a ficar juntos.

CAPÍTULO SETE

Os ventos da mudança

Uma hora depois, os Grant partiram para seus aposentos no andar de cima do castelo, e Celestina aguardava o pai no corredor principal, não muito longe do solar do rei. Muitos dos nobres já haviam saído no caos, mas alguns estavam saindo agora, questionando os funcionários à medida que partiam, ansiosos para descobrir todos os detalhes sórdidos do que aconteceu.

Sentada em uma cadeira estofada, com as mãos unidas no colo, ela ouvia os sussurros e conversas enquanto as pessoas passavam, recusando-se a fazer contato visual com ela.

Um homem e uma mulher seguiam pelo corredor, tão envolvidos em seu mexerico que não a viram. A mulher mais velha disse:

— Ouvi dizer que os guerreiros das Terras Altas tentaram matar lorde Ivarsson e o barão. A cozinheira disse que eles queriam sequestrar a filha do barão.

O homem se inclinou em direção ao ouvido dela e sussurrou:

— Sim, eles queriam levá-la para as Terras Altas e casá-la com alguém que não tem nada. Consegue imaginar? A garota deve ser a esposa de um homem muito rico e precisa fazer o que é melhor para a coroa. Imagine as joias que ela usará e as festividades que participará. — O homem fez um som de desaprovação com a língua diante da suposta absurdez da situação.

A mulher concordou.

— A pobre moça deve ter ficado morta de medo com a ideia de ser sequestrada.

Ela reprimiu uma risada amarga. Se soubessem a verdade da situação, ficariam chocados. Celestina teria

fugido com Brodie Grant a qualquer momento em vez de se casar com o homem lascivo a quem estava prometida.

Uma porta bateu e, de repente, seu pai desceu o corredor em direção à entrada principal.

— Siga-me, Celestina. Finalmente estamos autorizados a partir. Por favor, certifique-se de manter o ritmo. — Em vez de encontrá-la com os olhos, ele olhava diretamente para frente.

Um grupo de cinco guardas os seguiu até os cavalos e o carro no pátio interno. O barão parou de forma abrupta, e Celestina quase esbarrou nele.

Ignorando-a, ele se virou e encarou o primeiro guarda.

— Por favor, pare de me seguir.

— Nossas ordens são para acompanhar a dama até sua casa, barão Lunde.

Celestina deu um passo para trás quando os olhos de seu pai se arregalaram.

— O quê? Vocês não irão nos acompanhar até minha casa. Eu me recuso. Afastem-se. Agora.

O guarda ao qual ele se dirigia permanecia ao lado dos cavalos, recusando-se a permitir que o barão montasse em seu corcel. Os outros quatro montaram nos cavalos que foram trazidos para eles e se alinharam atrás da carroça.

— Não permitirei isso. Estão me ouvindo? — Os olhos de seu pai saltavam enquanto as mãos se cerravam em punhos ao lado do corpo.

Novamente, silêncio.

Seu pai se virou depressa e marchou pela porta principal do castelo, indo direto para o solar do rei. Celestina quase teve que correr para acompanhá-lo. Ela ocupou o assento estofado novamente e pigarreou enquanto os servos no corredor pararam para ouvir o barão desabafar com o rei. Nunca poderia ter imaginado uma viagem tão dramática ao castelo real.

A voz de seu pai ecoava pelas paredes.

— Não preciso daquelas guardas comigo, meu rei. Tenho certeza de que os Grant não nos incomodarão. Por favor, remova-os.

O rei respondeu calmamente.

— O senhor não tem escolha nessa decisão. Não permitirei que um de meus súditos inocentes seja maltratado antes de seu matrimônio. Seu tratamento para com sua filha é vergonhoso.

Celestina corou e fez o possível para esconder o sorriso, embora ninguém lhe desse atenção. Ela não ouviu nada por alguns momentos, então a voz tranquila de seu pai chegou aos seus ouvidos.

— Peço desculpas. Prometo tratar Celestina com a máxima gentileza. Agora, por favor, remova-os.

— Não vou fazer isso. Após o tumulto que acabou de ocorrer em meu castelo, eu deveria enviar mais guardas com ela. Eles irão guardar Celestina, que atualmente tem grande valor para minha corte. E devo acrescentar que estou me cansando de sua atitude, barão Lunde. Tenho outros deveres. Agora vá, como ordenei, ou posso considerar deixar Celestina permanecer no castelo real sob minha proteção até seu matrimônio.

O rosto chocado de seu pai passou rapidamente por ela enquanto ele seguia em direção ao cavalo, ruborizado e determinado. Quando ele montou sem dizer uma palavra, ela soltou um suspiro silencioso de alívio e subiu na carroça com a ajuda de um dos guardas, embora o fato de ele ter montado a cavalo e não na carroça não fosse um bom presságio para ela. Ele parecia ter finalmente aceitado a situação. O pai não falou com ela durante todo o trajeto de volta para casa, e ela seguiu diretamente para sua câmara após o retorno.

Uma vez instalada em sua câmara, olhou pela janela, ainda tentando lidar com as emoções tumultuadas do dia. Difícil de acreditar que havia tentado acabar com a própria vida não fazia muito tempo. Sua vida foi virada de cabeça

para baixo, torcida, amarrada e lançada ao vento em um curto período de tempo. Lições diárias de decoro e obediência, estrutura e submissão, haviam sido superadas por algo para o qual ela não tinha treinamento e estava despreparada para lidar: o amor.

É claro, sua memória se agarrava a fragmentos do amor de sua mãe, para onde ela sempre retornava em momentos de tristeza e dor, mas ela aceitou há muito tempo que seu pai não a amava. A dor dessa dura realização construiu barreiras ao redor de seu coração. Ela sobreviveu todos esses anos por causa dessas barreiras, e não tinha certeza se poderia fazer isso sem elas.

Agora estava mais assustada do que nunca. Por quê? Por causa da rachadura que Brodie Grant acabara de fazer em sua armadura. Ele fez isso muito rápido e facilmente. Como ela lidaria com esse fato? Ele a tocou com tanta gentileza e cuidado... fazendo-a sentir, pela primeira vez, que valia alguma coisa. Como alguém responde a um homem como Brodie? Perdida neste mar de emoção recém-descoberta, fechou os olhos e se permitiu se lembrar dele. Se ela cimentasse a essência dele em sua memória, talvez tornasse a vida com seu futuro marido mais suportável.

Brodie cheirava a frescor esta noite, a sabão e madeiras, e um pequeno pedaço do paraíso. O toque de seu polegar na bochecha dela deixou para trás uma onda de calor que causava estragos em seus sentidos. Seus lábios nos dela derreteram sua resistência instantaneamente, provocando uma linha de desejo ardente que percorreu o interior dela e transformou sua mente em purê. Seu âmago buscou por ele, quase desejando puxá-lo para dentro de si e mantê-lo lá para sempre.

Para Brodie Grant, a existência de Celestina importava. Ela tinha certeza de que ele se importava com ela. Caso contrário, nunca teria lutado por ela como fez, enfrentando

seu pai, seu noivo e seu rei. Ele era honrado e corajoso por ter feito o que fez.

Por quê? Por que um belo jovem Highlander iria querê-la? Ela não tinha valor além da nobreza de seu sangue. Por que ele arriscaria perder a vida para salvar a dela? Ele a viu na janela, sim, mas isso não respondia à pergunta. Depois que seu pai lhe disse repetidamente que ela não tinha valor, estava tendo dificuldade com o conceito de um rapaz querendo-a pelo que ela era.

Uma batida suave interrompeu seus pensamentos. Quando ela autorizou o intruso a entrar, ficou bastante surpresa ao ver Padre Padraig parado em sua porta.

— Entre, Padre, por favor. — Ela se dirigiu à porta e o conduziu até a única cadeira em sua câmara. Inga veio correndo atrás dele.

O Frei Padraig acenou para ela.

— Minha dama, nosso rei me pediu para verificar seu bem-estar, e vim fazer o que ele pediu. Seu pai não permite que a senhorita saia desta câmara, então receio que tive que vir até aqui. — Ele sorriu enquanto se sentava. — Por favor, criança, sente-se. Sua noite foi muito perturbadora, e um grande dia está em seu futuro. Por favor, relaxe.

Celestina sentou-se na cama, arrumando as saias como lhe foi ensinado a fazer. Ela fez um gesto para que Inga se acomodasse ao seu lado, mas a moça permaneceu encostada na parede, com as mãos unidas na frente do corpo.

— Padre, estou bem. — Ela pensou cuidadosamente antes de expressar sua próxima pergunta. — O senhor sabe como o jovem Grant está? Ele está se recuperando de seu ferimento?

Padre deu uma risadinha.

— Brodie? Ah, moça, ele é um rapaz resistente. Não se preocupe com ele. Ele já recebeu golpes mais duros de seus irmãos, acredite em mim.

Quando Celestina arregalou os olhos, as mãos dele voaram em um gesto de súplica.

— Não, moça, quero dizer nas lutas. Seus irmãos nunca o machucariam de maneira intencional, mas eles praticam esgrima diariamente. É o que os Highlanders fazem de melhor, e é por isso que o rei precisa dos guerreiros do clã Grant. Os três guardas do rei não machucaram Brodie Grant fisicamente; a única coisa que eles machucaram foi o orgulho do jovem. Juro que ele teria despedaçado os três homens com as próprias mãos se aqueles golpes tivessem sido direcionados a senhorita.

Celestina corou e olhou para as mãos unidas em seu colo.

— Ele foi um homem corajoso por lutar por mim, Padre.

— Sim, ele está bastante encantado com a senhorita, moça.

Sua cabeça se inclinou enquanto ela olhava para seu convidado.

— Encantado comigo? Eu não entendo.

— Celestina, a senhorita tem sido bem protegida. O jovem sente afeição pela senhorita, e julgando por suas ações esta noite, é uma afeição forte.

Uma longa pausa preencheu o ar enquanto esse pensamento se instalava em sua mente. Embora ela já tivesse percebido que Brodie devia ter sentimentos por ela, essa confirmação fez seu coração pulsar e os seios se incharem em seu espartilho, embora ela não soubesse o que fazer com qualquer uma das sensações.

— E a senhorita retribui os sentimentos dele? — Padre Padraig sussurrou.

Ela ergueu o queixo para encarar o teto.

— Se eu o fizesse, nada poderia resultar disso. — As lágrimas ameaçavam escorrer por suas bochechas, mas ela se forçou a contê-las. — O senhor estava lá, Padre. Meu matrimônio foi arranjado. Devo me casar com um homem muito mais velho que eu e muito menos gentil que os

supostamente rudes Highlanders. Sim, meu prometido é atraente, mas isso não é o que realmente importa para mim. Ironicamente, não é?

Padre Padraig estendeu a mão para acariciar suas mãos.

— É o seu compromisso o motivo pelo qual tentou tirar a própria vida?

Celestina olhou para as mãos, incapaz de olhar nos olhos do padre. Ela assentiu brevemente e enxugou as lágrimas dos olhos.

Ele levantou o queixo da moça para que ela olhasse para ele.

— Promete para mim não fazer isso de novo? A senhorita sabe que o Senhor a ama. Às vezes, enfrentamos dificuldades em nossas vidas que não entendemos. Anos depois, a senhorita pode vir a entender. Percebo que este é um momento confuso, mas eu e Inga a amamos muito, mesmo que possa parecer que a senhorita está sozinha.

A bondade e a preocupação em seus olhos perfuraram a barreira bem construída em torno de seu coração. As lágrimas escorreram por suas bochechas enquanto ela concordava com a cabeça. Podia ouvir os soluços de Inga antes de sentir os braços de sua amiga a envolverem.

O padre se levantou e se virou para sair, mas então voltou-se para ela.

— Isso será difícil de entender agora, em um momento como este, mas a senhorita deve depositar sua confiança no Senhor. Ele tem maneiras de cuidar de nós de uma maneira que nunca saberemos. Às vezes, a rota mais direta nem sempre é a melhor. Confio que os ventos mudaram e estão começando a soprar em sua direção. Infelizmente, algumas coisas levam tempo, minha querida.

Celestina observou o padre sair de sua câmara. Um sentido de paz o seguiu e ela permitiu que a envolvesse. Braços calorosos a envolveram e um sussurro de brisa passou por seu ouvido.

— Confie em mim.

Brodie estava sentado com seu irmão em um solário privativo no segundo andar do castelo real. Seus ombros estavam curvados e ele estava acomodado em uma cadeira em frente à lareira, com uma perna cruzada sobre o joelho oposto. A derrota parecia iminente, mas o relacionamento de Alex com sua esposa, Maddie, foi muito difícil no início.

Um fogo caloroso crepitava na frente dos irmãos. Brodie olhava para as chamas como se a resposta que ele precisava estivesse queimando dentro delas. Alex estava reclinado em um sofá, com as pernas esticadas sobre todo o comprimento do móvel. Ele parecia confortável, algo que Brodie raramente via agora que Alex era o laird.

— Não foi como eu esperava — Brodie finalmente quebrou o silêncio, ansioso para ouvir os pensamentos de seu irmão.

— Não, não foi, mas sua cabeça quente atrapalhou. Você é rápido demais para reagir. — Alex observou o irmão mais novo com um sorriso contido no rosto. — É o jeito de um homem confuso por sua reação a uma moça.

— Ah, e o que você teria me aconselhado a fazer? Você viu o homem abusar da filha na frente de todos nós! Ele não está certo da cabeça e é muito tolo para se envergonhar.

— Lamento dizer isso, mas essa situação vai levar algum tempo para ser resolvida. Logo estaremos em guerra, e o caos reinará. Talvez, após o matrimônio acontecer, e o dinheiro mudar de mãos, o destino possa mudar a seu favor. Você precisa ter paciência.

— Não posso ser paciente. Não quando a moça está sendo tão maltratada. Ela é inocente em tudo isso, apenas um peão. Não, eu não poderia continuar a vê-la sofrer.

— Você não ajudou a situação. Eu notei as circunstâncias assim como você, mas meu plano para ajudar teria se desenrolado em um ritmo muito mais lento. Seus instintos falaram mais alto. — Alex sorriu.

Brodie se levantou da cadeira.

— O que diabos isso significa?

— Significa que você está do mesmo jeito que eu estava com a Maddie. Eu não conseguia ouvir razão quando se tratava dela. Eu grunhia e rugia o suficiente para assustar a moça.

Brodie riu e sentou-se novamente.

— Sim, é verdade. Foi uma maravilha que a moça tenha se aproximado de você. Você lembra da vez nas justas, quando ela veio agradecer por você tê-la salvado? — Brodie parou para rir novamente. — Ela não parava de agradecê-lo por não machucar ninguém em seu nome. Ela lhe deixou completamente confuso. Você mencionou o que aconteceria se os dois homens viessem buscá-la. Sua voz foi ficando mais alta e mais alta até que você gritou *Ninguém jamais a tocará novamente*. A Maddie virou as costas e fugiu. Você rugiu tão alto que todos os guardas pararam o que estavam fazendo para lhe encarar depois que ela saiu. — Brodie riu tão alto que teve que mudar de posição para ficar confortável.

Alex riu.

— Oh, então quase tive meu braço decepado ao lutar contra você e Robbie depois que ela saiu.

— Ela ainda faz isso.

— Faz o quê?

— Sai de perto quando você começa a gritar.

— Sim, eu sei disso. E fico feliz com isso também. O ponto é que, quando conheci a Maddie, não conseguia me controlar. A moça me deixou maluco. Ainda deixa.

Brodie virou a cabeça para o irmão.

— Quando você soube?

— Soube de quê? — Alex perguntou enquanto apoiava a cabeça de volta no macio almofadado do sofá.

— Quando soube que a Maddie era a pessoa certa? — Brodie girou o copo de uísque, esperando que o líquido ardente tirasse sua mente de sua perda.

— Oh, você fez uma pergunta difícil, irmão.

— Pense, você consegue? Você soube quando a conheceu pela primeira vez? Ou foi mais tarde, depois que ela veio para o castelo?

— Humm. — Alex olhou para o teto antes de responder.

— Uma parte de mim soube imediatamente, mas eu não queria admitir. Nunca quis admitir para mim mesmo que uma moça pudesse me controlar do jeito que ela fez - do jeito que ainda faz.

— Controlá-lo?

— “Controlar” é a palavra errada, talvez. Ela se tornou uma parte tão grande de mim que influenciava minhas decisões sem eu nem perceber.

Alex encarou o líquido âmbar em seu copo antes de dar outro gole.

— Então, quando você soube? — Brodie o pressionou.

— Você já está em apuros, irmão, porque não vai ouvir razão quando se trata da sua moça. Reagiu instintivamente hoje à noite, e é exatamente o tipo de reação que pode matá-lo. Tenha cuidado. — Ele inclinou a cabeça para trás e sua testa se franziu em pensamento. Após um momento, ele disse: — Eu deveria ter sabido depois que a salvei de seu meio-irmão e a carreguei em meus braços pelo túnel. Maddie mal conseguia andar. Foi a primeira vez que coloquei os olhos na moça, mas algo aconteceu dentro de mim quando a carreguei, quando notei seu rosto machucado, e não era raiva e nojo por quem a machucou daquela maneira. Era algo muito mais profundo. Era diferente com Maddie. Sempre foi.

— Você sabia então que se casaria com ela?

— Oh, não. Lutei contra isso o tempo todo. Nunca quis admitir como ela consumia minha mente e todo o meu ser, mas ela fez isso desde o início.

— Então, quando você soube que a amava?

Alex revirou os olhos.

— Agora você está soando como minha esposa. Homens não discutem a ideia de amor.

— Sim, nunca me importei até agora, mas estou lhe perguntando, irmão. Quando você soube com certeza que ela era a única?

— Humm. — Alex olhou para as chamas. Depois de alguns momentos, um sorriso iluminou seu rosto e ele balançou a cabeça. — Você vai saber, rapaz.

— Como?

— Vai saber quando quiser que ela esteja por perto o tempo todo, quando só conseguir pensar em tocá-la, e...

— E o quê?

Alex sorriu.

— Quando você quiser mais. Quando, não importa o quanto ela lhe dê, você sempre quiser mais. Você vai querê-la por perto durante o dia, querê-la ao seu lado à noite, e querer vê-la quando acordar todas as manhãs. Você só vai querer mais.

Brodie absorveu os pensamentos de seu irmão enquanto revisava sua experiência com Celestina.

— Bom, parece que pode haver problemas.

Alex virou a cabeça para olhar para o irmão.

— Por quê?

— Porque depois de apenas cinco minutos com a moça, tudo o que eu quero é mais.

— Sim, eu sabia disso. Vai ser difícil, com certeza.

— Por quê?

— Porque a única maneira que vejo de libertá-la é sequestrando-a depois que ela se casar com Ivarsson. E é melhor você esperar que nosso rei esteja desesperadamente precisando de nossos guerreiros para perdoar tal crime contra a coroa.

O rosto de Brodie caiu em desespero em suas mãos, pois ele sabia que seu irmão estava certo.

CAPÍTULO OITO

Promessas, Promessas

Duas noites depois, Brodie se arrastava ao redor do lado de fora da casa da torre. Habilidoso em furtividade após anos de treinamento, seu objetivo logo estava à vista. Os guardas do rei não o preocupavam; depois de observar os três guardas junto ao muro de pedra frontal, sabia que cada um deles havia tomado uns goles a mais de cerveja. Dentro do pátio não era diferente; os cantos bêbados dos rapazes ecoavam pelas árvores. Não era de admirar que o rei estivesse ansioso pela chegada dos guerreiros de Alex para proteger o castelo. Esses homens eram mal treinados.

Ele deu um nó na corda que carregava e a lançou para cima na árvore de carvalho. Por sorte, a corda pegou um galho sólido no primeiro arremesso. Testando seu peso, Brodie decidiu que o sustentaria e subiu pela corda até a janela da torre. Determinado a não assustar a moça, ficou por um momento na luz direta da lua depois de subir até a beirada da janela, esperando que ela o reconhecesse e não gritasse.

— Celestina? — Seu sussurro ecoou na câmara quieta. Ela estava dormindo de lado, e ele pôde perceber que sua respiração seguia um padrão suave e profundo. Esperou, olhando ao redor de sua câmara, notando coisas que havia perdido antes. A moça não tinha nenhum dos itens que alguém de sua posição normalmente teria. Sem grossas cobertas de pele na cama ou na janela, sem belos tapeçarias nas paredes. As palhas no chão não eram trocadas há muito tempo. O jarro e a bacia em sua mesa eram velhos e lascados. Ele repetiu seu nome e sua respiração mudou.

Celestina, claramente assustada, sentou-se na cama e pausou, permitindo que sua visão se ajustasse à escuridão.

— Celestina, sou eu, Brodie — sussurrou ele. Ela esfregou os olhos e finalmente o chamou.

Desfrutando de sua beleza à luz da lua, Brodie entrou na câmara e sentou-se na beira da cama, acariciando a coberta gasta.

— Moça, se quiser que eu vá embora, é só dizer e eu vou. — Ele prendeu a respiração enquanto esperava sua resposta.

Ela puxou os joelhos para perto do peito, a fina coberta ainda enrolada ao redor dela, e apoiou o queixo neles. A moça sorriu e, puxando-o para mais perto com seu olhar tímido.

Seus sussurros acariciaram o ouvido dele.

— Por que está aqui, Brodie Grant? Temo por sua vida se meu pai descobrir sua presença. Está ciente dos guardas extras, não está?

Ele se aproximou dela na cama e alcançou sua mão. Tinha que tocá-la; ele simplesmente tinha que sentir a pele macia próxima à sua. Inspirou seu aroma floral antes de responder. — Os cinco minutos que compartilhamos não foram suficientes para mim, moça. — Ele sorriu quando ela apertou sua mão.

— Nem para mim. Devo agradecer novamente por tentar me salvar de meu pai. — Ela passou o polegar sobre os pequenos ferimentos abertos nos nós dos seus dedos. — o senhor está machucado. Isso aconteceu no castelo do rei quando tentou me proteger de meu pai? Não dói?

— Sim, é de então, mas não sinto dor. — Ele viu o brilho em seu olhar à luz da lua e se perguntou o que ela estava tramando. — Não é nada.

Puxando-o para mais perto, ela levou sua mão aos doces lábios e beijou cada dedo.

— Talvez, não seja nada para o senhor, mas para mim é. Seus dedos são preciosos e desejo aliviar sua dor. — Quando terminou, ela soltou a mão dele e deixou suas pernas dobradas, balançando-as para fora das cobertas.

A camisola branca estava desgastada, mas ela parecia incrivelmente bela. Ela se sentou ao lado dele e colocou as mãos em cada lado dela na cama.

— Como eu gostaria que as coisas pudessem ser diferentes, Brodie Grant.

— Sim, eu também, Celestina. Temo que sua beleza me assombrará todas as noites até o dia em que eu morrer.

Ela riu e virou-se para ele, mas ele colocou o dedo em seus lábios.

— Shh, não queremos que os guardas nos ouçam.

Ele não tinha percebido o quanto estavam perto quando olhou para os lábios rosados dela e percebeu que estavam apenas a alguns centímetros de distância dele.

— Moça, o que fez comigo?

Ele acariciou o rosto dela e cobriu os lábios com os seus. Impotente contra a doce sereia, teve que prová-la novamente. Pressionou a língua na junção de seus lábios e ela se abriu para ele. Um pequeno gemido irrompeu antes que ele pudesse sufocá-lo. Brodie alcançou sua cintura e a puxou para perto. Ela não usava nada por baixo do vestido e os seios pressionaram contra seu peito, acendendo um fogo nele que ameaçava seu controle. Como ele a queria, ansiava por fazê-la sua. Ela fez um pequeno som de gemido enquanto ele inclinava a boca sobre a dela, possuindo-a.

Ele recuou e encostou a testa na dela, contente em ouvir a respiração ofegante que ela tentava esconder.

— Saiba que eu a quero com cada fibra do meu ser, Celestina. Não há nada mais que eu queira nesta terra além de fazer de você minha. Se ao menos o rei tivesse aprovado meu pedido.

Ele segurou o rosto dela novamente e viu as lágrimas se acumularem em seus olhos. Ele as beijou.

— Não, por favor, não chore. Eu não suportaria.

— Brodie, não quero me casar com Fredrik Ivarsson. Ele me assusta. Leve-me embora. Vou fugir com você para qualquer lugar.

— Moça, não posso fazer isso. O rei me enforcaria. Estamos quase em guerra com os nórdicos. Ele nos encontraria. Há muito em jogo em seu matrimônio.

— Por favor, Brodie — ela sussurrou. — Faça-me sua. Se devo me casar com ele, por favor, não permita que ele tire minha virgindade.

Brodie recuou para olhar nos olhos dela – seus olhos azuis suplicantes e lindos.

— Pense no que está pedindo. Celestina, não posso arriscar que nada aconteça com você. O que Ivarsson e seu pai fariam se descobrissem que você não é mais virgem?

— Talvez me libertassem desse pesadelo.

— Ou a espancariam, ou algo pior. Não poderia viver comigo mesmo se algo acontecesse com você.

— Então me leve com você, por favor.

— Shh, Celestina — sussurrou ele. — Nada me faria mais feliz do que fazer de você minha esposa. Alex acredita que a guerra é iminente e o rei precisa do apoio de Ivarsson. Ele diz que seria melhor se você se casasse com ele. O homem prometeu ao rei que ele e muitos outros nas Ilhas Ocidentais apoiarão os escoceses se ele se casar com você. Seu pai precisa do dinheiro de Ivarsson, e o rei quer as galeias e precisa do apoio das ilhas contra Haakon. Ele não pode vencer sem o apoio deles. Case-se com ele para que tudo isso aconteça, depois de um curto período, eu a roubarei. Você está disposta a ir comigo para as terras dos Grant?

— Sim, irei a qualquer lugar com você.

Sua súplica tornou difícil para Brodie pensar claramente.

— Mas, moça, você me quer, ou apenas quer que eu a leve embora? — Com medo de ouvir sua resposta, ele prendeu a respiração.

Ela ergueu a mão para acariciar sua bochecha.

— Brodie, eu o quero. Eu o amo. Sei que você não acredita em mim porque nos conhecemos há pouco, mas sei o que está em meu coração, e é você. Você é corajoso e

honrado, tão forte, mas seu toque é gentil. Quero que você plante sua semente em mim esta noite.

Brodie fechou os olhos, a única maneira que ele podia pensar.

— Celestina, aqui está meu desejo. Eu a quero, mas não posso arriscar nenhum perigo para a família de meu irmão, e o rei exigiria satisfação se eu a levasse embora esta noite. Preciso que você pense nisso antes de decidir se deitar comigo.

— Brodie, não preciso pensar. Leve-me, faça-me sua.

— Silêncio, moça, me ouça. — Ele levou o polegar até seus lábios enquanto acariciava seu rosto. — Eu farei como você pede sob uma condição.

— Sim, qualquer coisa. Farei qualquer coisa por você. — Ela apertou as pernas com força.

— *Handfast*, a cerimônia escocesa. Devemos realizar a cerimônia escocesa de união primeiro. Não tirarei sua virgindade sem antes me unir a você. Quero fazer isso direito. Prometerei minha vida e meu amor a você, mas deve estar disposta a fazer o mesmo.

— Eu farei isso. Ouvi falar dessa cerimônia. Nada me deixaria mais feliz do que me comprometer com você. — A desesperança nos olhos dela dilacerou seu coração.

— Pense nisso até o amanhecer. Se ainda desejar se unir a mim, deixe uma flor em sua janela e eu virei até você novamente à noite. Preciso que você esteja certa. Celestina? Você fará isso?

— Sim, mas já sei qual será minha resposta. Promete voltar amanhã? — Ela fechou os olhos enquanto se agarrava a ele.

Ele beijou suas pálpebras antes de falar.

— Prometo. Faremos isso do jeito certo. — Ele se levantou e a puxou para si, abraçando-a com força. Ela se encaixava perfeitamente em seus braços. Brodie lhe deu um último beijo e saiu pela janela, desceu pela corda e

assobiou para Nicol, que o ajudara a organizar a visita clandestina, para trazer seu cavalo.

Ele sabia o que precisava fazer, mas como poderia evitar qualquer repercussão por suas ações? Pensaria em algo.

Tinha que pensar.

CAPÍTULO NOVE

Uma noite para recordar

A flor permaneceu na janela durante a maior parte do dia. Celestina a observara inúmeras vezes, preocupada com a possibilidade de que caísse ou fosse levada pelo vento e Brodie não a visse. Sua mente não vacilara nem uma vez. Ela queria ser de Brodie em todos os sentidos, não importava o custo, e isso tinha que acontecer antes do amanhecer.

Inga explicara a cerimônia para ela. A moça era apenas alguns anos mais velha que Celestina e não havia experimentado por si mesma, mas sua mãe e avó haviam lhe contado tudo sem deixar nada de fora. Celestina não estava com medo; ela confiava em Brodie e acreditava que o amava. Embora Inga a tivesse avisado de que perder a virgindade doeria, ela tinha fé em Brodie. Ele tinha sido muito atencioso e gentil com ela, e sabia que ele mostraria essas qualidades como amante.

Guardar sua virgindade para seu noivo a assustava mais do que as possíveis ramificações de não fazê-lo. O ato a repugnava quando pensava em fazê-lo com lorde Ivarsson.

Era o oposto com Brodie.

Ela voltou a andar pela câmara, finalmente parando na mesa de canto com a bacia de água. O fogo na lareira iluminava o cômodo, já que ela ainda não havia acendido uma vela na escuridão da noite. Usando o pano, ela limpou os dentes novamente pela quinta vez naquele dia. Inga entrou na câmara e fechou rapidamente a porta.

Celestina se assustou.

— O que foi, Inga? Posso dizer pelo seu olhar que há algo de errado.

Inga segurou as mãos de Celestina.

— Não, não há nada de errado, mas tem algo acontecendo lá fora. Há uma confusão na frente, mas não acho que envolva os Grant.

De repente, Nicol se esgueirou pela janela ao soltar a corda amarrada na árvore ao lado da torre, e as duas moças se assustaram e se aproximaram uma da outra. Ele hesitou o suficiente para sorrir ao ver as duas se agarrando.

— Quem é ele, Celestina? — Inga riu. Ela se inclinou para sussurrar no ouvido da amiga. — Ele é bonito.

— Meu nome é Nicol e sou amigo do Brodie. Ouçam minhas palavras e apressem-se. — Ele piscou para Inga e jogou um saco para Celestina. — Vistam-se com isso, moças. Não são bonitos, mas não vão chamar a atenção com eles.

Celestina pegou o saco e tirou duas calças curtas e um par de túnicas de lã com dois gorros. Ela sorriu ao vê-los, mas então correu atrás da divisória para trocar de roupa.

— Nicol, por que há dois? Só preciso de um par.

— Grant quer que você venha também, Inga. Se o barão perceber que Celestina está desaparecida, irá diretamente a você em busca de informações. Se você não contar o que eles querem saber, ele poderá machucá-la. O laird não permitirá que isso aconteça. Vocês duas tem que vir.

Inga bateu palmas e deu um gritinho antes de cobrir a boca. Era a coisa mais emocionante que já acontecera com qualquer uma delas em muito tempo. Nicol lhe lançou um olhar severo.

— Cale-se, moça, ou nos entregará. — Adequadamente repreendida, ela correu atrás da divisória e trocou de roupa ao lado de Celestina. Quando terminaram, saíram juntas, rindo de suas aparências.

— Moças, parem, por favor! Precisamos nos apressar ou corremos o risco de sermos descobertos. — Ele afastou as peles, mas antes de subir, conseguiu sussurrar no ouvido de Inga: — Ficou especialmente bem na senhorita, moça.

Celestina sorriu, mas segurou o riso. Será que Nicol gostava de Inga?

Brodie ficou na base da corda e subiu rapidamente assim que ela olhou pela janela. Sua cabeça apareceu por cima do parapeito e ele sorriu.

— Pronta, moça?

Ela assentiu e ele a pegou com uma mão.

— Envolve suas pernas em volta da minha cintura.

Celestina fez o que lhe foi mandado e Brodie deslizou pela corda até o chão, Nicol e Inga desceram logo atrás. Quando ele pousou, Brodie segurou a corda firme para o amigo, mas não antes de se inclinar para dar a Celestina um beijo rápido. Ela envolveu as mãos em seu bíceps, maravilhada com o tamanho de seus braços. Ela nunca viu um homem tão grande antes.

A moça fez uma rápida oração de agradecimento enquanto Brodie a puxava entre as árvores. Quando ele alcançou seu cavalo, ajudou-a a montar e subiu atrás dela, dando uma rápida olhada para trás para se certificar de que Nicol e Inga ainda os seguiam depois de localizarem o cavalo deles. Trotaram por um tempo, depois galoparam no final do caminho. Ela se virou para dizer algo a Brodie, mas ele colocou um dedo em seus lábios para silenciá-la. Ela assentiu e encostou-se nele, saboreando a sensação do vento em seu cabelo e dos braços fortes envolvendo seu corpo no calor especial que só ele conseguia fazê-la sentir.

Quando alcançaram a beira da cidade, mais alguns guerreiros dos Grant se juntaram a eles. Ela pensou que um deles era o irmão de Brodie, Alex, e esperava que isso não causasse problemas entre os irmãos. A última coisa que queria fazer era arriscar a segurança deles... ou de seu clã. Pouco tempo depois, eles atravessaram um grupo de árvores e se encontraram em um pequeno lago. Quando Brodie a ajudou a descer, ela parou para contemplar a água serena. A lua refletia em sua superfície, e estava cercada por rochas pontiagudas. Tentou memorizar cada detalhe

deste lugar bonito; não queria se esquecer jamais o local onde se comprometeu com seu companheiro para toda a vida.

Brodie segurou sua mão, beijou sua bochecha e disse:

— Vamos. Devemos nos apressar. Quero que esta noite dure para sempre, mas infelizmente, não pode ser assim. — Brodie a conduziu para um bosque onde Alex agora estava com Nicol, Inga e outros três guardas. — Moça, nas Terras Altas, o laird não é obrigado a tornar a cerimônia legal, mas é costume em nosso clã que ele testemunhe.

Celestina encarou laird Alex Grant, que era um homem extraordinariamente bonito por si só, mas não tão atraente para ela quanto Brodie. Ela sorriu para ele, incerta do que exatamente ele faria. Nunca fora a uma cerimônia dessas antes, então não tinha conhecimento do que estava por vir. Mesmo que Inga tivesse explicado em detalhes, era diferente experimentar algo pessoalmente.

Brodie ficou ao lado direito de Celestina e segurou sua mão. Os outros formaram um círculo atrás deles.

— Oh, espere um momento, moça. — Ele soltou a mão dela e correu para seu cavalo. Retornou com uma das plaids de seu clã, que estendeu para ela ver. — Pode ser que seja mais bonito do que a calça que você está usando?

Celestina corou e ficou parada enquanto Brodie a envolvia, finalmente jogando a última parte sobre seu ombro. As cores vermelha e verde eram lindas, e ela sorriu radiante para seu prometido, satisfeita por ele ter pensado em trazê-lo consigo.

Alex começou a falar enquanto Brodie terminava de arrumar as dobras da plaid.

— Moça, essa cerimônia é uma promessa de se casar em algum momento posterior. É uma cerimônia escocesa que pode ser feita com ou sem testemunhas. No entanto, devido às circunstâncias especiais em torno de seu noivado com o lorde Ivarsson, eu insisti em ser testemunha da sua

cerimônia com meu irmão. A senhorita tem alguma pergunta?

Ela balançou a cabeça, perdida na emoção do que estava prestes a acontecer. Olhando para o futuro marido, prometeu ser tudo para ele o que uma esposa poderia ser, embora não estivesse completamente certa do que isso envolvia. Seus grossos cabelos castanhos caíam sobre a camisa, e ela queria passar as mãos por eles. Pensou em como seria ter seus braços musculosos envolvendo sua cintura mais tarde e corou.

Alex voltou a falar:

— Esta cerimônia é a de um noivado ou uma promessa. Vocês estão prometendo se casar um com o outro em um momento posterior, mas uma vez que tenham consumado o noivado, são considerados casados. Isso vale tanto para a igreja quanto para a lei escocesa. — Ele olhou de Brodie para Celestina. — Isso está entendido por ambos?

Os dois concordaram com um aceno. Brodie segurou a mão direita dela com sua esquerda, e Alex segurou outra plaid do clã Grant e o enrolou sobre e ao redor de suas mãos.

— Vocês participam desta relação por livre e espontânea vontade?

Brodie respondeu sim e aguardou a resposta de Celestina. Alex prosseguiu depois que ela murmurou um tímido sim.

— Eu uno suas mãos como evidência da união de seus espíritos. Eu as uno no amor e na confiança, e desejo muitos anos felizes e muitos filhos felizes para vocês. Seu amor escolheu um caminho difícil, mas vocês não devem permitir que nenhum homem separe seu amor, pois é um presente de Deus. Nós somos testemunhas deste compromisso. — Alex fez um sinal de cabeça para cada uma das testemunhas.

— Você, Brodie Grant, promete sua palavra a Celestina Lunde na presença de Deus e destas testemunhas?

Brodie respondeu:

— Sim, eu prometo. — Ele apertou a mão dela e sorriu. Cada um de seus sorrisos derrubava um pouco mais da barreira ao redor do coração dela.

— Você, Celestina Lunde, promete sua palavra a Brodie Grant na presença de Deus e destas testemunhas?

Ela sussurrou:

— Sim, eu prometo. — Seu coração voava com a declaração, como se seu espírito estivesse agora realmente unido ao de seu amado. Lágrimas embaçaram seus olhos quando ela olhou para o marido. Imersa na solenidade e importância do ritual, ela se agarrou à sua mão e à sua força, de alguma forma mais consciente do que nunca do verdadeiro significado desta cerimônia.

Alex sorriu.

— Parabéns, agora vocês são considerados noivos um do outro aos olhos do Senhor. — Brodie deu-lhe um beijo casto nos lábios, e Alex se inclinou e beijou a bochecha dela. — Bem-vinda ao Clã Grant, Celestina — ele disse, — e à nossa família também. Todos nós prometemos estar ao seu lado. — Ele então segurou o ombro de seu irmão e o abraçou. — Você escolheu bem, irmão. Muitos dias felizes para vocês.

Depois de algumas lágrimas e muitos abraços, Alex pigarreou e disse:

— Atrás deste grupo de árvores, há uma pequena casa para seu uso nesta noite, se ambos assim desejarem. Ficaremos de guarda daqui, então procuraremos vocês antes do amanhecer para devolver a moça à sua câmara.

Celestina olhou para o chão enquanto seu rosto caiu.

— Então, você vai me devolver afinal, Brodie?

Alex respondeu por ele.

— Sim, eu insisti que ele a devolvesse. É do interesse de todos que seu matrimônio com o barão aconteça. Prometo que a traremos de volta, se ainda desejar, dentro de uma lua após seu matrimônio. Moça, peço desculpas, mas não posso arriscar minha família ou outra guerra. Deixe o

dinheiro mudar de mãos e estaremos em melhor posição para tirá-la de seu noivo. Não se preocupe, cuidarei de tudo.

Inga envolveu o braço ao redor da amiga.

— Sim — ela disse —, isso é muito melhor do que onde você estava há uma semana. Sei que será difícil, mas olhe para frente.

Celestina assentiu.

— Por enquanto, só quero olhar para esta noite. — Brodie beijou sua testa, a envolveu em seu braço e a guiou em direção à casa.

Brodie abriu a porta e a segurou para sua esposa, pois ele não considerava isso um noivado – ele os considerava casados... e esta era sua noite de matrimônio. Celestina atravessou o limiar e olhou ao redor da pequena casa.

— Sei que não é muito, moça, mas é nossa por esta noite. — Ele olhou para as velhas palhas no chão, e a mesa e cadeira rústicas. A cama, apesar de um colchão antigo, fora arrumada com lençóis limpos. Nicol localizou uma loja na pequena vila de Ayr e comprado os lençóis e as velas. Eles passaram um tempo considerável limpando as teias de aranha e a poeira. Agora, com o fogo na lareira crepitando, parecia muito melhor do que quando a encontraram mais cedo no dia.

— Brodie, é a casa mais bonita que já vi.

— Ah, deve ser que você não tenha visto muitas casas.

— Não, eu não vi, mas porque você está aqui, você a torna bonita.

Brodie beijou sua bochecha.

— Eu agradeço, Celestina, mas por favor, não me chame de bonito na frente dos meus irmãos.

Ela riu.

— Você é forte e bonito, mas seu sorriso é lindo para mim.

Celestina tremeu e se aproximou da lareira, já que a noite estava um pouco fresca para o final do verão. Brodie queria lidar com isso da maneira certa. Ele moveu a mesa e a cadeira mais perto das chamas quentes. Uma cesta estava em cima da mesa, e ele tirou um pequeno barril de vinho, um pedaço de queijo e um pequeno pão integral.

— Está com fome, moça? — Ele sentou-se na cadeira e a puxou para se sentar em seu colo. Ela corou até as raízes do cabelo, mas não se afastou. — Está confortável? Pensei que poderíamos conversar um pouco. Não sabemos muito um do outro, não é?

Celestina abaixou a cabeça enquanto partia um pequeno pedaço de pão para mastigar.

— Tenho medo de que não haja muito o que saber sobre mim, senhor.

— O nome de seu marido é Brodie, *leannan*.

Ela franziu a testa.

— O que significa *leannan*?

— *Leannan* é querida em gaélico. — Ela corou e ele continuou, — Me conte sobre seus pais.

— Tudo bem. Minha mãe era a mulher mais doce que já existiu nesta terra. Eu a amava muito, mas a perdi quando tinha por volta de sete verões. Desde que ela se foi, o tratamento de meu pai comigo piorou a cada ano que passou. Não sei por quê.

— Irmãos ou irmãs?

— Não, sou a única.

— Nunca vi um pai tratar uma filha assim. Eu não o entendo. Sinto muito pela perda de sua mãe, Celestina.

— Eu preferiria muito mais falar sobre sua família. Quantos irmãos e irmãs você tem? E seus pais?

Ele não havia pensado nisso, mas a moça ganharia uma grande família.

— Meus pais morreram há quase cinco anos e Alex se tornou chefe de clã, já que é o mais velho. — Ele se inclinou e serviu um cálice de vinho para compartilharem. Ele o

segurou em seus lábios para que ela pudesse tomar um gole da doce mistura que Alex tinha encontrado para eles. — Ah, você vai adorar minha família. A esposa do Alex é a Maddie, e eles têm três filhos, os meninos gêmeos e uma menina. Robbie é o irmão do meio, mas ainda não está casado, e tenho duas irmãs, Brenna e Jennie.

— Terei duas irmãs? Que emocionante. Sempre desejei uma irmã. Conte-me mais sobre elas. — Ela deu um gole no vinho enquanto ouvia, uma expressão de empolgação iluminando seus traços.

— A Brenna tem dois anos a mais do que eu e está casada com Quade Ramsay, que tem dois filhos, um menino e uma menina. Ela é curandeira e está treinando minha irmãzinha, Jennie, que tem doze anos.

Enquanto ele falava, notou que os olhos dela estavam marejados.

— Celestina? Está tudo bem?

Ela assentiu.

— Sim, como eu gostaria que tudo isso pudesse ser real hoje e eu pudesse conhecer suas irmãs. Brodie, você me trouxe para um mundo do qual eu não sei nada. Não sei como ser uma irmã. Na verdade, não sei como ser uma esposa também. Fui tão protegida, que me sentirei perdida em sua casa. Não sei se vou me encaixar com sua família. O que farei? Não sei cozinhar ou tecer. Você vai me ajudar? Estou com medo do que vão pensar de mim.

— Moça, minha família vai lhe amar como eu a amo. Você tem um coração lindo e isso é o que importa. A Maddie e a Brenna vão lhe amar. Não se preocupe com isso. — Brodie segurou suas bochechas e secou suas lágrimas com os polegares. A moça o olhou maravilhada, e ele beijou seus lábios macios. — Você tem os olhos mais lindos que já vi, Celestina. — Beijou-a novamente e brincou com seus lábios com a língua até que ela se abrisse para ele. Enquanto aprofundava o beijo, esperava que ela fosse tímida e reservada, mas não era. Sua língua tocou a dele com uma

única e hesitante passagem, mas aquele único ato lhe disse muito sobre sua nova esposa. Ela seria apaixonada; ele tinha certeza disso. E ela era sua.

Os seios pressionavam contra ele enquanto Celestina envolvia os braços em seu pescoço, puxando-o para mais perto. Provavelmente ele deveria ter diminuído o ritmo, mas não conseguia – por agora, só tinham esta noite juntos. Acariciou e sugou a língua dela, inclinando sua boca sobre a dela, e cada parte disso foi incrível. Seus lábios, tão receptivos, tão responsivos, o faziam querê-la ainda mais. Ele estava duro como pedra sob a manta, provavelmente assustando a moça.

Brodie podia perceber que todo esse mundo de toques e exploração do outro era novo para ela. Bem, poderiam explorar juntos. Os sons roucos em sua garganta lhe diziam que ele desfrutaria cada momento saqueando sua doçura.

Ele recuou com um ofego e beijou seu nariz. Perder o controle agora não era uma opção. Precisava controlar seus impulsos e tornar isso maravilhoso para ela.

— Moça, você entende o que acontece entre um marido e uma esposa?

Ela corou, mas assentiu.

— Sim, a Inga me contou o que a mãe explicou a ela.

Ele suspirou.

— Não quero prolongar isso, mas tem certeza de que é o que deseja? Pode haver problemas com Ivarsson amanhã. — Ele segurou as mãos dela nas suas, acariciando o interior dos pulsos.

— Sim, por favor, Brodie. Não quero dar minha virgindade a ele. Você, você é meu marido. — Ela pensou por um momento antes de voltar seu olhar para o dele. — É tudo que tenho para lhe dar, e escolho você.

Ele assentiu e a levantou do colo.

— Venha, vamos nos mover para cá. — Ele puxou os lençóis na cama e a ajudou a remover as botas e a calça.

Ele não queria tirar tudo tão rápido a ponto de assustá-la, mas a calça tinha que sair.

Ela riu enquanto a tirava. Ele desprendeu o broche da plaid dela e do próprio ao mesmo tempo, para que caíssem ao chão. Então ela o ajudou a remover a camisa e ele ficou na frente dela sem uma única peça de roupa. Desamarrando as fitas de sua camisola, ele a deixou cair no chão também, mas não antes de capturar seus lábios em um beijo devorador, destinado a fazer com que ela esquecesse que estava tão nua quanto ele. Enquanto sua língua provocava a dela, Celestina respondia com um suspiro baixo, e ele a levantou e a carregou para a cama. Entrelaçando os braços em seu pescoço, ela olhou nos olhos dele, com um senso de admiração que ele não esperava.

— Brodie, não fazia ideia de que seria tão bom ter sua pele pressionada contra a minha.

Ele traçou um caminho com a língua até o pescoço dela.

— Juro que você tem a pele mais macia que já vi. — Ele tomou seus lábios novamente e devorou sua boca, inclinando a cabeça para poder saboreá-la ainda mais. As mãos encontraram o cabelo em seu pescoço, e então ela passou os dedos por seus braços, agarrando seus músculos, seguindo um caminho até seus quadris, incendiando-o de um jeito que não parava.

Ela arqueou as costas e o aproximou dela, pressionando os quadris contra seu pênis, fazendo seu sangue ferver e sentir como se perdesse todo o controle. Ela era perfeita, absolutamente perfeita, e ele a queria mais do que jamais quis uma moça. Queria se enterrar dentro dela, sentir o corpo dela acariciar seu membro até não ter mais nada a dar.

Quando ela encerrou o beijo, ele temeu tê-la assustado com sua paixão.

Em vez disso, viu seus sentimentos refletidos de volta para ele nos olhos dela, junto com um toque de admiração.

— Você está bem, moça? Sabe que vai doer um pouco na primeira vez?

— Sim, tenho certeza de que deverá doer. — Ela olhou para baixo para a rigidez dele. — Você nunca caberá em mim, Brodie.

Ele riu.

— Sim, vamos nos encaixar perfeitamente. Confie em mim.

Celestina não entendia todas as sensações percorrendo seu corpo, mas não se importava. Só queria que o marido continuasse. Ele a fitou e ela quase morreu de vergonha, com medo de que ele encontrasse algum defeito nela em algum lugar. Sempre fora chamada de feia, então sua reação instantânea à análise dele foi cobrir-se com as mãos o melhor que pôde.

— Por favor, *leannan*, nunca se cubra. Você é linda demais. — Brodie se inclinou e beijou do pescoço até o seio dela. Ela agarrou os cabelos dele quando o rapaz beijou cada mamilo, depois os lambeu até ficarem molhados e eretos. Ele sugou o mamilo e ela deu um pulo, chocada tanto com o que ele estava fazendo quanto com a maravilha que era. Ela puxou a cabeça de Brodie para mais perto e ele riu.

— Você gosta, meu doce? Deixe-me fazer o mesmo com o outro.

Ele sugou o outro seio até que ela gritasse. Suas unhas agarraram os braços dele e cravaram mais conforme Brodie sugava. Ela não entendia o que estava acontecendo com ela, mas era mais maravilhoso do que qualquer coisa que já tinha experimentado. Fechou os olhos quando ele passou a língua pela barriga dela.

Então ele a beijou lá, e ela deu um pulo.

— Brodie, o que você está fazendo? Isso deve estar errado.

— Silêncio, amor, não há nada de errado entre marido e mulher desde que ambos concordem. Confie em mim e aproveite.

Ela fechou os olhos, todo o seu corpo corado, e agarrou os dedos em seu cabelo como se tivesse medo de soltá-lo. A língua dele tocou o clitóris e ela se empurrou contra ele. Ele lambeu e sugou, acariciando o pequeno botão até que ela se contorcesse de prazer. Ofegante com a própria audácia, ela abriu as pernas para ele, permitindo-lhe melhor acesso ao seu centro. O que ele fez com ela foi pura delícia, pura felicidade, e ela queria mais. Conseguia ouvir a própria respiração ofegante enquanto o calor se acumulava profundamente em seu ventre, uma sensação febril que a empurrou para uma espiral de êxtase. Brodie mergulhou a língua dentro dela e Celestina gritou o nome dele enquanto onda após onda de prazer percorria seu corpo.

Quando a moça abriu os olhos, ficou surpresa ao vê-lo olhando para ela com um sorriso no rosto, apoiado nos cotovelos enquanto beijava seu nariz e cada bochecha.

— Você gostou?

Ela lambeu os lábios para umedecer a boca seca.

— Brodie, eu não tinha ideia. Mas e você?

— Não se preocupe comigo. — Ele segurou sua mão e a guiou até sua rigidez. — Veja o que você me faz? Quanto eu a quero? Estamos apenas começamos, *leannan*.

Seus dedos o apertaram, sentindo o desejo que pulsava dentro dele. Ela afastou a mão.

— Estou lhe machucando?

— Não, moça, mas adoro quando você me toca lá. — Brodie tremeu quando ela o segurou novamente, acariciando-o primeiro de leve, depois movendo os dedos de uma maneira que ameaçava desfazê-lo.

Beijando-a novamente, ele passou a mão pelo seio dela, brincando com cada mamilo até que ela gemesse antes de

descer até seu quadril. Levou a mão até suas dobras delicadas e provou sua umidade, provocando a entrada com o dedo, e aquele mesmo sentimento retornou, o desejo, a urgência voltou enquanto ele a acariciava até um novo frenesi.

Brodie se acomodou entre suas pernas e provocou sua passagem com o membro, se movendo para dentro e para fora apenas um pouco, o suficiente para torturá-la até que ela pedisse por mais.

— Brodie, eu preciso de você. Por favor. Não me faça esperar.

Ele beijou seus lábios e olhou nos olhos dela.

— Confia em mim? Vai doer no começo, mas vai melhorar.

Ela assentiu e ele segurou seus quadris e a penetrou nela, forçando-se através de sua virgindade. Celestina deu um solavanco diante da dor passageira, depois se aquietou. Podia sentir que ele esperava por ela, e esse fato cresceu dentro dela, enchendo-a de felicidade. Ele era a pessoa mais atenciosa que ela já conheceu.

Brodie beijou sua testa.

— Está tudo bem, moça?

Celestina podia ver como ele se esforçava para se controlar, como se apoiava nos cotovelos para não machucá-la. Finalmente, a dor se dissipou e a necessidade por ele voltou. Ela se moveu para avaliar como se sentiria e então ele não conseguiu mais se conter.

— Moça, não consigo parar, eu a quero demais. — Ele segurou seus quadris e a penetrou novamente, várias vezes.

Cada vez que ele a penetrava, a chama dentro dela aumentava. O corpo de Brodie dentro dela era indescritivelmente delicioso e poderoso, e ela não queria que ele parasse nunca. Agarrou as nádegas dele enquanto o clímax atingia o ápice novamente. Justo quando ela se entregava ao intenso prazer que envolvia seu corpo, ouviu o

marido rugir seu nome, investindo em um ritmo que os deixou exaustos e ofegantes enquanto se agarravam um ao outro.

Enquanto se mantinham abraçados até que a respiração voltasse ao normal, Celestina não conseguia imaginar nada mais bonito do que se deleitar no amor que haviam acabado de compartilhar como um só.

Brodie rolou de costas e encaixou a cabeça dela na curva de seu braço. Alguns momentos depois, virando-se de barriga para baixo, ela colocou a mão em seu peito e descansou o queixo nele, a posição permitindo que olhasse desimpedida para seus olhos castanhos.

— Posso sonhar por um momento?

Ele correu a mão pelos fios sedosos de seu cabelo.

— Claro.

— Vamos fingir que esta guerra acabou. Onde estaremos?

— Espero que você esteja disposta a viajar para as Terras Altas e viver com meu clã.

— Me fale sobre as Terras Altas. Nunca viajei para nenhum lugar.

— Ah, moça, você vai amar as Terras Altas. É a terra mais bonita de todas. Colinas e vales, lagos de água fresca, penhascos e urze. Eu amo as Terras Altas. Partiria meu coração se tivesse que deixá-las para sempre. Quando éramos jovens, costumávamos brincar em prados com nossos cavalos.

— Que tipo de brincadeira?

— Alex e eu brincávamos com Brenna e Jennie. Robbie nunca queria participar. Fingíamos que as moças estavam sendo perseguidas e éramos os cavaleiros que tinham que salvá-las.

Ela riu.

— O que vocês faziam?

— Brenna e Jennie costumavam correr nos campos e nós as seguíamos em nossos cavalos e as levávamos para

nossos colos enquanto os cavalos ainda estavam se movendo.

— E vocês nunca as machucaram?

— Oh, agora que você mencionou, acho que quase quebramos o braço da Brenna uma vez. Foi assim que aprendemos que a melhor maneira de fazer era para a moça levantar as mãos sobre a cabeça. Assim, elas podiam nos agarrar também. Nos divertíamos muito cavalgando em nossos cavalos nos campos. Sim, há muita beleza nas Terras Altas. — Seu polegar acariciou a bochecha dela. — Você vai amar, eu prometo.

— Você é tão sortudo por ter uma família tão grande para amar.

Ele assentiu.

— Sim, eu não costumava pensar assim, mas agora eu penso. Temos algumas ótimas lembranças. — Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto dela. — Qual era sua coisa favorita de fazer quando você era jovem?

— Oh, ler. Minha mãe me ensinou a ler, outra coisa que meu pai não gostava. Mas o Padre Padraig o convenceu de que era adequado para a nobreza. Ele também me trouxe muitas coisas para ler. Senão, eu teria enlouquecido.

Depois de alguns momentos de silêncio, ele disse:

— Prometo tirá-la de Ivarsson, espero que dentro de uma semana. Pode não ser tão cedo quanto você gostaria, mas prometo que viveremos juntos como marido e mulher. Pertencemos um ao outro, Celestina. Eu não poderia deixá-la. De alguma forma, encontraremos um caminho. Você acredita em mim, moça?

— Sim. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Você estava certo. Eu estava tentando pular da torre naquele dia, mas você mudou tudo para mim. — Ela passou as mãos pelos pequenos tufo de cabelo escuro em seu peito. — É você que me fez querer viver novamente, Brodie. Eu confio que você virá me buscar.

Movendo-a com cuidado para o lado, ele saiu da cama, pegou o pano do cesto e mergulhou a ponta na jarra cheia de água do lago antes de voltar. Ele se sentou na beira da cama e disse:

— Aqui, deixe-me limpar você, *leannan*.

Embora estivesse insegura sobre o que ele estava fazendo, confiava nele, então se sentou e apoiou o braço no de Brodie. Ele afrouxou os lençóis ao redor dela e apontou para sua coxa.

— Permita-me limpar o sangue de sua virgindade.

Celestina olhou para a perna, confusa, e depois olhou para o marido.

— É o que acontece quando um homem rompe a virgindade da mulher. — Ele apontou para si mesmo. — Está em mim também. Vou limpar você primeiro. Deite-se para mim.

Ela se deitou e apoiou a cabeça no travesseiro macio, mas manteve o braço dele, como se temesse que ele desaparecesse. Ruborizada com o que Brodie estava fazendo, ela desviou o olhar. Depois que terminou, ele se limpou e colocou a água e o pano de lado.

Ela encarou o teto, ainda segurando o forte antebraço.

— Ele vai esperar o sangue, não vai?

— Sim.

— Ele não ficará feliz se descobrir que minha virgindade se foi, não é?

Ele acariciou seu braço enquanto a segurava perto.

— Não, mas era sua para dar, como você disse, e você escolheu me presentear com ela. Você se arrepende dessa escolha?

— Não! — Seu olhar encontrou o dele. — Nunca, Brodie. Estou tão feliz por termos feito a cerimônia. Não tenho arrependimentos.

— Moça, quero explicar algumas coisas para você, e faço isso apenas porque meu irmão acredita que poderíamos

estar em apuros em breve. Quero que você possa se proteger contra Ivarsson, se isso acontecer.

— Brodie, não há nada que eu possa fazer para machucá-lo. Ele é muito maior do que eu.

— Sim, há sim, e qualquer pai normal ensinaria isso à sua filha. — Ele sorriu e piscou para ela. — E como estou despido, posso realmente lhe mostrar o que quero dizer.

A confusão deve ter aparecido em seu rosto porque ele beijou sua bochecha.

— Você sabe o que são os testículos de um homem?

Celestina balançou a cabeça e corou.

— Sim, agora sabe.— Ele apontou para os próprios enquanto continuava sua explicação. — Estes são meus testículos, sacos ou bolas ou qualquer outro termo grosseiro, mas é assim que me refiro a eles. Quando um homem a maltratar, se você o atingir nos testículos, ele ficará paralisado momentaneamente até que você consiga escapar.

— Verdade? Mas não dói?

Ele arregalou os olhos enquanto erguia as mãos em defesa.

— Sim, é a pior dor que um homem pode sentir. Nunca faça isso, a menos que precise fazer um homem se ajoelhar. Mas se Ivarsson a machucar, isso vai ajudá-la a escapar. Você pode socar seus testículos com o punho ou chutá-los, qualquer um vai detê-lo.

— Não acho que conseguiria fazer uma coisa dessas.

— Certamente, não a mim, de qualquer forma!

— Oh, nunca. Nunca machucaria você, Brodie. — Ela beijou seu ventre até o umbigo, e então riu quando o viu crescer diante de seus olhos.

Brodie a jogou de costas e disse:

— Minha nossa, talvez nunca me sacie de você, esposa.

Algumas horas depois, uma batida sutil os interrompeu. Nenhum dos dois conseguiu dormir, então passaram o tempo juntos aprendendo mais um sobre o outro.

Brodie saiu da cama e ajudou-a com a calça. Ele podia ver que ela estava lutando contra as lágrimas.

— Moça, foi a noite mais linda da minha vida. — Ele amarrou as fitas de sua camisa e beijou sua bochecha.

— A minha também, Brodie. Nunca esquecerei um momento sequer. — Seu sorriso era corajoso, mas não alcançava seus olhos.

Ele sentia o mesmo.

— Lembre-se, tentarei vir buscá-la dentro de uma semana, mas pode levar um pouco mais. Tudo depende de se a guerra estourar ou não. Você entende, *leannan*?

Ela assentiu enquanto calçava as botas.

Os dedos dele acariciaram sua bochecha.

— Lembre-se que a amo, e estaremos juntos. Odeio lhe pedir isso, mas por favor faça o que for preciso para ficar segura. Não se arrisque, mesmo que signifique que você precise ser submissa.

A cabeça dela caiu contra o peito dele enquanto Celestina soluçava baixinho.

— Eu farei, eu prometo.

— Venha, precisamos devolvê-la antes que o sol nasça, para o seu bem. Estarei cheio de preocupação até que você seja minha e esteja em meus braços para sempre.

Ele abriu a porta e a conduziu de volta para os cavalos.

— Eu o amo, Brodie Grant. Para sempre.

CAPÍTULO DEZ

Um dia para esquecer

Inga a sacudiu para acordá-la. Celestina olhou para a criada e enterrou a cabeça sob os lençóis. Não, não poderia estar acontecendo. Depois da linda noite que compartilhara com Brodie, teria que se casar com Fredrik Ivarsson.

Inga sentou-se ao seu lado e envolveu-a com os braços quando ela se sentou.

— Sinto muito, Celestina. Ele acredita que é o melhor, não é?

Lutando contra as lágrimas, Celestina disse:

— Ele me disse que devo me casar oficialmente com Ivarsson para fazer a todos felizes. Então ele promete me levar embora.

Inga recuou e segurou suas mãos nas suas.

— Então você tem algo para esperar, não é? Você o ama?

— Com todo o meu coração. A noite passada foi maravilhosa. — Ela olhou para suas mãos no colo de Inga. — Eu não tinha ideia do que era verdadeira felicidade até conhecer Brodie. — Levantando o olhar para encontrar o de sua criada, ela balançou a cabeça, incrédula. — Seria muito mais simples se pudéssemos viver nossas vidas longe de todos, do jeito que queremos.

— Oh, olhe tudo o que ele trouxe para você em tão pouco tempo. Uma lua atrás, você só tinha Fredrik Ivarsson para esperar. Isso não mudou?

Celestina sorriu.

— Você está certa, Inga. Brodie mudou minha vida para melhor. Só preciso passar por este dia. Ele prometeu vir me buscar dentro de uma semana, se possível, embora possa ser um pouco mais. Vou manter a cabeça erguida e me

casar com meu prometido, mesmo que meu coração pertença a outro.

— O rei exige isso de você. Nicol me contou sobre o plano de Brodie e acho que é o melhor. Deixe o dinheiro e a terra passarem de mãos, e então vocês dois podem desaparecer. Venha, o banho está pronto para você. Você será uma linda noiva. — Inga levantou-se e ajudou Celestina a se despir, escovando seus longos cabelos dourados antes de acomodá-la na banheira com algumas gotas de óleo.

— Não me importo se cheiro bem, Inga. — Ela riu. — Talvez se eu tiver um odor terrível, Fredrik queira ficar longe de mim. — Ela gemeu enquanto a água quente lavava sua pele. Apoiando a cabeça contra o travesseiro macio que Inga preparara, ela fechou os olhos e reviveu os melhores momentos da noite juntos. — Só posso esperar que Brodie já tenha plantado um filho no meu ventre.

Ela ficou no fundo da capela torcendo as mãos enquanto seu pai andava de um lado para o outro no pequeno vestíbulo. Assim que o padre e lorde Ivarsson chegassem, eles se casariam nos degraus da frente. Olhando para dentro, a arte das janelas pareadas no presbitério dava uma aura ao edifício. Lindo, mas não tão adorável quanto a capela natural em que ela e Brodie tinham ficado ontem à noite para fazer seus votos um ao outro. Cada vez que se lembrava do rosto bonito de seu marido, seus olhos marejavam com sua perda. Esperava que não demorasse muito até os Grant a recuperarem.

O contentamento de seu pai interrompeu seus pensamentos.

— Finalmente, este dia chegou. Esperei muito para me livrar de você. E finalmente terei as riquezas que mereço por todos os anos em que cuidei de você. — Os diatribes de seu pai haviam se tornado ainda mais cansativos para ela.

Ela preenchia a mente com pensamentos sobre Brodie Grant para não absorver as palavras ácidas.

Celestina encarava os próprios pés como lhe fora ensinado, mas algo dentro dela tinha mudado. A moça se lembrava das coisas maravilhosas que Brodie disse a ela. Ela tinha valor, assim como sua mãe lhe dissera todos aqueles anos atrás. Brodie Grant a amava. Ela odiava seu pai tanto quanto ele a odiava e esperava nunca mais vê-lo, mas ainda assim, de repente, sentiu o impulso de dar voz à pergunta que a atormentava há anos.

Ela levantou a cabeça e encarou os olhos frios de seu pai.

— Por quê? Por que você me odeia tanto, pai? — sussurrou.

— Por quê? Porque você é uma garota. Você deveria ter sido um rapaz. Tudo o que pedi à sua mãe foi que me desse um filho homem. Mulher miserável nem sequer pôde me dar isso. Em vez disso, me deu uma garota choramingtona e tagarela. O que eu deveria fazer? Você foi um lembrete diário do filho que nunca tive. Eu queria um filho para herdar meu título, não uma molenga de coração fraco.

— Mas isso não é culpa minha. Por que você me puniria por isso? — Ela sabia que deveria parar, mas não conseguia. O raciocínio dele não fazia sentido.

— Silêncio! Eu a puni para lhe tornar agradável, e ainda assim, depois de tudo o que fiz por você, a imundície sai de sua língua. Silêncio, vaca miserável. Porque, do jeito que você parece nesse vestido, será um milagre se esse homem não a recusar. — Ele se virou e encarou a janela.

Celestina pensou na cerimônia que compartilhara com Brodie. Tinha memórias maravilhosas para sustentá-la neste dia horrível. O que ela mais amara na cerimônia não eram tanto as palavras de Brodie, mas sim o olhar dele. Isso confirmava que ele queria dizer cada palavra.

Enquanto estava do lado de fora nos degraus da capela, pronta para trocar votos com lorde Ivarsson, ela tentava

acalmar a agitação em seu estômago, mas sem sucesso. Seu ventre se retorcia ao perceber que estava prestes a mentir e se casar com alguém quando já estava comprometida. Não podia pensar nisso agora; era tarde demais. Seu Deus a perdoaria; ele entendia tudo pelo que ela tinha passado.

Lançou um olhar ao seu prometido, imaginando qual seria sua reação quando descobrisse a verdade. Ele estava bastante bonito em suas vestes de matrimônio, mas isso não significava nada para ela. Como poderia comparar isso com uma simples cerimônia sob as árvores, envolvida em um manto escocês?

Padre Padraig ficou na frente deles com um sorriso no rosto, a única visão agradável em toda a área. Ele falava incessantemente sobre o matrimônio, até mesmo partindo para o gaélico em um ponto. Ela percebeu a consternação no rosto de seu prometido quando Padre Padraig começou a falar no idioma dos escoceses e não em latim. O padre se apressou com o verso florido e, finalmente, perguntou se ela concordava em se casar com Ivarsson. Ela congelou. Não tinha percebido que teria a chance de dizer não. Não seria essa a forma mais simples de sair da situação? Por que não simplesmente negá-lo na frente de todos? Como poderia concordar quando já se prometera a outro, já se *dera* a outro?

Um silêncio ensurdecedor tomou conta do ar ao seu redor. Enquanto sua boca se abria para responder ao sacerdote celta, uma dor em seu lado exigiu sua atenção. A voz de seu prometido sussurrou em seu ouvido:

— Me recuse, e seu amante será um homem morto.

Um amargor subiu em sua garganta, ameaçando transbordar para as flores que segurava. Seu olhar voou primeiro para Padre Padraig e depois para seu prometido, cujo sorriso doentio a torturava até o âmago. Uma imagem fugaz de Brodie Grant morto aos seus pés a forçou a falar.

— Sim — ela conseguiu arfar.

A pequena multidão aplaudiu quando o padre os declarou casados tanto em gaélico quanto em latim, e seu novo marido deu-lhe um beijo casto nos lábios. Seu coração afundou até seus pés. Ela se virou na direção que Ivarsson a guiava, o aperto firme em seu braço. O suor brotou em sua testa quando a dura realidade a atingiu.

Ela era agora a esposa de Fredrik Ivarsson.

O casal havia permanecido no castelo real por insistência do rei. Quase uma hora depois, depois que Celestina ficou submissamente ao lado de Ivarsson para permitir que todas as pessoas nobres os parabenizassem, seu marido a puxou para dentro do castelo real. O rei os cumprimentou com um sorriso e Ivarsson com um tapa sonoro nas costas. Ele os conduziu para seu solar, onde o pai de Celestina estava esperando, com um sorriso incomum no rosto.

— Olhe só para o casal feliz. Sorria, Celestina! Que garota não sorri no dia de seu matrimônio? — ele zombou.

Celestina fez o possível para acalmar a náusea que ameaçava dominá-la a cada momento. Não ficaria enjoada. Precisava permanecer forte. Seu pai ainda a maltrataria se ela o envergonhasse. Olhando para ele de soslaio, surpreendeu-se com a pura alegria em seus olhos, algo que ele só desenvolvia quando se tratava de dinheiro. Ela fechou os olhos para afastar a náusea, só para ser puxada até a mesa do rei por Fredrik Ivarsson.

Fredrik assinou o papel rapidamente e depois entregou o pergaminho para seu pai assinar. Ele assinou sem sequer ler o documento. Tudo na sala a deixava enjoada, mas Ivarsson mais do que todos. Assim que os contratos foram assinados, a porta se abriu e Inga entrou correndo com outras duas criadas. Ivarsson acenou com a cabeça para as mulheres antes de se virar para falar com ela.

— Vá se preparar, minha querida. Temos mais algumas coisas para discutir aqui.

O pânico inundou todo o seu corpo. Incapaz de conter o terror que corria em suas veias, ela teve que perguntar.

— Agora? Mas ainda é dia, milorde.

Ele segurou sua mão na dele e esmagou os ossos juntos, seu abuso escondido da visão de qualquer outra pessoa. Ele a olhou por cima do nariz.

— Você nunca mais vai me questionar, minha querida. Entendeu?

Tentar libertar a mão a fez se contorcer, então ele a apertou ainda mais.

— Não se mova e não me envergonhe na frente do rei — sussurrou. Ela parou devido à dor, e ele cessou sua tortura.

— Agora, vá com as criadas como instruí. Prepare-se para o seu marido.

Ele acenou para as criadas e elas a escoltaram para fora da porta. Celestina olhou para Inga, esperando encontrar uma saída para seu dilema, mas temia que não pudesse. Lembrou-se das instruções de Brodie. Ele foi claro que ela deveria ser submissa para não ser machucada. Precisava ser forte por ele.

Seguiu as criadas enquanto subiam a grande escadaria no castelo real. Logo ela se viu em uma grande câmara com uma cama belamente adornada por um dossel, tão majestosa quanto qualquer coisa que já tinha visto. Vinho e queijo estavam sobre um baú próximo. A decoração era digna de uma rainha, mas ela não queria fazer parte daquilo. Confusão nublava sua mente, sem ter certeza do motivo de ainda estar no castelo real.

Depois de muito arranjo e perfumação, ela se viu aninhada entre um monte de almofadas em cima da grande cama. Lágrimas ameaçavam escorrer por suas bochechas, mas Inga segurou sua mão e disse:

— Prometa-me. Você deve acreditar.

Ela assentiu para Inga, o medo escorrendo de todos os poros de sua pele ao pensar em se deitar com Fredrik. Inga beijou sua bochecha e a deixou com duas criadas do palácio real.

Rezou a oração que sua mãe lhe ensinara anos atrás sobre força e amor, mas ainda não estava certa se poderia sobreviver a isso. Ela se entregara ao amor de sua vida, se comprometera com seu verdadeiro marido. A noite anterior tinha sido tão doce, tão terna, mas agora ela seria forçada a se submeter a alguém por quem não tinha absolutamente nenhum respeito. Fechando os olhos, forçou a imagem do rosto sorridente de Brodie e inspirou profundamente várias vezes.

De repente, a porta bateu e seus olhos se abriram rapidamente. O marido entrou com um homem que ela não reconhecia. Seus sentidos estavam em alerta máximo, sem ter certeza do que um estranho estava fazendo na câmara do castelo real quando ela estava desarrumada. Seu olhar voou para o de lorde Ivarsson, esperando encontrar uma explicação ali, mas sua expressão estava vazia.

Ele se virou para o homem pequeno e esguio ao lado dele e disse:

— Faça o que eu pedi, doutor.

O olhar de Celestina voou para o médico. O que estava acontecendo? Seus olhos eram gentis, mas ele claramente estava tão desconfortável com a situação quanto ela.

Ele puxou as cobertas para trás e afagou suas pernas através do seu vestido.

— Abra suas pernas, minha querida. Isso não vai demorar

Ela se virou para Fredrik.

— Milorde? Eu não entendo. Ele não pode estar me pedindo o que eu acho que ele está. Você está permitindo isso?

— Faça como lhe é ordenado, Celestina. — Ele virou as costas para ela e encarou a janela.

O médico separou seus joelhos enquanto puxava a parte de baixo de seu vestido, levantando-o sobre seus joelhos.

— Cinco segundos e isso acabará, minha dama. Prometo que não vou machucá-la.

Celestina recostou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. A indignidade do pedido de Ivarsson a chocou. Ela nunca imaginara tal prática sendo feita. Suas pernas foram abertas e ela sentiu os dedos do médico sondarem sua área íntima.

— Pronto, minha dama. Terminei. — Ele lhe deu um sorriso rápido enquanto recolocava seu vestido e as cobertas. Ela abriu os olhos quando ele saiu, Fredrik diretamente atrás dele.

Brodie tinha lhe dito que poderia haver problemas com seu hímen. Ela tinha planejado se ferir o suficiente para sangrar um pouco. Por que diabos ele trouxera um médico? Como ela desejava que Inga entrasse, mas sabia que era impossível. Os únicos sons que ouvia eram as vozes abafadas de Ivarsson e do médico do lado de fora da porta.

De repente, a porta se abriu e Fredrik entrou, fechando-a atrás de si com um clique distintivo. Ele esperou. O estômago de Celestina se revirou. Ela ouviu o som das gotas de chuva no telhado, o trote dos cascos dos cavalos nas pedras lá fora. A umidade se instalou sob seus braços, e o leve cheiro de linho atingiu suas narinas quando ela se enfiou um pouco mais nos travesseiros.

Ela esperou. Era uma luta de poder. Reconheceu como um dos movimentos favoritos de seu pai, então esperou como fora treinada a fazer.

Dois latidos romperam o ar. Um cão uivou para o vento bem antes de Ivarsson berrar sua ordem. Finalmente ele falou.

— Tire suas roupas, Celestina. Agora.

CAPÍTULO ONZE

A mudança

Celestina fez o que lhe foi ordenado. Depois de remover o vestido, ela puxou as cobertas da cama até o pescoço. E esperou. E continuou esperando.

Ivarsson caminhou até a cama. Ele umedeceu os lábios lentamente enquanto se dirigia até ela.

— Esperei muito tempo para ver sua beleza. Você sabia da sua reputação? Ouvi falar de sua beleza em Glasgow, mas não acreditei completamente nos rumores. Você me surpreendeu. — Sua mão alcançou a coberta e a arrancou do alcance dela. Seu olhar percorreu os seios até os dedos dos pés. — Meu Deus, você é uma bela mulher, não é? Mal posso acreditar que é minha para fazer o que quiser. — O sorriso torto fez com que o coração dela acelerasse ainda mais.

Sentando-se na cama ao lado de Celestina, Ivarsson ergueu e afastou as mãos, que ela estava usando para se cobrir, para longe do peito. Por que ele a fazia se sentir suja e impura? Seu olhar caiu sobre os seios, e ela foi preenchida com o desejo desesperado de fugir, para o mais longe possível. Sua nudez com Brodie tinha sido bela, mas isso? Isso parecia errado, manchado. Com um olhar, esse homem deixou sua dignidade em farrapos.

Ele estendeu a mão para acariciar o mamilo, e ela deu um pulo quando ele passou as costas da mão contra a ponta sensível.

Nada poderia tê-la preparado para o que ele fez em seguida.

Ele pegou o mamilo e o torceu com tanta força que todo o seu corpo se contorceu de dor.

— Você achou que eu era tolo o suficiente para não perceber que seu hímen tinha desaparecido? Não sou um

tolerância. — Ele torceu o mamilo novamente, e suas costas se arquearam na cama em resposta à tortura que ele continuava a infligir. A voz dele nem mesmo se elevou enquanto proferia as palavras, o que de alguma forma tornava o abuso mais assustador, não menos. — Quem? Quem foi?

Seu pai a educara bem na dor. Ela poderia lidar com quase tudo, mas isso? Isso era muito mais horrível do que qualquer coisa que seu pai já tinha feito com ela. Ainda assim, não conseguiu responder.

— Eu repito. Quem foi? Quem ousou tirar o que era meu?

Celestina balançou a cabeça. Nunca entregaria o nome de Brodie. Se o fizesse, Ivarsson poderia mandar matar Brodie por tirar sua virgindade. Nunca. Ele nunca a derrubaria.

— Sabe quanto paguei por você? Seu pai estava falido. Paguei a ele um cofre cheio de ouro pelos direitos de sua virgindade e você a deu para algum escocês selvagem. Não deu? — Ele mudou de mamilo e a atacou novamente, um sorriso de conhecimento crescendo em seu rosto. — Foi ele, não foi? Você deu para o guerreiro Grant. Era meu. Eu queria fazê-la sangrar e você me negou.

A moça gemeu de dor e cerrou os dentes, lutando para suportar a tortura sem fazer um som, mas finalmente cedeu com um grito. Com isso, ele a empurrou para longe, como se entediado com sua dor.

— Não precisa. Não precisa responder. Eu sei quem foi. — Ele se levantou e marchou até a porta. — Vista-se. Estamos indo embora. Você não vai me envergonhar de novo. Pegue suas coisas porque temos uma jornada pela frente. Vou trancá-la em uma torre até que você sangre apenas para ter certeza de que não tenho que suportar a visão do filho de outro homem. Se isso acontecer, a criança será morta. Você não vai me envergonhar dando à luz a uma criança que não se pareça comigo.

Celestina encarou a fúria de Ivarsson. Sua respiração estava apenas começando a voltar ao normal depois da horrenda dor que ele causara. Apoiou-se nos cotovelos e o encarou.

Ele lançou um último olhar de desprezo para ela antes de sair.

— Você será minha pelo resto de sua vida miserável. Posso esperar apenas um mês. Até então, espero que aproveite sua prisão.

A porta bateu e ela caiu de volta na cama.

Para onde ele ia levá-la? Como Brodie a encontraria?

Celestina ficou no centro da câmara fria e vazia, encarando o pico e as vigas de suporte no interior do telhado da torre que seriam parte de seu confinamento. Isso é o que ela veria todos os dias ao acordar. Outra prisão a cercava, ameaçando sufocá-la, mas lutava por aceitação e serenidade, tentando acalmar suas pernas trêmulas. Fechou os olhos para se concentrar em visões de Brodie, em seu sorriso, sua risada e sua promessa. Ela poderia fazer isso.

Sentia como se as palavras de Ivarsson ainda ecoassem pelas paredes de pedra.

— *Você fez sua escolha. É aqui que ficará até me provar que não está carregando a prole dos Grant. Talvez então...* — ele se aproximara para acariciar sua bochecha — *você perceba o quanto sua vida poder ser agradável se aprender a permanecer em meus bons préstimos, lady Ivarsson.* — Havia um sorriso de escárnio em seu rosto quando ele recolocou a mão ao lado. — *Seu pai disse que a treinou bem. Tenho minhas dúvidas. Mas tenha certeza disso: seja o que for necessário, eu vou destruí-la, minha querida.*

E com isso, ele voltou para a porta, fazendo uma pausa antes de abri-la.

— *Você será trancada aqui até sangrar. Seu único contato será com sua criada quando ela lhe trouxer comida e água.* — Depois de fazer uma reverência rápida, ele riu e disse: — *Bons sonhos, minha linda.*

Então, Celestina passou de uma prisão em uma torre para outra. Agora sozinha, suspirou aliviada por ele ter partido. Seguiu para a única cama encostada em uma parede da câmara. Quando se jogou sobre ela, nuvens de poeira envolveram seu rosto e ela espirrou três vezes. O colchão, cheio de caroços, não seria nada comparado à maciez da cama de penas em que dormira na noite passada nos braços de seu verdadeiro marido.

Várias fendas estreitas na parede de pedra ofereciam a única luz na câmara. Uma única vela estava sobre uma mesinha não muito longe da lareira, e sob os pés havia um tapete escuro e surrado. O baú que seu pai enviou estava sob uma das fendas. A câmara tinha até mesmo seu próprio lavatório. Era muito conveniente que ela não tivesse que sair pela porta.

Ela se aproximou para absorver o calor da lareira e esfregou os braços. O frio no ambiente penetrava em sua pele, forçando um arrepio. Foi até seu baú, abriu a tampa em busca de um xale ou cobertor para se aquecer. Depois de cobrir os ombros com uma manta fina, voltou até a lareira e deu um gritinho quando uma teia de aranha ficou presa em seu cabelo. Seus olhos vagaram pela câmara até que ela notou uma pequena vassoura no canto. Pegou o cabo e golpeou os fios sedosos até as lágrimas virem.

Soluçando como não fazia há anos, ela chorou por sua mãe, por Brodie, e pelo rumo que sua vida tomara naquela manhã após seu matrimônio com Fredrik Ivarsson. Como Brodie a encontraria aqui? Ela não sabia onde estava, mas a viagem foi longa, e ela tinha estado sozinha na carroça. Sentou-se na única cadeira que estava encostada na mesa e deixou os braços caírem sobre a superfície dura, apoiou a testa neles e chorou até não ter mais lágrimas.

Quando finalmente conseguiu levantar a cabeça, pensou em tudo o que aconteceu. As coisas poderiam ser piores. Pelo menos não teria que dividir a cama daquele homem esta noite. De certa forma estranha, o exame do médico acabara sendo uma bênção nesse sentido. Ela não teria que suportar o toque de Fredrik por pelo menos quinze dias, e seu marido havia prometido buscá-la antes disso. Ela pensou em suas últimas menstruações. Sim, tinha sido agraciada com uma folga maravilhosa.

Mas o pensamento do que ele havia ameaçado fazer se ela concebesse com a semente de Brodie a fez tremer. Teria que confiar em seu verdadeiro marido. Ele a encontraria a tempo de evitar tal desfecho.

Ele tinha que encontrar ou ela certamente enlouqueceria.

Vários dias depois, Brodie estava no solar do castelo com seu irmão mais velho, Robbie, e seus dois melhores guerreiros, Nicol e Tomas. Com eles estava o mesmo grupo que Alex e Brodie haviam encontrado na semana anterior quando foram convocados ao castelo para falar da guerra: o rei, Walter Stewart, Boyd de Kilmarnock e Mure de Rowallan.

O rei Alexander elevou a voz ao falar diretamente para Brodie.

— Eu lhe asseguro, Grant, que não sei para onde Ivarsson levou sua esposa. Eles partiram na tarde de seu matrimônio. Qual é a importância para o senhor? Não o aconselhei a esquecê-la quando mencionou o nome de Celestina pela primeira vez? Ela é esposa dele agora, e ele fará com ela o que quiser.

— Sua graça, com todo o respeito, isso inclui bater nela? Ele é conhecido por ser um homem cruel. Ela veio de uma vida brutal e o senhor a enviou para outra. Como o senhor

saberá se ele a está tratando bem se ela não estiver em Ayrshire?

O olhar penetrante do rei o alcançou.

— O senhor é afortunado pela Escócia em breve estar em guerra e eu precisar de líderes fortes e proteção. Caso contrário, não perdoaria sua insolência. Não ouse questionar minhas decisões novamente. Ela está em algum lugar do norte de Ayrshire, mas onde não importa. A moça não é para o senhor. Há eventos muito mais sérios ocorrendo aqui, e o senhor deveria estar cuidando de seu trabalho: a proteção do meu castelo.

Brodie notou ao entrar no palácio que o número de guardas reais havia aumentado. Andar pela cidade até pareceu tenso. As pessoas se apressavam, e muitas estavam comprando grandes suprimentos de alimentos. Olhares fugazes lhe contaram muito sobre a ansiedade dos habitantes de Ayrshire.

— Onde está o rei Haakon? O senhor recebeu alguma mensagem?— perguntou Robbie.

— Sim. Sua frota é mais poderosa do que imaginávamos inicialmente. Haakon supostamente tem bem mais de cem galés e de dez mil homens. Não podemos esperar combater isso. Ele parou em Orkney para celebrar o Festival de St. Olaf, mas minhas fontes me dizem que ele já deixou Orkney e está indo para as Ilhas recrutar reforços. Dizem que Magnus apoiará o rei Haakon. Nunca estive tão arrependido de estar certo. A intenção de Haakon é minar minha capacidade de liderança por meio de uma série de ataques planejados.

Boyd de Kilmarnock se manifestou.

— Quantos guerreiros trouxe, Grant?

— Temos quase trezentos — disse Robbie. — Alex está preparando mais enquanto falamos.

— Quando ele os enviará? — perguntou Mure de Rowallan. — É claro, ele terá que deixar alguns para proteger sua esposa e suas terras, mas precisamos de todos

os homens que pudermos conseguir. — Ele se levantou e percorreu a longa sala. Era frequentemente usada para discussões militares, e as esteiras no chão estavam bem pisoteadas.

— Sim — o rei concordou — envie um mensageiro para o Grant informando-o sobre o número do exército de Haakon. Ainda não sabemos onde ele planeja iniciar seus ataques, além de que provavelmente fará uma parada para abastecer em Outer Hebrides, provavelmente em Lewis.

— Quantos homens o senhor tem agora? — Brodie forçou-se a considerar a possibilidade de guerra. Talvez Alex estivesse correto. A guerra lançaria o caos por toda as Ilhas Ocidentais e as aldeias escocesas. Embora a última coisa que quisesse fosse que seu país enfrentasse tanta agitação, talvez a guerra interrompesse a vida o suficiente para ele sequestrar Celestina e enviá-la para as Terras Altas com poucas repercussões. Infelizmente, isso também garantiria que ele fosse mantido ocupado em seu posto como um dos sargentos de Ayrshire.

Brodie sentia muito a falta de Celestina, doía nele. Como poderia ter se apegado tanto à moça em tão pouco tempo? Ele planejou assistir ao matrimônio de longe e resgatá-la duas noites depois. Mas quando o rei ordenou que voltassem para o Dulnain Valley para buscar os guerreiros que haviam prometido a ele, percebeu que seus planos teriam que esperar. Além disso, nunca teria sido capaz de assistir à cerimônia deles sem intervir. Seria devastador vê-la nas mãos de Ivarsson.

Ele rezava para que sua moça permanecesse forte até que conseguisse descobrir sua localização.

— No momento, nossos números totalizam apenas duzentos, mas com os guerreiros que o senhor trouxe, estamos com mais de quinhentos, o que me deixa um pouco mais tranquilo quanto à proteção do que é nosso. — O rei se levantou e começou a andar de um lado para o outro. Mure rapidamente saiu do caminho.

Walter Stewart deu um passo à frente.

— Brodie, contratamos mais dez sargentos para proteger o castelo. Queremos que você lidere esse grupo, mas também planejamos colocá-lo na vila para ficar a par de tudo o que acontece lá. Espie, se necessário, e use todas as ferramentas à sua disposição. Acreditamos que pode haver muitos traidores por lá.

O rei acrescentou:

— Robbie pode gerenciar os guerreiros. Se precisar viajar para buscar as informações que precisa, o enviaremos para onde desejar ir. Faça o que for necessário para proteger o castelo real. Qualquer coisa que precise, para expor os traidores, nós lhe fornecermos.

Brodie não poderia estar mais feliz. O arranjo seria perfeito para suas necessidades. Ele encontraria os traidores, mas, mais importante, encontraria sua esposa.

Não suportava ficar longe dela por muito mais tempo.

CAPÍTULO DOZE

Loki Sortudo

Brodie e Nicol estavam no centro da cidade, Nicol prestando muita atenção ao redor deles enquanto o amigo pegava cada graveto e galho na área para esmigalhar e jogar ao vento.

— Juro, se você não parar com essa agitação, todos saberão de suas intenções — Nicol sorriu.

Brodie parou o suficiente para lançar um olhar de raiva ao amigo.

— Juro, se você não tirar esse sorriso incessante do seu rosto, eu mesmo farei isso.

— O que quer fazer? Ivarsson é um homem rico, e dizem que ele tem várias casas. Ninguém sabe para onde ele a levou. — Nicol olhava de um lado para o outro na rua, como se estivesse tentando extrair informações dos transeuntes.

— Alguém deve saber de alguma coisa — Brodie grunhiu. — Não posso acreditar que a moça mais bonita de toda Ayrshire foi retirada da vila sem que ninguém percebesse. — Ele esticou a mão para pegar mais gravetos, mas não encontrou nenhum. Circulando um bosque de árvores em busca de mais, ele esbarrou em um jovem que estava de sentinela bem na esquina.

— Rapaz, preste atenção por onde anda. Você não pode simplesmente sair esbarrando nas pessoas — Brodie rugiu enquanto ajudava o garoto a se levantar e o afastava.

— Não esbarrei no senhor, mestre. O senhor é que esbarrou em mim.

A insolência do garoto arrancou um sorriso de seu rosto. Ele devia ter entre seis e oito anos, mas ficava ali como se fosse dono de metade das terras. Encarou Brodie com as mãos na cintura, desafiador.

Brodie envolveu o menino pela cintura e o virou de lado, carregando-o ao redor da esquina até Nicol. Os braços e pernas do garoto se agitavam como cata-ventos até Brodie o soltar no chão.

— Veja o que encontrei escondido nas árvores atrás de nós, Nicol. Um bisbilhoteiro.

— Eu não estava bisbilhotando. — O queixo do garoto se ergueu alguns centímetros enquanto ele se levantava.

— Sim, estava, garoto. Eu o peguei. — Brodie tentou esconder o sorriso, mas não conseguiu. Meninos briguentos sempre o lembravam de sua própria infância.

O garoto cruzou os braços e franziu o rosto enquanto encarava seu captor.

— Eu estava prestes a sair. Só estava esperando.

— Esperando pelo quê? — A sobrancelha de Brodie se ergueu em antecipação.

— Esperando o senhor estar pronto para me pagar uma boa moeda pela minha informação. É preciso esperar até o momento certo para fazer as pessoas se separarem de um pouco de ouro, entende?

Brodie olhou para Nicol para avaliar sua reação ao jovem espertinho. Os olhos de seu amigo brilhavam com diversão.

— E que informação você tem que valha uma recompensa? — Brodie esperou. Isso certamente seria divertido. Se o garoto fosse tão insolente quanto parecia, talvez pudesse usá-lo para ajudá-los a encontrar os traidores. Uma infinidade de possibilidades fervilhava em sua mente.

— Eu sei sobre o anjo.

Um soco atingiu Brodie em cheio no estômago. O anjo? *Seu* anjo? Ele se inclinou e levantou o garoto do chão até que seu rosto estivesse a poucos centímetros do dele.

— Que anjo? Desembuche, garoto, se valoriza sua língua.

Nicol segurou seu braço.

— Tenha calma, Grant. Tenho certeza de que o garoto será colaborativo. Coloque-o no chão e vamos descobrir. — Ele piscou para Brodie. — E se ele não for, podemos deixá-lo naquela árvore por um tempo.

Embora tenha colocado o garoto contorcendo-se entre eles, Brodie manteve uma mão nele. Não podia correr o risco de perdê-lo se ele decidisse fugir.

— Qual é o seu nome?

O garoto puxou a mão de Brodie, mas sem sucesso.

— Me solte e eu contarei.

— Não. Você vai me dizer agora — Brodie afirmou.

— Ah, me solta! Me treine para ser um guerreiro Grant como o senhor e eu conto tudo o que sei.

Apertando um pouco mais o braço, Brodie disse:

— Seu nome primeiro, então vamos negociar.

— Ah, relaxe! Loki, meu nome é Loki.

Brodie relaxou o aperto, mas não o libertou por completo. Não confiava nem um pouco no folgadoinho.

— Tudo bem, Loki — ele disse. — Que anjo? Se é ela que estamos procurando, vou considerar treiná-lo.

— O anjo de Ayrshire. Todo mundo a conhece. Ela tem longos cabelos dourados. Seu pai a mantinha trancada na casa da torre no final daquela rua. Podíamos vê-la na torre de vez em quando. Eu costumava observá-la lá. O anjo triste.

— E sabe onde ela está agora?

— Certamente, eu sei de tudo nesta cidade. Vi o maldito obrigá-la a entrar em uma grande carruagem, era a maior que já vi.

— Você tem uma boca suja para um garoto tão jovem. E mesmo se o que você diz for verdade, ainda não significa que saiba para onde a carruagem foi.

— Ha! Notei sua cara de lua sempre que ela estava por perto, então decidi segui-la.

O riso repentino de Nicol pegou Brodie desprevenido.
Sua cara de lua?

— Não minta para mim, garoto. Você a seguiu para roubar o homem.

— Ah, isso também. — Seus lábios se apertaram. — Mas o senhor é fácil de ler. O senhor a seguirá para qualquer lugar. Se está se perguntando como fiz isso, me escondi debaixo da carruagem. Era uma daquelas finas, com um compartimento separado embaixo. Sim, eu sei onde ela está, mas custar para o senhor, mestre guerreiro. Eu sabia que o senhor estaria procurando por ela. O senhor deve prometer me treinar.

O urro de Nicol ecoou nas árvores. Esse garoto tinha coragem do tamanho de um touro; Brodie tinha que admitir. Um sábio para a idade dele. Talvez pudesse mesmo ser útil para eles.

— Tudo bem. Onde estão sua mãe e seu pai? Preciso falar com eles antes de poder fazer de você um pajem.

— Eu não tenho. Não preciso de mãe ou de pai.

— Onde estão eles, Loki? Guerreiros não mentem. — Brodie deu-lhe uma leve sacudir de encorajamento.

— Não estou mentindo. Minha mãe morreu me dando à luz. Eu nunca conheci meu pai.

O garoto ficou quieto e olhou para o chão após a admissão. Brodie ouviu um forte ronco vindo de seu estômago.

— Onde você mora?

— Ali — seu dedo sujo apontou para trás de uma estalagem próxima. — Tenho uma caixa de madeira nos fundos para me esconder da chuva. Serve bem para mim. Posso cuidar de mim mesmo. Mas quero ser um guerreiro Grant, como eu disse. Dizem que são os maiores e melhores guerreiros de todos os escoceses. Eu os vi chegarem outro dia no castelo real. E vi o maior laird de todo o país... seu laird, Alexander Grant. Quero ser como o senhor e o laird Grant. Prometo trabalhar duro.

Brodie suspirou. O garoto vivia na rua e estava morrendo de fome.

— Nicol, vá comprar um pastel de carne para o garoto e traga aqui. — Ele entregou uma moeda ao amigo antes de voltar a atenção para o garoto. — Promete ficar parado se eu o alimentar? Aqui, tenho um bolo de aveia para você até que Nicol retorne com o pastel.

O garoto assentiu de maneira enfática. Quase podia ver a saliva prestes a escorrer pelo queixo de Loki. Ele o pegou pela nuca e o sentou debaixo de um carvalho próximo. Diabo, o garoto tinha que mexer com seus sentimentos assim? E desde quando ele tinha algum sentimento? Sentimentos eram apenas para moças... ou pelo menos era o que ele pensava antes de conhecer Celestina.

Loki pegou o bolo de aveia, murmurou seu agradecimento e enfiou o rosto nele em um instante. Brodie pensou em seus dois sobrinhos, os meninos de Alex. E se eles tivessem que passar fome?

Nicol voltou com o pastel de carne e um pão doce. Brodie revirou os olhos para o amigo. Aparentemente, ele não era o único com coração mole.

Uma vez que o garoto estava devorando seu banquete, Brodie e Nicol sentaram-se na grama ao lado dele.

— Tudo bem, rapaz. Nós vamos treiná-lo, mas você tem que nos contar tudo o que sabe sobre o anjo assim que terminar o pastel de carne. — Eles esperaram enquanto o garoto devorava a comida, estalando os lábios de satisfação de vez em quando. Ele estava prestes a comer o pão doce quando Brodie o pegou.

— Oh, ainda não. Informação primeiro. Para onde o homem levou o anjo?

O garoto olhou para o pão doce com um desejo que forçou Brodie a desviar o olhar.

— Diabos — ele murmurou pelo canto da boca.

— Ele a levou para o norte. Há uma antiga fortaleza chamada Creggan Hall com uma torre ao norte daqui. É cerca de um dia de viagem a cavalo perto de Largs. Ele a trancou na torre.

— Trancou? Por quê?

Loki estendeu a mão para pegar o pão doce. O garoto tinha timing; tinha que dar isso a ele. Ele entregou a guloseima.

O garoto lambia a cobertura do topo antes de falar.

— Sim, ele a trancou, e disse que não vai soltá-la até ter certeza de que ela não carrega um bebê.

— Como diabos você descobriu isso? — Brodie olhou para Nicol. Poderia ser verdade? Fazia sentido. O plano devia ter sido plantado na cabeça de Ivarsson pelo Padre Padraig. Ele dormiria melhor à noite se não tivesse que pensar em sua esposa com as mãos daquele homem sobre ela. Perfeito. Quanto mais ele pensava no arranjo, mais gostava. Ela estaria segura por pelo menos uma quinzena, o que lhe daria muito tempo para sequestrá-la.

— Bati na porta dos fundos e a cozinheira me deu restos para comer. Ouvi as criadas da cozinha fofocando sobre isso.

Uma ideia surgiu na cabeça de Brodie. Ele sorriu para Nicol antes de falar.

— Sim, garoto, aqui está o plano. Você tem que provar para mim que é um trabalhador duro e inteligente também. Consegue encontrar o caminho de volta para a torre se o Nicol levá-lo em seu cavalo?

— Sim.

— Tudo bem então, aqui está o seu teste. Tenho algo que você precisa levar para a moça. Depois, você tem que voltar com a prova de que ela recebeu. — Ele assentiu enquanto falava, animado com essa nova perspectiva. — Se você for bem-sucedido, começaremos seu treinamento.

— Sim, mestre. Vou fazer isso. — Loki apontou para Nicol. — Você o ouviu me prometer.

— Garoto, eu sou um Grant. Não volto atrás na minha palavra. Meu nome é Brodie, não mestre. E este é o Nicol.

— Sim, mestre Brodie, me diga o que fazer. E você também tem que me alimentar. — Loki sorriu para ele. —

Não se preocupe... não me chamam de Loki Sortudo à toa.

CAPÍTULO TREZE

O mundo muda

Celestina deu mais uma volta na torre da câmara. Sua vida aqui não era ruim, apenas entediante. Fredrik a deixava em paz, contente em esperar seu ciclo menstrual antes de incomodá-la. Inga podia entrar duas vezes ao dia para trazer comida e água e ajudá-la a limpar sua prisão. Todos os dias ela tinha esperanças de receber notícias sobre Brodie de Inga, mas os dias passavam sem nenhuma informação. Inga conseguiu lhe passar um pequeno livro para ler. Ela o escondeu na cama, esperando que Fredrik nunca descobrisse que ela sabia ler.

Graças ao curto período que ela e a mãe desfrutaram juntas. Todos os anos que passara sozinha em sua câmara só haviam sido toleráveis por causa de seus livros. Padre Padraig e Inga sempre conseguiam encontrar algo para ela ler. Isso e seu trabalho de agulha eram suas únicas formas de ocupar seu tempo.

Um som de arranhão no lavatório interrompeu sua caminhada. Que diabos era isso? Ela se inclinou em direção ao barulho, não querendo se mexer até determinar qual era a fonte. O som continuou, e pior ainda, parecia estar subindo pela parede da torre. Sua respiração ofegou de pânico – e se um bicho ou cobra encontrasse o caminho até sua câmara? Procurando a vassoura, ela a pegou e segurou na frente como se isso a protegesse.

Ninguém ouviria seu grito. Respirou fundo algumas vezes e se lembrou de que estava sozinha basicamente desde os sete anos de idade. Isso não era diferente. Ela podia e enfrentaria qualquer coisa que viesse em seu caminho. Seu coração acelerou à medida que o barulho aumentava. Ela se forçou a se aproximar do lavatório, ouvindo atentamente. O som de raspagem vinha de dentro.

Pensou em cobrir a abertura, mas não conseguiu se aproximar tanto. Sua coragem fugiu e ela deu um passo para trás. O suor escorria pelo seu esterno enquanto uma procissão de criaturas noturnas marchava em sua imaginação. De repente, o som parou e ela suspirou de alívio.

Então, de repente, um rostinho apareceu através da abertura e um moleque caiu diretamente na frente dela.

Celestina esperou, chocada, enquanto o menino colocava o dedo nos lábios para pedir silêncio. Enquanto uma cobra ou um morcego poderiam fazer com que ela gritasse, essa criança pequena não faria isso. Ele era o mais fofo que ela tinha visto em muito tempo, embora não tivesse conhecido muitas crianças para poder compará-lo.

Ela recuou até a mesa, sem tirar os olhos do menininho. Quando chegou à sua cadeira, a girou até se sentar de frente para ele. Depois de um momento, o menino se aproximou dela e sussurrou:

— Bom dia, anjo. Meu nome é Loki Sortudo. O mestre me enviou, ou melhor, mestre Brodie. — Ele riu e depois se calou. — Precisamos ficar quietos. Se eu for pego, o mestre não vai fazer de mim um guerreiro Grant.

Ignorando o odor do menininho que enchia a câmara, Celestina engoliu em seco e sorriu para o garoto.

— Brodie? Você conhece meu marido, Brodie Grant?

— Sim, ele me mandou. Olhe o que eu tenho para a senhora.

O garotinho ficou perto dela e prontamente levantou a camisa. Um bilhete com seu nome estava na frente de uma pilha de papéis em branco amarrados à sua barriga.

— Estes são para você, querida anjinha. Pegue-os. — Ele apontou para a barriga, com a camisa erguida sobre a cabeça para dar acesso a ela.

Suas mãos tremiam enquanto desamarrava o cordão, mas ela conseguiu pegar os papéis e colocá-los na mesa

antes que caíssem. O menino puxou a camisa para baixo e lhe entregou um utensílio de escrita.

— O mestre Brodie disse que tenho que esperar sua resposta. Ele disse que a senhora sabe escrever. A senhora sabe, querida anjinha?

— Sim. — Ela pegou o utensílio, ainda atordoada com a visão do garoto parado no meio de sua prisão na torre. — Como você chegou aqui? De onde veio? Qual é o seu nome mesmo?

Ele riu e, sem constrangimento, se jogou na cama.

— Meu nome é Loki. Mestre Brodie me enviou com este bilhete. Se eu lhe trouxer um de volta, ele e o Mestre Nicol me treinarão para ser um guerreiro Grant. Ele prometeu.

— Mas como você entrou aqui?

— Ah, foi fácil, querida anjinha. Eu subi pelas escadas no lavatório.

Celestina torceu o nariz para o odor forte que emanava do jovem.

— Há escadas dentro do lavatório?

— Ah, sim, a senhora pode escapar em caso de ataque. Claro, a senhora mesmo não pode, porque é grande demais para o buraco pequeno. Tentei mover o pedaço de madeira, mas está pregado. Mas eu posso subir. Veja? — Ele riu e recostou-se no travesseiro. — Vou apenas descansar os olhos um pouco enquanto a senhora lê e escreve, se não se importar. Me acorde quando estiver pronta, e levarei sua carta de volta para o mestre Brodie. Ele me mantém muito ocupado, sabe. — Ele fechou os olhos e se acomodou.

Celestina sorriu para o garoto na cama. Ele era, de longe, a coisa mais querida que já esteve tão perto dela. Crianças raramente eram vistas em seu mundo, e ele era a coisa mais maravilhosa que lhe acontecera desde sua prisão. Estendeu a mão para a nota na mesa e se aquietou, quase com medo de abri-la. Teria Brodie mudado de ideia sobre ela agora que o matrimônio com Ivarsson realmente acontecera? Ela fechou os olhos, fazendo uma rápida oração

para que ele ainda a amasse e a ajudasse a escapar dessa prisão.

Como se sentisse seus pensamentos preocupados, os olhos de Loki se abriram.

— Está tudo bem. Ele é muito gentil com a senhora, querida anjinha.— Ele assentiu com a cabeça em afirmação e fechou os olhos novamente.

Celestina sorriu com a declaração do garoto e pegou a nota, desdobrando-a com cuidado.

Meu amor, sinto muito por ter demorado tanto. Explicarei mais tarde, mas não desista. Vou resgatá-la. Confie no Loki Sortudo. Ele vai voltar para mim. Preciso saber se você está bem e não está machucada. Agora que sei onde você está, Nicol e eu faremos nossos planos para lhe resgatar. Ele a machucou? Ele tem planos de tirá-la daí?

Tenha fé em mim e seja forte. Eu a amo e sinto sua falta. Me escreva algo para que eu saiba que você está bem. Agora que a encontrei, mandarei Loki de volta com notícias dos meus planos.

Seu fiel marido.

Uma única lágrima escorreu pela sua bochecha antes que ela a enxugasse. Ele a chamara de “meu amor”. Ela guardaria essa carta para sempre. Então, ele a amava e estava planejando vir buscá-la. Como ela foi tão afortunada em encontrar e se casar com esse homem maravilhoso? Olhou para o teto e fez uma rápida oração de agradecimento antes de continuar. Sua mão trêmula pegou o pergaminho e a pena e começou a escrever.

Para o meu amado marido. Eu o amo e sinto sua falta com uma profundidade que me assusta. Tenha cuidado em tudo o que fizer, pois não suportaria perdê-lo. Ele ainda não me tocou. Ele espera para ver se estou carregando seu bebê. Não estou ciente de nenhum plano para me tirar daqui, mas não o vejo desde o nosso matrimônio. Vejo Inga

duas vezes ao dia. Por favor, apresse-se e tenha cuidado, porque ele é de fato um homem horrível. E por favor, cuide do nosso mensageiro Loki. Ele é um garoto doce.

Sua esposa amorosa.

Celestina não pôde deixar de sorrir com o termo “esposa”. Como ela desejava poder ser uma esposa normal para esse homem que virou seu mundo de cabeça para baixo, ou *finalmente* de cabeça para cima. Ele lhe deu esperanças e sonhos, algo do qual ela tinha tão pouca experiência. Olhou para o garoto adormecido em sua cama. Ela tinha esperanças de ter filhos com Brodie? Quanto sua vida fora carente até Brodie Grant aparecer debaixo de sua janela naquele dia fatídico.

Ela ousaria sonhar que ela e Brodie um dia seriam abençoados com um menino muito parecido com o que estava em sua cama? Embora ele estivesse em sua vida por apenas alguns minutos, sabia que lutaria para proteger esse garoto que tinha passado por tantos problemas para ajudá-la. Ela estendeu a mão e bagunçou seu cabelo, e os olhos do menino se abriram lentamente.

— O bilhete está pronto, querida anjinha? Vou levá-lo de volta para que eu possa ser um guerreiro. A senhora verá, serei o melhor de todos.

O sorriso de Loki foi direto para o coração dela. Ele levantou a camisa e ela prendeu o pacotinho para seu marido com cuidado no peito pequeno.

— Brodie diz para guardar as coisas de escrita caso precise escrever uma nota antes de eu voltar.

Ela assentiu e escondeu os itens nas dobras de sua saia. O garoto se moveu em direção ao lavatório e subiu no assento.

— Espere, garoto!

Loki olhou para cima enquanto esperava, a mão repousando na superfície de madeira.

— Por favor, deixe-me abraçá-lo por seus esforços. Não tenho mais nada para lhe oferecer.

Loki voltou a ficar na frente dela, braços ao lado do corpo, e sorriu timidamente para ela.

— Sim, mas só se a senhora insistir.

Celestina sorriu, percebendo que o garoto queria o calor do abraço tanto quanto ela. Quando finalmente o soltou, ele correu para subir no assento de madeira novamente, mas no último instante, ele se virou.

— O mestre Brodie não sabia como eu entraria, mas eu disse a ele que Lucky Loki encontraria um jeito. Eu voltarei — sussurrou com outro grande sorriso.

Ela se sentou de volta na cadeira e suspirou. Outra alma adorável foi trazida para sua vida por seu marido.

O mês de agosto não trouxera melhorias nas relações entre os escoceses e a Noruega até agora. Brodie suspirou enquanto aguardava o rei no castelo real. Frustrado por não ter conseguido cumprir a promessa de resgatar Celestina em uma semana, ele lutava para manter o controle necessário para manter sua boa reputação aos olhos do Rei dos Escoceses. Graças a Loki, pelo menos estavam progredindo agora. Celestina foi localizada em Creggan Hall, em Largs; ela estava segura e ainda não tinha sido tocada pelo lorde Ivarsson.

Ao buscar sua localização, Brodie e Nicol descobriram algumas informações que esperavam. Um traidor suspeito fora visto em Ayr conversando com os Blackfriars. Isso por si só não era incomum, já que os Blackfriars eram os emissários escolhidos entre os dois reis. Mas outro dos frades viera até ele com suas suspeitas. Ele e Nicol passaram um tempo considerável seguindo o frade suspeito na esperança de descobrir a identidade do traidor. Não

havia nada certo ainda, então ele não havia relatado isso a Walter Stewart.

Um grupo de chefes e guardas, incluindo Mure e Boyd, vieram ao castelo por ordem de seu rei, esperançosamente porque ele tinha novas informações para transmitir. Enquanto Brodie estava na solar aguardando Alexander, ele podia sentir a tensão entre seus camaradas ter aumentado desde a última reunião.

Robbie falou primeiro.

— Não gosto do clima daqui, Brodie. Cada vez mais membros da nobreza estão chegando junto com mais lairds e chefes. Há alguns chefes aqui que não conheço. Isso não é um bom sinal para os escoceses.

Brodie coçou o queixo.

— Sim, mas quanto mais se reúnem para lutar, melhores são nossas chances. Ouvi rumores de vinte mil homens a caminho da Escócia. Quem sabe onde eles vão desembarcar?

Os dois direcionaram sua atenção para a porta enquanto vozes do lado de fora os alcançavam. Walter Stewart abriu a porta com força e entrou primeiro. Depois de escanear a grande biblioteca, ele recuou para que o rei pudesse entrar com segurança. Ele foi seguido por Alexander de Dundonald, alto mordomo e conselheiro do rei.

Um silêncio instantâneo desceu sobre o grupo enquanto aguardavam as notícias de seu rei. A presença de Alexander de Dundonald não indicava nada de bom para a gravidade da situação.

O rei acomodou-se em sua cadeira atrás da mesa antes de falar.

— Senhores, eu quis atualizá-los sobre os eventos conforme ocorreram para que possamos nos unir para proteger a terra de nossos ancestrais.

Ele acenou com a mão e dois serviçais trouxeram cerveja e colocaram bandejas de queijo e frutas ao redor da sala. Brodie e seu irmão pegaram uma bebida cada um e

sentaram-se em um sofá próximo conforme instruído pelo rei.

Uma vez que os serviçais partiram e fecharam a porta, um silêncio caiu sobre a solar.

— Recebemos a notícia de que o rei Haakon chegou às Hebrides com cerca de cento e vinte navios. O rei Dougal se uniu a ele e Magnus de Mann planeja se juntar a eles também. Hoje, um mensageiro dos Blackfriars, os emissários escolhidos, chegou com uma nota oferecendo nenhuma concessão por parte de Haakon.

O olhar de Brodie percorreu o grupo. Qual seria a resposta deles? A guerra parecia inevitável se Haakon permanecesse firme. Mas mesmo com todos os guerreiros de seu irmão, eles nunca chegariam perto de igualar os vinte mil homens inimigos. E quantos Haakon recrutaria das Ilhas? Brodie tinha um pressentimento ruim. Ele e o irmãos já haviam concluído que o Rei Alexander III não iria recuar. Talvez ele não adquirisse todas as terras que esperava, mas não pararia até recuperar Kintyre no mínimo. Atualmente em uma posição defensiva, Alexander esperava incutir terror suficiente em Haakon para retomar o controle de algumas das Ilhas Ocidentais.

Mas então, isso não ofereceria a Brodie a chance de salvar sua esposa? Com seu rei focado na guerra, ele se importaria com uma moça? Talvez esperasse alguns dias a mais para ter certeza de que lidava com tudo corretamente. Alex o advertira a controlar seu temperamento impulsivo e ser paciente.

Robbie o lembrou de como ele frequentemente era provocado em seus anos mais jovens por ser menor que alguns dos outros rapazes. Seu pai havia lhe dito para ser paciente, que um dia alcançaria os outros, mas ele frequentemente perdia a paciência e brigava com um rapaz mais velho. Quase sempre perdia essas batalhas. Ele sorriu ao pensar nas inúmeras vezes em que seu pai o havia levantado e limpado seus ferimentos, tentando instilar nele

a única qualidade que havia se mostrado tão esquiva: paciência. Se seu pai estivesse aqui agora, ele mostraria como o ouvira bem. Só iria atrás de Celestina quando o momento fosse certo. Era crucial que o resgate dela ocorresse sem problemas.

Ele precisava que o rei estivesse ocupado demais com os assuntos do estado escocês para se preocupar com ele. O dinheiro havia mudado de mãos com o matrimônio, e o rei provavelmente já havia obtido o apoio necessário dos vassalos noruegueses até agora. Ele enviaria Celestina de volta para as terras dos Grant com Nicol e mais alguns guerreiros. Maddie a receberia de braços abertos e ela esperaria por ele lá.

Ela não esperaria? Se tivesse outras pessoas ao seu redor para amá-la e valorizá-la, ela ainda o desejaria? A moça havia sido tão protegida, ela havia afirmado ter se apaixonado por ele em menos de uma semana. Será que esse forte vínculo duraria depois que ela conhecesse rapazes que tinham mais a oferecer a ela? Ela era filha de um barão... até Robbie tinha mais a oferecer a ela. Ela se apaixonaria por seu irmão como muitas das moças que ele tentou conquistar tinham feito no passado?

Brodie balançou a cabeça para parar seus pensamentos tolos. Celestina o amava tanto quanto ele a amava. Tinha certeza disso. Loki havia lhe dito o quanto a “querida anjinha” ficou feliz ao receber sua mensagem. Havia lágrimas nos olhos dela quando ela leu sua nota. Ele pensou que isso tinha que ser um bom sinal. Não sabia exatamente por que, mas confiava no jovem rapaz.

Alexander de Dundonald trouxe sua cabeça de volta para a realidade.

— Nossa resposta é nenhuma concessão — disse ele. Um pequeno coro de aprovação surgiu de alguns dos presentes. — Queremos nossas terras de volta e lutaremos se necessário, que Deus esteja conosco.

Walter Stewart falou em seguida.

— Todos os meus sargentos, preparem-se para proteger nosso castelo real com suas vidas, se necessário. Esperamos que Haakon viaje pelo Firth of Clyde até Ayr assim que reunir sua força. Esperamos que a cidade real seja um alvo principal. Devemos estar prontos.

O rei Alexander perguntou:

— Quantos guerreiros reunimos até o momento?

Boyd respondeu:

— Cerca de mil, com mais a caminho. Longe dos vinte mil que estão vindo em nossa direção.

O rei riu.

— Uma coisa que vocês devem sempre lembrar em tempos de guerra. Nunca acreditem nas histórias sobre seu oponente. O outro lado sempre irá encorajar rumores que pelo menos dobram o número real deles. Meu palpite seria de não mais que cinco mil homens, mas saibam disso. Devemos estar prontos. O treinamento de nossos homens deve incluir espadas, machados de batalha e arcos, e deve ser feito tanto a pé quanto a cavalo. Estou preparando nossos navios galés para a guerra, também. Devemos estar prontos para todo tipo possível de ataque.

Ele procurou o grupo antes de seu olhar pousar em Robbie.

— O restante de vocês pode se retirar. Grant, preciso falar com o senhor. — Ele caminhou até ficar em frente a Robbie. — Grant, avise seu irmão que quero os cavalos de armadura aqui agora, juntamente com mais cem de seus guerreiros.

— Sim, vossa graça, enviarei um mensageiro. — Robbie assentiu antes de se levantar. Ele esperou enquanto o grupo se dispersava lentamente. — Quem o senhor gostaria que eu usasse? Tem alguma preferência?

— Os Blackfriars. Envie um imediatamente para Grant.

Robbie assentiu em agradecimento.

— E diga ao seu irmão que espero que ele esteja aqui também. É uma ordem.

Brodie lançou um olhar para Robbie. Isso não era uma boa notícia.

CAPÍTULO CATORZE

Janelas da alma

Celestina sentou-se à sua mesa e alisou o pergaminho à sua frente. Ela decidira escrever uma nota para Brodie para que, se Loki voltasse, tivesse algo para lhe entregar. Ela jurou nunca colocar a vida do menino em perigo. Embora fosse improvável que ele fosse pego em sua câmara, já que ninguém a visitava exceto Inga, sabia que não era seguro que permanecesse na câmara da torre.

Meu querido marido, Saiba que estou tão bem quanto possível sem você ao meu lado. Sinto falta do seu toque e da sensação dos seus braços me envolvendo com seu calor. Lamento dizer que não carrego nosso filho, mas Inga mentiu para Ivarsson sobre os meus ciclos para mantê-lo afastado. Ele está aceitando isso por enquanto, mas por favor não demore.

Inga irrompeu na câmara e a puxou para ficar de pé. A moça enfiou um cobertor dobrado dentro da frente do seu vestido sem explicar.

— Inga, o que está fazendo?

— Não pergunte, apenas faça o que digo. E tenho que me apressar. — Ela amarrou o cobertor no lugar com tiras de linho e saiu correndo pela porta. — E esconda isso — ela disse, apontando para a nota na mão de Celestina. — Ele está a caminho.

A mão de Celestina tremia enquanto ela dobrava o pergaminho e o escondia embaixo do colchão com a pena. Encarando a barriga acolchoada, sua confusão floresceu. Confiava totalmente em sua criada, então ela devia ter tido uma razão para fazer uma coisa tão estranha, mas o quê?

O som de passos pesados se aproximando dissipou todos os seus pensamentos, deixando apenas o medo. Virando-se quando a porta se abriu com estrondo, seu fôlego ficou preso quando viu Ivarsson com um homem que não reconheceu. A bile ameaçou subir pela garganta ao se recordar das indignidades que fora forçada a suportar com o médico. Que mais humilhações ele teria planejado para ela?

Os olhos de Fredrik exibiam seu habitual humor distorcido. Seu parceiro, careca e musculoso, permanecia na entrada com os pés afastados e os braços cruzados, evitando seu olhar, com o rosto inexpressivo.

Sem que ela fizesse uma escolha consciente, o corpo de Celestina entrou em modo de proteção, um mecanismo que desenvolvera para ajudá-la a sobreviver à brutalidade de seu pai. Ela conhecia bem os sinais: sua mente embaçava, seu coração acelerava, e sua visão se estreitava.

Ivarsson aproximou-se dela, sem desviar o olhar. O suor brotou em sua testa e se acumulou entre seus seios. O olhar dele a assustou, mas seu comportamento lhe disse ainda mais. Ele estava cansado de esperar por ela... e não estava feliz. Ela permaneceu de pé, as mãos unidas na frente, da maneira como seu pai sempre a instruía a receber seu castigo. De alguma forma, ela sabia o que estava por vir.

— Sua criada me informou que você ainda não teve suas regras. Isso é verdade, minha querida?

A maneira como ele pronunciou a palavra “querida” arrepiou sua espinha.

— Sim. — Nenhuma outra palavra veio à sua mente além de *Senhor, me dê forças*.

Ele levantou sua saia na frente, fechou os olhos e enfiou o rosto entre as pernas dela.

— E você ainda não as tem agora, senão eu seria capaz de sentir o cheiro. — Celestina ofegou com a intrusão e o comentário grosseiro, tentando puxar a saia contra sua invasão. Depois que ele ergueu a cabeça, suas mãos agarraram as dela, torcendo-as bruscamente. — Nunca me

toque sem minha permissão — ele grunhiu — e nunca tente me impedir de fazer o que eu quiser com o que é meu. Você é minha. Sempre será minha, e farei o que eu quiser com você.

Ele mudou a pegada para os braços de Celestina e a forçou a ficar na ponta dos pés, arqueando as costas para suportar a dor de seu tratamento bruto. Em um instante, ele soltou os braços dela e a virou para ficar na frente dele, com as costas contra seu peito. Ele puxou os braços dela com força para trás, fazendo com que seus seios e barriga se projetassem para fora.

O hálito quente queimava sua orelha.

— Não prometi que você não geraria o filho de outro homem? Parece que precisamos ter certeza de que você não me envergonhará. — Ele virou o corpo dela na direção do homem junto à porta. — Aldrik, faça como instruí.

O odor de Fredrik Ivarsson invadiu os finos pelos de suas narinas. Ela podia sentir o cheiro do suor de seus poros e ouvir sua respiração acelerar em antecipação ao que estava prestes a acontecer. Todo o seu corpo se tensionou quando o homem careca se dirigiu em sua direção. O olhar do homem grande passou direto por ela ao se aproximar, mas Celestina não conseguia desviar os olhos de seus bíceps enormes, do apertar de seus punhos, até mesmo da tensão de sua mandíbula, coisas que ela via sempre que seu pai se preparava para batê-la. Sua visão se embaçou, mas ela se forçou a pensar em seu verdadeiro marido, Brodie Grant.

O punho de Aldrik atingiu seu estômago e seus joelhos se ergueram de maneira reflexiva.

Fredrik gritou para ela.

— Meretriz, você não passa de uma meretriz e eu a punirei por suas transgressões.

Ela fechou os olhos enquanto os punhos de Aldrik golpeavam sua barriga. Náusea alternava com dor lancinante. Esperando alcançar um deles, ela implorou:

— Por favor, não. — Suas palavras foram abafadas pelas risadas de Fredrik.

Ele ergueu a mão para indicar que Aldrik deveria parar.

— Garota tola, você realmente achou que poderia me enganar? — Ele enfiou a mão dentro de seu vestido e puxou o cobertor para fora. Ele o jogou no chão e disse a Aldrik: — De novo.

A visão de Celestina enfraqueceu. Ela lutou para manter a consciência, mas era uma batalha perdida. O próximo soco a atingiu com muita força e a náusea sacudiu seu corpo. Aldrik se moveu a tempo e Ivarsson a deixou cair no chão enquanto o vômito jorrava de sua boca.

— Obrigado, Aldrik. Pode ir.

Celestina se deitou de lado no chão, os joelhos puxados para o peito, incapaz de se mover. Seu olhar seguiu Fredrik enquanto ele andava pela câmara. Ele marchava pelo perímetro de maneira grandiosa, como se esperasse os aplausos de uma grande multidão. Quando alcançou seus pés novamente, ele parou.

— Aliás, você não acredita que seu rapaz escocês se importa mais com você, não é mesmo? Como sei o quanto é ingênua, permita-me dar-lhe um pouco de realidade. Se tivesse oferecido sua virgindade a qualquer homem na estrada, ele teria aceitado. Sexo é mais importante para os homens do que qualquer coisa. Ele pegou sua virgindade e saiu correndo para contar aos amigos. Você não significa nada para ele. Seu rapaz não teria se casado com você. Seja grata por me ter.

Antes de sair, ele se virou para ela.

— Veja como esse bebê se sai agora. — Ele deu meia volta e saiu da câmara.

Celestina gemeu e lutou para se sentar. Ela conseguiu se mover o suficiente para que suas costas encostassem no lado do colchão. Forçando-se a acalmar a respiração rápida e superficial, ela lutou para manter a consciência. Graças a Deus não estava carregando o filho de Brodie, ou o bebê

certamente estaria morto agora. Colocou uma mão no chão na tentativa de se levantar, gritando de dor no estômago. Se ao menos conseguisse chegar à cama, poderia desmaiar.

A porta se abriu novamente e ela se encolheu antes de perceber que era Inga. Sua criada correu para o seu lado e a ajudou a se deitar na cama.

— Obrigada, Inga.

— Oh, menina, não me agradeça.

— Sim, eu devo. O cobertor que você colocou dentro do meu vestido me salvou durante a primeira metade da surra.

— Pobrezinha. Me diga o que posso fazer para ajudar. — Ela trouxe um pano e água fresca, e enxaguou o rosto e a boca de Celestina.

— Cubra-me, preciso dormir. — Ela lutou para permanecer acordada, mas precisava fazer mais uma coisa. — Inga?

— Sim, menina.

— Encontre-me o pergaminho debaixo do colchão. Quero tê-lo perto.

Inga encontrou a pena e a nota e deu a ela. Enquanto Inga limpava o chão, Celestina manteve-a debaixo do travesseiro, mas assim que ela saiu, Celestina a tirou e escreveu:

Meu amor, perdoe-me se eu não conseguir. Eu a amo e somente a você. Se eu pudesse, ficaria com você para sempre. Sinto muito, mas acho que devo me juntar à minha mãe. Vou esperar por você no céu. Então estaremos juntos como estávamos destinados a ser.

Ela apertou a nota em sua mão e desmaiou.

Celestina tentou sair da cama, mas suas pernas estavam muito pesadas. Ela abriu os olhos e olhou para o outro lado da câmara. Uma mulher limpava a mesa, cantarolando

enquanto trabalhava. A câmara da torre parecia um pouco diferente, mas ainda havia apenas um leito e uma mesa. A porta estava no mesmo lugar, mas o tapete havia mudado de cor e o armário havia desaparecido.

Ficou surpresa ao perceber que a mulher não era sua querida criada. Tranças douradas de cabelo estavam enroladas ao redor de sua cabeça. Levou a mão ao coração; não poderia haver outra explicação para a dor no centro de seu peito. Ela fechou os olhos para se concentrar, então os abriu novamente e forçou seu olhar de volta para o centro da câmara.

— Mamãe? — Celestina perguntou em voz baixa. — É você mesmo, mamãe?

— Claro, minha querida. Por que minha bonequinha ainda dorme tanto esta manhã? — Ela aproximou-se da cama de Celestina e afastou uma mecha de cabelo de seu rosto. O perfume de lavanda de sua mãe envolveu Celestina, que fechou os olhos, inspirando o aroma maravilhoso enquanto saboreava o som da voz de sua mãe.

Isso deve ser o céu, pensou ela. *Cheguei ao céu.* O único pensamento que entristeceu seu coração foi a perspectiva de deixar Brodie para trás. Ela o amava muito. Então ela virou de lado e gritou de dor.

O dedo de sua mãe imediatamente moveu-se para seus lábios.

— Silêncio, criança, não acorde seu pai. Não precisamos dele aqui conosco. Que homem miserável ele tem sido ultimamente. — Sua mãe foi até a mesa e pegou sua nota. — Encontrei essa nota em sua cama. Estou muito feliz em ver que você está escrevendo. Você não tem ideia do quanto essas notas podem ser valiosas. Escreva o que está em seu coração e as cartas serão uma janela para sua alma. Você ainda é jovem demais, mas verá, eu prometo.

O olhar de Celestina seguiu sua mãe pela câmara, com medo de que ela desaparecesse.

— Ah, e Celestina? Busque, sempre continue buscando, e você ficará agradavelmente surpresa com o que pode encontrar. — Ela se aproximou da cama e beijou a testa da moça. — Está tudo bem, querida, pode dormir agora. Lembre-se de que estou sempre com você.

Ela fechou os olhos quando a mãe voltou para a mesa, ainda cantarolando, e adormeceu rapidamente ao som da voz de sua mãe.

Celestina se mexeu quando alguém puxou sua mão, batendo de leve nela.

— Anjo? Querida anjinha?

Seus olhos se abriram rapidamente e Loki se inclinou sobre sua cama, seu rosto a poucos centímetros do dela.

— Saudações, Loki.

Ele deu um passo para trás e ela deslizou as pernas para o lado da cama e tentou sentar-se, gemendo e segurando a barriga. Foi só então que ela percebeu que o vestido tinha sido removido e a camisa havia subido até os seios. Ela pegou o cobertor para se cobrir, mas não antes que Loki visse os vários hematomas cobrindo sua barriga, laterais e a parte superior das pernas.

— Oh, meu Deus. Querida anja, o mestre Brodie não ficará feliz quando eu contar sobre isso. Quem a machucou? Esses hematomas só podem ter vindo de socos.

Celestina se cobriu enquanto as lembranças do ataque a assaltavam. Ela as afastou.

— Loki, por que você está aqui? E como sabe sobre os hematomas e os socos, garoto?

O menino olhou para os próprios pés.

— Não quero falar sobre isso.

Celestina bagunçou o cabelo dele e beijou sua bochecha.

— Sinto muito, meu amiguinho.

O menino ficou quieto por um momento, então a excitação brotou novamente dele.

— Não, isso não é importante, mas isto é. O mestre Brodie disse para avisá-la que estará aqui amanhã assim que o sol se pôr. Não durma e certifique-se de estar vestindo roupas de sair, querida anjinha.

— Loki, eu tinha uma nota para o Brodie, mas agora não consigo vê-la. Você a encontrou?

— Sim, e eu a coloquei no meu cinto. Era aquela que estava na sua mão na cama?

Celestina assentiu.

— Sim, eu peguei.

— Loki, obrigada por arriscar sua vida por mim novamente. — Celestina sorriu para o jovem rapaz.

— Está tudo bem, querida anja. É o mesmo que qualquer guerreiro Grant faria. — Ele assentiu uma vez para dar mais significado às suas palavras.

Ela não pôde deixar de sorrir para o pequeno.

Loki virou-se e seguiu para o lavatório, mas então correu de volta para ela e disse:

— Suponho que você tenha que me abraçar novamente antes de eu ir, sendo uma moça e tudo mais. — Seu rosto sério se desfez no sorriso mais doce que ela já viu. Ela o abraçou da melhor forma que pôde com seus ferimentos e plantou um beijo em sua bochecha antes de soltá-lo. — Por favor, diga ao mestre Brodie que eu o amo.

Ele virou a cabeça para olhá-la depois de subir no assento. Apertando os olhos e franzindo o nariz, ele declarou:

— Sei que a senhora também me ama, querida anja.

Com esse anúncio e uma risadinha, ele desapareceu.

CAPÍTULO QUINZE

Os nórdicos estão chegando

Brodie caminhava de um lado para o outro no centro da vila com seu irmão, Nicol, Tomas e vários guerreiros.

Robbie balançou a cabeça.

— Estou com um pressentimento ruim sobre tudo isso, Brodie.

— Sobre o quê? — Brodie indagou.

— Você ouviu. Haakon está a caminho do Firth of Clyde. O que diabos vai acontecer com Ayrshire se o camponês enviar seus homens pilhando ao longo da costa? — Robbie passou a mão pelo cabelo castanho claro enquanto batia os pés em frustração.

— Nós vamos lutar. É para isso que estamos aqui — respondeu Tomas.

Robbie virou-se para seu amigo com uma expressão exasperada.

— Céus, você não acha que sei disso, Tomas?

— E se ele dividir os barcos e enviá-los para diferentes lugares ao longo da costa? — Nicol perguntou. — Então talvez tenhamos que dividir nossas forças para enfrentá-los.

— Não, ele não vai dividir suas forças — Brodie afirmou. — Qualquer líder sabe que há poder nos números. Ele atacará todos de uma vez.

— Mas para onde diabos ele está indo? — Robbie olhou para o céu, como se a resposta pudesse estar nas nuvens.

— Provavelmente aqui mesmo no castelo real. É onde eu iria se quisesse enfraquecer um país. — Nicol andava em círculos enquanto falava.

— Robbie, sei que a paciência não é uma das suas virtudes, tanto quanto não é uma das minhas — Brodie disse —, mas não há nada que possamos fazer até que eles desembarquem seus navios. A melhor maneira de passar o

tempo até então é treinando. Você enviou a mensagem do rei para Alex? — Brodie sentou-se em um toco de árvore próximo, desfiando gravetos.

— Sim, mas você sabe que ele não ficará feliz.

— Ah, mas ele pode ter que trazer o restante de nossos guerreiros — disse Brodie. — Precisamos de quantos forem possíveis para impedir os noruegueses de avançarem para o interior. A única maneira segura de proteger Maddie e nosso clã é derrotá-los rapidamente na costa, antes que tenham tempo de buscar mais armas ou suprimentos. Precisamos que Alex lute conosco. Você conhece o poder dele.

Robbie colocou a mão no ombro de seu irmão.

— Sei que você também está pensando nela, Brodie, mas não se preocupe. Nós a encontraremos. Ela é uma Grant e nós a tiraremos de lá.

Um grupo de soldados entrou no pátio, então Brodie se afastou do comentário de seu irmão. Ele não precisava que o rei ou qualquer outra pessoa, além de seus guerreiros privados dos Grant, tivesse conhecimento de seus planos. Justo naquele momento, como se tivessem sido convocados pelos pensamentos dos irmãos Grant, ele avistou um par de pernas miúdas correndo em sua direção. A expressão no rosto de Loki o atingiu em cheio. Algo havia acontecido com seu amor.

Quando Loki alcançou Brodie, ele se jogou diretamente nele, com uma carta agarrada em sua pequena mão. Ciente de todos os guardas na área, Brodie a enfiou em seu bolso.

— O que houve, Loki? O que aconteceu? — O ar o sufocou enquanto ele encarava o rosto angustiado do menino.

— Mestre Brodie, ela está muito mal. Ele a espancou. Alguém a espancou. Eu não consegui acordá-la. — O garoto esfregou os olhos.

— Ela está morta? — O fôlego de Brodie prendeu na garganta, temendo qual seria a resposta de Loki. — Ela está viva ou morta, Loki? Me diga!

— Ela está viva, mestre, mas ela está machucada. Ela estava dormindo quando cheguei lá, e não conseguia acordá-la a princípio. Mas então gritei em seu ouvido e ela acordou.

— Bom trabalho, rapaz. Mais alguma coisa? — Enquanto Brodie colocava o menino no chão, Robbie e os dois amigos se reuniram ao redor deles.

— Depois que a acordei, ela tentou se sentar, mas estava doendo demais. Então eu vi os hematomas. Por todo o ventre e pernas dela. — Loki bateu um punho contra a palma da outra mão. — O desgraçado insolente. Um dia eu vou acertar as contas com ele, eu vou. Ele não pode machucar nossa anja sem ser responsabilizado.

O sangue de Brodie fervia em seu corpo. Sua cabeça doía de tantas maneiras que ele mal conseguia pensar direito. Como alguém poderia machucar uma inocente como sua esposa?

Robbie deu tapinhas nas costas do garoto.

— Está tudo bem, jovem guerreiro. Nos conte o que mais você sabe.

— Ela ficou bem depois que eu a acordei. — Loki limpou os olhos. — E eu não estou chorando, de jeito nenhum.

— Não, nós sabemos disso. — Robbie escondeu um sorriso ao olhar para Tomas, — Você será um ótimo guerreiro dos Grant, garoto. Agora, pense com cuidado. Você contou a ela sobre nossos planos?

— Sim, eu disse a ela para que amanhã à noite, ela fique vestida e pronta para sair.

— Bom trabalho, Loki. Quando você crescer um pouco mais, até o treinaremos com uma espada.

Brodie começou a andar de um lado para o outro enquanto os outros conversavam. Fragmentos do que estava sendo dito chegavam até ele. Ele sabia que Alex diria para ele se concentrar no fato de que ela estava viva e lidar com o resto depois. Podia ouvir as palavras de seu irmão em sua cabeça. *Você tem um trabalho a fazer. Foque*

e o faça. Mas ainda assim, ele estava tão chateado que mal conseguia enxergar direito. Era difícil conter o desejo de encontrar Ivarsson e esfaqueá-lo bem no coração.

Brodie respirou fundo, se concentrou, e voltou-se para Loki.

— E quanto aos guardas? Quantos são?

— Não são muitos, mas tem um novo e ele é grande e malvado. Todo mundo na cozinha tem medo dele. Aldrik é o nome dele. Aposto que ele bateu em nossa anja. Temos que salvá-la. Temos que salvá-la! — Os olhos grandes de Loki se estreitaram enquanto ele olhava para cima. — Por favor, mestre Brodie, você a salvará, não é?

— Isso é importante, Loki. Você acha que ela consegue andar sozinha? — Robbie perguntou.

— Sim, acho que sim. Ela é muito forte para uma moça.

Brodie entregou uma moeda a Nicol.

— Vá buscar para o garoto a maior torta de carne que você encontrar. — Ele se virou para o irmão e Loki com as mãos nos quadris. — Não se preocupe, Loki. Hoje à noite, agiremos.

— Não, não mude seus planos — Robbie falou, colocando a mão em seu braço. — Temos tudo preparado para amanhã à noite. Dificilmente conseguiríamos chegar lá a tempo hoje à noite. Paciência, irmão, paciência.

Brodie assentiu, reconhecendo a lógica de seu irmão. Ele puxou a carta de Celestina para ver se havia alguma informação nova ali. Quando leu a última parte da nota, ergueu a mão e massageou suas têmporas.

— Robbie, não temos muito tempo. Ele pode matá-la.

— Não, ele não vai — Robbie disse com uma voz incomumente suave. Ele segurou os ombros de seu irmão. — Ele a espancou para mantê-la lá. Fez isso para garantir que ela não teria energia para escapar. Estes são tempos difíceis e, pelo que Alex me informou sobre Fredrik Ivarsson, ele estará no meio disso. Ele vai sair da propriedade e quer

garantir que ela esteja lá quando ele voltar. Ele não vai matá-la agora, eu lhe garanto.

Os ombros de Brodie caíram. Hora de esperar... de novo.

O pequeno grupo de chefes e membros da vila reunidos no castelo real representava a maior parte da riqueza na cidade. Os guardas permaneciam firmes na frente do castelo e em todo o perímetro. Lá dentro, ouvia-se pigarrear constantemente, vozes gritavam e depois se acalmavam, pés eram reposicionados repetidamente, e por toda parte havia aperto de mãos.

Bem mais tarde do que o esperado, o rei Alexander entrou junto com Walter Stewart, o conde de Menteith, e o xerife de Ayr.

— Senhores, há questões das quais devemos informá-los. Esta informação que estamos prestes a transmitir não deve ser levada de forma leviana. Por favor, tenham muito cuidado ao tomar decisões para protegerem seus entes queridos.

Nenhum som podia ser ouvido na sala uma vez que o rei fez uma pausa em seu discurso.

— O rei Haakon está se dirigindo para o Firth of Clyde. Ele enviou seus homens para pilhar o nosso continente. Espero sua chegada dentro de uma semana. Todas as mulheres e crianças devem ser movidas até lá.

Suspiros de surpresa e medo ecoaram na câmara. O xerife pigarreou.

— Por favor, sigam o conselho do rei. Esperem derramamento de sangue aqui. Movam seus entes queridos agora. Eu mesmo estou movendo minha esposa para uma das ilhas no Loch of Menteith para segurança.

Ivarsson encarou o barão Lunde.

— Preciso mover minha esposa. Isso está acontecendo muito mais rápido do que eu esperava.

— Para onde você a levará? — perguntou o barão.

— Eu tinha esperança de que você tivesse uma sugestão. Você não tem outra casa pequena que eu possa usar? Minhas propriedades estão nas Hébrides. Não há mais nenhum lugar por aqui onde eu possa levá-la, mas preciso tirá-la do caos desta área, especialmente porque aqueles guerreiros Grant estão vagando livremente por aí. No entanto, não serei capaz de ficar com ela depois que a mover. Tenho muito em jogo aqui.

O barão suspirou.

— Tenho uma antiga propriedade em Lennox, Moubrey Hall, perto do Loch Lomond. Deve ficar longe o suficiente, no interior, para ser seguro. Se você tiver criados para administrá-la, está livre para usá-la. Embora, se a ameaça se aproximar muito mais, eu mesmo posso ir para lá.

A noite escura se enevoou enquanto o homem caminhava pelas pedras de calcamento. Ele se forçou a parar, com medo de fazer barulho suficiente para chamar a atenção dos guardas do castelo, o que seria devastador. Um visitante encapuzado se aproximou dele sem aviso.

— Padre, você precisa se aproximar dessa maneira furtiva?

— Sim, preciso. Que mensagem o senhor tem para que eu transmita ao nórdico?

— Diga a ele que o lugar onde ele pode obter mais riquezas fica perto de Loch Lomond.

— E como ele vai saber onde é?

— Se ele passar por Largs, vou encontrá-lo em algum lugar entre Largs e o Loch, que é uma das maiores vias navegáveis da área. Vou encontrá-lo.

— Alguma coisa mais?

— Isso é tudo, Frei. Largs, e então Loch Lomond. E espero metade do saque quando estivermos livres.

— Você é um homem exigente. Duvido que o nórdico concorde com isso, mas isso é entre vocês dois. Vou transmitir sua mensagem.

Com um aceno de cabeça, o frei desapareceu na noite.

Fredrik Ivarsson sorriu. Tudo estava se encaixando. Ele sabia que Haakon saquearia a área e causaria estragos nos escoceses de todas as formas possíveis. Haakon ainda estava furioso com o que aconteceu em Skye. Com os escoceses em meio a tanto caos, ninguém notaria seu envolvimento.

Ele mal podia acreditar que realmente conseguiu, sentado no solário do rei como um nobre rico supostamente leal à coroa escocesa, enquanto planejava ajudar seu rei nórdico a enterrar os tolos. Enviou a Haakon notícias de cada movimento de Alexandre III. Ele riu, pensando em como as duas forças nem mesmo haviam se encontrado ainda. Os nórdicos sempre souberam onde as forças escocesas estavam, graças a ele e ao frei.

Agora ele teria Celestina ainda mais perto dos navios galés nórdicos. Depois de recuperar as moedas que deu ao barão tolo, levaria sua adorável esposa e zarparia para Orkney. Nunca mais precisariam pisar em solo escocês novamente. Quando recebesse o pagamento de Haakon por seus deveres de espionagem, seria um homem rico com uma esposa bonita e submissa.

Celestina sentou-se na carruagem, a derrota a dominando. Como isso pôde ter acontecido? Brodie deveria resgatá-la naquela noite, e Fredrik arruinou essa possibilidade. Na manhã seguinte, ele a arrastou para fora da porta com a ajuda de Aldrik e a jogou nesta carruagem junto com sua criada. O evento inteiro aconteceu tão rápida e silenciosamente que o único som foi o rugido de Aldrik quando ele calçou os sapatos e os encontrou cheios de

pedras. Para alguém que podia infligir golpes tão fortes, certamente ele não conseguia lidar muito bem com a própria dor. De alguma forma, a notícia deve ter se espalhado sobre o plano de Brodie. Mas como? Ela estava preocupada com seu verdadeiro marido e com o pequeno Loki.

Enquanto a carruagem rolava sobre a estrada de pedras, ela olhou para Inga, que parecia quase tão perturbada quanto ela se sentia. Olhando para o campo, ela sentiu as lágrimas surgirem em seus olhos enquanto tentava se acomodar. Quando as rodas afundavam nos buracos, ficava em agonia com a dor na barriga, mas tentou ignorá-la. Colinas passavam rapidamente por eles. Pelo menos ela não podia ver Fredrik ou Aldrik; esperava nunca mais ter que vê-los novamente. Vários guardas garantiam sua segurança, mas ela não reconhecia nenhum deles. Como ela desejava saber para onde estavam se movendo. Este seria o momento perfeito para seu marido libertá-las.

Inga estendeu a mão para segurar as suas.

— Não se preocupe, Celestina — sussurrou. — Ele nos seguirá. Brodie Grant é um bom homem.

— E como ele saberá para onde fomos? Eu nem sei para onde estamos indo, nem mesmo onde estávamos antes. Estou indefesa, Inga.

— Sim, mas ele a encontrou antes e vai encontrá-la novamente. Ele a ama. Você está se sentindo melhor?

— Um pouco. Ainda não consigo comer.

— Você teve mais algum sonho com sua mãe?

— Não. Ela parecia tão real; eu acreditava que havia acordado e a encontrado lá. Mas não era a mesma câmara onde eu estava sendo mantida. Similar, mas não o mesmo. Ai de mim, era apenas um sonho. Mas quando penso nisso, acredito que já tive sonhos assim com minha mãe antes... sim, sempre naquela mesma câmara. — Ela tentou resolver isso, mas não chegou a uma conclusão satisfatória.

Celestina olhou pela janela. Afinal, o que importava? Brodie seria forçado a abandonar sua busca por ela. Eles haviam viajado uma longa distância e agora estavam longe de Largs e de Ayrshire, e seria impossível para ele segui-la para o interior quando ele era um sargento do castelo real.

Teria que esquecê-lo, já que não havia como ele encontrá-la agora. Ele tinha que cumprir seu dever para com o rei, e sua família precisava dele para proteger seu clã. Os insultos de seu pai ecoavam em sua mente.

— *Você não é nada mais do que uma mulher sem valor. Você não tem cérebro, nenhum valor além de ser uma forma para um homem ganhar um filho. Como vou me livrar de você? Você não tem personalidade, é feia, é estúpida. Quem iria querer você? Eu a odeio por tudo que me fez passar.*

Suas mãos massageavam as têmporas enquanto a mesma cena se repetia em sua mente.

A voz de Inga finalmente interrompeu seus pensamentos.

— Ouvi rumores na cozinha. Eu não quis contar antes por causa da sua enfermidade, mas não consigo mais guardar segredo.

— Que rumores? — As mãos de Celestina agarraram suas saias enquanto ela sussurrava.

Inga olhou para a amiga.

— Os nórdicos estão vindo. Vinte mil deles estão vindo para o rei.

Celestina deu um suspiro.

— Para o nosso rei? Brodie me contou um pouco sobre o motivo de ele estar aqui, mas vinte mil homens lutando?

— O rei Alexander quer comprar Kintyre e as Ilhas Ocidentais de volta da Noruega, mas o rei da Noruega recusou. Nosso rei se recusou a aceitar um não como resposta e tentou conquistar a lealdade de vários chefes e lairds. Além disso, nossos homens saquearam a Ilha de Skye

não faz muito tempo, então o rei Haakon decidiu reunir uma frota de navios para nos atacar.

— Mas Brodie disse que Ivarsson ajudaria a angariar apoio para o rei Alexander se eu me casasse com ele. Era uma das principais razões pelas quais eu tive que passar pelo matrimônio. O rei Alexander queria apoio de alguns dos vassalos nórdicos de Ivarsson. Eu não entendo.

— Bem, essa deve ser a razão pela qual o rei precisava do apoio dele. Ele sabia que uma frota de navios noruegueses havia sido enviada para cá. Mas agora isso não importa.

— Por que não?

— Porque os nórdicos estão subindo o Firth of Clyde para enfrentar o rei Alexander. Eles estão atacando e não estão longe de Ayrshire. É a razão pela qual estamos sendo movidos; o rei quer todas as mulheres e crianças longe da costa. Ele está convocando mais guardas para proteger o castelo e lutar contra os invasores.

Celestina fechou os olhos. A vida de Brodie estava em risco e assim como a de Loki.

O que ela faria se os perdesse?

CAPÍTULO DEZESSEIS

Um sonho ganha vida

Os homens de Brodie estavam ativos na aldeia ajudando as famílias a empacotar as carroças e se deslocarem para o interior. Chegou a ele a notícia de que o barão Lunde havia retirado a filha de Largs. Brodie enviou alguns guardas para encontrar Loki, mas eles retornaram de mãos vazias. Depois de procurar pelo garoto na vila, ele teve que admitir que o menino havia desaparecido, e ele estava desesperado de preocupação tanto com Celestina quanto com Loki.

Robbie estava dentro dos portões do castelo real fazendo o possível para acalmar seu irmão mais novo, mas sem sucesso. Brodie andava de um lado para o outro e praguejava, atirando pedrinhas à vontade, quase atingindo um de seus guardas o suficiente para forçá-lo a controlar sua raiva.

— Onde? Para onde ele a levou? Temos que ir atrás dela agora! — Os punhos de Brodie se fechavam ao seu lado, sua visão turvando em reação à pior notícia possível que ele poderia ter recebido.

Nicol havia dado a notícia da melhor maneira que pôde.

— Ninguém sabe. Tentamos falar com os criados de Creggan Hall, mas eles não falam nada.

— Onde está o Loki? Ele está por perto da vila em algum lugar? Ele ainda pode saber de algo. O moleque pode estar em qualquer lugar. — Brodie examinou a área em busca de seu pequeno amigo, mas não o viu.

— Esse é outro problema. Não conseguimos encontrá-lo. Ele não dormiu embaixo da caixa dele ontem à noite. — As mãos de Robbie estavam apoiadas nos quadris.

— Pensei que o mantivesse com você? Prometi que ele poderia ser um guerreiro Grant e que poderia dormir com

todos os guardas. Mantenha-o por perto por enquanto. Ele conhece a área e nós não. — Robbie encarou o irmão. — Loki me disse que ficaria com você. Tentei mantê-lo conosco, mas o pequeno diabinho fugiu de mim. Ele é rápido, não é?

— Diabos, sim, ele é. Preciso dele.

— Irmão, você está por sua conta. Estou sob ordens de levar duzentos guerreiros para o sul. Dizem que os Nórdicos podem saquear o continente. O rei está nos enviando para detê-los antes que alcancem Ayrshire. Dois outros clãs estão se juntando a nós logo ao sul daqui.

Brodie congelou. Era verdade; estavam em guerra. A vida de seu irmão poderia estar em jogo. Ele segurou o ombro de Robbie.

— Boa sorte, irmão. Seja bem-sucedido.

— Sim, e você? Quais são suas ordens? — A sobrancelha de Robbie se ergueu. — Por favor, lembre-se delas. A moça ainda estará lá esperando quando você chegar até ela. Ela é uma sobrevivente, como a Maddie. As mulheres podem enganar; podem parecer suaves e ternas, mas por dentro muitas são lutadoras. Alex me disse que ela é muito parecida com Maddie.

Brodie assentiu.

— Sim, é. Minhas ordens são de obter novas informações. Sou o único com ordens para viajar para fora do castelo. Os outros sargentos devem permanecer dentro de uma certa área.

Robbie montou em seu cavalo e partiu em direção ao portão.

— Viaje com cuidado, irmão. Espero vê-lo em breve.

Brodie montou em seu cavalo e ultrapassou seu irmão até o portão.

— Onde diabos você está indo agora? — Robbie gritou atrás dele.

Brodie olhou por cima do ombro com um sorriso.

— Encontrar Loki.

Celestina começou a ficar cansada conforme passavam por diversos castelos e vales. Inga fazia o melhor para mantê-las animadas, mas a barriga de Celestina começou a doer terrivelmente com todo o sacolejar e trepidar da viagem. Cada vez que uma roda batia em uma pedra, ela arfava.

A carroça diminuiu a velocidade ao entrar em mais uma vila, esta maior que as outras. Ela espiou pela janela para poder ver as casas enquanto passavam por elas. Passaram por alguns castelos cercados por fileiras de choupanas, mas na maioria eram apenas chalés de colmo de agricultores. Ainda assim, ela conseguia perceber que esta era uma cidade maior apenas pelo tamanho das propriedades e pelos portões de pedra espalhados por toda parte. Inga apontou para um lago ou uma foz à esquerda, com algumas pequenas cabanas próximas, casas de pescadores.

O centro da cidade ostentava um dos maiores castelos que Celestina já tinha visto, cercado por várias construções auxiliares. Ela se perguntou quem era o barão ali. Muitos caminhos se ramificavam a partir do que eles percorriam, mas tudo parecia igual para ela. Ela tentou encontrar alguns pontos de referência para contar a Brodie, mas além de um lago ou do castelo, não havia nenhum.

Depois de passarem por grande parte da cidade, finalmente viraram por uma pequena estrada cheia de sulcos e buracos profundos o suficiente para desafiar sua força restante. Mesmo assim, ela estava determinada a não gritar, chorar ou dar aos guardas qualquer motivo para parar a carroça. Depois que finalmente parou completamente, Inga e Celestina se encararam. Alguns gritos ecoaram por um tempo sem que ninguém viesse ajudá-las.

Quando o guarda finalmente apareceu, Celestina respirou fundo antes de descer da carroça. O sol brilhava

forte entre os verdes profundos e urze de seu país. Quando finalmente teve tempo de olhar para o castelo à sua frente, ela paralisou. Um antigo castelo de pedra estava diante dela, mas por algum motivo, parecia familiar. Ela olhou ao redor e ficou feliz ao não ver nenhum sinal de Ivarsson ou Aldrik vindo atrás delas, apenas um grupo de homens estranhos. Sua pequena bolsa estava nos degraus da casa de pedra.

Embora coberto de ervas daninhas, o castelo tinha potencial. Ela conseguia imaginá-lo cercado por flores roxas e campânulas azuis, amarelos brilhantes e laranjas que atrairiam visitantes para dentro. As únicas outras construções na área imediata eram um galpão nos fundos e um estábulo. Ela se aproximou da porta da frente e parou. A aldrava era um círculo ornamentado feito de folhas de louro. Assim que ela se inclinou para observar mais de perto o belo design, a porta se abriu e seu pai estava parado na frente dela. Chocada por vê-lo em vez de lorde Ivarsson, sua mente procurou uma explicação razoável.

— Não crie expectativas, garota. Ivarsson me deu instruções rigorosas. Ele me deu todos os detalhes do que aconteceu desde o seu matrimônio. Pegue suas coisas e se mexa.

Se curvar era quase impossível com todos os hematomas em seu abdômen, então Inga pegou a bolsa para ela. Ela estendeu o braço para o cotovelo de Inga para ajudá-la a andar. Por mais que tentasse ficar completamente ereta, falhava. Seu caminhar curvado foi lento pela escada interna, mas pelo menos o alívio estava à vista. Onde quer que fosse se instalar, tinha que ser uma melhoria em relação ao balanço da carruagem.

Não estava satisfeita em ver seu pai, é claro, mas achou que poderia lidar melhor com o pior dele do que com os golpes punitivos de Aldrik. Seu pai nunca tinha causado tanto estrago.

Ele as conduziu pelo grande salão e subiu as escadas até outra pequena torre. Antes de abrir a porta de sua câmara designada, o Barão Lunde se virou para encará-la.

— Filha, as ordens do seu marido são muito claras. Devo mantê-la trancada nesta câmara até que ele chegue. Não temos como saber quando isso será, já que a guerra está sobre nós. Inga deve ajudar nos afazeres da cozinha até que as carroças carregadas cheguem. Eu a enviarei para você com comida duas vezes por dia para que você possa satisfazer suas outras necessidades. Caso contrário, não me incomode, pois não vou responder.

Ele se virou e abriu a porta, depois se afastou para que ela entrasse. Celestina respirou fundo para reunir forças e atravessou o limiar para sua nova prisão. Assim que pisou na entrada, virou-se para o pai.

— De quem é esta casa, pai? Parece familiar para mim. Já estive aqui antes?

— Este é um dos meus pequenos castelos, mas você nunca esteve aqui. O rei ordenou que todas as mulheres e crianças fossem retiradas das vilas costeiras. Ficaremos aqui até que aqueles bárbaros insanos das Terras Altas tenham repellido os noruegueses loucos.

Ele deu um pequeno empurrão nela e então falou em um sussurro.

— Filha, seu marido também falou comigo sobre sua transgressão. Vejo que você foi castigada severamente por isso, e não vou incomodá-la. Você não é mais minha preocupação.

Atônita, Celestina encarou o pai enquanto ele fechava a porta. Alguns momentos se passaram antes que ela se virasse para ver sua nova prisão. Ela fechou os olhos assim que observou a câmara, tentando controlar a forte emoção que inundava seu corpo.

Sua nova prisão era a câmara do seu sonho.

Brodie não encontrou nada após procurar toda a cidade real por Loki. No entanto, soube de um traidor que estava fornecendo informações aos nórdicos. Ninguém poderia dizer quem era, mas um membro dos Blackfriars Dominicanos foi visto com ele. Brodie planejava procurar o Padre Padraig para ver se ele poderia saber de algo. Um pensamento passou por sua mente uma vez. Ele ousava esperar que o traidor pudesse ser Ivarsson?

Ele e Nicol estavam sentados no centro da cidade agora, na mesma área onde encontraram Loki pela primeira vez. Esperando ver algum sinal do rapaz, passaram quase uma hora procurando na área e questionando aqueles que moravam nas proximidades. Ninguém o tinha visto e isso era raro; o garoto era bem conhecido.

Já fazia quase dois dias desde que Celestina tinha sido levada, e Brodie ainda não tinha ideia de para onde Ivarsson a tinha levado. O sol nascendo no horizonte lembrou-o de como os eventos transcorriam rápido. Os nórdicos se aproximavam a cada hora, e não estavam sendo impedidos de forma alguma pelos Guerreiros das Terras Altas. Embora os relatos indicassem que os guerreiros Grant junto com os guardas Boyd tivessem conseguido impedir o saqueamento da costa, interrompendo o ataque às cidades e ao povo lá, isso não havia feito nada para deter o ímpeto dos nórdicos. Eles haviam voltado para seus navios não muito tempo depois que os guerreiros escoceses chegaram à cena.

O irmão de Brodie, Robbie, estava supostamente vivo e bem, mas diziam que as galés agora estavam indo direto para o castelo real.

Fazendo um sinal para Nicol indicando que era hora de procurar em outro lugar, Brodie colocou o pé no estribo, pronto para montar e seguir em frente. Mas assim que sua perna direita começou a se mover, a voz de Loki chegou aos seus ouvidos. Ele pulou para baixo e girou na direção da voz do pequeno.

Loki se lançou em seus braços em um piscar de olhos.

— Onde diabos você esteve, moleque? — Brodie disse com voz rouca. — Tenho coisas para você fazer. Não pode ser um guerreiro Grant quando some o tempo todo. — Secretamente feliz por ver que o garoto estava em boa forma, ele ainda precisava dar uma bronca nele para fazê-lo ouvir.

O menino o empurrou no peito.

— Ora, eu sou um guerreiro Grant. O senhor me disse isso. Não pode simplesmente retirar quando quiser.

Brodie não pôde deixar de gostar do valente garotinho. Ainda assim, Loki não poderia simplesmente vagar à vontade.

— Guerreiros Grant fazem o que lhes é ordenado, não saem por conta própria.

Loki assumiu a postura de guerreiro e os dois homens riram. A testa do gênio se franziu e seu olhar saltou de um para o outro.

— Eu pensei que vocês dissessem que os guerreiros das Terras Altas tinham que proteger os inocentes o tempo todo.

— Sim, dissemos — disse Nicol. — Também dissemos que os Highlanders devem obedecer às ordens. Seus líderes são mais sábios do que eles.

Loki recuou como se estivesse se preparando para fugir.

— E vocês também dissessem que os Highlanders deveriam fazer a coisa honrada e proteger os fracos.

Brodie levantou a mão para interromper as próximas palavras de Nicol. Sua voz caiu para um sussurro, entendendo algo em seu íntimo.

— Sim, dissemos, Loki. Conte-nos o que você tem feito.

— Tenho protegido alguém que não pode se proteger.

— Quem, Loki? — A esperança surgiu no peito de Brodie. O menino o ajudaria novamente?

— A anjinha. — Ele apontou para Brodie. — Ivarsson iria matá-lo se o visse. Mas eu posso segui-la.

— É isso que você estava fazendo? Você estava fora da torre quando eles saíram? Sabe onde ela está? — Brodie

teve que se forçar a parar de bombardear o menino com perguntas.

— Sim e sim! — Loki abriu em um largo sorriso e assentiu, claramente muito orgulhoso de si mesmo. Brodie quis beijar o menino, mas se conteve, já que ele havia pedido para ser treinado como um guerreiro.

Nicol, claramente atordoado, perguntou:

— Como você sabia que eles estavam indo embora?

— Foi fácil. Coloquei um monte de pedras nos sapatos de Aldrik. Eu sabia que ele iria gritar e berrar alto quando calçasse os sapatos e pisasse nas pedras.

— Loki tinha um olhar malicioso nos olhos quando disse:

— Coloquei várias dentro. Deve ter doído. — Ele inclinou a cabeça para trás e deu risadinhas.

Nicol o encarou.

— O quê? Fale mais alto, moleque, e pare de falar em círculos.

— Eu estava com medo de dormir quando estava cuidando da minha... quero dizer, da anjinha. Eu queria saber se eles estavam indo embora. Se o maldito draugr saísse, eu poderia me aproximar e ver se ela estava bem. Então coloquei pedrinhas nos sapatos de Aldrik, o draugr, para que ele gritasse alto o suficiente para me acordar quando os calçasse. Ele não poderia sair sem calçar os sapatos, não é mesmo?

Brodie e Nicol sorriram e assentiram simultaneamente.

— Bem jogado, moleque. Conte tudo.

— Então, quando ele gritou... e elas o machucaram muito. — Ele colocou a mão sobre a boca na tentativa de conter sua alegria. — Desculpe, então, quando ele gritou, isso me acordou nos arbustos, e eu sabia que estavam indo embora com a anjinha. Então eu estava bem ali quando a colocaram na carroça com a criada e partiram. Eu não sabia que ela ia embora. Foi bom eu estar lá, Mestre Brodie. Mas Ivarsson não foi com eles.

Brodie se agachou na frente do menino e apoiou os braços em suas pernas.

— Moleque, me diga que sabe onde ela está, e vou lhe comprar o maior doce da Terra.

Loki assentiu antes de esfregar sua barriguinha.

— E uma torta de carne também? Foi difícil seguir aquela caravana até eu descobrir para onde estavam indo.

— Sim, duas tortas de carne, seu pequeno malandro. Onde ela está?

— Na casa do pai dela, em Lennox, perto de Loch Lomond. Ouvi os guardas conversar sobre isso. E Ivarsson ainda está aqui, em Ayr.

Brodie pegou Loki e o colocou nos ombros enquanto se dirigiam à padaria local no centro da cidade.

— Muito bem, moleque. Você me orgulha por ser chamado de guerreiro Grant. Agora, onde estão aquelas tortas de carne?

CAPÍTULO DEZESSETE

Encontrando o verdadeiro tesouro

Celestina acordou com um grito e tropeçou para fora da cama no meio da noite. Era uma noite sem lua, e ela não conseguia distinguir nada na câmara. Enquanto esfregava os olhos para afastar o sono, lembrou-se de sua mudança recente para a casa do pai, em Lennox. *Isso mesmo... a câmara dos meus sonhos.* Girando em círculos, ela se orientou ao seu redor. Virou-se quando um som baixo ecoou pelo espaço quase vazio, perguntando-se por que acordara daquele jeito. Tinha sido outro sonho, mas este era muito diferente. Havia criaturas nele, não é?

Ela fechou os olhos, tentando trazer de volta partes do sonho. Algo roçou em seu tornozelo naquele momento, e ela gritou, tropeçando pela câmara, e caiu do outro lado da cama. Caiu com força, mas conseguiu amortecer a queda com as mãos. Sua mão direita bateu em uma pedra solta quase embaixo da mesinha não muito longe da lareira. Ela se acomodou no chão, assustada e cautelosa, e usou a mão esquerda para puxar o vestido em volta dos tornozelos.

Assim que seus olhos se ajustaram, descobriu que estava realmente sozinha e que não havia criaturas correndo pelo chão. A estranha sensação de roçar que ela havia sentido devia ter sido um resquício de seu sonho. Usou a mão direita para se levantar, mas o chão se moveu. Ela caiu de volta com medo e puxou a mão para perto do corpo. Com cuidado, estendeu a mão para tocar a pedra novamente, apenas para descobrir que ela havia cedido de um lado.

Alcançou acima dela e encontrou uma vela, acendendo-a nas brasas na lareira. Colocando-a no chão ao seu lado, ela puxou a pedra. Não estava ancorada às outras de jeito nenhum, e se levantou. Ela espiou embaixo e encontrou um

pequeno compartimento com uma caixa dentro. Suas mãos tremiam enquanto ela enfiava a mão e levantava a lata antes de colocar a pedra de volta.

Ela se levantou e levou a lata e a vela até a mesa maior perto da janela. A caixa, coberta de poeira, parecia não ter sido tocada há anos. O que havia dentro? Ouro? Não, era muito leve para estar cheia de moedas. Ela abriu a trava e removeu a tampa.

Cartas. Uma pilha de cartas estava cuidadosamente dobrada e meticulosamente guardada. Ela passou o dedo pela nota superior e a moveu para o lado, abrindo-a com cuidado e desdobrando-a antes de aplainá-la na superfície da mesa.

Escrito de Largs,

Meu amor, temo que nossas cartas tenham sido descobertas e preciso entregar isso a você rapidamente. Meu marido está enfurecido e me manteve trancada. Agora vivemos em Largs, mas não sei como lhe dar direções. Nossa filha está segura, e que beleza ela é. Como eu queria que você pudesse vê-la. Ela tem seus olhos azuis. Temo pela segurança dela. Não sei mais como protegê-la a não ser pedindo que você venha nos buscar. Por favor, apresse-se.

Saiba que eu o amo com todo o meu coração e alma. Nós pertencemos um ao outro. Como lamento que não tenhamos nos conhecido antes do meu matrimônio. Eu teria fugido com você e desistido de tudo apenas para estar ao seu lado. Nosso amor é eterno, e se por algum motivo eu não sobreviver, vou esperar por você no céu, onde certamente estaremos juntos. Por favor, me prometa que cuidará de nossa filha. Cuide de nossa Celestina, nosso anjo da vida, dado a nós pelo Senhor.

A carta escapou de suas mãos e ela cobriu a boca em choque. Sua mãe havia escrito essa nota. Ela a pegou novamente e releu, querendo ter certeza de que não tinha

entendido nada errado. Mas cada vez que lia as palavras, chegava à mesma conclusão. Sua mãe havia amado outro homem, e aquele outro homem era seu verdadeiro pai.

O barão Lunde não era seu pai!

As peças se encaixaram em sua mente enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas. Lentamente, sua vida começou a fazer sentido. Todas as surras, o ódio, o desprezo e os castigos foram por um único motivo. E não era porque ela era uma moça e o barão queria um rapaz. O motivo pelo qual ele a odiava era porque ela era um lembrete diário da infidelidade de sua mãe. Sua mãe havia amado outro. Suas mãos cobriram a boca para abafar os soluços.

Mas o que havia acontecido? E quem era seu verdadeiro pai? A forma como sua mãe falava dela na nota fazia parecer que ela era apenas um bebê quando foi escrita. Quando sua mãe vinha até ela em seus sonhos, era nesta câmara. Elas haviam sido trancadas aqui juntas? E por que seu verdadeiro pai não veio resgatá-la a elas, assim como sua mãe pediu na carta? Se ele realmente as amasse, por que não havia vindo por elas? No entanto, como a carta estava na lata, claramente nunca foi enviada.

Celestina colocou a primeira carta de lado e puxou a próxima. Ela roeu o polegar enquanto desdobrava a carta sobre a mesa.

Minha querida filha, Palavras não podem expressar o quanto eu a amo. Você tem sido a luz da minha vida em um mundo tão sombrio. Escrevo estas cartas pois temo que talvez nunca veja o dia em que você alcance a idade adulta. Agora, você está quase completando três verões, e temo por minha vida.

É hora de contar-lhe minha história, ou nossa história, como é. O barão, que não é seu pai, tem me ameaçado, e temo que ele possa ficar tão enfurecido a ponto de tirar minha vida. Se isso acontecer, suspeito que ele irá tratá-la

da mesma forma que me trata: como uma prisioneira a ser mantida trancada em uma câmara. Escrevo estas cartas e as escondo na esperança de que um dia você as encontre por acaso.

Sou norueguesa e meu pai tinha muito dinheiro. Ele me trocou com Walter Lunde porque o barão tinha terras que meu pai queria. Fui uma troca de negócios, assim como tantos matrimônios são, e não culpo meu pai por tê-la arranjado. No começo, nosso matrimônio progrediu como de costume. Não éramos um par apaixonado, mas nos dávamos bem e parecia que gostávamos um do outro o suficiente. Vivíamos em Ayr em uma casa que eu adorava. Íamos à igreja e a feiras locais. Walter gostava de me levar para ver os menestréis e coisas do tipo. Ambos gostávamos muito de ser sociáveis com nossos vizinhos. Eu tinha esperança de ficar grávida em breve depois que nos casamos, mas, infelizmente, não estava destinado a ser.

Um dia, ao voltarmos de uma feira local, fomos atacados por um grupo de renegados. De alguma forma, eles descobriram que o barão tinha muito dinheiro costurado dentro de seu casaco, então nos bateram e roubaram tudo o que ele tinha. A cabeça de Walter foi golpeada no ataque e ele quase morreu. Cuidei dele até que se recuperasse, mas sua mente nunca mais foi a mesma.

O doce barão Lunde se transformou em um homem amargo e irritado. Tentei da melhor forma possível agradá-lo, mas nunca foi suficiente. Ele começou a me agredir sem motivo. Temia provocá-lo, então me afastava sempre que possível.

Aqui a carta terminou, então Celestina pegou a próxima página na caixa. Ela continuou, imersa na história de sua mãe:

Um dia, viajamos para uma feira local em nossa carroça, porque Walter gostava de assistir aos jogos de força exibidos pelos highlanders. Ambos ficamos impressionados

com a robustez e a força desses homens. Eles tinham treinado muito e estavam lutando entre si com as maiores espadas que já vi. Um rapaz em particular pareceu me escolher e me encarava frequentemente.

O barão não ficou feliz ao perceber isso.

Não fiz nada para encorajar o cavaleiro, mas ele não conseguia tirar os olhos de mim. Depois que partimos, Walter parou a carroça perto de um bosque de árvores e me arrastou para a floresta para me bater. Ele me chamou de nomes desagradáveis e me bateu até que eu não conseguisse mais me mexer.

E então ele me deixou ali para morrer.

Dois dias depois, acordei no castelo do Highlander, com um curandeiro ao meu lado. O curandeiro cuidou de mim e o Highlander, Ranald MacLaren, visitava meu leito com frequência. O que posso dizer além de admitir que Ranald e eu nos apaixonamos profundamente e planejei viver com ele. Ele e seu clã tentaram me convencer de que eu estava livre para encontrar outro já que o barão me havia deixado para morrer, mas o barão Lunde, sendo originalmente da Inglaterra, tinha uma visão mais rigorosa dos votos matrimoniais.

A notícia eventualmente chegou até ele de que eu havia sobrevivido à sua surra e estava grávida, e ele veio ao castelo de MacLaren em busca de sua esposa. Ele trouxe o magistrado consigo e me forçou a voltar para sua casa.

Tentei manter contato com Ranald, pois sabia que você era filha dele e não do barão Lunde. A fúria no rosto do barão quando descobriu que fora traído foi algo que não desejo ver novamente. Claro, ele não sentiu culpa por me bater e me deixar para morrer. Ele nos levou para Largs, para que Ranald e eu não tivéssemos chance de nos encontrar.

Darei à luz a você em Largs. Estou fazendo o melhor para criá-la apenas com o amor de uma mãe, mas ainda tenho a esperança de que um dia, Ranald venha nos buscar.

As surras constantes do barão me deixam cansada, e temo que um dia ele comece com você.

Saiba que a amo com todo o meu coração e estou tentando encontrar uma vida melhor para nós.

Sua mãe amorosa

Celestina colocou esta carta de lado e pensou em tudo o que tinha lido. Por que seu verdadeiro pai nunca veio buscá-la? A honra dirigia tudo o que os Highlanders faziam. Se ele fosse como Brodie, teria resgatado sua mãe.

Sobre as próximas duas cartas, havia uma breve nota.

Minha Celestina,

Deixo-lhe estas duas últimas cartas como evidência do quanto seus pais a amavam. Se algo acontecer comigo antes de você atingir a idade adulta, quero que saiba que havia duas pessoas que a amavam muito e não queriam nada mais do que a oportunidade de mostrar o quanto você era importante para nós.

Ela pegou a próxima com grande hesitação. Quase com medo de lê-la, forçou-se a abrir as bordas cuidadosamente dobradas e ficou surpresa ao ver uma caligrafia desconhecida no pergaminho.

Milady, esta carta é para informá-la que Ranald MacLaren foi ferido por um javali. Não esperamos que ele sobreviva à noite. Ele está pedindo pela senhora e esperamos que consiga encontrar o caminho até o castelo de MacLaren para se sentar ao seu lado. Pode ser a última chance que a senhora tenha de vê-lo vivo.

Ele escreveu a carta anexa no caso de algo acontecer com ele. Eu a passo isso agora, conforme ele solicitou em seus últimos suspiros.

Donald MacLaren, irmão de Ranald

Outra carta em uma caligrafia diferente estava por baixo desta.

Meu amor, Meu coração se quebra a cada dia enquanto penso em você vivendo longe do único lugar a que pertence: em meus braços. Entenda que meu amor por você não diminuiu nem um pouco durante nosso tempo separados. Eu a aplaudo por tudo que faz para proteger nossa filha, e aguardo ansiosamente o dia em que poderei envolver tanto você quanto nossa linda filha em meus braços. Saiba que estou fazendo tudo que está ao meu alcance para ir até você. Eu a amarei para sempre. R

Adicionado ao final da nota, ela encontrou o seguinte.

Celestina, seu pai, Ranald MacLaren, havia partido de seu castelo com vários guardas para vir nos buscar quando este trágico evento aconteceu. Quando o barão soube do acidente, ele me moveu de Largs para Lennox, em Moubrey Hall, na esperança de me impedir de correr para o leito de seu pai.

Meu coração está partido em tantos pedaços; não sei como continuar. Graças a você, minha Celestina. Se não fosse por você, temo que não poderia seguir em frente após perder o amor da minha vida.

Ofereço-lhe estas palavras de conselho. Se alguma vez tiver a chance de seguir seu coração e amar o homem dos seus sonhos, faça isso. Me entristece ver tantos matrimônios baseados em motivos de dinheiro, terra, poder e controle.

Case-se com alguém com quem você possa compartilhar não apenas seu amor, mas seus sonhos. Não me arrependo de conhecer Ranald e de dar à luz você como evidência do nosso amor. Meus únicos arrependimentos são de não termos conseguido desfrutar de nosso amor em toda a sua glória. Desejo tanto um amor e uma vida assim para você.

Sua mãe amorosa.

Então, seu pai havia vindo buscá-las. Muito confusa no início, ela revisou as cartas até entender exatamente o que

aconteceu. E o amor que sentia *de* e *para* seus pais era avassalador.

Em seu sonho, sua mãe a havia guiado até essas cartas. Ela queria que Celestina entendesse o verdadeiro amor; queria dizer algo ainda mais importante. Ela tinha valor. Agora tinha certeza disso. Celestina Lunde era parte norueguesa e agora ela sabia mais uma coisa sobre si mesma. Seu pai era um Highlander, assim como seu marido. Isso significava que ela era uma Highlander em dobro.

Não havia nada que pudesse fazer para tornar o barão Lunde feliz. Sua constante crítica não tinha nada a ver com ela... era direcionada à sua mãe.

Celestina enxugou as lágrimas dos olhos e passou mais uma hora revisando as cartas. Depois de tê-las memorizado, ela as devolveu à lata, mas deixou apenas a última carta escrita de Largs, que guardou perto do coração. Ela nunca a perderia e a leria frequentemente para se lembrar de quem era.

E agora ela lutaria por seu marido, Brodie.

CAPÍTULO DEZOITO

Surpresas

Mais de uma semana depois, Brodie permanecia sob uma velha árvore de carvalho do lado de fora do castelo real, esperando ver seu irmão, Robbie. Diziam que os Highlanders retornariam depois de enviar com sucesso os saqueadores noruegueses de volta para seus navios. Negociadores do rei escocês foram enviados ao rei Haakon para conversas de paz. Agora, o rei Alexandre III convocara uma reunião com seus sargentos e chefes para atualizá-los sobre o status das supostas negociações.

Brodie esperava que as coisas se acalmassem para que pudesse buscar sua esposa e voltar ao seu clã nas Terras Altas. Ele só decidiu deixar Celestina na casa de seu pai em Lennox por três motivos. Um era que Nicol descobrira que enquanto ela estava presa, estava ilesa. O segundo era que o rei o enforcaria se ele deixasse Ayr com uma frota de navios noruegueses não muito longe de Firth of Clyde. O terceiro motivo era que Fredrik Ivarsson permanecia em Ayr. Brodie não confiava no homem e esperava pegá-lo em algo, mas não poderia fazer isso se estivesse fora da cidade. Traidores eram enforcados, e ele não conseguia pensar em um final melhor para a vida mesquinha de Ivarsson.

Ele não viu Robbie, mas seu olhar capturou as túnicas fluídas de um padre enquanto ele se aproximava do portão. Brodie correu pelo caminho e alcançou o Padre Padraig antes que ele pudesse entrar no castelo.

— Padre Padraig! Posso falar com o senhor um momento?

— Claro, meu filho. Como posso ajudá-lo?

— Padre, uma fonte me informou sobre um traidor na cidade real. Ele foi visto conversando com um Blackfriar. O

homem não é confiável, e eu queria saber se o senhor tinha alguma ideia de quem poderia ser o patife.

— Não, não posso ajudá-lo, Brodie. Não faço ideia, já que temos muitos Blackfriars aqui. Muitos estão envolvidos nas negociações com os noruegueses. Um traidor, você diz?

— Sim, e eu estava esperando que o senhor me dissesse que era Fredrik Ivarsson.

— Ainda apaixonado por nossa moça? — O padre sorriu e piscou para Brodie.

Brodie ficou inquieto antes de falar. Ele precisava confiar em um padre da Igreja Céltica; ele era um homem de batina, um Culdee, que era uma das profissões mais respeitadas nas Terras Altas. Ele também claramente tinha um relacionamento especial com Celestina.

— Padre, eu amo Celestina, e ela sente o mesmo por mim. Nós... hum... fizemos o *handfast* na noite anterior ao matrimônio dela com Ivarsson. Sei que Ivarsson não presta. Ele a espanca, e eu preciso tirá-la dele e trazê-la para casa, para meu clã. Não me importo com nenhum documento oficial que diga que ela é esposa dele. Ela não é dele, ela é minha. E pretendo reivindicá-la em breve.

— Oh, rapaz — ele alcançou dentro de sua batina e tirou um pedaço de pergaminho, — você se refere a esse documento?

Brodie pegou o contrato e o encarou. O barão Lunde o havia assinado, assim como Ivarsson, mas não fazia sentido. Estava em latim e gaélico, sua língua, mas as palavras em gaélico eram sem sentido, não uma declaração de matrimônio. Ele olhou para o Padre Padraig.

— Esta parte está em gaélico, Padre. E não afirma nada.
— Ele balançou a cabeça confuso.

— Oh, sei disso, e você também sabe porque nós dois falamos gaélico, mas nem Celestina nem Ivarsson sabem. Ah, rapaz, não fique tão surpreso. A riqueza e as galés precisavam trocar de mãos. Eu precisava deixar o rei feliz,

mas não precisava arruinar a vida de dois jovens, não é mesmo?

Brodie abraçou o padre Culdee e riu.

— Eles não estão casados, não é isso que o senhor está me dizendo, Padre?

— Oh, você me diz. *Tha am pòsadh sin an aghnaidh an fhacal Dhè*. Essas foram minhas últimas palavras no matrimônio de Ivarsson com Celestina. — O padre o encarou com uma sobrancelha erguida enquanto esperava que Brodie traduzisse.

— Este matrimônio não é legal aos olhos de Deus? Estou correto, Padre Padraig? — Brodie encarou, incapaz de acreditar no que o padre estava lhe dizendo. Celestina não estava casada com Fredrik Ivarsson afinal!

— Você entendeu corretamente, meu amigo. É exatamente o que eu disse no final daquela cerimônia tola. Infelizmente, a moça teve que suportar o beijo, mas tenho trabalhado muito para evitar que algo mais aconteça.

A expressão presunçosa do padre disse tudo o que ele precisava saber. Ele agarrou os braços do padre, querendo abraçá-lo novamente, mas não estava certo se era apropriado. Ela estava livre!

— Sim, eles não estão casados. Sou uma espécie de guardião para Celestina, e não pude, com a consciência tranquila, permitir que ela se casasse com aquele cão. Ainda acompanho onde ela está, e percebo que você não pode, mas não se preocupe muito com ela. Ela estará o aguardando quando os escoceses não estiverem em guerra, mas até lá, você precisa lutar por seu amado país e seu clã.

Brodie assentiu, extasiado com a notícia. Ele e Celestina poderiam se casar legalmente assim que essa guerra terminasse.

— Rapaz, vou pegar esse pergaminho de volta, se me permite. Posso precisar dele mais tarde. Há mais uma coisa que você precisa saber. — O padre Padraig olhou ao redor

para garantir que não fossem ouvidos enquanto guardava o contrato de volta em sua batina.

— Sim, Padre?

— O barão Walter Lunde não é o verdadeiro pai dela.

— O quê? — Brodie ficou sem palavras. A implicação dessa notícia era quase demais para ele lidar junto com a revelação sobre Ivarsson. — Como o senhor sabe disso, Padre?

— Confie em mim, meu filho. Eu sei.

— Celestina está ciente? — O bastardo que a espancava não era seu pai?

— Não, ela ainda não sabe. Mas há mais. — O padre fez uma pausa enquanto encarava Brodie. Após um longo momento, ele soltou um suspiro. — Confio em você para manter essa informação em segredo.

— Sim, Padre, o senhor tem minha palavra de honra como um Grant. O que é?

— O pai de Celestina é escocês e ainda está vivo. Ele quer encontrá-la.

— Não sei o que dizer. Mas não deveria ser escolha dela? Ainda assim, acho que sei o que ela dirá.

— Há mais. A mãe dela também está viva. Quando essa guerra acabar, você terá que permitir que ela conheça seus pais. A criança precisa sair da vida horrível que viveu com o barão Lunde e conhecer sua verdadeira família de sangue. Há muito a explicar, mas isso pode esperar. Preciso que você me prometa que seguirá isso por ela. Tenho a sua palavra de honra como um Grant de que não dirá uma palavra disso para ela até eu dar permissão?

— Sim, o senhor tem a minha palavra. — Brodie sabia o quanto doeria para ela descobrir que ele tinha mantido tal informação em segredo, mas que escolha ele tinha?

— E tenho sua promessa de que fará o que for necessário para garantir que Celestina se reencontre com seus verdadeiros pais?

Brodie assentiu.

— Sim. — Era um homem da batina que lhe fazia essas perguntas. Ele não tinha escolha a não ser respeitar seus desejos.

— Mais uma coisa, meu filho. — Padre Padraig colocou a mão no ombro de Brodie. — Agradeço por tudo que você fez por minha sobrinha. Sou tio dela.

Brodie encarou o padre. Claro, tudo fazia sentido; ele simplesmente não estava pronto para processar tudo.

Padre Padraig riu.

— Vejo que lhe dei informações suficientes para um dia. Tudo bem, vamos entrar, rapaz, e ver qual atualização o rei tem para aqueles de nós ainda na aldeia. Aprecio essas reuniões abertas. Por favor, não se preocupe tanto. O coração dela está em suas mãos.

O padre e o guerreiro caminharam juntos pelo corredor do castelo e entraram. Enquanto eram conduzidos para o salão, Brodie ainda massageava a testa na tentativa de processar tudo o que acabara de descobrir. Estava extasiado por ela não estar casada com Ivarsson, mas uma nova preocupação o perturbava. Se ela soubesse que seus pais estavam vivos, ainda viria até ele de livre vontade como sua esposa, ou escolheria ficar com seus pais?

O rei Alexandre III entrou com Alexandre de Dundonald. Eles ficaram lado a lado, mas o rei falou primeiro.

— O rei Haakon da Noruega conquistou o Castelo de Rothesay, em Bute, e está exigindo que sua soberania sobre aquela ilha, junto com muitas outras das Ilhas Ocidentais, seja reconhecida em um tratado formal. Eu nunca assinarei tal documento. Passamos várias semanas enviando Blackfriars de um lado para outro pelo Estreito para negociar sem sucesso. Ele não vai ceder nenhuma de nossas ilhas e não estou mais disposto a reconhecer seu poder sobre elas.

— Suspeito que Haakon ainda planeje enviar navios em nossa direção. Adiei as negociações o máximo possível, mas estamos quase no final de setembro, e duvido que ele

espere muito mais tempo. Espero que algumas de nossas maravilhosas tempestades escocesas cheguem no momento certo e afundem alguns de suas galés, mas apenas o Senhor sabe se isso acontecerá. Sua frota está ancorada em Arran e tomou conta de vários castelos lá, mas suspeito que ele enviará uma frota diretamente para a vila real. Os highlanders estão a caminho e ficarão para proteger toda Ayrshire; só não temos certeza exata de onde os navios vikings desembarcarão. Devemos ficar alertas para qualquer movimento na área.

— Senhores, preparem-se para a guerra e para o pior. Os noruegueses estão a caminho.

Quinze dias depois de encontrar as cartas de sua mãe, Celestina caminhava de um lado para o outro em sua câmara. O amanhecer era sua hora favorita, pois era quando as lembranças da mãe mexendo no pequeno cômodo eram mais fortes. Ela tinha revisado tudo nas cartas mais uma vez. A verdade libertara seu espírito de maneiras que ele nunca entenderia. Agora ela entendia por que sua incessante busca para agradar seu pai tinha caído em ouvidos surdos.

Estava quase na mesma posição em que sua mãe estivera todos aqueles anos atrás, tinha martelado a questão sem uma rápida resolução. Em seu coração, sabia que Brodie era o tipo de homem com quem sua mãe gostaria que ela se casasse. Ele era gentil, amável, terno e, ao mesmo tempo, forte. Sempre amoroso e protetor, Brodie era um homem para se admirar. E agora que ela sabia que era escocesa, a cerimônia de união tinha ainda mais significado para ela.

Logo, o acerto de contas aconteceria. Fredrik Ivarsson viria para reivindicar seus direitos matrimoniais. Depois de

muita consternação, sua consciência e sua fé só permitiriam que ela fizesse uma coisa.

Lutar. Ela lutaria contra Fredrik. Inga havia dito que um matrimônio poderia ser dissolvido se a consumação não tivesse ocorrido, então ela tinha que garantir que isso nunca acontecesse. Sua determinação era firme, e o conhecimento de que sua mãe e seu verdadeiro pai a adoravam aumentava sua força.

Ela lutaria por seu verdadeiro amor, Brodie Grant, na esperança de que um dia pudessem compartilhar a vida que sua mãe havia desejado para ela – viver na glória de seu amor e compartilhar esse amor com seus filhos.

Celestina não tinha visto muito o barão desde sua chegada ao castelo, e felizmente, Fredrik tinha se mantido afastado. Sua única fonte de informação sobre o conflito crescente era Inga. A última atualização era que as negociações entre Escócia e Noruega tinham falhado e o rei Haakon, ancorado em Arran, havia enviado uma frota de navios em direção a Ayr e à vila real. Como estava tão longe de Ayr, Celestina não tinha ideia de quanto tempo levaria até ver Brodie novamente. Ela rezava diariamente por sua segurança, junto com a de seu irmão e Loki. Sentia falta do pequeno, mas se confortava sabendo que ele estava ao lado de Brodie.

Quando Celestina terminou suas orações, ela colocou seu simples vestido de lã. Houve um tempo em que o azul era bonito, mas agora estava desbotado. Ela mal estava vestida como a esposa de um homem rico, mas não se importava. A única coisa que ela desejava vestir era o belo tartan vermelho de seu marido.

Ela acabara de prender a carta da mãe perto de seu coração quando a porta se abriu depressa. O barão estava parado à sua frente, ofegante.

— Estão chegando — ele ofegou.

— Quem? — Ela não gostou do medo congelado nas feições do barão.

— Os Noruegueses! Homens selvagens determinados a matar mulheres e crianças. Eles estão saqueando aldeias perto da costa. Somos sortudos por estar tão longe no interior. Espero que eles se mantenham afastados e nos deixem em paz.

— O que faremos? — Levou as mãos para a garganta ao pensar em Brodie lutando contra tais criaturas. Ele tinha que sobreviver; tinha que voltar para ela.

— Vamos esconder nossos objetos de valor, já que estão recorrendo ao roubo. Ivarsson está a caminho daqui, presumivelmente para ficar fora do caminho deles. Espero sua chegada hoje. Prepare-se para seu marido.

E com isso, o barão bateu a porta e girou a chave na fechadura.

CAPÍTULO DEZENOVE

As batalhas começam

A reunião dos sargentos na grande sala do castelo real havia acabado de começar. A mente de Brodie girava enquanto ouvia o xerife de Ayr dizer:

— Estejam preparados. As galés foram avistadas. Esperamos que estejam aqui em Ayr ao meio-dia. — A tensão crescia após a declaração de Walter Stewart; ele podia sentir a pressão em seus camaradas.

— Xerife, onde estão os Guerreiros das Terras Altas? — perguntou um dos sargentos. — Eles não deveriam retornar para proteger o burgo real antes da chegada dos Nórdicos? Podemos proteger o castelo... — sua mão varreu a sala com mais de cem sargentos, muitos recém-contratados pelo rei —, mas e o resto de Ayrshire?

Muitos do grupo concordaram. O xerife respondeu acenando as mãos em frente a ele defensivamente.

— Os guerreiros Grant estão retornando, assim como os guerreiros Boyd e Montgomery. Grant está enviando mais guerreiros junto com seus cavalos, e os Campbell e Cameron estão a caminho. Temos também a milícia do burgo. Lembrem-se de que seu posto é neste castelo e nestes terrenos, protegendo o seu rei. Isso inclui você, Grant.

Brodie assentiu em concordância, perguntando-se onde seu irmão estava e se ele havia sobrevivido conforme os relatos indicavam. Ele esperava seu retorno até agora.

— Quantos homens perdemos? — Ele precisava saber.

— Não tantos quanto os Nórdicos, mas eles tinham apenas alguns navios na costa. Metade de sua frota ainda está perto de Arran. Se todos eles vierem para a costa, poderemos estar em apuros. — Sua voz terminou em um sussurro. — Mas lembrem-se, todos vocês devem ficar aqui

no castelo. Isso é tudo por enquanto. Permaneçam firmes em seus postos.

Ao começarem a sair da grande sala, um jovem rapaz entrou correndo na sala, ofegante.

— Com licença, Xerife.

— Diga logo, rapaz. — O grupo esperava pela atualização da viagem dos Nórdicos.

— Ouvi dizer que os navios seguiram em direções diferentes. Os que estão vindo para cá devem estar aqui em algumas horas. Muitos estão indo para o norte.

O Xerife virou-se para o grupo.

— Peguem suas armas, sargentos. Preparem-se para defender o seu rei.

Brodie mal podia acreditar nas palavras do rapaz. Ele saiu sob o sol e gritou por Nicol. Seu amigo correu de fora dos portões do castelo, com Loki logo atrás dele.

— Grant, é verdade? Os Nórdicos estarão aqui ao meio-dia?

— Não, eles estarão aqui antes. Pegue minhas armas. — Ele virou-se para o jovem rapaz, cujos olhos estavam arregalados. — Loki, você fará sua primeira tarefa como escudeiro e me ajudará a me vestir.

Loki soltou um grito de alegria enquanto corria atrás de Nicol, suas pernas excepcionalmente rápidas. A empolgação do menino fez Brodie rir, mas ele não estava totalmente certo do que fazer com o garoto quando a luta começasse.

Nicol devolveu sua jovem sombra.

— Mestre Brodie, essas armaduras são pesadas — disse o pequeno com um assobio. — Como o senhor as usa?

Quando Loki deixou a armadura aos seus pés, Brodie estendeu a mão para bagunçar seu cabelo.

— É por isso que os guerreiros precisam treinar tanto nas justas. Temos que aprender a lutar com todo esse peso extra em nós. Agora, preste atenção em Nicol e o ajude.

Nicol entregou uma peça de vestuário para o menino.

— Você o ajuda com a calça, e eu colocarei o gibão nele.
— Enquanto o pequeno tentava ajudar Brodie a colocar a calça, Nicol levantou o gibão acolchoado sobre sua cabeça. Em seguida, veio a cota de malha, depois a túnica de couro com o brasão da família Grant, três coroas com as palavras *Mantenha-se firme* acima delas.

Depois de ajudar Brodie com as coxas e os acolchoados para os braços, Nicol colocou a cota de malha sobre sua cabeça. Loki tentou corajosamente levantar o elmo, mas Brodie riu e disse, — Não se preocupe com isso, garoto. Ainda não preciso disso.—

Brodie caminhou pela pequena área para ajustar tudo do jeito que gostava.

— O que está fazendo, Mestre Brodie? — Loki olhou para cima, seus olhos maravilhados com o homem familiar agora coberto de metal.

— Garantindo que meus braços estejam livres para manusear minha espada, pequeno.

— Não sou pequeno. Não me chame assim. — Ele fez careta enquanto dizia isso, e Brodie teve que segurar o sorriso.

— Não, rapaz, você é tão corajoso quanto qualquer guerreiro Grant que conheço. Você vai ficar com Nicol durante a luta. Estamos claros quanto a isso?

— Sim. Olha, fomos mais rápidos que os demais, Mestre Brodie — ele apontou para os terrenos ao redor do castelo onde muitos outros lutavam com o equipamento pesado. — Nós vencemos.

Depois que Nicol pegou seu corcel dos estábulos, Brodie montou no cavalo e o levou para um breve galope fora dos portões do castelo. Enquanto se movia pela pequena vila, ele notou um estranho silêncio. As pessoas haviam se recolhido, o que ele ficou feliz em ver, mas algo sobre o silêncio parecia errado.

Uma hora depois, ele ainda estava perambulando pela área ao redor do castelo quando o brado de um pregoeiro

ecoou pela estrada em sua direção. Ele seguiu a voz até conseguir distinguir as palavras do homem.

— Eles foram para o outro lado! Foi um blefe. Não estamos sendo atacados. Mais de vinte navios foram vistos seguindo para o norte de Arran. Nenhum está indo para o sul.

Brodie esporeou seu cavalo e galopou até o mensageiro.

— Onde? Onde os navios foram vistos? Para onde estão indo?

— Os navios foram vistos perto da ilha de Great Cumbrae, perto de Largs, senhor. Eles estavam seguindo pelo estreito em direção a Loch Lomond.

O caos total irrompeu em Ayr enquanto gritos de alegria surgiam de todos os moradores da vila que aguardavam o ataque em suas casas. Os camponeses lotavam as estradas abraçando seus entes queridos, batendo no cavalo dele com alegria, mas Brodie não estava comemorando.

Os navios estavam indo direto para sua esposa.

Celestina deu um pulo quando ouviu a porta da frente bater. Inga fora enviada a mercearia da vila para buscar mantimentos. Ela estava sozinha na casa com o barão. Vozes masculinas discutiam no pé da escada, e ela começou a andar em círculos, quase tropeçando na sacola que tinha pronta caso Brodie viesse buscá-la. Seu pior medo havia chegado; a pessoa que ela mais temia finalmente chegou: Fredrik Ivarsson.

Depois de um tempo, a porta se abriu e lá estava ele na entrada, com Aldrik atrás.

— Bem, se não é a minha bela esposa. — Ele se aproximou com um sorriso sínico no rosto. — Não está feliz em me ver, minha querida? Onde está a calorosa recepção da minha amada esposa? — Ele parou na frente dela e passou o dedo pela linha do maxilar dela antes de agarrar

seus cabelos trançados e puxar sua cabeça para trás. — Não parece muito feliz. Acho que terei que ver o que posso fazer para fazê-la sorrir. — Ele piscou para ela enquanto fazia um esgar.

O barão bloqueou a entrada.

— Você está louco? É como eu disse, os nórdicos estão saqueando pelo estreito. Eles estarão aqui em breve. Temos que nos esconder. Para onde podemos ir?

Fredrik a soltou e girou para encarar o barão Lunde.

— Cale a boca, velho. Os nórdicos não nos incomodarão. Eu me certifiquei disso.

— O quê? — O olhar perplexo do barão indicou que ele não sabia mais do que ela.

As mãos de Fredrik se acomodaram em seus quadris enquanto ele se aproximava do homem mais velho.

— Porque eu disse a eles onde minha esposa estava escondida. Eles prometeram evitar o seu castelo.

A expressão chocada do barão fez Fredrik sorrir.

— Achou que eu realmente pretendia desperdiçar minha vida como um escocês? Sou parte da nobreza na Terra dos Nórdicos. Estou aqui por apenas uma razão: enriquecer. Eu disse ao rei Haakon onde as riquezas mais valiosas desta área patética estavam. Ele e seus homens terão bastante tempo para roubar todo Lennox enquanto eu finalmente me deleito com minha esposa. — Ele olhou por cima do ombro e piscou para ela. — Estou ansioso para tê-la.

Ele se livrou do sobretudo antes de acenar para a porta.

— Barão, deixe-nos. Tenho necessidades que precisam ser atendidas antes de minha esposa e eu nos juntarmos aos meus compatriotas em seus navios.

— Você é um traidor? Você trocou segredos escoceses por dinheiro? — O barão não se moveu da porta, aparentemente tão atordoado com a reviravolta dos acontecimentos que nem conseguia se mexer.

— Um dia o senhor aprenderá, tolo. Sempre que há uma guerra ou uma batalha, há muitas riquezas a serem

conquistadas, mas apenas por aqueles inteligentes o suficiente para não serem pegos. — Ele desviou os olhos de Celestina por um momento para encarar o barão. — E eu sou um desses homens. Eu tinha algo a oferecer aos nórdicos, meus conterrâneos, e serei muito bem pago por isso. Agora, saia, velho. Tenho negócios sérios para tratar com minha bela esposa e não tenho muito tempo.

Celestina girou a cabeça enquanto compreendia as palavras de Ivarsson. A tontura ameaçava fazê-la cair no chão, mas ela lutou para manter-se de pé. Ele acabara de lhe dar ainda mais motivo para lutar. Ela era meio escocesa, e não deixaria sua terra natal nem seu verdadeiro marido.

O barão recuou e, pouco antes de a porta se fechar, Fredrik gritou atrás dele.

— E não quero ser perturbado. Espere ouvir sua filha gritar, mas não tente nos interromper ou eu o matarei.

Celestina ouviu o pequeno clique da tranca quando a porta se fechou, deixando-a com Fredrik e Aldrik dentro. Fredrik se virou para encará-la.

— Agora, minha querida, vamos continuar. Tenho certos direitos como seu marido, e pretendo exercê-los agora. Não se preocupe com Aldrik, ele gosta de assistir.

Fredrik abriu os botões de sua camisa. Seu peito peludo brilhava de suor sobre o ventre plano. Celestina conseguia sentir o cheiro de longe. Náusea revirava seu estômago, e seu pulso martelava em sua cabeça o suficiente para fazê-la explodir. Ela poderia fazer isso. Lutaria e sobreviveria por Brodie, por Loki e por sua mãe e pai, que descansassem em paz. Ela sabia que eles estavam olhando por ela e a protegeriam. Fez uma oração silenciosa a Deus e aos anjos acima para estarem com ela neste momento.

Ela enxugou o suor das mãos em seu vestido de lã enquanto ele caminhava em sua direção.

— Tire o vestido, Celestina. Quero vê-la antes de possuí-la.

Celestina nem respondeu nem se moveu.

— Faça como mando, esposa!

Seu brado não a intimidou como ele pretendia; ela permaneceria forte. Celestina convocou toda a coragem que possuía e sussurrou:

— Não.

Fredrik paralisou. Ele se virou para Aldrik com um sorriso no rosto antes de se voltar para ela e dar um passo em sua direção.

— Acho que devo estar enganado. Repita o que acabou de dizer, Celestina.

Ela pigarreou antes de se repetir.

— Não.

Bem na frente dela agora, ele se inclinou e sussurrou em seu rosto:

— Acabei de ouvir você recusar seu marido?

Celestina levantou o olhar para encontrá-lo. Não recuaria agora. Ele teria que batê-la para ter algo com ela.

— Mais uma vez, por favor. Eu simplesmente não posso acreditar que você tenha essa combatividade. — Ele inclinou a cabeça para o lado como se estivesse com dor.

— Não, eu disse, não. Não vou me despir para você. Você não é meu verdadeiro marido. — Celestina engoliu o bile que subiu de seu ventre. Ela não tinha ideia de como ele reagiria, mas era esperta o suficiente para observar o movimento de seu braço dominante.

— Aldrik. Você acabou de ouvir o que minha esposa disse? — Ele se virou para seu comparsa. — Minha esposa acabou de me recusar. Não posso acreditar, mas acho que ela o fez. — Ele sorriu para Aldrik, que riu.

Fredrik agarrou seus braços e esmagou sua boca com a dele, mordendo seu lábio para que ela se abrisse para ele. A saliva a fez engasgar e ele encerrou o beijo. O homem a olhou com puro ódio e a esbofeteou.

— Aldrik, acho que preciso de sua ajuda com algo. Precisamos ensinar minha esposa a obedecer ao marido.

Seu rosto queimava, mas ela se recusava a ceder. Esta era a nova Celestina, uma moça que lutaria por si mesma, que deixaria seu marido e seus pais orgulhosos. Ela encontrou o olhar gélido de Fredrik com um olhar de repugnância. Não se submeteria.

Rastejando por trás dela, Aldrik pousou as mãos em seus ombros.

Fredrik gritou:

— Ajoelhe-se, esposa.

Ela não pôde lutar contra a pressão de Aldrik em seus ombros. Uma perna cedeu, mas manteve a outra travada.

— Eu disse, ajoelhe-se! — Aldrik a forçou para baixo. Lágrimas escorriam por suas bochechas, mas ela as enfrentava com cada grama de força dentro dela.

Quando estava ajoelhada na frente de Fredrik, os joelhos de Aldrik se firmaram ao redor de seus ombros por trás. Ela gritou na esperança de que o barão Lunde se sentisse compelido a ajudar por algum pequeno vestígio de decência, mas em vão. Ivarsson colocou a mão em sua calça, puxou seu membro protuberante para fora e se masturbou enquanto se aproximava dela.

As instruções de Brodie permaneceram firmes em sua mente. Ela não tinha compreendido seu significado na época, mas agora entendia. Esperou até que Fredrik estivesse mais próximo, então arrancou o braço de Aldrik e esmagou os testículos de Fredrik com toda a força que tinha. A surpresa forçou Aldrik a soltá-la por um instante, e ela moveu o cotovelo para trás e o acertou precisamente na virilha. Ambos os homens uivaram e caíram no chão e, enquanto estavam incapacitados, Celestina pegou sua capa e a sacola, saiu correndo da câmara e desceu as escadas.

CAPÍTULO VINTE

Liberdade

Brodie podia jurar que nunca havia cavalgado tão rápido quanto naquele dia. Uma vez que o rei determinara que não havia navios indo em direção a Ayr, ele dera permissão para que alguns sargentos e guerreiros seguissem para o norte para ajudar a repelir o ataque. Brodie fez uma parada antes de partir, então voou pelas estradas empoeiradas. Ele ultrapassou todos em seu corcel, agradecendo a seu irmão, Alex, por insistir que ele levasse o cavalo mais forte deles. Muitos dos navios estavam alcançando a costa, então não havia nórdicos para impedi-lo de alcançar Celestina e trazê-la para a segurança, mas ele estava preocupado com Ivarsson. Ninguém o tinha visto há alguns dias.

Nicol e Loki o seguiram, com o entendimento de que o corcel de Brodie poderia viajar muito mais rápido e estaria bem à frente deles. Ele havia se livrado da maior parte de sua armadura e a entregara a Nicol para que seu cavalo o carregasse melhor. Loki lhe dera as direções mais concisas possíveis para a casa do barão. Ele não tinha ideia de como o jovem conhecia o caminho, nem como sabia tantas outras coisas, mas inferno, ele estava orgulhoso do garoto.

Ele voou pela vila sem parar. Quando Brodie finalmente dobrou a esquina da casa do barão nos arredores da cidade, notou dois cavalos adiante. Isso não era um bom sinal. Ouviu um grito de mulher um momento depois e desceu pela rua o mais rápido que seu cavalo o levou.

Brodie puxou sua espada, subiu sorrateiramente os degraus e entrou pela porta da frente, mas seu estômago se contraiu assim que entrou na residência. Lá estava ela, tão bela quanto sempre, com o braço do barão ao seu redor. Com um olhar, a moça que fazia seu coração saltar toda vez que pensava nela lhe disse o quanto o amava. Ele viu algo

ainda mais impressionante em seus olhos. O medo e a incerteza que ele esperava ver ali haviam sido substituídos por autoconfiança e força. Havia apenas um problema.

O barão segurava um punhal em sua garganta.

— Fique para trás — gritou o barão, com a mão tremendo. — Fique para trás e solte a arma, ou eu cortarei a garganta dela.

Brodie teve que tentar colocar algum juízo na mente do homem enlouquecido.

— Barão, vamos lá, o senhor não fará isso. Ela é sua filha. — Assim que terminou a frase, dois homens desceram as escadas mancando, segurando suas partes íntimas. Ivarsson e o homem a quem Loki se referira como Aldrik seguiram direto para a porta da frente e sem olhar para trás. Brodie se perguntou sobre o andar dolorido deles por um breve segundo, mas então voltou toda sua atenção para o barão e sua esposa.

O barão gritou.

— Meu ouro, pare-os, eles estão levando meu ouro. — Suor se formou em sua testa.

Brodie segurou a espada na frente dele, ainda não disposto a largá-la.

— Barão Lunde, solte sua filha e nós o deixaremos em paz. O senhor pode perseguir aquele vagabundo do Ivarsson o quanto quiser, mas não sairei daqui sem minha esposa.

— O senhor não pode tê-la. Ivarsson acabou de roubar tudo o que me prometeu para se casar com ela e agora preciso dela de volta para barganhar novamente. Ela é a única coisa de valor que possuo, então tenho que vendê-la. Quanto? Quanto você vai me pagar por ela? Caso contrário, eu a levarei até os navios e a venderei. Os nórdicos pagarão por ela. Ela é bonita. — O barão, que claramente perdera o pouco de juízo que lhe restava, começou a se mover em direção à porta que havia sido deixada aberta por Ivarsson. — Eu sairei por esta porta com ela e vamos levar seu cavalo bem devagar agora.

— Brodie, mate-o.

Ele não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Mate-o — ela disse. — Ele não é meu pai. Mate-o agora.

— Não, eu não sou seu pai — disse o barão, praticamente cuspiando as palavras. — Sua mãe dormiu com aquele Highlander bárbaro. Você é tão selvagem quanto ele. Toda vez que eu olhava para você, eu me lembrava de como minha esposa me traiu. A única razão pela qual a mantive por perto foi porque sabia que um dia você se casaria e me traria as riquezas que eu merecia. Sua mãe era uma meretriz. Uma meretriz!— Ele moveu seu braço com a adaga e, por um segundo, Brodie temeu que ele matasse Celestina em um acesso de raiva, mas naquele momento, uma pedra voou de fora e o atingiu bem entre os olhos.

Aproveitando a oportunidade para agir, Brodie pegou a adaga de sua bota e a lançou pela sala, cortando a coxa do barão. Sangue voou da artéria seccionada e a arma do homem mais velho caiu no chão, seguida por todo o seu corpo. Seus olhos encaravam o teto, e um gemido baixo saiu dele enquanto o sangue se esvaía de seu corpo.

Celestina gritou e correu para Brodie, jogando os braços ao redor dele e o beijando. Ele largou a espada e a abraçou, incapaz de dizer qualquer coisa enquanto a segurava forte, grato por finalmente tê-la segura e em seus braços novamente.

Um momento depois, Loki apareceu na porta com sua atiradora na mão e gritou:

— Peguei ele, Mestre Brodie!

Celestina soltou o marido e saiu pela porta. Quando Brodie os seguiu, circulando o corpo do barão, viu a moça segurar o pequeno rapaz e abraçá-lo, rindo e sorrindo como se não o visse há anos.

— Oh, me solte, anjinha — o menino disse, se contorcendo nos braços dela. — Agora sou um guerreiro Grant e não posso ficar abraçando garotas.

— Loki, onde está Nicol? — Brodie perguntou, enquanto envolvia um braço em sua esposa, procurando a área em busca de seu amigo.

— Ele viu a Inga na cidade e foi buscá-la para trazê-la aqui.

Brodie voltou ao corredor e pegou as coisas de Celestina, amarrando-as em seu cavalo.

— Oh-oh. — Ele apontou Seu dedinho apontou para o final do caminho. — Alguém está vindo e não é o Nicol. — E de fato, três ou quatro homens estavam correndo em sua direção.

Brodie se ajoelhou na frente de Loki.

— Aqui está seu primeiro trabalho como guerreiro Grant. Quero que leve Celestina para aquelas matas e corra de volta para a cidade. Procure Nicol ou encontre um esconderijo até eu voltar. Entendido?

— Ah, sim, Mestre Brodie. — Ele pegou a mão de Celestina. — Venha, anjinha, vou protegê-la. Está na hora de ir. — Ele pegou algumas pedras e as colocou no bolso com sua atiradora.

Celestina se virou para Brodie com os olhos arregalados.

— Não, acabei de encontrá-lo de novo. Não me faça deixá-lo. Podemos nos esconder na casa.

— Não, eu a amo, mas é por esse amor que devo a mandar embora. — Ele levantou a mão e acariciou sua bochecha. — São noruegueses vindo para cá e não vou deixar que a toquem. Se você ficar, vai me distrair. Por favor, vá com o Loki.

Lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Não, Brodie, por favor. Não me faça ir.

Ele a beijou nos lábios e a empurrou gentilmente na direção de Loki.

— Vá, moça, e prometo que a seguirei. Vou segui-la onde quer que você vá.

Os noruegueses estavam se aproximando. Brodie rezava para que ela seguisse seu conselho enquanto sacava a

espada em preparação para a chegada de seus inimigos. Ele a queria segura acima de tudo. Depois de muita hesitação, ela finalmente se virou e saiu com Loki, correndo em direção às matas. Sobre o ombro, ela gritou:

— Ivarsson é um traidor, Brodie. Ele levou o ouro e estava indo para os navios dos noruegueses. Eles estavam esperando por ele.

Celestina e Loki correram até que ela achou que seus pulmões explodiriam. Embora odiasse deixar seu verdadeiro marido, não queria arriscar suas vidas insistindo no contrário. Ainda estavam entre as árvores, mas ela podia dizer que estavam se aproximando da aldeia porque podiam ouvir pessoas gritando e se lamentando.

— Loki, prometa-me que não fará nada tolo. Quando Brodie chegar aqui, ele nos ajudará. Só precisamos encontrar um lugar para nos esconder até que isso aconteça.

O peito de Loki inflou.

— Moça, agora sou um guerreiro Grant. Vou lhe proteger com isso. Veja? — Ele levantou sua atiradeira e abriu o bolso, que estava cheio de pedras de vários tamanhos. — Sou muito bom com nisso. Vou protegê-la. É isso que os highlanders fazem.

Celestina não pôde deixar de sorrir diante da seriedade do rapazinho. Finalmente encontraram um grupo de arbustos atrás de uma construção e se esconderam enquanto esperavam para ver o que estava acontecendo ao redor deles.

— Loki. — Ela limpou um pouco de sujeira do rosto do garoto.

— Está tudo bem, anjo. É só um pouquinho de sujeira. Não se preocupe com isso.

— Quando isso tudo acabar, você ficará com Brodie e comigo, não é?

— Estarei treinando com os guerreiros Grant. Eles prometeram.

— Tenho certeza de que precisam de você, mas nos dias de folga, você virá morar conosco nas Terras Altas. Concorda? — Ela olhou para o valente e atrevido garoto de quem tinha se afeiçoado tanto. Não queria perdê-lo.

— Suponho que se a senhora insistir. — Ele olhou para as pedras em seu bolso. — A senhora não vai me fazer tomar banhos, vai?

Ela riu.

— Não, você pode nadar no lago com os guerreiros.

Ele pareceu aceitar isso, então ela continuou:

— Você nunca mais terá que voltar a viver em um lugar onde será agredido.

O olhar de Loki voltou para o dela.

— Como sabia disso, moça?

— Eu sabia porque vivi em um lugar assim também. Eu o amo como um filho e quero você perto de mim, então não haverá discussões.

Loki revirou os olhos.

— Tudo bem. Sei que a senhora precisa de alguém para abraçar. — Ele estendeu o dedo e o colocou nos lábios dela.

— Silêncio. Ouça.

Um grupo de homens bêbados discutia não muito longe deles.

— Loki, você se lembra onde estava quando viu Inga pela última vez?

— Sim, mas cale-se — ele colocou o dedo nos lábios. — Não quero que nos descubram. Espere aqui enquanto eu vejo onde estão aqueles homens.

Celestina se escondeu nos arbustos enquanto Loki saía de maneira furtiva. Ele escolheu uma pedra, colocou com cuidado na atiradeira e a lançou. Poucos segundos depois,

um homem gritou uma torrente de palavrões que ela não entendia.

Loki voltou correndo para Celestina com um sorriso no rosto.

— Peguei ele, senhora. — Ele cobriu a boca e riu.

— Loki, tenha cuidado. Ele não é inglês ou escocês. Quem você acertou deve ser norueguês — ela sussurrou. — Ele vai matá-lo se o pegar.

— Ah, anjinha. Meu trabalho é encontrar o Nicol ou, se não puder fazer isso, escondê-la até que o Mestre Brodie chegue. Estou apenas seguindo as ordens.

O rapaz saiu das árvores novamente e voltou alguns momentos depois.

— Só consigo ver três, mas eles parecem perigosos. Vou cuidar deles, senhora.

Loki correu para fora novamente, e ela sussurrou:

— Tenha cuidado. Não quero que nada aconteça com você.

Ele voltou correndo ao lado dela com um sorriso astuto no rosto e lhe deu tapinhas no braço.

— Ah, sei que a senhora me ama. Está tudo bem. — Com isso, ele desapareceu novamente até que outra série de palavrões ecoasse no ar. Ele voltou para o esconderijo deles radiante, claramente muito orgulhoso de suas conquistas.

— Viu algum sinal de Nicol, Loki?

— Não, aqueles grandalhões estão no meu caminho. Eles ficam patrulhando a trilha com suas grandes sacolas nos ombros como se estivessem esperando alguém. Vou me livrar deles.

Mas duas vezes ele correu e os atingiu com pedras, antes de voltar para o esconderijo.

Então um dos homens descobriu o local onde estavam escondidos e correu na direção deles apontando o dedo.

Celestina gritou, agarrou Loki, e eles se viraram e correram ao redor da construção de volta pelas árvores.

Celestina começou a entrar na floresta, mas Loki virou-se em direção ao caminho muito batido no meio da vila.

— Não, Loki! Por aqui, não pela rua.

Ele a ignorou, então ela o seguiu, correndo o mais rápido que podia com suas saias girando em volta das pernas. Ela não podia deixar nada acontecer com ele. A moça rompeu as árvores a tempo de ver o pequeno Loki correndo pelo meio do caminho com dois grandes guerreiros o perseguindo. Ela notou um caído no chão. Será que Loki realmente tinha conseguido nocautear um deles?

Correndo atrás deles, Celestina começou a pensar que Loki ia escapar quando o líder finalmente aumentou a velocidade e agarrou o pequeno pelo braço, levantando-o do chão de cabeça para baixo para que seu amigo visse. Ele bateu no traseiro do garoto cinco vezes, e então seu amigo agarrou Loki e o mergulhou de cabeça em um balde de água próximo enquanto segurava seu tornozelo.

Algo estalou dentro dela. Sem fazer barulho, Celestina correu para dentro das árvores e encontrou o maior pedaço de madeira que conseguiu encontrar. Saiu balançando e acertou um dos homens na parte de trás da cabeça com tanta força que ele desabou no chão, claramente desmaiado. O outro ainda segurava Loki com um braço, então ela se aproximou, balançou seu porrete e o acertou em cheio no peito com um grito de raiva. Ela podia dizer que o tinha atordoadado, mas ele manteve sua agarra em Loki. Ele tentou alcançá-la, mas ela conseguiu sair do caminho.

— Solte-o, seu brutamontes. Deixe-o em paz! — Sua voz alcançou um tom febril, a raiva aumentando por anos de maus-tratos, horas de dor e montanhas de vergonha.

Loki, que havia tirado a cabeça da água, conseguiu tirar mais algumas pedras do bolso, que milagrosamente não haviam caído quando ele foi virado de cabeça para baixo, e as lançou no bruto.

— O senhor não tem direito! Nenhum direito. Seu bastardo grosseiro! — ela gritou, continuando a balançar sua arma. — Deixe-o em paz. — Ela escapou de suas mãos sem dificuldade, principalmente porque seus movimentos tinham desacelerado, tanto pela bebida quanto pelo ataque combinado dela e de Loki. Ele cambaleou, mas ela não, não podia parar. Quando ele viu seus braços se erguendo acima de sua cabeça, ele soltou Loki e o menino correu para longe. Sorrindo de maneira estúpida, o homem tentou agarrá-la, mas ela conseguiu escapar dele. Ele quase caiu, mas então se endireitou e virou-se com uma expressão atordoada, tentando alcançá-la. Ela pegou o porrete e o atingiu com toda a força que pôde.

Sua expressão atordoada se transformou em raiva sombria. A ferocidade de seu grunhido normalmente teria feito Celestina recuar, mas não hoje. O homem tentou caminhar na direção dela. Em sua própria mente, ela sabia que havia perdido o controle, mas de alguma forma sentia que a justiça estava sendo feita.

Avançando em direção a ele com uma vingança e um propósito anteriormente desconhecido para ela, ela gritou para ele.

— O senhor não tem direito. Nenhum direito! Está me ouvindo? Como ousa intimidar alguém menor? — Visões de Loki pairando no ar alimentaram sua raiva. Lágrimas corriam pelo seu rosto e ela continuava a balançar. — O senhor é três vezes maior que ele e o agride. Deixe-o em paz.

Outros golpes, e ele caiu sentado. Ainda assim, ele continuava a encará-la. A raiva borbulhava dentro dela.

— Quem lhe deu permissão para me tocar? — Ela segurava o porrete na frente do corpo, ofegando agora. Ela precisava recuperar as energias porque ainda não tinha terminado. Seus braços se erguiam novamente, pesados com a retribuição para esse agressor desconhecido, esse homem que agora representava todas as atrocidades que

ela já havia sido obrigada a suportar. — Deixe-me em paz. — Ela balançou novamente, e o homem tombou de cara na terra.

Impotente para parar, mas empoderada com uma liberdade que nunca antes conhecera, ela continuou. Seus braços se esticavam o máximo possível e ela o atingiu novamente.

— *Deixe-me.* — Ela se esforçou novamente. — *Em.* — Ela berrou com seu último golpe. — *Paz!*

Suas lágrimas se transformaram em soluços quando ela percebeu que o homem já não se movia. Ela girou, procurando por Loki, mas não o viu em lugar algum. Começou a descer a estrada, as lágrimas borrando sua visão. Outro grupo de nórdicos berrantes estava correndo diretamente em sua direção. Ela correu de volta e pegou seu pedaço de madeira, agora encharcado de sangue.

Avançou pelo meio da estrada com seu porrete sobre a cabeça e gritou:

— Não!

CAPÍTULO VINTE E UM

Uma jornada interior

Brodie alcançou Nicol e Inga logo fora da aldeia e fez arranjos para a viagem deles. Eles concordaram em ficar juntos até encontrarem Loki e Celestina. Ele desceu pelo caminho a tempo de ver sua esposa correndo na direção oposta com um porrete erguido sobre a cabeça, diretamente para um grupo de nórdicos. Loki estava correndo para se juntar a ela, e Nicol e Inga iam a cavalo direto para Loki. Enquanto observava, seu amigo se inclinou para pegar o menino.

— Celestina! — ele gritou o nome de sua esposa o mais alto que pôde. Precisava chegar até ela antes que aquele grupo de guerreiros o fizesse. — Celestina! — gritou novamente e ela finalmente olhou por cima do ombro. O olhar enlouquecido em seus olhos disse a ele que precisava alcançá-la rapidamente. Brodie galopou em direção a ela com toda a força e gritou: — Erga os braços!

Celestina diminuiu a velocidade e virou a cabeça de lado, mas continuou correndo para frente. Ela quase havia alcançado os nórdicos agora.

— Celestina, erga os braços, lembre-se da história das minhas irmãs? Erga os braços! Olhe para mim!

Os guerreiros começaram a gritar de excitação.

Ela se virou para ele e ergueu os braços, ainda correndo, com um olhar assombrado.

— Jogue o porrete, amor — ele gritou.

Ela jogou o porrete para trás antes que ele se inclinasse para pegá-la pela cintura e a tirasse do chão.

— Braços em volta dos meus ombros. Segure-se em mim.

Ela agarrou-se a ele, lutando para se segurar. Brodie lutou para endireitá-la e ela se debateu.

— Estou com você, confie em mim. — Ela relaxou e ele a acomodou na frente do corpo, logo antes de passar pelo grupo de guerreiros.

— Loki! Onde está o Loki? — ela gritou.

— Ele está bem. — Brodie apontou para Nicol, que não estava longe atrás deles.

Celestina virou-se para se certificar de que Loki estava seguro e prontamente desabou em soluços contra o marido. Ela segurou a túnica dele com força, e Brodie sussurrou palavras tranquilizadoras em seu ouvido. Ele a segurou enquanto ela chorava até não ter mais lágrimas por dentro.

Ele já havia conversado com Nicol e feito acordos para se encontrarem mais tarde. Sua esposa era sua prioridade agora e tinha que cuidar dela.

— Moça, eles a machucaram? Você está bem?

Ela ergueu a cabeça o suficiente para dizer:

— Sim, estou bem. Não sei o que deu em mim. Brodie, eu... — Ela olhava fixamente por cima do ombro dele como se estivesse em transe.

— Está tudo bem. Como você não está machucada, vamos continuar. Se precisar, eu paro.

Eles cavalgaram por um tempo, e ela alternou entre soluços e cochilos contra ele, mas nunca o soltou. Brodie beijou seus cabelos, muito grato por tê-la em seus braços novamente. O barão Lunde estava morto e nunca mais a incomodaria. Ivarsson era um traidor e provavelmente tinha seguido direto para os navios galé na costa. Sua situação definitivamente estava melhorando. Agora ele só precisava ser honesto com ela.

Assim que encontrou a área isolada que procurava, não muito longe de Loch Lomond, Brodie amarrou o cavalo e ajudou a esposa a descer na grama macia.

Celestina virou-se e contemplou a paisagem ao redor.

— Brodie, isso é tão bonito. Eu nunca vi nada assim.

— Moça, você esteve aprisionada a maior parte de sua vida, não é?

— Sim. — Ela olhou para o chão, tentando organizar seus pensamentos.

— Esposa? — Brodie deu-lhe alguns momentos, mas sabia que precisava mantê-la falando depois de tudo pelo que ela passou. Ele sentia que os problemas dela eram muito piores do que ele poderia imaginar. Permitiria que ela falasse quando estivesse pronta, mas não queria que ela se fechasse para ele. Eles se amavam, mas ainda havia muito que não sabiam um sobre o outro.

Seu olhar encontrou o dele, firme mesmo que seus olhos estivessem marejados.

— Acho que matei um homem. Perdi totalmente o controle e o espanquei por ter tocado no Loki. Nosso Loki. — Ela fungou enquanto falava. — Ele bateu no Loki, então eu bati nele. Muitas e muitas vezes. E sabe de uma coisa?

Brodie estendeu a mão e ajeitou um fio de cabelo atrás da orelha dela. Ele esperava ajudá-la a se curar, estar ao seu lado, mas não tinha certeza de como fazer isso.

— O quê? Me conte, amor.

— Por algum motivo estranho, eu me senti melhor depois. Isso me faz uma pessoa má?

— Não. — Ele pegou sua mão. Precisava tocá-la e segurá-la, mas não sabia se ela estava pronta. — Isso a faz muito corajosa, muito forte, e estou orgulhoso de você.

Um leve sorriso surgiu em seu rosto.

— Verdade?

— Verdade, você estava protegendo o Loki, o que é admirável.

Ela assentiu enquanto prendia a respiração e olhava para o céu.

— Espero que um dia Deus me perdoe pelo que fiz.

— Você não o matou, Celestina.

Seu olhar se voltou rapidamente para o dele.

— Não?

— Não, ele ainda estava se movendo quando passei por ele. Se ele for como os outros nórdicos que vi, estava

dormindo em um torpor bêbado quando você o acertou. Acho que encontraram um ou dois barris da boa bebida escocesa e exageraram um pouco.

Ela envolveu os braços no pescoço dele e sorriu.

— Obrigada. Eu não quis matá-lo, apenas impedi-lo de machucar alguém menor que ele.

Brody passou a mão pela linha da mandíbula dela, acariciando a pele macia. Quanto ele amava essa mulher. Seu irmão tinha razão em dizer que não haveria dúvidas em sua mente quando ele encontrasse a moça certa.

— Você está bem, esposa?

— Estou, apenas confusa com tudo o que aconteceu. — Celestina deu um passo para trás e olhou nos olhos dele. — Eu sou sua esposa, Brodie? Ou estou ligada a Fredrik? Inga me disse que um matrimônio pode ser anulado se não for consumado. Ele... me machucou, mas nunca...

Seu coração se encheu de alívio ao descobrir que ela fora poupada desse ultraje. Ele deu um passo em direção a ela e segurou seu rosto entre as mãos, beijando-a com ardor.

— Oh, Brodie — ela disse baixinho ao se afastar. — Quero estar com você agora, mas o matrimônio... talvez devêssemos lidar com isso primeiro. Sei que compartilhamos um compromisso, mas é uma situação incomum, e não quero fazer nada contra a igreja.

— Não tema, minha dama. Padre Padraig cuidou de tudo. — Ele sorriu para ela e piscou.

Ela se afastou para olhá-lo, com a testa franzida em confusão.

— O que você quer dizer?

— Você se lembra do documento de matrimônio assinado após a cerimônia diante do Padre Padraig? Aquele assinado pelo barão Lunde e por Ivarsson?

— Sim.

— Você teve a oportunidade de olhar para ele enquanto Fredrik o assinava?

— Não, eu estava muito chateada. Foi logo após a cerimônia e senti que estava me afastando de você. — Ela pressionou o rosto contra o peito dele enquanto lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Padre Padraig escreveu o documento em latim e gaélico para que Ivarsson não conseguisse lê-lo. Era um engodo. — Sua mão acariciou as costas dela, tentando acalmá-la.

— O quê?

— Você não está casada com Fredrik Ivarsson, de forma alguma. Tudo foi uma farsa arquitetada pelo padre para que o dinheiro trocasse de mãos para o rei. Padre Padraig organizou os documentos falsos. Ele gosta muito de você, moça, sempre agindo no seu melhor interesse. Descobri isso agora e esperava que você ficasse tão feliz quanto eu.

Celestina jogou os braços ao redor do marido e gritou.

— Sim, estou muito feliz. Estou livre! Estou verdadeiramente livre! Faça amor comigo agora, marido. Estivemos separados por tempo demais.

Ela cobriu os lábios dele com um beijo e Brodie grunhiu. Derretendo-se contra ele, Celestina abriu a boca, permitindo-lhe acesso livre para prová-la. Puxando sua camisa, ela gritou de frustração quando as mãos encontraram a cota de malha.

— Sim, docinho, você terá que me ajudar a tirar a armadura primeiro, já que Nicol não está conosco. Eu me livrei de parte dela antes de vir, mas não de tudo.

Celestina o ajudou, rindo de tudo o que ele estava usando. Quando finalmente terminou, ela olhou para o marido dos pés à cabeça, umedecendo os lábios antes de sorrir de maneira encantadora.

— Minha vez, esposa. — Ele a ajudou a tirar o manto. — Vire-se para que eu possa encontrar meu caminho até o seu corpo delicioso. — Enquanto desatava as fitas dela, ele beijava todo o caminho até sua coluna. Brodie a virou para

encará-lo e abriu a parte da frente da camisa, inclinando-se para sugar um de seus seios.

— Oh, Brodie, pensei muito nisso. Eu senti tanto a sua falta.

Brodie encontrou um local macio escondido nas árvores na clareira, levou a esposa até lá e a acomodou debaixo dele. Ele beijou seus lábios doces e desceu para a clavícula até chegar ao seu peito, onde encontrou o mamilo, sugando-o até ela arquear as costas.

Se contorcendo sob ele, Celestina agarrou seus cabelos e disse:

— Beije-me novamente, marido.

Ele se deliciou com seus lábios até que ela tivesse que empurrá-lo para se levantar. Ela passou as mãos pelo peito e pela barriga dele, lambendo os lábios com deleite.

— Brodie, seu corpo é delicioso, tão forte, tão poderoso. Um dia, quero provar cada centímetro seu, mas hoje não há tempo.

— Querida, não há necessidade de pressa.

— Sim, há sim. Quero você agora, marido. Já faz tempo demais. — Ela agarrou os bíceps dele e apertou em deleite.

Ele a beijou com força nos lábios, possuindo-a, exigindo mais dela. Acariciou seus seios com as mãos antes de seguir com a boca. Enquanto provocava os mamilos com a língua e depois com os dentes, ela gemeu até que seus gritos roucos de prazer ecoaram pela clareira. Em seguida, ele desceu a mão por seu quadril macio e encontrou seu clitóris. Manipulando a pérola delicada com o polegar, ele a penetrou com os dedos.

Sem querer esperar mais um momento, Celestina desceu a mão e envolveu-o, amando a sensação da pele macia que cobria sua rigidez. Movendo a mão para cima e para baixo, ela arqueou os quadris para cima e se abriu para ele. Enquanto ela provocava sua entrada com o membro quente, a moça gemeu com a sensação da rigidez contra sua entrada quente, pressionando-se contra ele.

— Chega, moça — ele disse com um rosnado. — Não consigo mais aguentar.

Ele agarrou seus quadris e a penetrou rapidamente. Celestina tentou abafar o gemido de puro prazer que escapou de sua garganta, mas não conseguiu e realmente não queria. Era assim que deveriam estar, juntos como um só, dando prazer um ao outro, criando filhos.

Ela conseguiu apoiar os pés no chão e o forçou a aumentar o ritmo, penetrando-a até que ela pudesse gritar de prazer. Brodie acariciou o pico tenso de seu mamilo antes de ela chegar ao clímax, e a moça gritou seu nome enquanto um orgasmo delicioso rasgava seu corpo. Ela ouviu seu rugido momentos depois, e então ele encostou a testa na dela. A respiração ofegante era o único som na clareira enquanto ele a beijava de leve na testa, no nariz e em cada bochecha.

— Você é minha, Celestina. Está destinada a ser, para sempre.

Quando finalmente conseguiram recuperar o fôlego, Brodie a ajudou a se levantar. Ela estendeu a mão para as roupas, mas ele disse:

— Não, ainda não, esposa. Tenho algo para lhe mostrar.

Eles caminharam de mãos dadas até que os lados da pequena clareira ficassem mais altos. Conforme continuavam, encontraram um riacho cercado por paredes de pedra cobertas de musgo. Eles pararam em uma rocha plana, escorregadia e verde, e ela riu enquanto se equilibrava contra a enorme força que era seu marido. Ela olhou para ele, admirada com o corpo poderoso, tão feliz por saber que ele era seu para a vida toda. Os músculos de Brodie ondulavam enquanto ele a guiava para o meio do riacho, dando cada passo com cuidado, sempre pronto para segurá-la se ela perdesse o equilíbrio. Eventualmente, descobriram uma pequena piscina no meio que era profunda o suficiente para cobrir seus ombros.

A água estava fresca e refrescante contra sua pele quente.

— Sabe como me sinto agora, marido?

Ele a envolveu, a água escorrendo por suas costas, e sussurrou em seu ouvido.

— Me diga.

— Livre. — Ela soltou a trança e deixou as mechas douradas flutuarem livremente, inclinando a cabeça para trás para se banhar na glória da água e do sol.

— Sim, você está livre, Celestina. Livre de seu pai e de Ivarsson. — Ele beijou o ponto delicado logo abaixo de sua orelha. — Você é tão linda. — Ele usou um pouco de sabão que sempre mantinha na bolsa em sua cintura e ensaboou a barriga dela. — O que mais você sente?

Ela ficou em cima de uma rocha, deixando a parte superior emergir da água. A água escorria por suas costas enquanto ela balançava suas mechas para frente e para trás, depois inclinava a cabeça para o sol.

— Apaixonada. Estou muito apaixonada por você, Brodie. Quero que vivamos juntos para sempre. — Seus braços se ergueram sobre a cabeça e ela arqueou as costas em uma rendição deliciosa à beleza da clareira. — Quero ter seus filhos, cuidar de você. Você me faz sentir especial, protegida, e sei que sempre irá cuidar de mim.

Ele a alcançou e a puxou para seu abraço novamente.

— Sim, cuidarei. Você sabe disso, não sabe? Não importa o que aconteça, sempre estaremos juntos. Eu a amarei para sempre.

— Brodie, você diz isso como se algo fosse acontecer. Nada pode nos separar, não agora.

Ela se sentou em uma rocha próxima e contou-lhe tudo que acontecera desde que se separaram, inclusive encontrar as cartas de sua mãe e descobrir sobre seu pai escocês.

— Brodie? Por que você está tão sério? Estaremos juntos para sempre, não estaremos? — Ela encarou o marido.

— Moça... — seu olhar encontrou o dela— você sabe que eu tenho que terminar a luta.

— O quê? — Ela não entendeu o que ele estava tentando dizer a princípio. — Sei que temos que voltar para Ayr para que você possa proteger o castelo real. Esse é o seu trabalho.

Ela saiu da água, enquanto um novo pensamento ocorria a ela.

— Oh, Brodie, você tem que pegar Ivarsson. Ele é um traidor. Eu o ouvi dizer que foi ele quem disse aos nórdicos onde encontrar as maiores riquezas. Ele está planejando entrar nos navios deles e voltar para Orkney. Ele foi espião dos nórdicos o tempo todo.

— Eu sei, moça. Descobri isso sobre ele em Ayr. E sei que você não vai gostar disso, mas tenho que ir atrás dele, tenho que ir agora antes que seja tarde demais.

— Mas você vai me levar junto, não vai? — Ela procurou o rosto do marido, esperando não ouvir a resposta que mais temia. Ele não a deixaria novamente, não é? Brodie era seu marido, sua vida, e ela não desejava ser separada dele novamente.

— Não, moça, é muito perigoso levá-la comigo.

O mundo de Celestina desabou. Ela se retirou da água e correu.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Descobertas

Brodie precisava manter a esposa em segurança. Ele não tinha escolha a não ser enviá-la para o Padre Padraig enquanto perseguia o traidor. Se ao menos pudesse dizer a Celestina que ela iria ver sua mãe novamente, talvez a moça ficasse menos chateada, mas não podia quebrar sua promessa ao padre.

— Celestina, espere, por favor me ouça. — Ele saiu da água e correu atrás dela. Quando finalmente a alcançou perto de seu cavalo, seu coração se partiu. Ela estava soluçando.

— Você está me deixando novamente. — Sua respiração ficou presa quando ele a envolveu em seus braços.

— Sim, mas apenas por um curto período de tempo, doçura.

— Mas nós acabamos de nos reencontrar.

Ele recuou e ergueu o queixo dela para que seu olhar encontrasse o dele.

— E teremos toda a vida para passarmos juntos.

Brodie beijou seus lábios deliciosos, provando o sal de suas lágrimas.

— Vou enviá-la ao Padre Padraig, leannan, alguém que você conhece e confia. Ele vai levá-la, juntamente com a Inga, para um lugar seguro até que toda essa luta termine. Sabe que preciso encontrar Ivarsson e levá-lo à justiça. Também preciso procurar por meu irmão, Robbie. Embora tenha ouvido rumores de que ele está seguro, não tive notícias dele desde que partiu para o sul de Ayrshire.

— Prometa-me. — Ela parou entre soluços, seus olhos azuis nunca deixando os dele. — Prometa-me que virá me buscar.

— Você tem minha palavra de honra como um Grant de que irei buscá-la. Nada poderia me impedir, mas devo mantê-la segura enquanto luto pelos escoceses. Você entende, não é?

Ela o abraçou com força.

— Sim, mas ainda assim não quero que vá.

Ele a segurou por alguns momentos, depois beijou o topo de sua cabeça.

— Venha, vou ajudá-la a se vestir.

O silêncio entre eles o assombrou, mas Brodie sabia o que tinha que fazer. Ele havia se encontrado com o Padre Padraig antes de partir e feito os arranjos para se encontrar com ele. Infelizmente, esse momento estava quase chegando. Temia perdê-la, mas tinha que dar a ela a chance de conhecer seu pai e de ver sua mãe novamente. Além disso, precisava ter certeza de que ela estaria segura enquanto lutava suas batalhas restantes.

Eles cavalgaram em silêncio até se encontrarem com o Padre Padraig. Brodie ajudou Celestina a desmontar e a conduziu até o cavalo do padre. Celestina cumprimentou o padre antes de desabar em lágrimas e se agarrar à cintura do marido.

— Brodie, por favor, não me faça ir. Quero ficar com você. — Seus soluços dilaceravam o coração de Brodie.

Ele a abraçou com força porque não havia nada que ele desejasse mais do que mantê-la ao seu lado, e precisava que ela soubesse disso. Inspirou o perfume de seus cabelos, o aroma de sua pele, tentando gravá-los em sua memória. E se ela nunca mais voltasse para ele depois que essa batalha terminasse? A simples ideia o dilacerava.

Brodie olhou para o Padre Padraig por cima do ombro de Celestina e o padre assentiu com a cabeça. Chegara a hora de mandá-la embora. Ele segurou o rosto dela, enxugou suas lágrimas e a beijou com ternura.

— Lembre-se sempre de que eu a amo, Celestina. E eu a amarei para sempre. — Ele a ergueu para o cavalo do Padre

Padraig. Assim que ela estava sentada, virou-se para longe dele, o que pareceu uma punhalada no estômago.

Ele fez uma prece silenciosa para não estar cometendo o maior erro de sua vida.

Padre Padraig e Celestina encontraram Inga e Nicol, que haviam conseguido uma carroça para as duas moças viajarem. Loki estava com eles, mas se recusou a viajar com elas, escolhendo ir com Nicol. Agora ele era um guerreiro Grant, então tinha que lutar com os outros.

A cabeça de Celestina balançava no monte macio de palha no vagão. O balanço dos cascos do cavalo a deixava sonolenta. Já quase anoitecendo, ela fechou os olhos, esperando adormecer e esquecer a dor de deixar seu marido. Ela tinha se envergonhado ao se agarrar a Brodie daquela maneira, mas tinha medo de nunca mais vê-lo. Deitou-se de lado enquanto Inga se sentava ao seu lado, afastando os cabelos de seu rosto. Sua criada era o único consolo que tinha, e ela estava muito grata por tê-la ali.

Quando ela acordou, já era alta noite. Olhou para as estrelas e fez uma oração por seu marido e sua família. Quando virou de lado, viu Inga a encarando.

— Ele a ama muito, não é? Nicol disse que o Brodie não consegue tirar você da cabeça.

— Sim, eu sei que ele ama, Inga. Eu apenas sinto falta dele. Tivemos tão pouco tempo juntos e ele é meu marido. Esperava que fôssemos ficar juntos para sempre depois que nos reencontrássemos.

— Oh, é tempo de guerra, minha amiga. Ele tem muitos para proteger. Logo ele a trará para sua casa e você conhecerá sua família e seu clã. Estou muito feliz por você. Não sei para onde irei, mas você terá um lar agora, um lar de verdade.

Celestina virou-se de costas e olhou para cima, para a amiga.

— Você irá comigo para as Terras Altas. Ou você tem outros desejos? — Quando notou a expressão no rosto de sua amiga, ela se retratou. — Desculpe, me esqueci que sua mãe está em Ayr.

Inga olhou para a palha.

— Minha mãe me mandaria trabalhar novamente se eu ficasse. Ela não tem comida suficiente para encher meu estômago e dos pequenos, e há outro lugar para onde eu gostaria de ir.

— Onde?

Inga olhou para o Padre Padraig e sussurrou para ela:

— Com Nicol. Ele prometeu se casar comigo assim que a guerra acabar. Agora estou muito preocupada, assim como você.

Celestina se sentou e a abraçou.

— Oh, Inga, estou tão feliz por você. Você o ama?

Sua amiga corou, mas assentiu rapidamente com a cabeça.

— Mas estou com medo por ele... e por nós.

— Me conte mais. Quando isso aconteceu? — Celestina segurou a mão de sua amiga e sorriu.

— Bem, passamos bastante tempo conversando na noite da sua cerimônia. Ele é um rapaz gentil com um sorriso que nunca o deixa. Quando ele me encontrou na vila de Lennox, ele desceu do cavalo imediatamente e me abraçou. Fiquei tão surpresa. Eu o achei bonito e valente, mas não tivemos a chance de nos conhecer. De repente, ele me beijou e... eu não sei. Nunca fui beijada assim antes. Eu gostei, e ele não parou e eu também não queria que ele parasse.

Celestina riu.

— Estou tão feliz por você. Que emocionante! Talvez você viva perto de nós. Isso me deixaria muito feliz, porque você sabe que a considero mais minha amiga do que minha criada. — Ela tinha percebido os olhares amorosos que Inga

e Nicol trocaram antes de partirem, mas não tinha ideia de que tinha se desenvolvido tanto. — E então o que aconteceu?

— Nicol me disse que essa guerra o estava deixando louco, e tudo o que ele queria era passar tempo comigo. Ele compartilhou seus medos comigo sobre essa batalha. Em seguida, ele disse que queria se casar comigo e começar uma família, mas acho que ele surpreendeu a si mesmo porque só ficou me encarando. E eu fiquei tão chocada que não sabia o que dizer. Então ele me pediu em matrimônio e eu disse sim. — Inga olhou para suas mãos por um momento. — Você acha que agi precipitadamente?

— Não, se você o ama. Estou tão animada. — Celestina segurou as mãos de Inga nas suas. — Tudo vai dar certo, você verá.

Logo após o amanhecer, o Padre se virou para olhá-las e disse:

— Finalmente, chegamos.

Inga e Celestina se sentaram, tirando a palha de seus cabelos enquanto observavam o grande castelo que se erguia no topo de uma colina enorme diante delas. Um enorme muro de pedra cercava o torreão, com fileiras ordenadas de cabanas de colmo tanto dentro quanto fora do muro.

— Onde estamos, Padre? — Celestina estava ocupada demais ansiando por seu marido para dar muita atenção aonde estavam indo. Ela assumiu que passariam um tempo em uma abadia, o único lugar seguro em tempos de guerra. Seria este o lar de Brodie? Mas não, não poderia ser o castelo Grant... Brodie lhe disse que levaria uma jornada de vários dias para chegar às suas terras e eles viajaram por menos de um dia.

Em vez de responder, o Padre Padraig apenas sorriu para ela e continuou a guiar a carroça em direção ao portão.

Vários guardas patrulhavam as ameias do castelo, e um grande chifre soou quando sua aproximação foi notada. Eles

cruzaram uma pequena ponte e Celestina observou enquanto o portão de ferro era levantado. A moça estava maravilhada. Nunca vira um castelo tão imponente. Eles passaram por alguns castelos pequenos a caminho de Lennox, mas nenhum tão grandioso quanto este. Uma torre adornava cada um dos quatro cantos. A estrutura era forte e sólida. Ela imaginou que o padre tinha escolhido um lugar seguro para abrigá-los durante as batalhas iminentes com os nórdicos.

A carroça parou perto dos estábulos dentro do pátio interno e alguns rapazes ajudaram as moças a descenderem da parte de trás da carroça. Padre Padraig estava prestes a entregar a bolsa que ela trouxe consigo quando algo chamou sua atenção. Uma mulher mais velha estava parada nos degraus do torreão, bela e orgulhosa, e um homem grande estava ao seu lado com o braço ao redor de seus ombros. Eles estavam unidos em um abraço amoroso. Celestina deu um suspiro quando captou o olhar da mulher.

Ela a reconheceu.

Ao dar alguns passos em direção ao torreão, sua mente lutava com a impossibilidade do que seus olhos estavam lhe dizendo. Poderia ser?

— Mamãe? — Seu coração deu um salto. Ela queria continuar se movendo, mas não conseguia. Finalmente, ela ordenou que suas pernas a levassem mais perto da dama nos degraus. — Mamãe? — Suas pernas pareciam chumbo, não a levavam rápido o suficiente. Sua visão se estreitou até que ela só conseguia ver uma coisa: sua mãe.

Lágrimas embaçaram a visão de Celestina quando suas pernas finalmente fizeram seu trabalho e a levaram correndo em direção aos degraus, deixando para trás Inga e o Padre Padraig. Ela correu até não conseguir mais respirar, finalmente parando na base da escadaria e olhando para cima para a mulher.

— Mamãe? É a senhora mesmo? — sussurrou ela.

A mulher soluçou e abriu os braços, e Celestina voou para eles.

— Minha criança, finalmente você voltou para casa. Como senti sua falta. — A mãe de Celestina a embalou em um abraço, e depois recuou para segurar o rosto da filha. — Você está tão linda, minha querida. Olhe para você, completamente crescida. Estou tão feliz por tê-la encontrado novamente. — Ela beijou sua testa e ambas as bochechas.

Celestina sorriu para a mãe, ainda incapaz de acreditar que era verdade. Ela havia envelhecido, havia linhas finas ao lado dos olhos e fios grisalhos em seu cabelo, mas seu sorriso ainda era o mesmo. Depois de todos esses anos, parecia que ela nunca tinha partido.

Sua mãe segurou suas mãos e deu um passo para trás. Então ela se virou para o homem ao seu lado e disse:

— Celestina, gostaria que conhecesse seu pai, Ranald MacLaren.

Celestina deu uma olhada no homem e seus joelhos fraquejaram.

Ela desmaiou.

Quando Celestina acordou, encontrou-se em uma cama de penas macias coberta com lençóis frescos. Um vaso perfumado de urze selvagem estava na mesa de cabeceira, onde sua mãe costumava colocá-los quando ela era jovem. Ela se sentou para avaliar seus arredores e seu olhar encontrou sua mãe, que estava sentada ao lado da cama, torcendo as mãos no colo.

— Oh, bom, moça, você está bem?

— Sim, mamãe, estou bem. Apenas um pouco cansada e surpresa. — Ela estendeu a mão e segurou as de sua mãe nas suas. — Foi um pouco chocante, não?

— Sim, e sinto muito por isso, minha criança. Não sabia como fazer isso direito. Passaram-se tantos anos. Me atormentava pensar em você à mercê daquele homem desagradável. Me fale a verdade, você não sofreu nenhum dano?

Celestina prometeu não contar à sua mãe a verdade sobre o barão. Encontrar a mãe viva era um sonho se tornando realidade, e não havia necessidade de manchar este momento com más lembranças...

— Mamãe, estou bem, mas tenho muitas perguntas. Encontrei suas cartas e estou muito confusa. Eu pensei que meu pai estava morto.

— Oh, você encontrou. Graças ao Senhor por isso. É uma longa história, mas seu pai não morreu no acidente com o javali. Ele estava à beira da morte, mas é um lutador. Não fiquei sabendo por muito tempo, mas estou grata por ele ter sobrevivido. Entendo seu choque. Senti o mesmo quando descobri que Ranald estava vivo. O que o barão Lunde disse sobre mim?

— Ele me disse que a senhora tinha morrido de febre.

— Oh, criança. Finalmente, você merece a verdade. Seu pai está ansioso para vê-la. Ele esperou por este momento por muito tempo, ambos esperamos. Posso trazê-lo para que possamos responder suas perguntas juntos?

Celestina assentiu, embora não soubesse como cumprimentar o pai. Como se ganhava um pai depois de se casar? Sua mãe saiu para o corredor e voltou com Ranald MacLaren. Eles se sentaram nas cadeiras ao lado da cama.

Seu pai era um homem corpulento, alto, com cabelos ruivos e olhos gentis. Esses olhos se encheram de lágrimas assim que entrou na câmara, e ele lhe deu um sorriso nervoso com as mesmas covinhas que ela herdara dele. Não estava certa se deveria ficar feliz ou zangada com ele. Ele poderia ter evitado todos os anos de abuso que ela foi obrigada a suportar? Ele não poderia ter feito algo? E por que sua própria mãe a deixou?

Primeiro, ela precisava ouvir. A única coisa que ela sempre quis estava ao seu alcance, dois pais amorosos. Ela lhes daria uma chance para explicar.

— Sim, agradeço-lhe, filha, por me permitir entrar. — Ele olhou para Celestina como se quisesse memorizar suas características, mas talvez estivesse apenas inseguro do que dizer. — Peço desculpas por não ter estado em sua vida todos esses anos, apoiando-a como um pai honrado deveria, mas circunstâncias impediram que isso acontecesse.

Celestina olhou para a mãe, incapaz de conter a pergunta por mais tempo.

— Mas por que, mamãe? Eu entendo por que o papai... hum, posso chamá-lo de papai?

— Sim, moça, seria uma honra para mim.

Voltando-se para sua mãe, ela perguntou:

— Mas por que você partiu? Ou por que não me levou com a senhora?

— É uma história complicada. Você leu minha carta sobre como seu pai e eu nos conhecemos, certo?

Celestina assentiu.

— Walter me deixou para morrer depois de me machucar, então seu pai e eu acreditamos em nossos próprios corações que era como cancelar nossos votos de matrimônio. Saiba que éramos jovens e ingênuos. Walter havia mudado muito após o ferimento na cabeça; ele não era mais o homem com quem me casei. Ele claramente não me queria mais como esposa, não importando as leis da igreja.

Ela suspirou.

— Seu pai e eu nos apaixonamos, e como você sabe, logo me vi carregando você, nossa primeira filha. Estávamos muito animados. — Ela apertou a mão de seu marido antes de continuar sua história. — Admitimos que fizemos o melhor para esconder nosso relacionamento do clã dele, porque não estávamos certos de como o clã ou a igreja se sentiriam sobre nosso relacionamento enquanto o

barão Lunde ainda estivesse vivo. Na verdade, eu estava grávida antes que alguém soubesse sobre nosso amor um pelo outro. Fomos aconselhados na época de que a igreja não apoiaria o que tínhamos feito, mas estávamos apaixonados e cegos para tudo.

A mãe continuou:

— Alguns meses depois, o barão apareceu em nossa porta exigindo que eu voltasse. Você vê, Walter e eu tentamos ter um filho, mas fomos malsucedidos. Assim que a notícia de que eu estava grávida chegou até ele, ele me quis de volta. Ele estava obcecado em ter um filho para levar seu nome adiante. Quando soube que a criança não era de seu sangue, ainda quis reivindicar você, mesmo que o tempo provasse o contrário. Ranald foi à igreja, solicitando uma anulação com base no abandono, mas a igreja não concedeu. Eles não me deram escolha a não ser voltar para o barão, e eu dei à luz você em sua casa. Anos se passaram, e Ranald e eu continuamos a trocar cartas para que eu pudesse atualizá-lo sobre seu progresso. Quando Walter encontrou essas cartas, ele destruiu a maioria delas e foi à igreja pedir minha remoção de sua casa, mas ele queria que você ficasse.

Ela olhou para o marido.

— A ideia em si partiu meu coração, e eu me recusei a deixar você para trás. Ranald me apoiou nisso, pois estava muito preocupado com seu bem-estar. No entanto, a igreja não concedeu os desejos do barão e decretou que você nasceu quando ele e eu estávamos casados, então nós duas deveríamos ficar com ele. Walter ficou furioso. Novamente, ele não era o homem com quem me casei porque sua mente havia se tornado muito distorcida. Começou a delirar e murmurar consigo mesmo, e estava desesperado para me tirar de casa. Ele fez a única coisa que conseguia pensar: me espancou novamente e me deixou na floresta para morrer. Eu havia enviado uma nota para seu pai sobre a mente enlouquecida de Walter. Para garantir a segurança,

ele enviou alguém para cuidar de nós duas, seu irmão, o Padre Padraig.

Os olhos de Celestina se arregalaram. Ranald assentiu.

— Sim, moça, o Padre Padraig é meu irmão. Um dia, ele voltou correndo para casa em seu cavalo. Ele não conseguia encontrar sua mãe, embora você estivesse segura. Levamos um grupo de guardas e procuramos na área. Novamente, encontrei sua mãe à beira da morte pelas mãos daquele homem maligno. — Ele parou, fazendo uma pausa para respirar fundo, desfazendo os punhos cerrados.

O coração de Celestina se partiu ao ver as emoções passarem pelo rosto de seu pai. Ele amava sua mãe, e não conseguia lidar com o que o barão havia feito. Ela olhou para as mãos em seu colo, perguntando-se o que Brodie teria feito nas mesmas circunstâncias. Não precisou pensar por muito tempo; ele nunca a teria permitido retornar. Seu pai também não permitiu que sua mãe voltasse. Tudo começava a fazer sentido. Ele fez o que precisava para manter sua mãe viva.

Ranald continuou depois de reunir seus pensamentos.

— Depois de cuidar de sua mãe até ela se recuperar, a mantive ao meu lado. O barão não a queria mais. A igreja não precisava saber, eu não a enviaria de volta. — Seus olhos se encheram de lágrimas ao olhar para sua mãe. — Fizemos o que achamos melhor. Arranjamos para que Inga cuidasse de você e enviamos meu irmão para verificar você regularmente. Ele cuidou de você junto com nosso Senhor lá em cima. Espero que possa encontrar forças em seu coração para me perdoar. Sua mãe não teve nada a ver com isso. Eu não permitiria que ela voltasse para o barão Lunde.

Sua mãe assumiu a história.

— Nós pedimos à igreja, mas eles não iam forçar o barão a entregá-la. O Padre Padraig cuidava de você e nos mantinha atualizados. Sinto muito que o barão tenha sido rude, mas a igreja não interviria. Eles não consideravam sua disciplina abusiva. Anos depois, descobrimos a verdadeira

motivação de Walter para mantê-la. Além de me punir, o motivo principal era porque ele queria o dinheiro que receberia do seu pretendente. Você vê, sua beleza se tornou lendária em Ayrshire e além, e muitos rapazes queriam sua mão. Walter se certificou de que você fosse para aquele que lhe pagaria mais.

Celestina olhou para sua mãe.

— Minha beleza? Sei que o Brodie acha que sou bonita, mas toda Ayrshire?

Seu pai interveio.

— Oh, moça, homens vieram de longe para implorar por sua mão. Foi parte da razão pela qual o barão basicamente a manteve como prisioneira. Muitos sabiam que você era minha filha, e ele não queria que você descobrisse. Ele também queria que você se sentisse dependente dele. Quando Ivarsson veio para a cidade, o barão acreditou que sua oportunidade finalmente havia chegado.

Sua mãe segurou sua mão.

— Você descobriu que seu matrimônio com Fredrik Ivarsson é falso? Padre Padraig nos fez outro favor e garantiu que os documentos não valessem. Você está livre para se casar com quem desejar e nós apoiaremos sua escolha.

Celestina assentiu.

— Brodie Grant e eu nos unimos. Eu o amo; ele é o marido do meu coração. Mamãe, o barão está morto. Ele me ameaçou com uma faca em minha garganta e Brodie o matou. Ele não vai mais incomodá-la.

Sua mãe suspirou e fechou os olhos, murmurando uma breve oração de agradecimento. Quando abriu os olhos, sorriu para a filha.

— Fomos abençoados com mais dois filhos, ambos rapazes, mas você é nossa única garota. Você tem dois irmãos, minha querida.

Celestina massageou as têmporas, tentando absorver todas as novas informações que recebeu. Ela olhou para a

mãe e notou o belo colar que ela usava. O pingente era um círculo de folhas de louro entalhadas.

— Mamãe, onde a senhora conseguiu isso? É igualzinho a aldrava da casa do barão em Lennox.

Seu pai foi quem respondeu:

— Ah, folhas de louro são o brasão do clã MacLaren. Devo confessar que enviei isso com meu irmão e pedi a ele para colocá-lo em algum lugar da casa quando Walter não estivesse ciente. Eu acreditava que era outra maneira de protegê-la, quase como um halo de folhas de louro para usar na cabeça, como um anjo usaria.

— Assim como seu nome, minha querida. Celestina, nosso anjo do céu. — Sua mãe sorriu e beijou sua bochecha.

Seu pai aproximou-se para se sentar na beira da cama, de modo que pudesse envolver suas mãos nas dele.

— Sim, fizemos o melhor que pudemos diante dos desejos da igreja e do palácio real para você. Esperamos, mais do que qualquer coisa, que você nos perdoe e nos permita fazer parte de sua vida. — Seus olhos se encheram de lágrimas e ele ofegou. — Nada nos deixaria mais felizes do que estar em sua vida novamente. Faremos tudo o que pudermos para apoiá-la e fazê-la feliz.

Celestina estendeu a mão e depositou um beijo na bochecha de seu pai. Como ela não poderia? Nunca tinha visto um homem adulto chorar daquela maneira, e ele segurava suas mãos como se tivesse medo de que ela desaparecesse. Ele era diferente do barão Lunde de todas as formas possíveis.

— Papai, eu adoraria muito que o senhor fizesse parte da minha vida. O Brodie ficará muito surpreso ao saber que minha mãe e meu pai estão vivos.

Sua mãe sussurrou:

— Ele já sabe, moça. O Padre Padraig lhe contou.

— O quê? O Brodie sabia? — Ela torceu os lençóis em suas mãos enquanto tentava entender aquela informação.

— Então ele mentiu para mim? Ele sabia que estava me enviando para vocês?

— Sim, moça. — Seu pai acariciou sua mão. — Por favor, não seja muito dura com o rapaz. Meu irmão o fez fazer um juramento de silêncio. Ele deu sua palavra de honra que não ia contar a você. Não há garantias em uma guerra, e não queríamos que você descobrisse que estávamos vivos apenas para, finalmente, chegar ao nosso solar e descobrir o contrário. Seria demais para uma pessoa lidar duas vezes.

Celestina olhou para as mãos, a confusão turvando sua mente.

— Celestina — sua mãe disse —, ele não queria enviá-la, mesmo que se preocupasse muito com sua segurança, mas prometeu ao Padre Padraig que permitiria que você nos conhecesse. Acho que ele deve ser um homem forte por ter mantido sua palavra. Afinal, ele deve ter receio de que você nos escolha em vez dele. Sua disposição para possivelmente sacrificar a própria felicidade pela sua diz muito sobre seu caráter. Não concorda comigo?

Sim, ela tinha que concordar com a mãe. Ela ficou muito chateada com Brodie quando ele a mandou embora com o Padre Padraig. Ela se lembrou de suas últimas palavras, algo sobre lembrar que ele a amava para sempre. Brodie sabia que ela estava partindo para encontrar seus pais. Sim, ele devia ter temido que a perdesse para sua família; para a mãe que não via há anos e o pai que nunca conhecera. Então, essa provavelmente foi a decisão mais altruísta que alguém já tomara por ela.

Ele lhe dera o presente da escolha, e ela estava tão confusa que não tinha certeza de sua resposta.

Qual seria seu lugar correto, com seu marido ou com seus pais?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

1º de outubro de 1263

Na noite seguinte, Brodie vasculhou o centro de Ayr em busca de qualquer sinal de Nicol ou do pequeno Loki. Sua jornada levou mais tempo do que o esperado devido a uma tempestade que atingira com ventos de força de vendaval e chuvas torrenciais. Ele havia dormido em uma cabana deserta enquanto o pior da tempestade rugia lá fora, o que também deu ao seu cavalo um descanso muito necessário. Alguns culpavam tais tempestades pela magia, mas Brodie apenas as considerava parte da beleza sinistra da natureza. A tempestade continuou até as primeiras horas da manhã, mas ele voltou para Ayr na chuva, ansioso para localizar seus amigos e seu irmão.

Seus amigos o alcançaram pouco depois de sua chegada. Loki se jogou em Brodie, claramente animado em vê-lo.

— Alguma notícia de Robbie, Nicol? — Ele confiava nas habilidades do irmão, mas a incerteza o deixava ansioso.

Nicol balançou a cabeça.

— Não, eles deveriam ter voltado, mas ainda não vi nenhum clã.

— Mestre Brodie, levamos uma carroça para a anjinha viajar, e ela estava muito triste. — Loki ficou ao seu lado, puxando seu braço.

Brodie pensou em como sua esposa estava infeliz quando se separaram. A pobre moça nunca conseguiu confiar em muitas pessoas em sua vida, e sempre esteve sob o comando de um brutamontes dominador. Adaptar-se à vida com um parceiro carinhoso, que a amava e sempre voltaria para ela, levaria tempo. Ele agradeceu a Deus por ela finalmente estar segura e com entes queridos.

Ele se perguntou como tinha sido a jornada com Padre Padraig. Celestina perdoaria os pais? Brodie não tinha ideia sobre as circunstâncias que cercavam a separação da família, mas esperava que sua esposa ficasse feliz em rever sua mãe. Um belo espírito existia e floresceria dentro de sua esposa; ela só não teve a chance de descobri-lo ainda. Ele esperava que seu pai fosse um homem bondoso. Outro homem cruel poderia destruí-la.

Acima de tudo, Brodie esperava que ela conseguisse encontrar em seu coração o perdão por ele não revelar a verdade sobre seus pais. Com o tempo, ela aprenderia a confiar e perceberia que poderiam estar separados e ainda se amarem. Viver no castelo Grant com ele como sua esposa a ajudaria a prosperar, mas ela ainda estaria disposta a viver com ele?

Nicol deu tapinhas em suas costas, como se pudesse ler sua mente.

— Ela vai voltar, amigo. Pode contar com isso.

— Espero que você esteja certo. Tenho que admitir que já sinto falta dela. — Ele deu a Nicol um sorriso tímido, mas era a verdade. Se pudesse resolver as coisas em sua mente, seria mais eficiente na batalha. Não gostava de distrações. Agora ele entendia a filosofia de seu irmão: focar apenas no oponente.

Padre Padraig mencionou que o verdadeiro pai dela era o chefe de seu clã nas Terras Altas, então o homem aceitaria Brodie como o companheiro de sua filha ou tentaria encontrar um par mais adequado para ela?

Seja qual fosse a situação, ele lutaria por sua esposa assim como sempre lutou por seu clã. Sua alma havia ocupado um lugar muito profundo em seu coração, e ele planejava mantê-la lá.

Ele olhou para seu pequeno amigo, que ainda estava olhando para ele.

— Sim, Loki, ela estava muito triste, mas uma moça não pertence à batalha. Ela entende que vamos voltar para ela...

nós três. — Loki abriu um sorriso largo com essa declaração. Seu coração se encheu ao ver isso. Celestina estava ligada ao garoto, e ele também. O menino precisava pertencer a alguém... e seria a ele e à sua esposa.

A voz de Nicol interrompeu seus pensamentos.

— Oh, seremos cinco juntos. Não esqueça minha Inga.

A testa franzida de Brodie fez Loki rir.

— Mestre Brodie, você não viu o rosto iluminado que o Nicol tem pela srta. Inga? É quase tão ruim quanto o seu pela anjinha.

— É verdade, Nicol? Você e Inga? — Brodie sorriu.

— Sim, e não fique tão surpreso. Inga é uma moça bonita com um grande coração — disse Nicol.

— Oh, ela tem um grande algo que você gostaria, mas seu coração não é o que eu estava pensando. — Brodie se perguntou quanto de brincadeira seu amigo toleraria sobre Inga, mas antes que ele terminasse a frase, uma pedra passou zunindo perto de sua orelha.

— Cale a boca, Grant, ou vou fazer você calar. — A expressão de Nicol agora estava séria como Brodie nunca tinha visto.

Loki riu tanto que quase caiu.

Brodie levantou a mão para o amigo.

— Me conte sobre suas paixonites mais tarde, Nicol. Por enquanto, preciso ouvir tudo o que você sabe antes de encontrar o Xerife para receber minhas novas ordens.

— Tudo bem, muita coisa aconteceu na sua ausência. A frota de Haakon se moveu mais para o norte e ancorou perto das Cumbraes. A tempestade de ontem à noite fez vários barcos encalharem perto de Largs. Nosso rei enviou uma pequena força de arqueiros locais assim que a notícia chegou até nós esta manhã. Aparentemente, eles se saíram bem o suficiente com seus arcos para causar muitas baixas na costa. O Rei Alexander espera que Haakon envie mais dracares para resgatar o que puderem e ajudar seus feridos. Alguns galés afundaram descendo de Loch Lomond, mas

alguns permanecem perto do lago, aguardando instruções. Alexander ordenou que todas as forças se dirigissem para Largs, e nós iremos nessa direção em breve. Você chegou na hora certa.

— Aqueles barcos encalhados, de onde eles vinham?

— Eu não acho que ninguém saiba. Por quê? — Nicol esperou enquanto Brodie andava de um lado para o outro na sua frente.

— O traidor Ivarsson está em um barco vindo de Loch Lomond. Preciso encontrá-lo.

Nicol deu um sorriso malicioso.

— O que Fredrik Ivarsson merece está chegando logo, não está?

— Sim, está — ele olhou para Loki, que parecia fascinado pela conversa deles. — Preciso ter uma conversa com Ivarsson. — Embora Celestina não tivesse dado a ele todos os detalhes ainda, ele suspeitava que devia a Fredrik Ivarsson muita dor.

— É sugerido que alguns dos dracares encalharam porque estavam pesados com bens de pilhagem. Ivarsson pode estar em Loch Long ou Largs, ou ele poderia ter estado em um dos barcos que afundou na tempestade. Ele foi o traidor que disse aos nórdicos onde encontrar ouro e riquezas, afinal.

— Ele a fez gritar, eu ouvi — Loki disse, cutucando Brodie na coxa para chamar sua atenção.

Brodie deu toda sua atenção ao garoto.

— Como você sabe disso?

— Lembra que eu disse que a segui pelo senhor? Bem, logo depois do matrimônio, antes de saírem do castelo, eu me esgueirei para o corredor fora da câmara onde eles estavam e a ouvi gritar. Apenas uma vez, então a ouvi grunhir assim. — Loki fez o seu melhor para imitar o som. — O senhor entende? Quando se tenta muito não gritar, mas não consegue se impedir? Era o que ela estava fazendo, e então eu acho que ele deu um tapa nela.

O sangue de Brodie pulsava pelo seu corpo. Seus punhos se cerraram ao pensar em alguém machucando sua anjinha.

— Mestre Brodie? Eu a protegi para o senhor. Eu o acertei com uma pedra quando ele saiu e ele gritou, mas não conseguiu me pegar. Foi antes de o senhor me encontrar. É a outra razão pela qual os segui. Ele foi mau com ela.

Brodie bagunçou seu cabelo.

— Bom rapaz. Você a salvou.

Ele tentou se concentrar na batalha dos escoceses, mas sua mente estava apenas em uma coisa no momento. Ivarsson pagaria por machucar sua anja.

Celestina estava sentada no salão do castelo dos MacLaren, ainda tentando entender tudo o que tinha acontecido em tão pouco tempo.

Sua mãe se inclinou sobre ela.

— Minha querida, já comeu o suficiente? Essa comida não está do seu agrado?

Ela olhou para a bandeja à frente delas, cheia de nabos e carneiro com tortas de maçã ao lado.

— Não, mamãe, a comida está deliciosa. Só não estou com muita fome. — Ela sorriu para tranquilizar as preocupações da mãe. — Acredite em mim, esta é uma comida muito melhor do que eu já tive no castelo do barão Lunde.

Tudo em sua mãe era exatamente como ela se lembrava. Ela tinha o coração mais generoso e agora que Celestina finalmente foi devolvida a ela, fez questão de que sua filha tivesse tudo o que pudesse desejar, incluindo novos vestidos, sobrecasacas, botas e sapatilhas. Elas se divertiram muito escolhendo os tecidos e fitas.

Celestina foi apresentada a seus dois irmãos, Rory e Roderick, mas seu pai os mantinha ocupados na justa, então ela não conseguiu passar muito tempo com eles. Rory tinha dez verões e Roderick, era um ano mais velho. Ambos os pais haviam atendido a todos os desejos dela. Ela não sabia como dizer a eles que já haviam lhe dado mais do que ela jamais tivera em toda a sua vida até agora.

O grande salão estava cheio de membros do clã MacLaren. Seu pai havia declarado um dia de celebração em homenagem ao seu retorno. Ela foi apresentada a tantas pessoas que sua mente se confundiu com seus rostos e nomes. Eles lhe trouxeram presentes de peles quentes, velas, sabonetes de lavanda doce, tortas de pera, um xale de lã, pantufas e até joias. Todos eram maravilhosos, e ela admirou cada um e agradeceu ao doador efusivamente.

Agora que tinha um momento mais tranquilo para parar e pensar, ela percebia os verdadeiros presentes que sua família havia lhe dado. Risadas, sorrisos de felicidade, crianças rindo, palavras gentis, abraços calorosos, aplausos, gritos de alegria, um senso de pertencimento, crianças correndo... todas essas coisas a rodeavam na sala e a deixavam maravilhada. Ela reconhecia que eram exatamente as coisas que haviam faltado em sua vida nos últimos doze anos.

Inga fez amizade rapidamente com algumas das moça, mas Celestina se segurou. Por anos, sua única amiga da mesma idade tinha sido Inga. Como se fazia amigos? Ela não tinha as habilidades mais básicas possuídas por quase todos naquela sala.

Sua mãe segurou sua mão debaixo da mesa. Sua voz doce, que soava exatamente como Celestina se lembrava, sussurrou:

— Não entre em pânico, você vai aprender.

Como ela poderia saber o que estava pensando?

Sua mãe disse:

— Ele a manteve prisioneira todos esses anos, não é?

Celestina assentiu.

— Você aprenderá. Você aprenderá porque consigo ver o amor e a bondade em seu coração. — Ela se aproximou e beijou sua bochecha. — Deve estar confusa, mas vou ajudar. Juntas, vamos rir, costurar, assar, cuidar do jardim, abraçar e amar. Há tantas coisas novas para você aprender, mas você consegue. — Ela afastou uma mecha de cabelo dos olhos de Celestina. — Suspeito que seu coração já saiba amar, não é? Você ama muito Brodie Grant, não ama?

Os olhos de Celestina se encheram de lágrimas e ela fez o único gesto que pôde. Assentiu e se entregou ao abraço de sua mãe, permitindo que ela fizesse o que sempre fizera de melhor, confortá-la quando ela estava machucada.

— Sinto muito a falta dele.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

2 de outubro de 1263

Brodie cavalgou até um dos muitos acampamentos entre Ayr e Largs na manhã seguinte. Ele já tinha parado em alguns sem encontrar seu irmão. Desta vez, ele tinha certeza de que avistara uma bandeira dos Grant. Um grande grupo de rapazes treinava em um campo próximo, e um pequeno grupo estava reunido na frente. Ele virou-se para Nicol, que estava montando atrás dele, e gritou:

— Espere aqui.

Loki, que estava cavalgando na frente de Brodie, desmontou e pegou as rédeas do cavalo enquanto ele corria na direção dos homens. Um grito trouxe um sorriso ao seu rosto; pertencia a Robbie. Ele acenou para seus amigos enquanto saudava o irmão.

— Você está bem, Robbie? — Brodie perguntou enquanto apertava o ombro dele.

— Sim, e você?

O largo sorriso que seu irmão lhe deu, bem conhecido como o que derretia os corações das moças, foi um alívio profundo.

— Você viu alguma luta? — ele perguntou. — Alguma perda no clã? — Ele olhou para os outros homens ao redor e acenou para os membros de seu clã.

— Sim, e tivemos algumas perdas. Enviei uma carroça de volta para o nosso castelo, já que a melhor curandeira do país está de volta ao castelo Grant. Alex exigiu que Brenna e Jennie voltassem para as Terras Altas até isso acabar. Ele estava preocupado que estivessem muito perto da luta. Quade concordou, então eles levaram alguns membros de seu clã para o nosso castelo, incluindo nossa nova sobrinha, Bethia.

— Ah, então as duas curandeiras estão em terras dos Grant. Bom saber. Quais são suas expectativas?

Robbie olhou por cima do ombro e afastou o irmão do grupo.

— Dizem que Haakon está a caminho de Largs em um navio e está trazendo muitos guerreiros com ele. Esperamos que ancorem em breve e decidam seu curso de ação. Aparentemente, muitos dos barcos estão destruídos ou já submersos, e eles desejam descarregar as riquezas armazenadas a bordo das embarcações encalhadas. Alexander de Dundonald está a caminho para nos liderar na batalha, se necessário.

— E seu pressentimento? Chegará a tanto?

Robbie suspirou.

— Sim, acho que a luta começará hoje ou amanhã. Meus guerreiros encontraram alguns noruegueses difíceis ao sul de Ayr. Eles são selvagens e ansiosos pela batalha. Mas estamos prontos. — Ele inclinou a cabeça na direção dos rapazes praticando com suas espadas. — Alexander ordenou machados de batalha também. Leva um pouco de prática para se acostumar, mas são poderosos. Nossos arqueiros estão praticando naquela mata de árvores a leste de nós. Alex deve estar a caminho com os cavalos.

Brodie o atualizou sobre a versão resumida de seu resgate de Celestina, incluindo a confirmação dela de que Fredrik Ivarsson era um traidor.

— Viu algum sinal dele?

— Não, e a nobreza não se misturaria facilmente aqui. Vou continuar de olho para você. Vai cavalgar conosco? — Robbie perguntou.

— Sim. Mas primeiro preciso lidar com Ivarsson.

— Como está o garotinho que o acompanha? Loki, correto?

Brodie virou a cabeça a tempo de ver Loki balançar uma espada.

— Loki!

Ele largou a espada, correu até eles e parou na frente.

— Sim, Mestre Brodie?

Robbie riu.

— Mestre Brodie? Ainda? Isso é um pouco demais, não acha, irmão? — Ele olhou para Loki. — Algum problema, pequeno?

Loki pulou no lugar e se contorceu. Ele olhou primeiro para Brodie e disse:

— Perdoe-me, Mestre Grant, mas eu não sou um pequeno.

— Vá com calma com o garoto, irmão. É como ele me chama. Loki, você não se lembra do meu irmão, Robbie Grant? Prometi ao garoto que, se ele trabalhasse muito duro, poderia se tornar um guerreiro Grant.

Loki tentou ficar parado, mas incapaz de conter sua energia, começou a pular de um pé para o outro.

— Sim, ele me prometeu, prometeu sim, Mestre Robbie.

Robbie riu.

— Eu me lembro. Vamos treiná-lo quando estiver um pouco maior. Mas você ainda pode ajudar os guardas com outras coisas.

Rindo, Brodie olhou para o irmão.

— Loki provou ser muito útil de se ter por perto. Ele é astuto. Quando tivermos tempo, vou lhe contar tudo.

O peito de Loki se encheu de orgulho.

— E agora vou matar Fredrik Ivarsson pela minha anjinha. — Ele virou e correu até um arbusto. — Desculpe, mas eu preciso mijar.

Robbie levantou uma sobrancelha enquanto olhava para o irmão, e os dois caíram na gargalhada diante das palhaçadas de Loki.

— E ele está falando sério — disse Brodie. Ele fez uma breve pausa e então disse: — Sei que é uma pergunta tola, mas não suponho que haja alguma maneira de você partir por uma hora e me ajudar a levar Ivarsson à justiça?

— Está brincando? Estamos prestes a entrar em batalha e estou encarregado de trezentos membros do clã. Alex e o rei me dariam uma surra se eu saísse.

— Sim, eu disse que era uma pergunta tola. Eu só estava esperando um pouco de ajuda. — O que ele estava pensando ao pedir isso ao irmão?

— Você não consegue lidar com um homem?

— Sim, mas não é só ele, ele tem um assistente poderoso. — Brodie pensou em Aldrik, o homem com os braços enormes. Celestina lhe disse o quanto ele a assustava e que era ele quem a espancava.

Robbie segurou seu ombro.

— Brodie, sei que Alex e eu zombamos de você por ser fraco ao longo dos anos, mas entenda que foi só para torná-lo mais forte. Você não é fraco. Pode lidar com quase qualquer homem em combate corpo a corpo.

Brodie concordou com a cabeça. Claro, por dentro ele estava se sentindo diferente. Qualquer um de seus irmãos poderia vencê-lo em questão de momentos. Ele poderia superar um homem como Aldrik?

— Nós o treinamos bem. Termine isso; o homem colocou as mãos em sua esposa. Nosso rei permitiria essa diversão se soubesse que você estava cuidando de um traidor conhecido.

O sangue de Brodie ferveu conforme sua raiva aumentava.

Seu irmão sorriu para ele.

— Você está pronto para arrancar as entranhas dele?

— Sim, você está certo. Preciso terminar isso pela Celestina. — Brodie assentiu. O silêncio desceu sobre eles enquanto esperavam pelo garoto.

Assim que Loki retornou, Brodie disse a ele:

— Receio que devo reivindicar o privilégio de acabar com Ivarsson, garoto. Na verdade — ele estendeu o braço para o garoto —, vamos ver se conseguimos descobrir onde ele está.

Os caminhos de Largs estavam quase desertos, exceto por alguns mercadores persistentes esperando ganhar dinheiro com os guerreiros. Os moradores da cidade, temendo por suas vidas, haviam se mudado ou estavam se preparando para a batalha. Brodie, Nicol e Loki esgotaram todas as possíveis localizações para encontrar Ivarsson. Ninguém viu os dois homens que estavam procurando em lugar nenhum. Eles acabaram de comprar algumas tortas de carne de um pub quando um local ouviu a conversa deles.

— Quem estão procurando, rapazes? Acabei de ver dois estranhos indo em direção à Igreja — disse o homem, apontando apressadamente com o dedo para a igreja local.

Brodie montou seu cavalo e pegou Loki enquanto o garoto enfiava a torta de carne na boca.

— Meus agradecimentos. — Ele deixou Nicol para trás, confiante de que ele o seguiria. — Coma, garoto, temos trabalho a fazer.

Brodie encontrou uma pequena igreja de pedra no final da estrada, com seu campanário apontando orgulhosamente para os céus. Aparentemente estava deserta, já que a maior parte da vila também estava. Quando Brodie escondeu o cavalo em um bosque de árvores, Loki disse:

— Por que eles estariam aqui, mestre? Eu não entendo

— Porque as igrejas muitas vezes guardam uma riqueza de gemas além de todos os cálices e pratos de prata. A maioria dos escoceses as respeita e não ousaria roubar uma igreja — disse Brodie.

— Oh, sim — sussurrou Loki —, mas Ivarsson é um porco-bravo.

Brodie desmontou e colocou o dedo nos lábios.

— Espere aqui, Loki, até que eu veja quem está dentro. E fique fora do caminho.

Nicol aproximou-se de Brodie enquanto eles contornavam a pequena igreja. Havia apenas uma entrada e era a principal usada para o culto. Ninguém parecia estar na capela, então eles entraram de forma furtiva pela porta da frente. Vozes os alcançaram da sala atrás do altar, então avançaram até determinarem que Ivarsson e Aldrik estavam dentro do compartimento dos fundos procurando por joias.

Após subir as escadas até o altar, saíram por uma porta lateral que levava aos fundos. Brodie entrou, com a espada desembainhada. Nicol emergiu ao seu lado. O compartimento continha duas grandes estantes de livros, uma mesa e duas cadeiras, juntamente com dois grandes baús. Fredrik vasculhava um dos baús, jogando os lençóis de lado, e ignorou os dois recém-chegados.

— Ah, Grant, então nos encontramos novamente. Estou feliz por não ter que procurar por você — ele olhou por cima do ombro enquanto continuava sua busca por gemas. Aldrik sacou a espada e ficou na frente de Fredrik. — Dois contra um, Aldrik. Acho que você pode lidar com esses selvagens das Terras Altas, não pode?

Aldrik rosnou sem se mover. Ivarsson virou-se e colocou a mão no ombro de Aldrik.

— Na verdade, antes de você matar os bastardos, permita-me fazer algumas perguntas. Então — ele disse, olhando diretamente para Brodie —, onde está minha querida esposa, Celestina? Meu plano era resgatá-la assim que terminasse de esvaziar as poucas riquezas que posso encontrar nessas patéticas igrejas escocesas. Vocês não têm gosto, seus selvagens? — Ele jogou objetos no chão enquanto falava.

Brodie pensou em sua esposa, em como devia ter sido horrível para ela ser atacada por esses homens. Ela contou algumas das crueldades que Ivarsson havia infligido a ela. O homem pagaria, mas Brodie sabia que precisava se manter focado. Ele prometeu a Celestina que voltaria para ela, e era uma promessa que não pretendia quebrar.

Ivarsson piscou para Brodie, dando-lhe um sorriso doente e distorcido.

— Minha esposa lhe disse o quanto gostou de fazer amor com um verdadeiro homem? Hein? Ela me chupou e não conseguiu o suficiente de mim.

Nicol sussurrou:

— Não deixe-o mexer com sua cabeça.

— Sim, ela fez um tão muito bom chupando a mim e Aldrik, que decidi que a quero de volta, embora ela tenha gritado da primeira vez que me enterrei nela. Devolva minha esposa para mim, Grant. — Ele estalou os lábios, fazendo o melhor para provocar Brodie.

— Ela não é sua esposa.

— Sim, ela se casou comigo diante do rei. Os papéis foram assinados e a cerimônia foi realizada por um homem de fé. Eu a quero de volta, especialmente porque planejo levá-la comigo para a Noruega.

Brodie sorriu.

— O documento que você assinou era falso. Estava principalmente em latim, mas tinha um pouco de gaélico. Padre Padraig se certificou de que o matrimônio entre você e Celestina não acontecesse. Ela é minha esposa e está em um lugar muito seguro, onde você nunca a encontrará.

— O rei vai enforcá-lo por tê-la sequestrado, meu amigo. Ele fará o que eu pedir.

— Ha! — ele disse. — O rei Alexander enforca traidores, Ivarsson. Ele tem um lugar para você com uma corda no pescoço e para o careca feio também.

— Estou cansado desse jogo, Aldrik. Acabe com eles. — Ivarsson amarrou seu saco de saque e contornou os escoceses para se dirigir à porta da frente.

Assim que ele se foi, Brodie e Nicol investiram contra o grande homem, que sacou uma segunda espada e tentou atacar os dois. Rosnando, Aldrik golpeou o pescoço de Brodie, mas ele facilmente se desviou. No instante seguinte,

ele levantou sua própria espada e fez um corte profundo no braço direito de Aldrik, forçando-o a largar uma espada.

— Você consegue lidar com o resto, Nicol? Acabe com ele.

Nicol sorriu ao ver o quanto Aldrik ficou pálido agora que uma fonte de sangue jorrava de seu braço.

— Com prazer, Grant. Pegue o bastardo.

Sem esperar, Brodie avançou pela porta para a capela, apenas para parar abruptamente na base dos degraus do altar. Ivarsson estava no corredor segurando Loki de cabeça para baixo pelas pernas.

— Bem, veja o que eu encontrei, Grant, seu amiguinho irritante. Se me lembro bem, ele me acertou uma pedra no castelo real. Será um grande prazer bater nele até que ele não consiga mais andar. Solte sua arma.

Os braços de Loki balançavam como moinhos de vento, mas não conseguiam acertar o traidor.

— Mate-o, Mestre Brodie. Mate-o por minha anja.

Fredrik riu.

— Sua anja, não é doce? — Ele largou o saco, virou o menino e tirou uma faca do bolso, segurando-a na garganta de Loki. — Eu estava falando sério. Solte a arma, Grant, ou o garoto morre.

Brodie ouviu por barulho vindo atrás dele, esperando que Nicol tivesse terminado com Aldrik e estivesse descendo os degraus em breve. Mas o som de aço ecoou até ele. Brodie não teve escolha senão soltar a arma, já que Nicol ainda estava envolvido. Ele não arriscaria a vida do garoto.

— Mate-o! Não abaixe sua espada. Mate-o. — A voz de Loki falhou enquanto suas pernas continuavam a se mexer.

— Loki, você não se lembra do barão? — ele perguntou, querendo estrangular o garoto por todo o seu contorcionismo.

A testa de Ivarsson se franziu com confusão.

— Eu disse para soltar sua arma, Grant.

Levantando a mão livre, Brodie disse:

— Estou colocando-a no chão. Estou abaixando-a devagar. Não machuque o garoto, ele é muito importante para mim.

O significado do que Brodie disse deve ter finalmente ficado claro, pois o garoto instantaneamente parou, dando-lhe um alvo claro. Assim que ele colocou a espada no chão, Brodie pegou sua *Sgian Dubh* da bainha na panturrilha e, em um movimento contínuo, lançou-a em direção a Ivarsson. A faca se cravou no ombro do braço que segurava a arma na garganta de Loki, forçando-o a soltá-la. Loki também caiu no chão e correu para atrás de Brodie. Claramente chocado por ter sido ferido, Fredrik ergueu uma mão para o ombro. Brodie pegou a espada do chão e avançou, enfiando-a diretamente na barriga de Ivarsson. O nórdico amaldiçoou enquanto caía. Brodie guardou a espada, avançou e puxou a *Sgian Dubh* do ombro de Ivarsson antes de pisar em sua barriga.

— Isso é pela minha esposa. — Finalmente, a justiça tinha sido feita. *Para você, meu amor.*

Loki se aproximou e socou o homem moribundo no nariz, declarando:

— E isso é pela minha anja. Você nunca mais irá machucá-la novamente.

Um momento depois, Nicol desceu as escadas com um sorriso no rosto.

— Demorou bastante, Grant. Por que você esperou tanto? — Então ele notou Loki parado ao lado, enxugando os olhos. Ele deu um olhar significativo para Brodie.

Entendendo a dica, Brodie agarrou o garoto e o esmagou contra o peito, gritando:

— Doces para todos! — Todos esses encontros com a morte e com o ato de matar tinham afetado o menino. Ele parecia um pouco abalado com os eventos que acabaram de acontecer. Ter uma faca na garganta não devia ser fácil. Loki havia provado seu valor, várias vezes. Brodie poderia

pelo menos encher sua barriga, a única coisa que sempre o fazia sorrir.

O garoto riu e socou a frente de Brodie.

— Sim, nós conseguimos. Os dois malvados estão mortos. Eu sou um verdadeiro guerreiro agora, não é mesmo, Mestre Brodie?

Brodie franziu a testa enquanto ele encarava Loki.

— Acho que ainda temos um pouco de treinamento para fazer. Mas por enquanto, vamos comer.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A batalha de Largs

Brodie retornou ao local onde os homens de Robbie estavam acampados, apenas para descobrir que eles tinham partido. Encontrou alguns homens na estrada e perguntou pelas últimas notícias.

— Haakon está na praia — o homem apontou em direção à costa de Largs. — Alexander de Dundonald passou com mais homens do sul e decidiu atacar assim que descobriu os nórdicos no monte. Aparentemente, Haakon enviou outro navio com mais homens para atacar em Largs. Dundonald quer que enviemos os que estão no monte de volta para seus navios antes que cheguem reforços.

Brodie estimulou seu cavalo para frente, com Nicol e Loki logo atrás.

— Você perdeu a cabeça? — Nicol gritou para ele. — Você não está com sua armadura; deixou-a no castelo. Eu a trarei, mas você precisa esperar. Não pode lutar como está.

— Não seja tolo, Nicol. Levará um dia para você pegá-la e voltar. Nós vamos agora. Esta não será uma batalha longa; estamos a cavalo e eles a pé. Além disso, pelo que os camponeses disseram, os nórdicos já estão divididos em dois grupos, um na praia e outro no monte. Um enorme erro tático. — Brodie olhou para Loki no colo de Nicol. — Você terá que ficar na retaguarda e ficar de olho em Loki.

— Não, preciso cuidar das suas costas se você não tiver proteção. Loki pode se virar sozinho na retaguarda. Ele tem sua atiradeira.

Quanto mais se aproximavam da costa, mais altos eram os gritos e os urros da batalha. Quando finalmente chegaram perto da retaguarda da luta, eles diminuíram a velocidade de seus cavalos para observar a cena. Centenas de homens e cavaleiros lutavam na frente deles. Homens a

pé e a cavalo empunhavam machados, lanças, espadas, até mesmo seus punhos, qualquer coisa que causasse danos. Brodie pensou em seu irmão e fez uma rápida prece para que ambos voltassem para casa em segurança.

Ele acenou com a cabeça para Nicol e gritou:

— Vamos lá.

Nicol deixou Loki em um bosque afastado da confusão, dando-lhe instruções rigorosas para ficar quieto e se esconder, e então cavalgou rapidamente atrás de Brodie, cujo grito de guerra do clã Grant ecoava pelo mar de guerreiros e cavalos.

Desembainhando sua espada, Brodie seguiu diretamente para o coração da batalha, usando sua espada para cortar qualquer tolo norueguês que atravessasse seu caminho. Corpos estavam espalhados pelo chão por toda parte, alguns mortos, outros gritando. Ele olhou por cima do ombro para procurar Nicol e viu que o amigo o tinha alcançado e estava cavalgando diretamente atrás dele. Juntos, eles abriram caminho através dos intermináveis fluxos de guerreiros.

Algumas horas depois, eles se aproximaram mais da costa. Mas, embora os escoceses parecessem estar avançando, os noruegueses não recuariam do monte. Ele esperava que tivessem causado um grande estrago em seus números para expulsar o grupo menor. Brodie sabia que seria a única chance de vencer a batalha. Embora não fizesse sentido juntar as forças divididas, precisavam reduzir os números na frente e depois expulsá-los antes que mais viessem da frota no estuário para reforçar suas fileiras. Seus braços doíam pelo constante movimento de sua espada e pelo peso de seu escudo. Ele tinha escapado de muitos perigos iminentes, mas agora sua resistência estava diminuindo. Por quanto tempo poderia continuar sem levar um golpe?

De repente, o grito de guerra do clã Grant ecoou ao seu redor e a esperança brotou dentro dele. Seu instinto lhe

disse que o grito só podia ter vindo de seu irmão, Alex. Assim que pôde, virou-se para procurar o irmão. Ele sorriu de orelha a orelha quando finalmente avistou Alex em toda a sua glória. Ele cavalgava à frente de um grupo de destriers encadeados, seu elmo dourado refletindo a luz do sol. Recém-chegado ao campo, Alex lutava como um homem possuído, ferindo e matando enquanto avançava, seus melhores guerreiros lutando com igual fervor ao seu lado. Os combatentes no chão tentavam derrubar Alex, mas ele era quase invencível com todo o equipamento que carregava. Brodie cavalgou ao lado dele enquanto seu irmão balançava um machado de polimento e lançava um soldado dez pés para trás.

Alex gritou:

— Robbie?

— Não o vejo desde esta manhã. Ele deve estar aqui com Dundonald.

Os guerreiros Grant formaram uma linha estreitamente unida, com os guerreiros montados na frente de seus guardas a pé. Seus letais machados de batalha e espadas finalmente obrigaram os noruegueses no monte a virarem as costas e correrem em direção à praia. Ovationou-se entre os escoceses à medida que o grupo recuava, mas então os noruegueses em fuga se juntaram às forças na praia.

Eles haviam recuado ou apenas combinado forças? Brodie não tinha certeza, mas os noruegueses formavam um grupo mais formidável agora que estavam todos juntos na praia. Conforme avançavam, flechas e pedras zumbiam perto de seus ouvidos, mirando no grupo em fuga. Loki. Embora esperasse que o garoto soubesse que deveria ficar longe dali, sabia que algumas daquelas pedras só podiam ter sido lançadas de uma atiradeira. Celestina nunca o perdoaria se algo acontecesse a Loki. Ele virou a cabeça apenas por um segundo e olhou para a esquerda do monte.

Viu um vislumbre do pequeno tufo de cabelo castanho do garoto e então o viu cair.

Correu para o lado, esperando encontrar Loki e avaliar sua condição. Ele teve que matar mais três homens para chegar ao lugar onde tinha visto o menino pela última vez, mas finalmente o encontrou.

— Loki, você está bem? — Sua espada continuava a abater qualquer norueguês tolo o suficiente para se aproximar deles.

— Sim, tenho apenas um pequeno corte. Mas não dói. Sou um guerreiro! Tenho que continuar lutando com minha atiradeira.

Brodie tinha se virado para avaliar os danos em seu pequeno amigo quando notou a umidade vermelho-escuro em sua própria panturrilha. Ele olhou para baixo e viu sangue pingar de uma ferida ali. Ele se lembrou de uma sensação de queimação na perna não muito tempo atrás; simplesmente não teve tempo de parar e olhar. Um movimento errado poderia ser sua morte durante a batalha.

— Volte! — ele rosnou para o garoto. — Você não deveria estar tão no meio da confusão. Fique nas árvores como dissemos a você! — Loki assentiu e baixou a cabeça, então Brodie puxou as rédeas de seu cavalo e voltou para o centro da batalha.

Ele se alinhou com o irmão. Observando-o, Alex disse:

— Você está cortado e sangrando. Proteja-se de mais danos.

— Estou bem, Alex. Precisamos terminar isso. — A necessidade de encerrar a batalha queimava em suas veias; tudo o que ele precisava fazer para retornar à esposa era continuar lutando. Eles avançaram em direção à praia até que o número de bárbaros estrangeiros diminuiu, alguns optando por retornar ao navio. Se estavam correndo em busca de reforços ou desistindo, Brodie não tinha certeza. Relaxando um pouco conforme o tom da batalha mudava e mais e mais do inimigo recuava, Brodie girou para procurar

seus irmãos. Uma dor aguda de repente perfurou o lado de sua coxa. Um norueguês solitário estava correndo de volta para as galés, golpeando qualquer um em seu caminho, e ele escapara da atenção de Brodie.

Enquanto o sangue jorrava da coxa de Brodie, ele retornou para onde tinha visto Loki pela última vez, levantou o garoto em seu cavalo e recuou. Encontrou Alex, que ordenou que ele recebesse tratamento e voltasse para casa. Brodie recusou.

— Você viu o Robbie? — perguntou Alex.

— Não, mas ele está aqui. Se não nos encontrarmos com ele, voltarei amanhã para procurar os caídos. — Brodie disse, embora sua força estivesse diminuindo. Enquanto ele se curvava sobre seu cavalo, ouviu Alex dizer a Loki para levá-lo à tenda do curandeiro no campo dos Grant.

— Eu vou salvá-lo, Mestre Brodie, assim como você o senhor salvou.

Essas foram as últimas palavras que ele ouviu antes que a escuridão o envolvesse.

Celestina tentou parar de torcer as mãos na saia, mas sem sucesso. Desde que a notícia chegara ao castelo de que Dundonald havia convocado um ataque direto aos noruegueses, ela não conseguia dormir.

Seus irmãos haviam saído com um grupo de guerreiros liderados por seu tio, Donald. Ainda jovens demais para lutar, podiam ajudar onde pudessem. Seu pai havia ficado para proteger o castelo. Ela odiava a guerra. Agora tinha muitos entes queridos para se preocupar: Brodie, seus irmãos, Nicol, Loki e seus próprios dois irmãos. A espera era uma tortura.

— Venha, minha querida, por que não praticar a costura para manter as mãos ocupadas? Eu sei que você está

preocupada, todos estamos. — A voz de sua mãe tinha um tom calmante.

Celestina tinha aproveitado muito o tempo delas juntos. Sua mãe ensinou muitas coisas a ela. Elas riram de alguns dos seus contratempos na costura, cozinham juntas e passaram tempo explicando como trabalhar com os servos. Seu objetivo era ser uma boa esposa para Brodie. Ela prometeu aprender o máximo que pudesse e fazê-lo orgulhoso.

No entanto, hoje, sua mente não conseguia se concentrar em nada. Ela sorriu para a mãe e pegou a costura. Talvez isso a acalmasse.

Um baque atingiu seu coração e ela se levantou abruptamente da cadeira.

— O que foi, Celestina?

— Algo está errado! Aconteceu alguma coisa, eu posso sentir!

Brodie despertou assim que a água gelada espirrou em seu rosto. Alguém o segurava, e ele lutou e socou até que o soltaram. Ele se sentou na água com um brado e um rosnado.

— O que diabos você está fazendo? — Ele encarou Nicol, que estava de pé na sua frente segurando um balde vazio.

— Oh, bom, você está entre os vivos. Não tinha tanta certeza disso, Grant. — Nicol sorriu para ele.

Brodie observou seus arredores e não conseguiu entender nada.

— Onde diabos estamos, Nicol? E tire-me dessa água. — Ele tentou se levantar e agarrou a perna assim que descobriu que não estava funcionando. — Que diabos? — Quando ele olhou para baixo, viu que suas calças haviam sido rasgadas em uma enorme ferida na coxa e uma menor

na panturrilha. Ele gemeu e caiu para trás, incapaz de sustentar seu peso.

— Você não se lembra da batalha em Largs? Lembra-se de ver Alex com seu elmo dourado, lutando como um homem possuído e quase terminando a luta sozinho? Você se lembra de ter sido cortado em dois lugares na perna? — Nicol ofereceu-lhe um gole de cerveja.

— Oh, sim, está voltando para mim. Por que diabos você me encharcou agora?

— Por duas razões — Nicol sorriu. — Uma é que você está fedendo e a outra é que sua perna está inflamando. Preciso mantê-la limpa até levá-lo para casa da sua irmã.

Brodie encarou seu amigo chocado.

— Para minha irmã? Mas ela está nas terras dos Grant. Foi o que Robbie me disse. — Ele se afastou da água acumulada e encontrou um tronco para se sentar.

— E é para lá que estamos indo. Ordens do seu laird. Direto para Brenna para evitar que você perca a perna inflamada.

— Mas e a Celestina? Temos que encontrá-la antes de viajarmos pelas Terras Altas. — A voz de Brodie soou em pânico com o pensamento de deixar sua esposa para trás.

— Grant, seguimos as ordens do seu irmão. Vamos para a esposa do meu irmão, Brenna, sem demoras, sem distrações.

A voz veio de trás dele. Brodie virou a cabeça, incapaz de acreditar no que seus ouvidos lhe diziam.

— Logan? Logan Ramsay? O que diabos está fazendo aqui?

— Ajudando o Nicol a levar seu traseiro inútil para casa para que você não perca sua perna.

— Maldição, não me leve para casa. Preciso encontrar Celestina primeiro. Preciso encontrá-la e depois trazê-la junto. Eu prometi. — Ele olhou de Nicol para Logan, mas nenhum dos dois se moveu. — Vocês estão surdos? — Ele se levantou e foi mancando até seu cavalo, preparando-o para

levá-lo de volta a Ayr. — Tudo bem, irei sozinho. Não preciso de nenhum de vocês idiotas para me acompanhar. — Ele tentou montar em seu cavalo, mas falhou.

— Pelo amor de Deus, alguém poderia me ajudar a montar neste cavalo para que eu possa buscar minha noiva? Eu não vou com vocês para as Terras Altas sem Celestina.

Logan colocou as mãos nos quadris e encarou Brodie por um longo momento antes de olhar para Nicol e balançar a cabeça.

— Não sei você, Nicol, mas não vou ouvi-lo discutir o caminho todo até o clã dele.

A última coisa que Brodie viu antes que a escuridão o envolvesse novamente foi o punho de Logan voar em direção ao seu rosto.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Depois da batalha

Celestina, ainda inconsolável, andava de um lado para o outro no grande salão. Ela havia acabado de voltar de suas lições de equitação com o pai. Aprender a montar bem um cavalo tinha sido um trabalho difícil, mas ela estava orgulhosa de suas conquistas e sabia que era uma habilidade necessária para viver nas Terras Altas.

Será que ela conseguiria chegar aos Grant? Ela discutira sua situação muitas vezes com a mãe. Seus pais foram maravilhosos. Eles lhe disseram que a levariam quando ela estivesse pronta para ir, mas não até que o pior da luta acabasse.

Sua mãe desejava esperar até que seus dois irmãos chegassem em casa; isso ela entendia. Mas o instinto de Celestina dizia que algo ruim tinha acontecido com alguém especial em sua vida, mas quem? Ela mudava de ideia diariamente tentando adivinhar a identidade da pessoa ferida. Em alguns dias, acreditava ser Loki, em outros era Brodie, mas talvez fosse outro dos irmãos Grant?

A porta se abriu e ela girou em direção à entrada. O guarda que estava lá disse:

— Há um pequeno rapaz chamando seu nome no portão, senhora. Ele está bem sujo e não desejamos deixá-lo entrar sem sua aprovação.

Ela correu em direção à porta.

— Loki? É o Loki? — Sem esperar por resposta, ela desceu os degraus da frente e seguiu em direção ao portão, gritando o nome de Loki o tempo todo. Ela devia ter parecido meio enlouquecida, já que todos dentro do pátio interno se afastaram dela.

Ela estava se apressando através do portão quando o brado de seu pai alcançou seus ouvidos.

— Tenha cuidado, Celestina. Por favor, espere por uma escolta.

Mas ela não podia. Ela se apressou até o portão, em direção ao grupo de guardas que cercavam uma pequena figura, as lágrimas correndo pelo seu rosto enquanto se movia.

— Loki? É realmente você? — Ela empurrou um guarda e lutou para chegar até o querido menino.

— Anjo, anjo! — Os braços pequeninos de Loki se abriram enquanto ele se lançava em sua direção.

— Aqui, agora. Não há motivo para deixar a dama tão suja quanto você, garoto. Deixe-a em paz para que você não a cubra com sua sujeira. — Um dos guardas tentou afastá-lo dela.

Celestina o afastou enquanto envolvia o pequeno garoto em seus braços.

— Está tudo bem. Não me importo com um pouco de sujeira.

— Anjo, ouça-me. Pare de me abraçar e ouça. Por favor!
— Loki implorou enquanto puxava sua manga.

O estômago de Celestina revirou enquanto ela o colocava na sua frente.

— O que foi? — ela sussurrou, com medo de ouvir o que ele tinha a dizer.

— Anjo, é o Mestre Brodie.

A visão de Celestina ficou turva e ela pensou que poderia desmaiar. Não, não seu marido. Ela não podia perder seu marido. Eles estavam apenas se conhecendo. Ela lutou para permanecer consciente para poder ouvir o resto da história de Loki.

— Ele está ferido, senhora. Dois nórdicos o esfaquearam na perna e ele sangrou muito. Nicol está levando-o para casa nas Terras Altas para que sua irmã possa cuidar dele. O curandeiro no acampamento queria serrar a perna dele, mas lorde Alex o impediu. Ele disse que Brenna o curará e salvará sua perna. — Loki hesitou e respirou fundo.

A notícia fez Celestina cambalear, mas ela se recompôs. Ele estava vivo. *Obrigada, Senhor, por salvar meu marido.* Eles podiam lidar com os ferimentos dele, sejam quais fossem. Ele precisava dela. Deveria estar ao lado dele. Não, ela *tinha* que estar ao lado dele. Sairia imediatamente, precisava fazer planos, mas como chegaria lá?

— Venha. Eu a levarei lá agora.

Loki estendeu a mão e assim que ela colocou a mão na dele, ele girou, indo diretamente para o caminho.

— Sim, Loki, me leve até meu marido. Ele precisa de mim. Estarei lá por ele. — Ela procurou pelos pais na área para que pudesse informá-los sobre seus planos.

Uma voz profunda os parou abruptamente.

— Pare, rapaz. Você tem tempo para ficar e comer algo e para nós os ajudarmos a se prepararem para sua jornada, certo? — Seu pai caminhou em direção a eles, estendendo a mão para Celestina.

Ela se contorceu em resposta à grande mão se movendo em sua direção, colocando instintivamente as mãos na frente do rosto para se defender.

Seu pai recuou a mão, com uma expressão alarmada em seu rosto.

— Oh, menina. Eu nunca levantaria a mão para você. Não sou assim. Eu a amo e estou aqui para lhe ajudar.

Celestina baixou as mãos e assentiu. Este era seu pai, seu verdadeiro pai, e ela acreditava que ele nunca a machucaria de forma deliberada.

Ele ofereceu a mão novamente, mantendo-a a uma distância segura dela. Ela estendeu a mão e a segurou, suspirando aliviada.

Seu pai sussurrou.

— Venha, minha querida, e descobriremos tudo o que você precisa saber com o garotinho, para que possamos ajudá-la a encontrar seu marido. Lembre-se, você não está mais sozinha; você tem família para lhe ajudar. — Seu pai procurou por cavalos estranhos na área, mas não encontrou

nenhum. Ele direcionou sua próxima pergunta para Loki. — Rapaz, como chegou aqui?

A respiração ofegante de Loki diminuiu por alguns segundos.

— Eu corri. — A expressão chocada do pai de Celestina disse a ela o quanto estavam longe da batalha. — Você correu todo o caminho sozinho?

— Oh, não, peguei algumas caronas, mas corri de lá! — Seu dedo apontava para a floresta e os campos de plantio.

Ranald MacLaren foi até Loki e deu tapinhas em suas costas.

— Bom trabalho, rapaz. Agora, venha para dentro para comer algo, e vamos fazer um plano. Vocês não podem chegar até as Terras Altas sem um cavalo e algumas provisões. Veja agora, olhe para Celestina. Ela parece pronta para viajar?

Olhando de Celestina para MacLaren, Loki finalmente respondeu:

— Não, laird. Eu sei o quanto é importante que eu cuide da esposa do Mestre Brodie, então ficarei um pouco. E se puder me dar algo para comer, ficarei muito agradecido.

— Boa decisão. Você deve ser um guerreiro Grant para pensar assim.

— Sim, laird. Eu sou, e em breve estarei treinando com os guerreiros. — Loki assentiu em afirmação.

Celestina ficou muito feliz em vê-lo. Ela sorriu enquanto eles caminhavam para o grande salão, a mãozinha do menino na sua, contando-lhe novamente tudo o que sabia sobre o ferimento de Brodie.

Ela precisava ir até o clã Grant para ver seu marido, mas seus pais permitiriam que ela partisse?

Brodie gritou para a irmã.

— Não, Brenna, não corte minha perna. Não me importo se morrer. Deixe minha perna em paz. — Ele lutou contra os múltiplos braços que o prendiam à cama, esperando conseguir um braço livre para socar alguém, qualquer um, para fazer sua irmã parar.

— Brodie, se não removermos sua perna, você morrerá. O veneno se espalhou e está indo em direção ao seu coração. Isso vai matá-lo. Precisamos fazer isso.

— Não! — Finalmente, um braço se soltou e ele lançou um soco em direção a Logan Ramsay, que conseguiu se esquivar a tempo.

Logan rugiu.

— Seu idiota chorão! Fique parado e deixe-a cortar. Ela sabe o que está fazendo.

— Não, deixe-me morrer. Não sirvo para Celestina sem uma perna. Alex, Robbie, façam-na parar! — Ele se contorceu o máximo que pôde para se tornar um alvo móvel, qualquer coisa para impedir que sua irmã amputasse a perna. Ele olhou para o lado a tempo de ver duas pessoas chegarem, parando logo atrás do ombro de Brenna.

— Mamãe? Papai? O que estão fazendo aqui? Façam-na parar, por favor!

Sua mãe correu para o lado dele e acariciou sua bochecha com as pontas dos dedos.

— Brodie, querido, se você não deixar ela fazer isso, você ficará conosco. Você é muito jovem. Terá muitos anos felizes com Celestina. Não precisa de sua perna para isso. Ela lhe dará muitos filhos se você lhe der a chance. Por favor, meu querido. Fique quieto e permita que sua irmã faça o que deve.

Brodie golpeou novamente. Ele encarou seu pai.

— Pai, me ajude, por favor! Não deixe-a levar minha perna!

Uma mão agarrou seu ombro e o sacudiu.

— Brodie, acorde. Brodie, você está tendo um pesadelo. Acorde!

Ele abriu os olhos e encontrou Brenna ao seu lado. Tentou se levantar da cama, mas ela o segurou.

— Pare, o que está fazendo? Acorde! Você está sonhando. — Ele se sentou na cama e puxou o lençol. Ambas as pernas ainda estavam intactas. Ele suspirou e voltou a deitar-se no travesseiro. — Brodie? O que houve?

Ele umedeceu os lábios ressecados e encarou Brenna.

— Sonhei que você estava cortando minha perna e eu não permitia.

— Oh, irmão, eu não cortaria sua perna a menos que não houvesse outra escolha. Você sabe que nossos curandeiros só acreditam em amputações em situações extremas. — Brenna organizava suas ferramentas e linhos ao redor da câmara. — Embora não estivesse parecendo bom por um tempo, o pior já passou.

— Passou? — Ele puxou o lençol para verificar sua perna. — Vou mantê-la?

— Sim, vai — respondeu enquanto enchia um cálice com cerveja e o trazia até ele. — Sua perna vai se curar. Embora você tenha tido febre por um bom tempo e possa mancar por um tempo, os venenos se foram. Não vou cortar sua perna, eu prometo. — Ela deu tapinhas na perna boa e sorriu. — Estou tão feliz que você está aqui. Como está a sua dor?

— Está tolerável. — Ele dobrou o joelho e fez uma careta, depois mexeu o tornozelo. *Obrigado, Senhor, por salvar minha perna.* — Robbie e Alex? Nicol e Tomas? Estão todos com boa saúde?

Brenna sentou-se na cama.

— Nicol lhe trouxe para casa junto com Logan Ramsay. Alex voltou, mas ninguém viu Robbie ou Tomas. Alex procurou pela área, mas aparentemente alguns dos guerreiros foram enviados para o sul. Os noruegueses estavam recuando de volta por Firth of Clyde e Alexander de Dundonald queria que um grupo de guerreiros retornasse para South Ayrshire.

— Nenhuma palavra sobre Robbie?

— Alex falou com o Rei Alexander sobre isso, e ele disse que Robbie estava com Dundonald.

Brodie suspirou aliviado e relaxou contra o travesseiro. Se algo tivesse acontecido com o irmão, Alex teria sido informado.

Uma batida soou na porta, e o marido de Brenna, Quade Ramsay, abriu-a e enfiou a cabeça na brecha.

— Adivinha que horas são, mamãe? — Ele entrou com um bebê chorando nos braços, e então entregou a criança para Brenna.

Brenna estendeu os braços para sua criança e acalmou sua filha antes de se virar para Brodie.

— O que acha da sua nova sobrinha, Bethia? — A criança se aquietou e encarou Brodie, avaliando seu tio com seus olhos verdes antes de abrir um sorriso sem dentes.

— Oh, ela é uma beleza, Brenna. Parabéns a ambos. — Ele acenou para Quade. — E como estão Lily e Torrian?

Quade respondeu:

— Não poderiam estar mais felizes. Lily tem uma pequena boneca na forma de irmã para brincar e Torrian está muito animado por estar de volta ao castelo Grant nas Terras Altas. É o que ele considera uma viagem maravilhosa. — Quade se inclinou e beijou Brenna na bochecha. — Na verdade, é melhor ver o que os dois estão aprontando. Quando subi a escada, pareciam estar tramando alguma diversão.

Depois que Quade saiu, Brodie perguntou:

— Você está feliz, irmã?

— Mais do que você poderia imaginar. — Cobrindo-se com um pequeno cobertor, ela sentou-se na cadeira ao lado da cama e alimentou sua filha, escondendo-a da vista sob o cobertor.

Brodie ajustou suas cobertas, tentando dar à irmã a privacidade de que ela precisava. Quando ele olhou para ela alguns momentos depois, Brenna sorriu para ele, com um

brilho nos olhos. Houve momentos durante sua infância em que ele se sentira mais próximo de sua irmã do que de qualquer irmão. Robbie e Alex eram inseparáveis, muitas vezes o deixando de lado.

— O que foi— ele perguntou, confuso com sua expressão.

— Mal posso esperar para conhecê-la.

— Quem? Do que você está falando?

— Sua esposa. Celestina. Você mencionou o nome dela algumas vezes quando estava com febre.

— Oh, você vai adorá-la. Celestina é uma moça muito corajosa. Sua força e resistência me surpreendem. Ela ainda não está aqui, não é? — As sobrancelhas de Brodie se ergueram para ela.

— Não, você não quis que a chamássemos. A pergunta que me ocorre é por que você não quer sua esposa aqui com você. Você não quer ficar nas Terras Altas? Você deseja viver em Ayr?

— Não! — O grito de Brodie arrancou um sorriso de Brenna. — É complicado. Celestina acabou de descobrir que a mãe ainda está viva e quem é seu verdadeiro pai. Ela nunca o tinha conhecido antes. Duvido que ela queira deixá-los, e não tenho tanta certeza se posso provê-la e protegê-la em minha condição. Talvez seja melhor para ela ficar com sua família.

— A mulher que você descreveu para mim gostaria de estar aqui ao seu lado. Ela ainda pode visitar seus pais, mas não abandonaria o marido. Acho que você deveria permitir que Alex envie um mensageiro para ela.

Brodie bufou ao considerar as palavras de sua irmã. Ele não tinha coragem de separar Celestina de sua casa e de seus pais ainda. Tinha que dar a ela tempo suficiente para conhecê-los, para decidir onde queria passar a vida.

Maldição, como essa moça o havia mudado.

Como se pudesse ler sua mente, Brenna disse:

— O lar dela é aqui com você. Tanto Nicol quanto Alex elogiaram a força de sua esposa. Sei o que você está pensando, mas ela não se casou com você para escapar de seus agressores, assim como Maddie não se casou com Alex para fugir de seus problemas. Ela o ama. — Brenna ajustou o cobertor e segurou a filha sobre o ombro, dando tapinhas em suas costas. — É hora de trazê-la de volta para sua família.

Outra batida na porta soou antes que Alex entrasse.

— Ah, você finalmente acordou. Como está se sentindo, irmão?

— Melhor, especialmente agora que sei que não vou ter minha perna cortada. — Brodie ofereceu a Brenna um sorriso envergonhado.

— Brodie, só queria dizer o quanto estou orgulhoso de como você lutou. — Alex deu a volta pela cama, do lado oposto a Brenna, e segurou o ombro de Brodie.

— Eu? Alex, você lutou como um selvagem enlouquecido. Nunca vi nada parecido, com seu elmo e os cavalos de armadura. Você mudou o rumo da batalha a favor dos escoceses.

— Não, eu estava enlouquecido por ser arrancado de minha esposa e filhos para lutar, mas se você não estivesse lá junto com os outros guerreiros lutando desde a manhã, não teria importado o que eu fiz. Você teve a resistência de um touro, balançando seu braço com a espada por horas. Não sei como fez isso. O número de noruegueses ainda no campo de batalha era muito menor do que o número já morto. Vocês todos lutaram uma batalha poderosa. Papai teria se orgulhado.

Brodie não conseguiu pensar em nada para dizer. Ele não tinha visto a batalha da mesma forma. Talvez Alex estivesse certo.

— Você ainda foi uma visão agradável para mim, se não para mais ninguém.

Alex sorriu.

— É hora de trazer sua bela esposa aqui, certo? Vai permitir que eu envie um mensageiro? Ela tem o direito de saber. Ivarsson está morto, e você é o marido dela. Como expliquei ao rei Alexander, é o que deveria ter acontecido desde o início.

— O rei não vai me enforcar por não seguir suas ordens?
— Brodie perguntou.

— Não, assim que ele descobriu quem era o traidor, percebeu seu erro — disse Alex, antes de se dirigir para a porta. Depois de abri-la, ele se virou e declarou: — Agora descanse. Preciso de você de volta nas listas.

Alguns dias depois, Brodie estava na grande sala ao lado de Alex. Quade estava do outro lado da mesa deles, enquanto Maddie e Brenna sentavam-se diante da lareira; Maddie segurando a pequena Kyla, Brenna com Bethia dormindo em seu ombro. Logan Ramsay percorria a sala de um lado para o outro, uma energia nervosa emanando de seus poros.

— Você ainda não ouviu nada de seu irmão? — Logan perguntou a Alex. — Mas você não viu alguns guerreiros retornando? A batalha acabou ou não?

Alex batucava os dedos na mesa.

— Quando saímos de Largs, os nórdicos voltaram para seus barcos longos e fugiram. Alguns retornaram no dia seguinte para recuperar seus mortos, mas então navegaram para o sul de Firth of Clyde. Alexander de Dundonald considerou uma vitória para os escoceses. Os nórdicos foram derrotados em sua tentativa de desembarcar em nossa terra firme.

— O que dizem nossos guerreiros? — Brodie perguntou.

— Aqueles que retornaram voltaram para tratar de seus ferimentos. Perdemos alguns soldados, mas ainda não temos uma contagem. Sabemos que Robbie foi enviado ao

sul para proteger contra outra invasão da terra firme, mas segundo os homens, isso não se concretizou. Segundo o último relatório que temos de Robbie, ele estava bem e viajando com uma parte de nossos guardas. Dundonald os dividiu e enviou alguns de volta para Ayr. Um mensageiro me informou que a outra metade do grupo foi enviada de volta para as Terras Altas. Muitos estão a pé, no entanto, e ainda não chegaram.

— É um bom sinal, não é? — Quade disse. — Quer dizer, se eles não estão mantendo todos os guerreiros, deve significar que os nórdicos recuaram.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. Não acho que este assunto será resolvido facilmente. Haakon partiu, mas ele cedeu o controle de alguma das Ilhas Ocidentais? Não que eu saiba, pelo menos não ainda. Mas com a partida de Haakon, o rei Alexander está declarando a Batalha de Largs como uma vitória para os escoceses. Infelizmente, teremos que esperar por isso. — O rosto de Alex, marcado pela preocupação, virou-se para olhar sua esposa e filha perto da lareira.

Brodie não pôde deixar de expressar o que estava na mente de todos.

— Ainda me preocupa que não tenhamos notícias de Robbie.

Sem dizer uma palavra, Logan pegou uma sacola perto da escada e dirigiu-se para a porta.

— Irmão, para onde você vai desta vez?— Quade gritou atrás dele.

Logan abriu a porta e gritou por cima do ombro:

— Estou indo atrás de Robbie. Vejo vocês daqui a um par de luas.

A porta bateu atrás dele, e Brodie, Quad e Alex trocaram olhares.

Depois de um momento, Quade encolheu os ombros e suspirou.

— Deixe-o ir. Meu irmão é um rastreador e tanto. Se alguém puder localizar Robbie, é o Logan. Além disso, ele precisa continuar em movimento.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Juntos novamente

O vento soprou mais frio e severo à medida que avançavam. Celestina enrolou o xale ao seu redor o mais apertado que pôde. Ela desistira da carroça e agora cavalgava ao lado de seu pai, seu irmão, Rory, e alguns dos guardas MacLaren. Seu pai insistira para que sua mãe permanecesse na carroça para se proteger dos ventos frios e cortantes das Terras Altas. Celestina havia cavalgado com ela por um tempo para fazer companhia, mas a trilha estava se estreitando e seu pai os enviara à frente enquanto ele ficava para trás com sua mãe. Ela aproveitou a chance de montar a cavalo e Inga prometera fazer companhia para sua mãe.

Loki sentou-se na frente dela no cavalo e ofereceu orientação quando necessário. O rapaz se mostrara uma verdadeira dádiva, não menos importante porque era habilidoso em acalmar suas preocupações. Sua mente tinha imaginado todas as possíveis situações que poderiam encontrar quando finalmente chegassem ao clã Grant, mas embora todos tivessem se juntado para convencê-la de que Brodie estava vivo, era a certeza silenciosa de Loki que a fazia acreditar.

A beleza das Terras Altas a deixava estupefata: as colinas e cachoeiras, os belos vales e várzeas. Enquanto tremia sob o xale, jurou que quando ela e seu marido se reunissem, o forçaria a abraçá-la em seu caloroso abraço por horas até que o frio saísse de seus ossos. Não importava onde dormissem, sob as estrelas ou dentro de uma caverna, as noites eram mais frias ali do que ela jamais imaginara.

Ela ergueu o rosto para o sol e inspirou o ar nítido do outono, sorrindo porque agora podia entender por que Brodie amava tanto as Terras Altas. Aquilo seria seu lar, e

não importava o quão grave fosse sua lesão, eles superariam juntos. Ela o ajudaria a se curar e seria uma boa esposa para ele. Tentou não ter pensamentos tristes porque suas lágrimas tendiam a congelar em seu rosto no vento.

Em vez disso, voltou sua mente para seus pais, que a apoiaram quando ela lhes disse que não podia mais esperar para ver seu marido. Ela oferecera encontrar alguém para viajar com ela em uma carroça, mas seu pai insistira em trazê-la aos Grant pessoalmente, assim como sua mãe.

O único mais animado com o destino deles do que Celestina era Loki. Ela o puxou para mais perto, esperando mantê-lo aquecido, embora parecesse que o pequeno tinha mais calor do que ela.

A vista se tornava mais deslumbrante à medida que avançavam. Então, alguns dias depois de partirem, Loki sorriu e puxou o braço dela, seu dedo enluvado apontando para a distância. O maior castelo que ela já vira adornava uma colina enorme, cercado por várias fileiras de cabanas e chalés de palha, e vales serpenteando por entre eles. Eles podiam avistar um lago à esquerda e campos ao lado, embora pouco crescesse nesta época do ano.

À medida que avançavam, Celestina conseguia distinguir os parapeitos do castelo e as torres. Guerreiros estavam por toda parte: caminhando pelos parapeitos, montando a cavalo pela vila e praticando esgrima nos campos.

— Olhe, anjinha. — Loki apontou para um campo cheio de soldados à direita do castelo. Espadas refletiam o sol enquanto balançavam em batalha. — As listas! As famosas listas Grant. Um dia eu poderei praticar lá. — Seu rosto se iluminou e ele se virou para ela, sorrindo de orelha a orelha. Ela beijou sua testa e riu.

— Sim, acho que sim, Loki.

O rapaz não conseguia parar de falar.

— E olhe para aquela muralha de pedra, é a mais alta de todas. Nada vai passar por ela! E veja todos os prédios

dentro da muralha. Acho que até vejo uma capela. Os Grant têm o maior estábulo de todos. Talvez eu possa dormir lá na palha macia em vez de no chão.

Seu entusiasmo era contagiante. O solar de seu pai era grande, mas não se comparava a isso.

Loki apertou a mão dela.

— Não vai demorar muito mais, senhora. Estamos quase lá! — ele gritou.

Brodie fez seu caminho de volta ao solar, arrastando um pouco a perna atrás dele. Ele tentara as listas hoje, mas não tinha força na perna ainda. Alex tinha treinado com ele, mas vez após vez, ele havia caído. Na última, ele caiu tão forte que dores agudas o haviam forçado ao chão. Ele ficara lá, incapaz de se mover, por tempo demais. Depois de finalmente se levantar, agradeceu ao irmão e largou a espada para encontrar sua bengala e caminhar de volta a fortaleza.

Seus ombros se curvaram enquanto escalava a última colina até o solar, tão exausto que se perguntava se algum dia recuperaria sua resistência. Ele precisava estar saudável para viajar até os MacLaren e buscar Celestina... e sabia que não podia esperar muito.

Sentia falta de sua esposa. Era difícil se concentrar em qualquer coisa quando uma cabeça cheia de cachos loiros e olhos azuis profundos continuava a assombrá-lo. Ele não conseguia fazer nada sem pensar nela.

Inicialmente, estava preocupado que sua lesão pudesse ter prejudicado sua virilidade, mas toda vez que pensava em seu anjo de Ayr, seu membro endurecia instantaneamente. Maldição, mas ele a queria desesperadamente. O inverno estava chegando e seria quase impossível viajar pelas Terras Altas até a primavera.

Maldito seja, mas parecia que seria um inverno longo e frio sem ela.

Finalmente chegando ao castelo, ele sentou-se nos degraus para massagear a perna por um momento. Tinha decidido em sua mente que a seguiria. Afinal, ele não havia prometido segui-la para onde quer que fosse? Ele só esperava que ela estivesse tão ansiosa para vê-lo quanto ele estava para vê-la... e que ela não tivesse encontrado outro em sua ausência.

Mal podia esperar para começarem suas vidas juntos. Ele tinha um lugar aqui treinando os guerreiros; apenas esperava que ela estivesse disposta a deixar sua família e se estabelecer aqui. Celestina adoraria suas irmãs e Maddie, mesmo que Brenna provavelmente não estivesse aqui por muito mais tempo. Sua esposa não tinha convivido muito com crianças, mas ele achava que ela iria gostar de todas as suas sobrinhas e sobrinhos.

No próximo instante, um rapaz do estábulo estava correndo em sua direção.

— Há viajantes aqui para o senhor. Eles carregam a bandeira dos MacLaren.

Maldição, ele estava dormindo? Ele se virou para olhar para as encostas do castelo Grant. Como poderia ter perdido o pequeno comboio de cavalos subindo a colina deles? Ele se levantou dos degraus, pegou a bengala e atravessou o pátio em direção ao portão. Muitos membros de seu clã o seguiram enquanto ele atravessava o portão e cruzava a ponte.

— Celestina? — ele gritou. Será que seus olhos o enganavam ou aquela não era sua esposa a cavalo, com Loki montado na frente dela? Desde quando a moça aprendeu a cavalgar?

— Mestre Brodie! Mestre Brodie! — O garoto pulou do cavalo e correu pelo campo, jogando-se nos braços dele.

Ele abraçou o menino, feliz por ver que ele havia sobrevivido à Batalha de Largs. Depois de colocá-lo no chão, ele olhou para cima e viu sua bela Celestina correndo pelo campo a pé, com os braços abertos, gritando seu nome. Ela se jogou nele, e ele mal conseguiu segurá-la, erguendo-a em seus braços onde ela pertencia. Ela chorava e beijava seu pescoço.

— Brodie, senti tanto sua falta. Eu o amo. Não podemos finalmente viver juntos?

Ele beijou seus lábios doces e enterrou o rosto em seus cabelos.

— Sim, moça, para sempre. Viveremos juntos para sempre. Eu também a amo.

EPÍLOGO

O Fim do Loki Sortudo

Celestina suspirou, o mesmo suspiro que sempre dava quando se acomodava em sua posição favorita. Sua mão repousava no peito de seu marido, sua cabeça virada para o lado olhando para ele, saboreando o amor recente deles.

— É um suspiro de satisfação, espero, amor. — Brodie acariciou seu braço com uma mão, a outra atrás da cabeça.

Ela riu.

— Sim, e você sabe disso, marido. Você tanto gosta de me dar prazer uma e outra vez.

Ele suspirou e os dois riram.

— Certamente, você está correta. Seus pequenos gemidos são música para os meus ouvidos, mas sabe qual é o meu favorito, não é?

Sua testa franziu enquanto ela pensava.

— Humm...

— Não pense tanto. É quando você chama meu nome bem alto.

Celestina corou com o quanto ela se tornou vocal em seu ardor.

— Você está feliz, *leannan*? — Ele acariciou a bochecha dela com o polegar.

— Sim, não poderia estar mais feliz. Bem, uma coisa me faria mais feliz.

Inclinando a cabeça para que seus olhos se encontrassem, ele disse:

— Diga e será seu.

Celestina pensou sobre suas palavras antes de falar.

— Brodie, e se eu não puder engravidar? E se eu fui danificada quando Aldrik me bateu? Você ainda vai me amar?

— Oh, como você pode perguntar uma coisa dessas? Eu a amarei para sempre. Sabe disso. Nunca duvide do meu amor por você. Se formos abençoados com filhos, que assim seja. Se não, que assim seja também.

Ela se ergueu e beijou o marido nos lábios.

— Eu o amo.

— Além disso, temos o Loki e todos os sobrinhos que poderíamos querer, não é?

— Você está certo. — Celestina sorriu, pensando em como foi fácil sua adaptação à sua nova família.

Ela se lembrou da primeira noite em que sentou com suas três novas irmãs: Brenna, Maddie e Jennie. Ela havia pedido baixinho que a ensinassem como ser amiga porque tinha pouca experiência, e as três caíram na risada. Finalmente, Maddie se inclinou, passou o braço ao redor dela, e disse:

— Você já é nossa irmã.

Desde aquele momento, ela sentiu um senso de pertencimento. Sua mãe e pai também decidiram ficar por um tempo a pedido dos Grant e de seu irmão, o que lhe deu a oportunidade de passar mais tempo com eles. Ela adorava todos os seus novos sobrinhos, e Loki também os amava. Inga e Nicol logo se casariam, o que a deixava imensamente feliz.

Apenas duas coisas não estavam certas. Ainda não tinham ouvido falar nem de Logan nem do irmão de Brodie, Robbie, e Loki parecia estar tendo mais dificuldade para se adaptar à sua nova casa do que todos os outros.

Ela decidiu que era um bom momento para discutir sobre o Loki.

— O Loki já disse algo sobre não se sentir pertencer aqui? Fico pensando como ele se sente.

— Não, por que está perguntando? Todos adoram o Loki Sortudo.

— Eu o ouvi conversar com as crianças do Quade, Torrian e Lily. Ele disse ao Torrian que os garotos dos

estábulos estavam zombando dele por não ter pais.

— Que bobagem. Vou cuidar dos garotos dos estábulos.

— Não, Brodie, me escute. Isso não resolverá o problema dele.

— Peço desculpas. Estou ouvindo.

— A Lily perguntou a ele onde estavam seus pais e ele disse que sua mãe morreu ao dar à luz e que nunca conheceu seu pai. A menina contou a ele sobre a morte de sua mãe verdadeira e como agora ela tem uma nova mãe.

— Desculpe, moça, não entendo. Lily estava sendo sincera, a mãe dela morreu anos antes de Quade se casar com minha irmã. Ela chama a Brenna de *mamãe* agora. Isso não ajudou o Loki?

— Não, acho que não. Ele perguntou à Lily como poderia conseguir uma nova mãe.

Nenhum dos dois falou por vários minutos. Celestina olhou nos olhos castanhos de seu marido.

— Deve haver algo que possamos fazer.

Brodie sorriu.

— Eu tenho uma ideia.

O dia do matrimônio de Nicol e Inga havia chegado. A comida estava quase pronta e seria fabulosa. A mãe de Celestina, Maddie, Brenna e Jennie a ajudaram com seu projeto especial, além de confeccionarem o vestido azul mais bonito já visto para Inga. O grande salão cheirava maravilhosamente bem, e estava cheio de juncos frescos e vasos cheios de flores.

Em sua câmara, Celestina abraçou Inga, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Inga, você está feliz com o Nicol?

— Sim, eu não poderia estar mais feliz. Ah, se minha mãe pudesse estar aqui, mas você está aqui e os Grant são maravilhosos. Nicol é tão doce e eu o amo. — Ela deu um passo para trás e segurou as mãos de Celestina nas dela. — As coisas estão melhores do que jamais poderíamos ter esperado, não é, minha amiga?

Celestina assentiu.

— Sim, espero que você e o Nicol sejam tão felizes quanto nós. Agradeço a Deus todos os dias por Brodie. E estou feliz que tenha decidido ficar. Você não é mais minha criada, mas espero que continue sendo minha amiga.

— Claro, você sabe que a amo muito. — Inga beijou a bochecha de Celestina e depois alisou sua saia, o nervosismo fazendo suas mãos tremerem.

Celestina estendeu a mão para sua amiga.

— Você está tão bonita. Venha. É hora de se casar com Nicol. — Ela ajudou Inga a descer as escadas até o grande salão onde todos aguardavam a noiva.

Quando a cerimônia começou, Celestina apoiou a cabeça no ombro de seu marido, satisfeita com o plano deles. Enquanto Nicol e Inga diziam seus votos, ela apertava a mão de Brodie. Ele olhou nos olhos dela e ela não pôde deixar de se emocionar ao lembrar dos próprios votos de matrimônio deles.

Brodie havia perguntado se ela queria participar da cerimônia de hoje para que pudessem repetir seus votos diante de um padre, mas ela havia recusado. Ela amava as lembranças da cerimônia de união no meio da noite, com Alex como oficiante. Esses eram os votos que ela guardaria com carinho em seu coração.

Hoje era sobre Inga, Nicol e mais uma pessoa. O segundo evento aconteceria após o matrimônio do casal. Ela havia discutido isso com os dois e eles haviam apoiado entusiasticamente seu plano, mas ela queria a aprovação deles, já que não queria interferir na celebração.

Brodie e Celestina percorreram o salão, certificando-se de que tudo estava preparado para a surpresa deles. Os membros mais jovens da família, Bethia e Kyla, estavam lá em cima com Jennie e a irmã mais nova de Quade, Avelina, que prometeu cuidar delas. Loki estava controlando os gêmeos de Alex e Maddie ao fundo da sala com Torrian e seu cachorro Growley e Lily.

Após o brinde aos noivos, abraços e congratulações foram trocados por toda a sala. Finalmente, o silêncio desceu sobre a sala quando o laird Alexander Grant subiu em seu pódio e aguardou a atenção de todos.

— Há algo muito importante que devo fazer hoje. Peço que o Loki Sortudo se aproxime, por favor.

Loki olhou para a sala cheia de pessoas do fundo do grande salão, claramente incerto do que fazer.

— Está tudo bem, rapaz — disse Alex, chamando-o para a frente. — Torrian e Lily cuidarão dos gêmeos. Você é necessário na frente.

À medida que ele avançava, o olhar de Loki procurava Celestina. Sorrindo para ele, ela assentiu encorajadoramente.

Alex sorriu quando o rapaz parou no meio do caminho pela sala, olhando para os guerreiros Grant em seus mantos, sem saber para onde ir.

— Mais perto, rapaz.

Quando ele passou pela multidão, um grupo de guerreiros Grant se reuniu em um semicírculo atrás dele. Loki ficou em frente a Alex, suas pernas tremendo.

O coração de Celestina se partiu. Loki parecia tão perdido em pé no meio de todos aqueles guerreiros musculosos, especialmente porque ele estava diretamente na frente do massivo laird Alex Grant. Ela temia que o pobre rapaz ficasse com o pescoço dolorido de olhar para o alto Highlander. Ela havia implorado a Brodie para permitir que ela ficasse ao lado dele em apoio, mas Brodie havia recusado.

Alex limpou a garganta e começou, com as mãos entrelaçadas atrás das costas.

— Loki Sortudo, você compreende o importante código dos Grant, nossos valores de honra e verdade?

Uma vozinha saiu, alta o suficiente:

— Sim, meu laird.

— Rapaz, tenho várias perguntas a lhe fazer e só preciso que responda ‘sim’ ou ‘não’. Você consegue fazer isso, filho? Loki assentiu.

— É verdade que você se escondeu debaixo de uma carroça e viajou em um local escondido para seguir Celestina?

Loki, confuso, olhou para Brodie antes de responder.

— Sim, meu laird.

— É também verdade que você causou dor a um servo de um nobre colocando pedras em seus sapatos sem o conhecimento dele?

Os olhos de Loki se arregalaram.

— Sim, meu laird, mas eu só estava tentando...

— Sim ou não, rapaz? — A voz de Alex ecoou pelo salão.

Ele abaixou a cabeça antes de responder:

— Sim, meu laird.

O laird continuou.

— É verdade também que você saiu do lado de meu irmão e seguiu uma carroça para fora da cidade para encontrar Celestina, sem avisar ninguém sobre seu destino?

O olhar frenético de Loki vasculhou a sala, procurando por apoio.

— Mas, meu laird, Celestina...

— Sim ou não? — A voz de Alex ressoou pelo salão.

— Sim, meu laird — ele disse com uma voz baixa.

Celestina não aguentava mais. Ela começou a se aproximar do rapaz, apenas para deixá-lo saber que ele não estava sozinho, mas seu marido a puxou para trás e envolveu o braço em sua cintura.

— Confie em nosso laird, *leannan*.

Celestina enxugou as lágrimas em seus olhos, se inclinando no abraço de seu marido, mas não antes de notar que Maddie, sentada ao lado de Alex na frente do pódio, tinha um lenço no rosto e estava enxugando lágrimas também. Ela e Maddie eram definitivamente almas gêmeas.

Olhando sobre a cabeça do pequeno Loki, Alex continuou.

— É verdade que você foi para o solar dos MacLaren sozinho, novamente sem notificar ninguém sobre seu destino, apenas para informar Celestina que seu marido estava ferido?

Os ombros de Loki caíram, e ele abaixou a cabeça envergonhado.

— Sim, meu laird.

A voz de Alex suavizou:

— Não é também verdade, rapaz, que você ficou orgulhoso e protegeu os escoceses usando sua atiradeira contra os invasores?

Elevando seu olhar para encontrar o de Alex, o menino disse:

— Sim, meu laird.

— É verdade que, depois que meu irmão ferido desmaiou da batalha, você conseguiu levá-lo imediatamente ao curandeiro?

— Sim, meu laird. — Sua voz agora estava forte o suficiente para ser ouvida por todo o salão.

Alex sorriu.

— E você não usou sua atiradeira para proteger minha cunhada, Celestina Grant, contra um grupo de nórdicos em Lennox?

O rapaz assentiu com a cabeça, fungando enquanto encarava Alex.

— Sim, meu laird.

Alex desceu do pódio, segurou os ombros de Loki e disse:

— Bem feito, rapaz. Você me enche de orgulho. — Então ele acenou para Brodie e Celestina, e eles foram ficar na frente de Loki.

Os olhos de Loki se arregalaram quando Celestina puxou a plaid dos Grant vermelha e verde feita especialmente para ele e o envolveu com ela. Brodie se aproximou de seu

irmão e entregou uma pequena espada para Alex, depois prendeu um distintivo com o brasão dos Grant no peito do rapazinho.

Com suas partes completas por enquanto, Brodie e Celestina voltaram para ficar ao lado de Loki, e Alex se aproximou mais do rapaz. Ele posicionou Loki onde todos pudessem vê-lo, depois colocou a mão em seu ombro. Com a outra mão, ele tocou a espada na cabeça de Loki e começou:

— Loki Sortudo, eu o nomeio um Grant. Estou orgulhoso de dizer que você agiu como o mais feroz highlander de toda a terra, protegendo os fracos e inocentes, agindo com honra em todos os momentos, protegendo um membro da minha família quando necessário e lutando bravamente por nosso país.

Quando terminou, Alex entregou o punho da espada para Loki, que o pegou em suas mãos trêmulas antes que Alex o virasse para enfrentar os guerreiros atrás dele. Alex acenou com a cabeça, e os guerreiros que o rodeavam sacaram suas espadas ao mesmo tempo, se ajoelharam ao mesmo tempo, cada um colocando sua arma no chão apontando para Loki, prometendo individualmente protegê-lo com suas vidas.

As lágrimas de Celestina escorriam livremente por suas bochechas enquanto ela observava a expressão de pura maravilha no rosto de Loki enquanto os guerreiros se ajoelhavam diante dele. Seu marido envolveu os braços em seus ombros e a puxou para perto para um beijo rápido. Depois de tudo que o rapaz tinha feito por ambos, eles estavam muito felizes em vê-lo receber essa homenagem.

Quando os guerreiros terminaram, Loki se virou, seu rosto iluminado de alegria. Ele olhou para cima para Alex e disse:

— Consegui. Isso não é verdade, laird Grant? Finalmente sou um guerreiro Grant e membro da sua guarda?

Alex ficou de pé com as mãos atrás das costas.

— Não, rapaz, isso não está correto.

O rosto de Loki caiu e seus ombros se curvaram. Estava na hora. Brodie se aproximou do lado direito do rapazinho e Celestina do lado esquerdo. Loki olhou para os dois, sem saber o que estava acontecendo.

Alex pigarreou.

— Rapaz, eu o nomeei um Grant, não um guerreiro Grant. Você será solicitado a lutar com os guerreiros, sim, mas você foi oficialmente nomeado um Grant, com Celestina como sua mãe e Brodie Grant como seu pai, se você aceitá-los como seus pais aos olhos da lei escocesa.

Loki olhou primeiro para Brodie, depois para Celestina, e disse:

— Vocês me querem de verdade?

Brodie disse:

— Sim, rapaz, nada nos deixaria mais felizes do que ter você como nosso filho. Isso, se você nos quiser.

Loki soltou sua melhor imitação de grito de guerra dos Grant e pulou nos braços de Brodie.

— Sim. Eu não sou mais Loki Sortudo.

Encantada com sua declaração, Celestina olhou para ele enquanto ele descia e corria para o lado dela para abraçá-la.

— Eu sou Loki Grant — ele disse com um sorriso.

FIM

www.keiramontclair.com

Querido leitor,

Muito obrigada por ler Cartas de amor de Largs! Se este foi seu primeiro romance de Keira Montclair, agradeço sua disposição para conhecer uma nova autora. Se não, obrigada por retornar para descobrir mais sobre o Clã Grant. De qualquer forma, espero que tenha gostado da leitura! Me esforço para oferecer histórias únicas e emocionantes em cada um dos meus romances.

Adorei escrever sobre Brodie e Celestina porque o vínculo deles é muito firme e verdadeiro. Não se lê frequentemente sobre amor à primeira vista, mas este foi quase o caso para este casal. Sei que o histórico de Celestina pode ser difícil para alguns leitores. Escrevo sobre mulheres abusadas, não por causa do abuso, mas para narrar sua jornada enquanto se curam. Peço desculpas se isso ofende alguém, mas se você ler as sinopses dos meus livros, saberá quais histórias incluem abuso.

Você frequentemente encontrará crianças em minhas histórias porque as amo muito. Espero que tenha gostado de ler sobre Lucky Loki tanto quanto gostei de escrever sobre ele! Ele foi um daqueles personagens encantadores que instantaneamente ganharam vida para mim. Pode esperar vê-lo de novo em algum lugar do meu trabalho futuro.

Adoro receber mensagens dos meus leitores e também valorizo suas opiniões. Existem várias maneiras de me contar o que você pensa:

1 - Escreva uma avaliação: Por favor, considere deixar uma avaliação. Elas podem realmente ajudar um autor, em especial os que são auto publicados como eu. Não tenho um departamento de marketing ou uma equipe de publicidade me apoiando. Qualquer avaliação é apreciada, e sim, eu leio todas. Essas resenhas também são úteis para outros leitores.

2 - Me envie- um e-mail para keiramontclair@gmail.com. Prometo responder!

3 - Visite meu site: www.keiramontclair.com: Outra maneira de entrar em contato comigo é através do meu site.

4 - Visite minha página no Pinterest:

<http://www.pinterest.com/KeiraMontclair/love-letters-from-largs/> Você verá como imagino Brodie Grant, embora o cabelo do modelo seja um pouco curto demais. Mas acredito que concordará comigo que ele é bastante agradável de se olhar...

Mais uma vez, obrigada por ler!

Keira Montclair

Nota da Autora

Este é um romance de ficção, um romance histórico, e como tal, todos os eventos não são verdadeiros, assim como os nomes. Alguns personagens são verdadeiros para o período: rei Alexandre III, seu intendente, Alexander de Dundonald, o conde de Menteith como o xerife, e o rei Haakon da Noruega, os Boyd e os Mure. Os Grant e os Ramsay são fictícios, assim como a alegação de que os Grant são o maior clã das Terras Altas.

Muitos dos detalhes do período de tempo e da Batalha de Largs também são verdadeiros de acordo com minhas pesquisas. A Batalha de Largs não foi uma vitória decisiva, mas foi a que enviou os noruegueses de volta para as Ilhas do Norte. O tratado que devolveu as Ilhas do Oeste à coroa escocesa não foi assinado por mais três anos.

Tentei manter os detalhes da batalha real o mais verdadeiros possível. Os nórdicos lutaram de dois locais. Os escoceses lutaram a cavalo e a pé com muitas armas diferentes. Na verdade, havia um lutador escocês muito conhecido por sua destreza em batalha. Modelei Alex Grant com base neste lutador, exceto por um pequeno detalhe: o escocês morreu em batalha. Felizmente, isso é ficção, então pude manter Alex vivo por mais alguns romances na série Clã Grant.

E sim, foram usados estilingues na Batalha de Largs, mas Lucky Loki é minha própria criação.

Espero que tenha gostado da sua visita a Ayrshire, Escócia! Se você ainda não adivinhou, meus próximos dois romances virão do mesmo período de tempo. Primeiro será a história de Robbie, e então, para todos os leitores que se apaixonaram pelo irmão de Quade Ramsay, a história de Logan.

Continue lendo!
Keira Montclair

Sobre a Autora

Keira Montclair é o pseudônimo de uma autora que vive na Carolina do Sul com seu marido. Ela escreve romances históricos envolventes e acelerados, que frequentemente inclui crianças como personagens secundários.

Se não estiver escrevendo, prefere passar tempo com seus netos. Ela já trabalhou como professora de matemática do ensino médio, enfermeira e gerente de escritório. Keira adora balé, matemática, quebra-cabeças, aprender algo novo e criar novos personagens para seus leitores se apaixonarem.

Ela considera seu trabalho bem-sucedido quando seus leitores derramam lágrimas por suas histórias, mas sempre há um final feliz!

Sua série de maior sucesso é uma saga familiar que acompanha dois clãs escoceses medievais ao longo de três gerações e agora conta com mais de 40 livros.

Entre em contato com ela através de seu site, www.keiramontclair.com, ou diretamente em keiramontclair@gmail.com.

Também disponível por Keira Montclair

SÉRIE CLÃ GRANT

- 1- RESGATADA POR UM HIGHLANDER - Alex e Maddie
- 2- A SALVAÇÃO DO CORAÇÃO DO HIGHLANDER - Brenna e Quade
- 3- CARTAS DE AMOR DE LARGS - Brodie e Celestina
- 4- VIAGEM ÀS TERRAS ALTAS - Robbie e Caralyn
- 5- CENTELHAS NAS TERRAS ALTAS - Logan e Gwyneth
- 6- MEU TERRÍVEL HIGHLANDER - Micheil e Diana
- 7- A ESTRELA MAIS BRILHANTE DAS TERRAS ALTAS-Jennie e Aedan
- 8- HARMONIA DAS TERRAS ALTAS - Avelina e Drew
- 9- ANJOS DE NATAL